

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

**Alessandra Cássia Ribeiro Chrisostomo**

**O trabalho segundo a visão de um grupo de aposentados**

**MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA**

**SÃO PAULO**

**2009**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

**Alessandra Cássia Ribeiro Chrisostomo**

**O trabalho segundo a visão de um grupo de aposentados**

**MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA**

**Dissertação apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Profa. Doutora Rosa Maria Stefanini de Macedo.**

**SÃO PAULO  
2009**

**Banca Examinadora**

---

---

---

Dedico este trabalho com muito carinho e gratidão à memória de meus pais Antonio e Carmem e de meu querido irmão Fernando.

## AGRADECIMENTOS

Escrever os agradecimentos de minha dissertação de mestrado é um momento único e muito importante pra mim. Não posso dizer que neste caminho existiram apenas flores, mas também momentos difíceis, porém sempre tive muito claro que o melhor seria persistir. Procurei sempre pensar em tudo o que já havia conquistado e vivido, e o que eu ainda queria conquistar para continuar crescendo profissionalmente. Nesta trajetória sempre procurei estar perto de meus sonhos, nunca perdê-los de vista, pois se eles se fossem, eu continuaria vivendo, mas teria deixado de existir.

Posso dizer que mais uma batalha venci, uma parte de meus sonhos se realizaram com esta dissertação, mas a luta não termina aqui, e esta vitória eu devo a inúmeras pessoas, que confiaram em mim e estiveram carinhosamente ao meu lado.

Não há dúvida que o primeiro agradecimento, faço à pessoa que viabilizou este sonho, sempre acreditou em meu potencial, vibrou com minhas conquistas, ouviu com paciência minhas idéias e sempre ofereceu com amor preciosas sugestões, por tudo isso e muito mais, agradeço a meu marido Rodolfo.

Agradeço também aos meus dois tesouros, Vítor e Mariana, toda a paciência com que me esperaram terminar algumas etapas deste trabalho, para brincarmos e estarmos verdadeiramente juntos.

Agradeço à Dra. Rosa Maria Stefanini de Macedo por ter orientado esta dissertação de mestrado, por ter confiado em meu trabalho e pela indicação de meu nome à condição de bolsista CNPQ, possibilitando-me continuar na busca de meus objetivos. Obrigada por sua paciência, por seu tempo, enfim, por me ajudar a trilhar este caminho.

À Dra. Ruth Gelehrter da Costa Lopes, componente desta banca, que tão carinhosamente aceitou meu convite para ajudar no aperfeiçoamento deste trabalho. Obrigada pelo incentivo e por sua tão respeitosa e valiosa contribuição.

À Dra. Claudia Beatriz Bruscin, também componente desta banca, agradeço por sua ajuda, para que este trabalho se tornasse melhor, por meio de suas críticas e sugestões.

Ao CNPQ - Brasil- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico que, ao financiar parte deste trabalho, me possibilitou experimentar o gratificante papel de pesquisadora.

A todos os funcionários da AAPS - Associação dos Aposentados da Sabesp, em especial ao senhor Daniel Castilho Azevedo, membro da diretoria, por toda gentileza e

disponibilidade em colaborar com a execução deste trabalho, através da intermediação com os seus associados.

Aos aposentados que se dispuseram a participar deste estudo e que tão generosamente me permitiram conhecer um pouco de suas trajetórias.

E principalmente agradeço àquEle que é o Primeiro dentre tudo e todos, e O que tornou possível todos os agradecimentos aqui feitos e as histórias vividas. Agradeço a Jesus, alvo de minha fé e da minha vida, por toda a capacitação, força e cuidado a mim dispensados, conduzindo-me tão bem até aqui.

*“É inviável para o ser humano continuar, se ele pára de pensar no amanhã. Não importa que seja um pensamento em torno do amanhã o mais ingênuo possível, o mais imediato, não importa. O que importa é que somos seres de tal maneira construídos que o presente, o passado e o futuro nos enlaçam” (Paulo Freire)*

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo conhecer e compreender o significado de concepção de vida, expectativas e necessidades dos aposentados, com a continuidade ou interrupção do trabalho ao se aposentarem. Em nossa sociedade, o trabalho é o lugar privilegiado das referências sociais. Cada pessoa investe mais ou menos em seu papel profissional segundo suas necessidades, suas motivações e suas aspirações. Buscando investigar este fenômeno, foi realizada uma pesquisa, onde foram entrevistados nove aposentados da AAPS-Associação dos Aposentados e Pensionistas da Sabesp, homens ou mulheres, de camadas sócio-econômicas médias e altas da população, sendo dois aposentados com nível médio de escolaridade e sete aposentados com nível superior. Destes nove, três pararam de trabalhar após a aposentadoria, três pararam e retornaram e três continuaram profissionalmente ativos. A metodologia utilizada baseou-se em pesquisa qualitativa com delineamento de estudo de caso coletivo. Através da análise do conteúdo das entrevistas foram construídas categorias para relacionar o tema e sistematizar os dados encontrados. O conhecimento gerado demonstrou que os dois grupos de aposentados que continuaram profissionalmente ativos possuem uma visão mais otimista da velhice atribuindo-lhe aspectos positivos como: fase de tranquilidade, maturidade, e com expectativas quanto ao futuro. O grupo dos aposentados, que parou de trabalhar, apresentou uma visão melancólica da velhice, época que se vive de experiências passadas, sem qualquer elo com o futuro. Apesar da visão mais positiva da velhice ter sido atribuída pelos grupos que continuaram profissionalmente ativos, o principal motivo para a continuação do trabalho ou pela retomada deste, não foi o financeiro e nem tão pouco a gratificação do trabalho em si, mas a dificuldade em permanecer em suas casas. Apenas um dos entrevistados integrante do grupo dos que continuaram trabalhando, relatou que o motivo que o fez continuar foi o fato de gostar do que faz e devido à ajuda financeira proveniente deste. Um outro aposentado, pertencente também a este grupo, citou o fator financeiro, mas percebeu-se em sua narrativa um certo descontentamento em relação ao seu trabalho, e este como um meio de ocupá-lo e não de enriquecê-lo profissional ou pessoalmente. Um dos resultados mais relevantes foi que quatro aposentados atribuíram ao trabalho a única razão de ser em suas vidas, e para eles não havia motivação alguma para não trabalhar, revelando o não desenvolvimento de um relacionamento próximo com suas famílias. Este dado traz a discussão, a relevância das relações humanas fora e dentro da família. A solidão é uma grande ameaça para o aposentado. É preciso que ele seja acolhido e valorizado. Para tanto, é importante valorizar o significado de sua presença, pelo testemunho de vida realizadora que apresentou, por tudo que viveu, pela família que criou e pelas atividades que poderá vir a desempenhar. Portanto é na família que as pessoas podem buscar recursos para poderem viver esta nova jornada, esta etapa de confronto de sonhos, perdas e nova realidade, de forma mais afetiva e criativa, mas para isto é necessário que se esteja junto dela em todos os momentos da vida.

*Palavras-chave: aposentados, trabalho, família.*

## *WORKING WITHIN THE VISION OF A GROUP OF RETIREES*

### **ABSTRACT**

This study aims to know and understand the meaning of philosophies, expectations and needs of retirees, with the continuity or interruption of work when they retire. In our society, the work is the privileged place of social references. Each person invests more or less in their professional role according to their needs, their motivations and aspirations. Order to further investigate this phenomenon, we conducted a survey where nine respondents were retired from the AAPS, men or women, socio-economic strata of middle and high population, and two retirees with a high school degree and seven retirees with higher education. Of these nine, three stopped working after retirement, three stopped and returned and three remained professionally active. The methodology used was based on qualitative research design of collective case study. By analyzing the content of the interviews, were constructed categories relate to the subject and discuss the data found. Results showed that both groups of retirees who remained professionally active have a more optimistic view of aging by giving them positive aspects such as stage of peace, maturity, and expectations about the future. The group of pensioners who stopped working, had a melancholy view of old age, when one lives past experiences, without any link with the future. Despite the aging's most positive view has been attributed by the groups who remained professionally active, the main reason for the continuation of the work or the resumption of this was not financial, nor has the bonus of the work itself, but the difficulty in staying in their homes. Only one of the interviewees, a man of the group member who continued working, reported that the reason he did continue was that he loves what he does and because of financial aid from it. Another retiree, also male and belonging to this group, mentioned the financial factor, but it was noticed in his narrative a certain dissatisfaction with his job, which is a way to occupy him and not to enrich him professional or personally. One of the most relevant results was that four retirees assigned to work was the only reason for their lives, and there was no motivation to stop working, revealing the failure to develop a close relationship with their families. This finding brings into discussion the importance of human relations inside and outside the family. Loneliness is a major threat to the retirees. They must be accepted and valued. Therefore, it is important to highlight the significance of their presence within the family, for everything that they lived for and the activities that they could do. So it is in the family that retiree can look for resources to be able to live their new journey, this stage of confrontation of dreams, loss and new reality, more emotional and creative, but it is necessary to have the family around at all moments of life.

Key words: retiree, work, family.

## SUMÁRIO

RESUMO	
ABSTRACT	
INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 – VELHICES.....	20
1.1- A VELHICE COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL.....	23
1.2- O IDOSO E AFAMÍLIA.....	31
1.3- NOVAS PROPOSTAS PARA A VELHICE: AS UNIVERSIDADES PARA A TERCEIRA IDADE E OS GRUPOS DE CONVIVÊNCIA.....	36
1.4- IDOSO: A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO E DA APOSENTADORIA.....	44
1.4.1- APOSENTADORIA: CRISE OU LIBERTAÇÃO?.....	50
1.4.2- QUESTÕES DE GÊNERO NO TRABALHO.....	58
CAPÍTULO 2 – MÉTODO.....	63
2.1- PARTICIPANTES.....	63
2.2- INSTRUMENTO.....	66
2.3- PROCEDIMENTO.....	66
2.4- ANÁLISE DE DADOS.....	66
2.5- DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
REFERÊNCIAS .....	105
APÊNDICES .....	111

## INTRODUÇÃO

Até 1980, o Brasil ainda poderia ser considerado um país com população eminentemente jovem, a partir de então, a diminuição da taxa de natalidade e o aumento contínuo da expectativa de vida, observados nas últimas décadas, vêm alterando gradualmente esse perfil.

O contingente dos brasileiros com idade superior a 60 anos já se aproxima dos 18 milhões de cidadãos, ou cerca de 10% da população (VENTURI & BOKANY, 2007).

Segundo dados do IBGE (2002), em 2025, os idosos no Brasil atingirão uma cifra de 30 milhões, o equivalente a 15% da população.

Esse prolongamento do tempo de vida das pessoas tem suscitado inúmeros questionamentos acerca de como está sendo compreendido o envelhecimento humano dentro das sociedades atuais.

Ressaltar números em torno da velhice é chamar a atenção para a questão de que as pessoas viverão o maior período de suas vidas como idosas, pois os anos vividos nesta fase são maiores do que em qualquer outra, seja como criança, jovem ou adulto. Por isso, torna-se urgente rever valores, firmar conceitos e instituir práticas na direção de apreender as oportunidades psicossociais envolvidas nessa longa fase da vida.

Tanto o envelhecimento humano quanto a velhice, foram durante muito tempo objetos de estudo da medicina. A partir de meados do século XX, um outro questionamento é construído. As alterações demográficas verificadas durante o século findo, produzidas no contexto das profundas transformações sociais e econômicas que atravessam as nossas sociedades, levantam questões sobre a interdependência entre o envelhecimento humano e social, e seu impacto nas estruturas familiares, na economia, na proteção social, no direito, nas representações sociais sobre a vida, a morte, nas práticas culturais, etc. Estas questões deram origem a uma visão interdisciplinar do conhecimento: a visão Gerontológica.

O território desta área do conhecimento apresenta uma diversidade e uma complexidade crescente, bem como lança grandes questões do envelhecer nas sociedades contemporâneas, pois os “*seniores*” de hoje são a primeira geração a experienciar e a viver uma vida adulta prolongada, marcada por uma multiplicidade de papéis. Neste ambiente de oportunidades e de potencialidades, coexistem as gerações mais velhas que enfrentam mais anos de vida e a velhice em maior desvantagem e dificuldade por razões não só da sua própria história como da desadaptação dos seus contextos a esta nova realidade.

Segundo Quaresma (2006), as transformações associadas a mais e melhores oportunidades para os que hoje fazem a transição atividade/reforma são geradoras de novos riscos face ao envelhecimento, tanto para a sociedade como para os indivíduos. São eles: riscos sociais, tais como o isolamento e a solidão, devido às mudanças nos modos de vida e nas formas de sociabilidade e convivência, designadamente intrafamiliares; riscos ambientais, tais como a acessibilidade, *habitat*, vida urbana não adaptada a uma população urbana envelhecida e riscos de saúde, em especial, de incapacidades por doenças crônicas, podendo conduzir à dependência.

Santos (1990), aponta para o fato da sociedade brasileira não parecer estar se preparando e nem tão pouco preparando seus cidadãos para essas grandes mudanças.

Apesar dos avanços científicos que proporcionaram uma maior expectativa de vida, da propagação de inúmeras informações de como viver e envelhecer melhor, da conquista de uma maior visibilidade da velhice, o idoso ainda não possui um espaço social que caiba a ele por direito, continua sendo desvalorizado; mesmo entre os próprios idosos as percepções das perdas, das incapacidades e das doenças são os aspectos mais marcantes das representações da velhice.

As experiências vivenciadas junto à velhice, como cuidadora de dois idosos, meus tios, um casal de irmãos, ambos solteiros sem filhos, e porque a maior parte da minha vida tenho tido contato com pessoas bem mais velhas, despertaram em mim o interesse em compreender, cientificamente, esta faixa etária que tanto tem me fascinado e me instigado, e assim conhecer e entender melhor seus sentimentos, atitudes e singularidades. Meus dois tios se aposentaram precocemente: ela com quarenta e oito anos e ele com cinquenta e quatro, ambos saudáveis, e em uma idade ainda bastante ativa. A partir de então, passaram a dirigir suas vidas para o cuidado das famílias de seus irmãos e sobrinhos, sem expectativas individuais e sem projetos pessoais para o futuro. Isto tudo me fez questionar a respeito do significado do trabalho na vida de uma pessoa, pois caso estes tios tivessem continuado a trabalhar, nesta mesma função, ou se dedicassem a alguma outra atividade, depois da aposentadoria, como estariam hoje? Seriam mais felizes? Como seria sua convivência com a família e com os amigos? Que mudanças o trabalho teria atribuído às suas vidas? Teriam vislumbrado algo diferente para suas vidas e para sua velhice?

Assim como eles, outras pessoas têm se aposentado em diferentes momentos de suas vidas, algumas mais cedo, outras mais tardiamente, pessoas que pararam de trabalhar em definitivo, outras que pararam e por algum motivo voltaram e outras que optaram por não parar de trabalhar, mesmo com a chegada da aposentadoria.

A partir de minha experiência pessoal e da observação desse comportamento de se aposentar e parar ou não de trabalhar definitivamente, senti-me motivada a participar de inúmeros programas assistenciais comunitários durante minha graduação em Psicologia, bem como em projetos científicos, um deles intitulado: “Interação Sócio-Afetiva: uma estratégia na luta contra a desvitalização dos idosos”, onde ministrei palestras e dinâmicas grupais abrangendo diferentes temas: felicidade e auto-estima, o processo do envelhecimento, a Família e o idoso, drogas, preconceitos, políticas públicas, síndrome do pânico e outros temas escolhidos pelos participantes.

Este projeto foi realizado através de um Programa que integrou jovens universitárias e 32 idosas de uma ONG do bairro de Ermelino Matarazzo, na cidade de São Paulo. Os resultados obtidos descritos pelos próprios participantes foram: um maior conhecimento sobre hábitos alimentares, esclarecimento sobre sua saúde física e mental, obtenção de um relacionamento mais amistoso com suas famílias, maior autonomia para opinar sobre questões cotidianas, resgate de sua auto-estima, melhor convívio com netos, surgimento de diálogos e, conseqüentemente, uma maior aproximação entre avós e netos, a possibilidade do desenvolvimento de trabalhos manuais vendidos em feiras artesanais, onde puderam colocar em prática o que haviam aprendido nas aulas ministradas na própria instituição.

Com a bagagem adquirida por meio da participação neste programa, além de situações pessoais vividas, como cuidadora de idosos, percebemos e conhecemos situações de vida absolutamente distintas, e formas singulares de envelhecer e de encarar a vida e a velhice, formas estas ligadas a várias questões: subjetivas, familiares, culturais, sociais e profissionais. Quanto heterogênea é esta etapa da vida, com histórias singulares, com características próprias, com dificuldades e experiências bastante diferenciadas, pois o fato de determinadas pessoas estarem em uma mesma faixa etária não significa que tenham passado pelas mesmas vivências, apresentem as mesmas necessidades e/ou atribuam os mesmos significados às suas experiências.

Resolvemos pesquisar o trabalho fator que, em nossa opinião, representa para o ser humano: integração, engajamento social, estruturação do espaço, do tempo e das relações sociais; especificamente como vêm o trabalho, ao se aposentar, e suas implicações, no processo do envelhecimento, segundo a visão dos aposentados.

Para conhecer o significado do trabalho na visão de pessoas idosas aposentadas, optamos por entrevistar homens e mulheres da AAPS - Associação dos Aposentados da Sabesp, com nível superior de escolaridade, e com alta e média posições hierárquicas dentro

da instituição, com o intuito de conhecer e compreender o papel do trabalho em suas vidas, e como as organizaram com a chegada da aposentadoria.

A aposentadoria é uma transição importante na vida do idoso, que pode ser encarada de forma positiva ou não, conforme sua história, expectativas e experiências.

Atentamos também para a visão de Digiovanni (2004) que compara o momento da adolescência com o da velhice, afirmando que o que diferencia essas duas fases é o sentimento do indivíduo: o adolescente vive expectativas em relação à sua etapa de transição para a vida, enquanto o idoso se sente diminuído, em contato com suas perdas e sua falta de perspectivas, portanto, uma transição para o *déficit*. Para essa autora, a sociedade é que seria a responsável por essa diferenciação existente entre as crises, na medida em que impõe a desvalorização diante do envelhecimento, de acordo com suas próprias perdas neste processo, quando todo o conhecimento não pode ser usufruído, adquirido por meio de quem viveu a história, de quem possui muito mais do que um passado, um sentimento, experiência que livro algum poderá descrever com tamanha exatidão e vivacidade.

A concepção de Erikson (1976) já negava a velhice como unicamente de perdas na vida, e a considerava caracterizada por ganhos fundamentais, em nível individual e coletivo, exibindo a possibilidade de contribuição através do repasse de experiências acumuladas.

Ambos autores acima já consideravam a velhice como uma fase que poderia e deveria ser vivida em sua plenitude, e que os sentimentos atribuídos a esta etapa contribuem para o reconhecimento e valorização das pessoas.

Beauvoir (1990), ao ressaltar a dimensão existencial da velhice, aponta para a transformação da relação da pessoa com o tempo, com o mundo e com a história pessoal. Ao enfatizar que a velhice não é só um fato biológico, mas também sócio-cultural, afirma que existem múltiplas velhices: não há uma única velhice.

Sendo assim, esta autora enfatiza a velhice como uma experiência única e enriquecedora, onde a pessoa vivenciará uma nova relação consigo mesma, com o tempo e com o mundo.

Devido à conquista de maior expectativa de vida adquirida através de tantos avanços científicos, apresenta-se um novo desafio: O que fazer desse tempo?

Para Pereira e Vieira (1996, p.20) “A visão materialista e fragmentada do homem, que o transforma em máquina que produz e consome, é que contribui para o nível de infelicidade individual e coletiva, ainda que mascarada por uma roupagem cômoda e maravilhosa.”

Acreditamos que na velhice se sofre o efeito desta visão, quando a velha máquina já gasta e ultrapassada, não consegue ter a mesma eficiência e o mesmo nível de produtividade, sendo então deixada em segundo plano ou substituída por outra moderna. E aí se depara com uma grande falha do atual modelo, que não sabe ensinar ao ser humano como viver, como amadurecer e como envelhecer.

A conquista de um novo lugar e significado na sociedade, bem como a presença ativa desta parcela populacional, passa pelo exercício pleno da cidadania, que deve ser sempre buscada.

Debert (2004) afirma que a teoria da atividade para os idosos, tão difundida atualmente, possui, como proposição central, o pressuposto de que a atividade física é em si e por si benéfica e produz uma maior satisfação, ou seja, a atividade física e mental é o meio pelo qual o idoso conseguiria uma melhor qualidade de vida. Seria interessante, portanto, manter os níveis de atividade dos estágios anteriores da vida, pois, isso levaria a um envelhecimento bem-sucedido. A felicidade e a satisfação na velhice estariam condicionadas à ação e à descoberta de novos papéis. Essa teoria propõe um padrão de sucesso na velhice, determinando que a pessoa que envelhece em boas condições é aquela que permanece ativa.

Enfim, é uma teoria que pretende ser universal, motivando o engajamento, que muitas vezes pode, ou não, ser alienado em relação aos temas da sociedade participante. Isso, de certo modo, reflete a lógica da produtividade, da eficácia presente no mundo do trabalho, na qual o sujeito tem o seu comportamento condicionado por um objetivo bem claro de não parar. A teoria da atividade parece estar criando uma cultura da atividade, estimulando a crença de que as pessoas de mais idade são as principais responsáveis pela condução adequada do próprio envelhecimento.

Esse mecanismo Debert (2004) denomina como reprivatização da velhice. Para atingir esse objetivo, basta que o idoso adote uma série de medidas, como por exemplo, exercícios físicos regulares, alimentação balanceada, controle das emoções negativas, entre outras. A difusão desta crença acaba embasando, estimulando e difundindo em nossa sociedade de que só é velho quem quer. Cria-se, desse modo, a idéia de que a velhice bem-sucedida está ao alcance de todos, bastando, para isso adotar um estilo de vida e consumo apropriados. Esse cenário acaba gerando uma culpabilização dos idosos.

Ainda segundo a autora, este discurso, vindo dos profissionais da Gerontologia e da Geriatria, supõe que o fato de um velho se encontrar abandonado e dependente é decorrência de uma espécie de negligência auto-infringida.

Um reflexo dessa situação são alguns grupos de terceira idade, que supostamente existiriam para estimular o processo de individuação, mas propõem atividades que na realidade, reforçam a lógica da produção: Mexa-se, Não fique parado, Tempo é dinheiro, Faça muitas coisas e você estará inscrito no mundo produtivo, Exercícios fazem bem à saúde. O idoso aposentado passa a assumir um cotidiano que pretende tornar rentável a totalidade do tempo, evitando que ele se escoe junto com este tempo considerado perdido.

Magalhães (1989) também faz uma crítica às atividades propostas para os idosos nos grupos de convivência

[...] apresentando a dificuldade de adaptação desses ao grupo que pretendem atingir; assim os idosos destinados a uma atividade permanente de brinquedos e brincadeiras transmitem-nos uma sensação de grotesco, encarando-os apenas como “*Homo Ludens*” parece-me muitas vezes que estamos brincando com os idosos como se fossem crianças, o que nos dá uma sensação de alienadores da real densidade de seu patrimônio sócio-cultural, ao longo de uma existência de aprendizado. (MAGALHÃES, 1989 apud LADISLAU, 2002, p.17)

O autor nos alerta que saber discernir quando e de que forma essa experiência pode dar nova significação ao trabalho como uma situação sócio-funcional, e não apenas uma nova modalidade de preencher o vazio de sua existência, é fundamental ao trabalho dos que pretendem recuperá-lo para uma participação útil e digna de sua existência.

Logo, torna-se relevante diferenciar um projeto de vida e um programa para ocupar o tempo, fazer essa distinção é fundamental para a compreensão da representação desta ou de qualquer atividade na vida do idoso, é ter a consciência de que as pessoas possuem interesses, vontades e projetos distintos para suas vidas, de acordo com suas características individuais, familiares, sociais e culturais.

Processualmente, podemos pensar que, os idosos podem iniciar suas atividades focadas em questões lúdicas e descobrir novos caminhos para viver e envelhecer.

Silva (2002), defende a ação destes grupos, ao mencionar projetos, nos centros de convivência, que favorecem o contato interpessoal e grupal, desenvolvendo a sociabilidade e a criatividade, a auto-estima e a quebra do isolamento do idoso. Acrescenta que esse espaço social foi criado para ocupar o tempo livre, trazendo a mudança de hábitos e atitudes na vida cotidiana do idoso, substituindo a inatividade pela atividade, o isolamento pela convivência, o ócio pelo lazer.

A ação positiva destes grupos de convivência, está na tentativa de compensar perdas de papéis, funções e contatos, estabelecendo uma socialização e uma troca maior entre os

idosos, e, conseqüentemente, criando um processo de produção identitária com sentimentos de pertença, e é neste espaço que um bom profissional terá oportunidade de lapidar uma abordagem crítica e incentivar o desenvolvimento da cidadania.

A pessoa humana não é um ser isolado, ela estabelece relações e faz parte de um contexto que a influencia, mas que também é influenciado por ela.

Desde os primeiros instantes de vida, o modelo cultural impregna o ser humano por meio de todo um sistema de estímulos e de interditos, normas e valores sociais, o que o leva, uma vez adulto, a agir de acordo com os princípios fundamentais da cultura, pois ele é moldado pela cultura, bem como a molda.

Neste sentido, acreditamos que os programas e ações, dirigidas aos idosos, deveriam levar em conta suas potencialidades e necessidades sempre de maneira global.

É com base nas reflexões baseadas nos autores acima citados que se pauta este estudo. Acreditamos que seja um erro colocá-las como ônus social, pois, as estatísticas demonstram que os idosos, hoje, contribuem mais para a economia do que recebem da sociedade. Na pesquisa do HSBC (*Hongkong and Shanghai Banking Corporation*) efetuada em 2007, um estudo que abrangeu 21000 pessoas de diferentes faixas etárias, apontou que os idosos podem ser chamados de contribuintes sociais ativos, pois contribuem com a sociedade por meio de seu trabalho informal (15%), com a comunidade por meio de seu trabalho voluntário, e com suas famílias por meio de serviços domésticos, administrativos e de cuidados aos netos.

A supervalorização da atividade, também na velhice, constituiu uma oposição ao anteriormente vivido em termos de envelhecimento, mas outras formas precisam ser pensadas, para que diferentes idosos possam ser assistidos de forma distinta, respeitando-se singularidades no envelhecer.

O trabalho, como categoria, na perspectiva psicológica, é uma afirmação da auto-estima e uma função perante a sociedade, como processo produtivo é assimilado em aspectos fisiológicos, morais, sociais e econômicos. O trabalho ocupa um importante espaço na vida humana. Ao se aposentar, grande número de pessoas perdem seu ponto de referência, não será mais o fulano da empresa X. As conseqüências muitas vezes são depressões, doenças físicas e emocionais.

Deste ponto de vista, esta pesquisa objetivou compreender a questão do trabalho na visão de aposentados: como estas pessoas se organizaram e se adaptaram às novas condições de vida.

Para tanto, foi utilizada, como método, a entrevista semi-estruturada, aplicada em nove aposentados, homens ou mulheres, integrantes da AAPS - Associação dos Aposentados

e Pensionistas da Sabesp, com diferentes níveis de escolaridade e profissões, sendo: três que pararam de trabalhar após a aposentadoria, três que pararam e retornaram e três que continuaram trabalhando.

Para compreendermos o fenômeno do trabalho na visão dos aposentados, pensamos ser fundamental conhecermos algumas variáveis que fazem parte deste processo direta ou indiretamente, tais como: família, aspectos subjetivos, sociais, culturais, o próprio trabalho e todas suas implicações inclusive de gênero, a fim de possibilitar uma visão contextualizada do mesmo.

Optamos pela Abordagem Sistêmica, que segundo Grandesso (2000) concebe o mundo de forma holística e/ou ecológica onde o universo é uma rede de interrelações. Nada existe senão em relação.

Vivemos num mundo globalmente interligado, no qual fenômenos biológicos, psicológicos, sociais e ambientais são todos interdependentes, intimamente interligados e sistêmicos.

“Nenhuma teoria ou modelo será mais fundamental do que o outro e todos eles terão que ser compatíveis.” (CAPRA, 1982, p.260)

Esta pesquisa está organizada além desta introdução, em capítulos, os quais descrevo a seguir: A longevidade e o envelhecimento da população brasileira, onde retratamos as transições demográficas, projeções sobre esta população, abordamos a Política Nacional do Idoso, seus dois eixos básicos e direitos assegurados pelo Estatuto do Idoso; A velhice como construção social, que discorremos sobre como a velhice tem sido vista e tratada de maneira diferente de acordo com períodos históricos e com a estrutura social, cultural, econômica e política de cada povo; O idoso e a Família, quando explicitamos as fases que caracterizam o Ciclo Vital da Família, descrevemos os modelos sociológicos de relação entre as gerações e as atuais composições domiciliares apontadas nas Pesquisas efetuadas com idosos; As Novas propostas para a velhice: As universidades para a terceira idade e os grupos de convivência, onde analisamos o aspecto educacional e social da velhice, por meio de uma retrospectiva histórica e retratamos a visão da Gerontologia, os objetivos pretendidos e as contribuições atribuídas às universidades e aos grupos de convivência e no último capítulo denominado, Idoso: A importância do trabalho e da aposentadoria, onde analisamos os diferentes significados atribuídos ao trabalho e à aposentadoria, e questões de gênero que oferecem uma conotação diferente no momento da aposentadoria.

Consta também nesta Pesquisa, um capítulo sobre o método, onde incluímos: caracterização da Pesquisa, participantes, instrumento de coleta de dados e de análise que permitirão a compreensão das informações obtidas, apresentação e discussão dos resultados e, por fim, as considerações finais a respeito do presente estudo.

## **OBJETIVOS**

### **Objetivo Geral:**

- Conhecer e compreender o significado de concepção de vida, expectativas e necessidades dos aposentados, com a continuidade ou interrupção do trabalho ao se aposentar.

### **Objetivos Específicos:**

- Levantar os significados do trabalho na vida dos aposentados;
- Conhecer com os que não mais trabalham remuneradamente, o que motivou sua decisão;
- Conhecer com os que pararam e retornaram ao trabalho, o que os levou a voltar,
- Conhecer com os idosos que continuaram trabalhando, suas respectivas atividades e os motivos do prosseguimento do desenvolvimento das mesmas e
- Conhecer suas expectativas de futuro.

## CAPÍTULO 1 - VELHICES

A longevidade é um processo que ocorre nos chamados países desenvolvidos de forma lenta, ao longo de mais de cem anos. Já no grupo dos países chamados em desenvolvimento, como é o caso do Brasil, este processo se caracteriza pela rapidez com que o aumento das populações adulta e idosa, modificou a pirâmide populacional. A partir dos anos 1960, o grupo de idosos proporcionalmente aumentou. As projeções do IBGE (2002) indicam que, num período de 70 anos, (1950 a 2020), enquanto a população brasileira estará crescendo 5 vezes, o grupo dos idosos estará se ampliando em 16 vezes.

As projeções da população brasileira segundo dados também do IBGE, mostram que entre 2000 e 2050, a participação da população jovem continuará decrescendo, passando de 28,6% para 17,2%, enquanto ocorrerá um modesto declínio no peso da população adulta (de 66,0% para 64,4%) e todo o aumento se concentrará na população idosa, o que intensificará sobremaneira o envelhecimento demográfico.

Para o ano de 2050 a população idosa deverá superar a população menor de 14 anos. Torna-se, portanto, necessária adoção de políticas que habilitem os idosos e respaldem sua continuidade em nossa sociedade, preservando a autonomia.

Em 2002, o Brasil tinha 16.022.231 de pessoas com 60 anos ou mais representando 9,3% da população. Segundo projeções populacionais realizadas pelo IBGE (2002), em 2020 os idosos chegarão a 25 milhões de pessoas, que irão compor 11,4% da população. Já em 2030, acredita-se que cerca de 40% dos brasileiros deverão ter entre 30 e 60 anos.

Esta alteração da estrutura etária da população brasileira deve-se à diminuição das taxas de fecundidade e mortalidade, entretanto mais do que a diminuição das taxas de mortalidade, a explicação para o crescimento da população idosa está na drástica redução das taxas de fecundidade, principalmente nos centros urbanos. São várias as razões para esta mudança no padrão reprodutivo. Uma delas, fruto de intenso processo de urbanização da população, é a necessidade crescente de limitação da família, ditada pelo *modus vivendi* dos grandes centros urbanos, principalmente, em um contexto de crise econômica. Isto decorre, dentre outros fatores, da progressiva incorporação da mulher à força de trabalho, e das mudanças nos padrões socioculturais decorrentes da própria migração.

Os processos de transição demográfica e epidemiológica no Brasil vêm se desenvolvendo de forma heterogênea e estão associados, em grande parte, às desiguais condições sociais observadas no país. A população idosa se constitui como um grupo bastante diferenciado, entre si e em relação aos demais grupos etários, tanto do ponto de vista das

condições sociais, quanto dos aspectos demográficos e epidemiológicos. Qualquer que seja o enfoque escolhido para estudar este grupo populacional, são bastante expressivos os diferenciais por gênero, idade, renda, situação conjugal, educação, atividade econômica, etc.

Em termos culturais, por exemplo, a velhice certamente é percebida de forma diferente em um país com uma expectativa de vida, ao nascer, de 39 anos, como Serra Leoa, e comparada a um país com uma expectativa de vida, ao nascer, de 81 anos, como o Japão. Em uma cidade na qual as pessoas vivem em favelas super-povoadas, a velhice será uma experiência distinta daquela vivida em uma localidade de casas luxuosas, ou seja, nunca devemos perder de vista o contexto e as variáveis inter-relacionadas.

A ciência, durante muitos anos, investiu grandes esforços no prolongamento da vida dos indivíduos, alcançando êxito somente no último século.

A modernidade não só produziu a velhice, tal como conhecemos, como criou condições para que ela fosse vivida mais longamente. Os avanços da medicina, o diagnóstico precoce, a prevenção de determinadas doenças, a ampliação das possibilidades de acesso aos serviços de saúde, a generalização dos serviços de saneamento básico, a alteração nos hábitos alimentares e de higiene, a prática de exercícios físicos, dentre outros fatores, contribuiram para o aumento da esperança de vida.

Na população idosa é, sobretudo, o grupo com 85 anos ou mais que terá um crescimento maior nas próximas décadas. As redes de parentesco, pela primeira vez na história, contarão com um número de filhos menor que o número de pais idosos. Para os idosos muito idosos, a pauperização, a passividade e a dependência marcarão a experiência de envelhecimento. As formas inovadoras de moradia e associações são limitadas para esse grupo e a precariedade das políticas públicas a eles destinadas faz que o peso de sua situação recaia nos ombros dos filhos e parentes (DEBERT, 2004).

A Organização Mundial da Saúde - (OMS) (2005) considera o envelhecimento populacional como uma história de sucesso das políticas de saúde públicas e sociais, e portanto, a maior conquista e triunfo da humanidade no último século. O envelhecimento não é problema, e, sim, vitória. Problema será se as nações desenvolvidas ou em desenvolvimento não elaborarem e executarem políticas e programas para promoverem o envelhecimento digno e sustentável e que contemple as necessidades do grupo etário das pessoas com idade igual ou superior a 60 anos.

Os idosos possuem como direito o atendimento destas necessidades sejam elas sociais, físicas, ou emocionais, e que segundo a Constituição de 1988 a família, a sociedade e

o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem estar, garantindo-lhes o direito à vida.

Foi elaborada também a Lei 8842/94, que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, que foi pautada em dois eixos básicos: proteção social, que inclui questões de saúde, moradia, transporte, renda mínima, e inclusão social, que trata da inserção ou reinserção social dos idosos por meio da participação em atividades educativas, socioculturais, organizativas, saúde preventiva, desportivas, ação comunitária.

O Estatuto do Idoso, aprovado pela Comissão Diretora do Senado Federal em 23 de Setembro de 2003, além de ratificar os direitos demarcados pela Política Nacional do Idoso, acrescenta novos dispositivos e cria mecanismos para coibir a discriminação contra os sujeitos idosos. Prevê penas para crimes de maus tratos e concessão de vários benefícios. Consolida os direitos já assegurados na Constituição Federal, tentando sobretudo, proteger o idoso em situação de risco social.

Todas estas leis são importantes para dar um maior respaldo aos idosos brasileiros, porém existe um distanciamento entre a legislação e a realidade. Uma maior igualdade entre os segmentos deve ser buscada, um olhar mais abrangente que o fenômeno necessita, um olhar biopsicossocial e ecológico completo, menos reducionista, um olhar que enxergue, perceba e reconheça as capacidades.

Sobre a complexidade Petraglia (2002),

É a viagem em busca de um modo de pensamento capaz de respeitar a multidimensionalidade, a riqueza, o mistério do real; e de saber que as determinações – cerebral, cultural, social, histórica – que se impõem a todo o pensamento co-determinam sempre o objeto de conhecimento. É isto que eu designo por pensamento complexo (MORIN, 1995 apud PETRAGLIA, 2002, p.46).

Outra questão polêmica diz respeito à imprecisão do termo velhice. Quando uma pessoa se torna velha? Aos 55, 60, 70 ou 75 anos? Nada flutua mais do que os limites da velhice em termos de complexidade fisiológica, psicológica e social. Uma pessoa é tão velha quanto as suas artérias, quanto seu cérebro, quanto seu coração, quanto seu moral ou quanto sua situação civil? Ou é a maneira pela qual outras pessoas passam a encarar as características que classificam as pessoas como velhas? Dessa forma, é utilizada uma abordagem cronológica de dados para definir a população idosa. Um ponto de corte de 60 anos é sistematicamente empregado em países de terceiro mundo para definir os idosos. Este padrão foi recomendado, também, pela Organização Mundial da Saúde, em 1984, no Relatório do

Grupo de Especialistas sobre Epidemiologia e Envelhecimento. O *Demographic Yearbook* menciona que nas Nações Unidas a idade de 60 anos é usada para definir a velhice. No Brasil, foi promulgado o Decreto 1948/96, que regulamenta a Lei 8842/94, que estabelece a Política Nacional do Idoso e define, no artigo segundo, a idade de 60 anos como início do período convencionalizado como terceira idade.

Segundo Peres (2001) o envelhecimento é fortemente condicionado pelas capacidades de adaptação ao longo da vida, mas estas não dependem apenas, de fatores individuais, pois as condições objetivas de existência têm um papel fundamental. Como comprovação está o fato do acréscimo do número de situações problemáticas não ser diretamente proporcional ao aumento do número de pessoas que atingem idades avançadas, como se temia nos anos 70. Estudos longitudinais têm revelado uma clara melhoria dos níveis de autonomia nas atuais gerações de pessoas com mais de 85 anos, o que não será alheio à diferenciação positiva dos seus percursos e dos quadros sociais que os acompanharam.

A velhice, como vimos até aqui, deve ser vista e tratada como um fenômeno único e multidimensional, a fim de que as necessidades dos idosos possam ser atendidas, seus direitos de cidadãos e seres humanos respeitados, para que o prolongamento de suas vidas possa ser vivido em toda sua plenitude, ou seja, além de anos a estas vidas, a modernidade, retratada por sua sociedade, deve incessantemente buscar oferecer mais vida a estes anos, pois cabe a esta sociedade construir a cada dia, um mundo em que pessoas, independente de suas idades, tenham orgulho de viver.

### **1.1 A velhice como construção social**

A partir da idade definida “cronologicamente” como o início da velhice, aos 60 anos, surge então a seguinte pergunta: afinal, o que é a velhice? Uma categoria construída socialmente? Ou uma etapa da vida demarcada biologicamente pelo declínio da força física, destreza, mudanças corporais e desgaste orgânico?

Segundo Beauvoir

A velhice não é uma realidade bem definida. Ela é um fenômeno biológico: o organismo do homem idoso apresenta certas singularidades. A velhice acarreta, conseqüências biológicas: certos comportamentos são considerados, como característicos da idade avançada. Ela tem também uma dimensão existencial: modifica a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, sua relação com o mundo e com sua própria história. Por outro lado, o homem não vive nunca em estado natural; na sua velhice como em qualquer idade, seu estatuto lhe é imposto pela sociedade à qual pertence (BEAUVOIR, 1990, p.15).

Para a autora, a velhice é um fenômeno além de biológico, cultural, e mais, como uma totalidade biossociocultural. Para Beauvoir, a velhice é uma totalidade complexa, e é impossível se ter uma compreensão da mesma a partir de uma descrição analítica de seus diversos aspectos. Cada um dos aspectos reage sobre todos os outros e é somente a partir da análise do movimento indefinido da circularidade relacional dos vários elementos, que se pode apreender a velhice.

Essa reflexão nos leva a pensar que não há apenas uma única forma de envelhecer, mas diferentes, que levam em conta diversos aspectos relativos a gênero, etnia, classe social...

A velhice como categoria construída socialmente tem sido vista e tratada de maneira diferente, de acordo com períodos históricos, com a estrutura social, cultural, econômica e política de cada povo. Essas transformações não permitem um conceito absoluto da velhice e apontam para a possibilidade de haver sempre uma nova condição a ser construída, para se considerar essa etapa da vida do ser humano.

O lugar atribuído e ocupado por homens e mulheres, crianças, jovens, adultos e idosos decorre das soluções encontradas, por cada coletividade, para responder aos imperativos de sua existência; como lugares sociais se revestem de valores e juízos morais. Por outro lado, este processo de classificação a partir destes determinantes biológicos não é estático nem imutável, mas dinâmico e constantemente renovado, mesmo naquelas sociedades que, aos olhos do pensamento ocidental, parecem ter parado no tempo (ALMEIDA, 2005).

O autor afirma que, como interpretações, estas concepções: juventude e velhice se transformam historicamente. Portanto, não existe qualquer substancialidade absoluta no ser da velhice e da juventude, pois são conceitos construídos historicamente e que se inserem ativamente na dinâmica dos valores e das culturas que enunciam algo sobre o seu ser.

Os valores intrínsecos à representação que uma sociedade tem da velhice serão os norteadores responsáveis pelas ações que vão possibilitar ou não a proteção e a inclusão social de seus idosos, bem como a qualidade das relações a serem estabelecidas com eles.

Faz-se necessário uma revolução tanto social quanto cultural, que possibilite a efetivação de políticas públicas que respondam às necessidades deste segmento, bem como o investimento na mudança da percepção que a família e o social têm sobre o envelhecimento e a velhice, provocando o rompimento dos mitos e preconceitos que, ainda hoje, são os maiores responsáveis pela exclusão do segmento idoso.

A inocência da velhice é rica. Ela é rica em experiência, fracassos e sucessos, ela é rica em boas ações, em más ações, rica em todas as suas faltas e em todos os seus êxitos, ela é

multidimensionalmente rica. Sua inocência não pode ser sinônimo de ignorância; sua inocência pode ser apenas sinônimo de experiência e vivência.

Featherstone (1998, p.12) explica que “nas sociedades modernas há mais tentativas de demarcar a vida, dividindo-a em estágios dentro de uma ordem cronológica”.

Debert (2004) menciona ainda que as idades cronológicas, baseadas num sistema de datação, estão ausentes da maioria das sociedades não ocidentais e são, nas sociedades ocidentais, um mecanismo básico de atribuição de *status* (maioridade legal), de definição de papéis ocupacionais (entrada no mercado de trabalho), de formulação de demandas sociais (direito à aposentadoria).

Foi no contexto da modernidade que infância, adolescência e velhice foram alçadas à condição de etapas singulares da vida.

Assim sendo, foi a partir do século XIII que a infância passou a se separar da vida adulta. Num processo longo e demorado, transformou-se em fase da vida marcada pela dependência. De outro lado, foi somente no final do século XIX que a adolescência ganhou especificidade, surgindo como fase crítica de transição entre a infância e a idade adulta, especialmente no Ocidente e em determinadas situações de classe.

Nesse processo de demarcação das etapas da vida, a construção social da velhice é recente, ligando-se à nova configuração das relações entre o trabalho e o capital, sob o modo capitalista de produção.

Na economia capitalista, segundo Simmel (1967) a economia monetária, o dinheiro se refere unicamente ao que é comum a tudo: ele pergunta pelo valor de troca, reduz toda qualidade e individualidade à questão quanto? Todas as relações íntimas entre pessoas são fundadas em sua individualidade, ao passo que, nas relações racionais, trabalha-se com o homem como com um número, como um elemento que é em si mesmo indiferente. Apenas a realização objetiva, mensurável, é de interesse.

Em todos os lugares, em todas as relações, a vivência de um ser humano deve prevalecer sempre, precisamos olhar para quem envelhece, não como alguém que não pode e pelo que não é, e sim como alguém que pode e pelo que é, como ser social, individual e humano.

Sawaia (1994) destaca que a noção de sujeito implica a apropriação/reapropriação pelo ser, dos meios que lhe permitam traçar um caminho pessoal e único na organização de sua vida, meios que não se restringem, apenas, à capacidade de reflexão, mas à possibilidade de ter esperança e potencializar esta esperança em ação.

Ser idoso não pode ser sinônimo de incapacidade, desesperança, recusa, banimento, feiúra, fragilidade e apenas ser ou ter um passado, passado sim no sentido de uma rica existência, mas também um futuro com plenitude, liberdade, beleza, possibilidades de continuar a brincar, a rir, a se emocionar, a construir, a trabalhar, a desejar, a sonhar e a ser.

Martins (1998) ressalta que existem duas formas de viver o tempo como *Kronos* ou como *Kairós*.

*Kronos* segundo o autor é um tempo delimitado, é a dimensão cronológica, medida em dias, meses e anos. Porém *Kairós* é um tempo como um horizonte de possibilidades do ser, um tempo vivido em uma determinação consciente e efetiva de nossa existência, uma consciência que é tempo, e que indica novas direções.

O autor explica que o homem não pode ser uma série de eventos psíquicos, isto é, ser criança, ser adolescente, ser adulto e ser velho. Não se pode fragmentar uma existência humana a simplesmente fases de sua vida, um ser é tudo isto. Não se trata de uma justaposição de acontecimentos externos, uma vez que é o tempo que mantém.

“Enquanto estamos vivos, enquanto vivemos no nosso presente, conseguimos sentir o tempo enquanto o estamos vivendo, com tudo aquilo que ele implica, temos a direção para um futuro, assim como uma direção ao passado, que revela a dimensão do tempo não conflitante... Ser agora, é ser a partir de um ser sempre e de um ser para sempre.” (MARTINS, 1998, p.20)

Se vivermos o nosso tempo apenas como *Kronos*, estaremos limitando toda nossa rica e multidimensional existência em apenas um aspecto: o biológico, ao envelhecimento de nossas artérias, de nossos órgãos, à diminuição da força muscular, à capacidade vital, etc. E mesmo considerando a velhice apenas pelo aspecto biológico, podemos pensar que, nem todas as pessoas apresentam os mesmos sinais de envelhecimento biológico na mesma idade. Não podemos nos esquecer de tantos outros que fazem também e, inseparavelmente, parte de nós: o aspecto social, o qual inclui nossas relações familiares, que representam uma marca indelével em nossas vidas, e todos que fazem ou fizeram parte de nossa história, pois, todas as pessoas, com as quais em algum momento convivemos, levam consigo um pedaço de nós e deixam conosco algo de seu. Outro aspecto a considerar é o psicológico: cada pessoa faz, vive, sente e envelhece de forma diferente, ou seja, é um ser único e individual. Há ainda um outro e não menos importante aspecto de nossa existência de seres complexos: o aspecto existencial, pois, em nossa opinião, o que caracteriza a velhice não é a quantidade de anos vividos, e, sim, a perda dos ideais da juventude, é o desinteresse pelo cotidiano, é o humor

sempre irritadiço, rabugento, é a desconfiança no futuro, é a perda de esperança, é o desamor ao trabalho e, mais, é o desamor à vida.

Na pesquisa efetuada por Mercadante (1997), os idosos reconhecem que existe um modelo negativo de velhice, não o negam, e classificam como velhos os outros, os diferentes, os doentes, aqueles que perderam o interesse pela vida, a autonomia e a independência.

Sobre isso, afirma Lopes (2007), sendo a designação da velhice algo desfavorável, os próprios idosos transferem sua identidade social para um outro, preservando-se desta imagem negativa da velhice.

Logo nossos modelos sociais (do que é ser jovem, do que é ser velho) não podem estigmatizar, e, sim, valorizar as qualidades, as particularidades e a beleza em cada uma das fases da vida, e nem efetuar comparações, pois, possuem aspectos diferentes, com características próprias e particularidades absolutamente ricas.

Retomamos Mercadante (1997) para enfatizar a necessidade da desconstrução da noção de velhice como fase final de vida, de impossibilidades para o futuro, e também da idéia de um idoso ligado ao passado, que usa a memória para lembrar fatos, sem um nexo com o presente e o futuro. Os idosos na pesquisa de Mercadante relataram ser a sabedoria uma característica impingida aos velhos, aos outros, aos outros velhos. Disseram possuir mais experiência, e não sabedoria guardada pela memória, idéias cristalizadas e, principalmente, possuírem uma grande vontade de aprender coisas novas.

Debert (2004) reafirma esta idéia, por meio dos resultados de sua pesquisa efetuada em um asilo para Unicamp (Universidade de Campinas), e ressalta outros aspectos encontrados também importantes: a pesquisa teve como ponto de partida a consideração de que a velhice em nossa sociedade, mesmo quando não se associa à pobreza ou à invalidez, tende a ser vista como um período dramático por implicar a passagem, tida como indesejada, de um mundo amplo e público para um mundo restrito e privado; quando a idéia de perda de papéis sociais se soma à ausência de uma vida sexual ativa e que o fato de a grande maioria das mulheres, hoje, na velhice, não ter tido uma vida profissional ativa e ter sido sexualmente mais reprimida que os homens, levou a autora a supor que a mulher com o avanço da idade, falaria de seu sofrimento e de sua solidão. Os dados levantados, através das entrevistas feitas com mulheres de 70 anos ou mais, foram que elas não se consideravam velhas, sendo que a velhice era vista como um problema de outros que se comportavam como velhos, mesmo que com menos idade. Para essas mulheres, a velhice não estava referida à idade, mas à perda de autonomia, e todas elas se consideravam independentes.

Sendo assim, elas não se denominaram velhas, pois, para elas, a velhice é sinônimo de dependência, perda de autonomia, percebemos então, uma negação individual do próprio envelhecimento, provavelmente, devido ao preconceito internalizado pelas mesmas.

Além disso, elas não se sentiam vítimas da perda de papéis sociais, tal como o drama da velhice era apresentado nas teorias. Vivenciavam uma situação privilegiada, se comparada com a experiência de envelhecimento de suas mães e avós que depois dos 40 anos passavam a se vestir de preto, não podiam tingir o cabelo e quase não saíam de casa, mesmo porque agora, com mudanças culturais, se sentiam mais livres e liberadas de obrigações.

Com os homens, a pesquisa da autora obteve como resultados que não era a dependência, mas a perda de lucidez que aparecia como um índice inegável da velhice para todos a boa velhice era a do passado, do velho respeitado que tinha uma posição central em todos os assuntos de família. Para os homens, as mudanças culturais teriam tornado o envelhecimento o momento mais amargo da vida. Todos os homens entrevistados não se consideravam velhos; velhos eram os outros, aqueles que mesmo com menos idade já haviam perdido a lucidez.

Com base nas conclusões da pesquisadora, constatamos que, em diversos momentos em nossa sociedade, o idoso é considerado alguém que existiu no passado, que realizou o seu percurso psicossocial, e que apenas espera o momento fatídico para sair inteiramente da cena do mundo.

Featherstone (1998) diz que dentro de uma sociedade de consumo, as pessoas prestam mais atenção ao seu aspecto, porque ele é uma forma de poder. O poder não vem somente do dinheiro ou do capital cultural, mas também do corpo. Neste novo modelo o homem e a mulher não querem envelhecer, querem ser sempre jovens, para gozar sempre do presente.

Dentro da cultura do consumo, existe uma cultura pragmática que faz que as pessoas cuidem de sua aparência com cosméticos, cirurgias plásticas, etc. Extraindo suas energias da vitalidade física e do pleno gozo das capacidades intelectuais e produtivas, esta sociedade se constrói em torno de um ideário no qual a juventude ocupa um lugar central. Cultua-se então o mito da eterna juventude.

Mercadante (1997) em sua pesquisa retrata como os idosos se percebem atualmente, a autora cita a ocorrência de um deslocamento da característica sabedoria para a capacidade de aprender, ou seja, os idosos não querem mais ser vistos como portadores de sistemas de valores prontos, com experiências sim, mas com muita vontade de aprender e apreender

coisas novas, não possuidoras apenas de um passado e, sim, de um presente, e mais, com a perspectiva de um futuro.

Segundo dados da Pesquisa O Futuro da Aposentadoria, feita pelo Banco HSBC em 21 países em 2007, onde foram entrevistadas 21000 pessoas com idade entre 40 e 79 anos, só no Brasil foram entrevistadas 1001 pessoas. Por meio desta, pode-se conhecer um pouco mais sobre o envelhecimento brasileiro, o envelhecimento mundial e as mudanças que vêm ocorrendo através dos anos. Dentre os diferentes aspectos acerca do envelhecimento abordados nesta Pesquisa, feita também no Brasil, foi em relação à percepção dos participantes sobre sua vida atual, sentimentos e expectativas.

E dentre as respostas: A vida é cheia de oportunidades, resposta dada por 27% das pessoas entre 60 e 69 anos e por 22% das pessoas entre 70 e 79 anos. E uma outra fala recorrente nesta pesquisa: Sinto-me capaz de fazer as coisas que desejo, com 25% dita pela população entre 70 e 79 anos.

Como percebemos em alguns dos resultados da Pesquisa feita pelo HSBC apresentada acima, os idosos desejam viver plenamente o tempo presente, sentem-se capazes, dispostos a continuar escrevendo suas histórias no livro da vida.

Os depoimentos coletados acima, nos fazem acreditar que não é o avanço da idade que limita as pessoas, a execução de novas atividades, o planejamento de sonhos, projetos e de novas perspectivas, e, sim, o descrédito social, a diminuição de oportunidades, e de continuar se desenvolvendo.

Isto tudo nos faz crer que, se novos espaços, condições e possibilidades forem oferecidas, idosos de hoje e do futuro poderão envelhecer com mais escolhas e viverem melhor o amanhã.

Em nosso ponto de vista, o elemento essencial para se obter uma velhice bem-sucedida é a preservação do potencial para continuar se desenvolvendo, dentro dos limites impostos: sejam eles pela idade, pela condição individual de saúde, estilo de vida e pela educação. Os prejuízos do envelhecimento podem ser minimizados por meio do uso das capacidades de reserva que o ser humano possui, utilizando sua flexibilidade diante das intercorrências da vida.

Felizmente, a consciência crítica sobre as questões da velhice está aumentando, e da parte das instituições sociais observa-se crescente movimentação em direção à conquista desse novo segmento populacional, quer como nicho de mercado de consumo, quer como alvo de ações voltadas ao atendimento de um grupo historicamente negligenciado, mas muito ainda

pode e deverá ser feito para que a velhice seja encarada não como uma fase com apenas perdas, mas com ganhos também.

Paulo Freire (1993) lembra que é inviável para o ser humano continuar, se ele pára de pensar no amanhã. Não importa que este pensamento seja simples e imediato e sim que somos seres que presente, passado e futuro nos enlaçam.

Há uma visão social geral, sobre ser velho e velhice, que os próprios velhos possuem, mas que não se sentem e que não admitem serem incluídos na mesma. Assim sendo, por parte dos velhos, não há a negação da visão geral, mas sim a negação da sua inclusão individual.

A imagem negativa da velhice pode restringir a ação de diversas pessoas que se sentem aptas a participar, a se engajar em novos ou antigos projetos, sendo obrigadas a retrain suas mãos prontas a ajudar no resgate da solidariedade e ética nas relações perdidas ao longo de nosso desenvolvimento.

Uma consequência desta imagem negativa da velhice é a distância entre as gerações, o que podemos chamar de ruptura geracional, entre as gerações mais velhas e as novas, ocasionando perdas de referências e de modelos, que sabemos ser fundamental para a constituição do sentimento de pertencimento e da estruturação da identidade. A promoção de um diálogo entre gerações seria valiosa também para os idosos, pois contribuiria com a redefinição de seus modos de agir e pensar, e possibilitaria um maior comprometimento dos mesmos com a vida.

Os resultados da pesquisa efetuada pelo SESC (Serviço Social do Comércio) Nacional, SESC São Paulo em Parceria com Fundação Perseu Abramo (FPA), em 2006, com 2136 idosos, em 204 municípios, distribuídos nas cinco macrorregiões do país, confirmam a idéia de que os idosos têm muito a ensinar, pois contou com 95% de concordância entre os idosos e 96% entre os não idosos.

Se esta idéia puder a cada momento se tornar uma prática de vida, os momentos multigeracionais, dentro ou fora das famílias, poderão contribuir substancialmente, para que papéis geracionais sejam herdados e não simplesmente adquiridos entre os pares; assim nossos idosos poderão ser reconhecidos pela importância que representam em nossa sociedade, não como uma versão encadernada do passado, mas como alguém que tem o direito de contar a história, porque a viveu.

Assim tomaríamos a experiência como uma possibilidade a ser valorizada, pela sociedade e também pela família, não por considerar como verdade a idéia de que com a velhice se alcança a sabedoria, mas reconhecendo, no processo de envelhecimento, uma

oportunidade para tal, e assim, possivelmente, poderíamos construir uma sociedade mais solidária e humana.

## 1.2 O idoso e a família

Definir família não é uma tarefa fácil. Pode-se afirmar que família não é uma expressão passível de conceituação. Conseguir-se descrever as várias estruturas assumidas pela família, mas integrar suas várias configurações numa pauta conceitual se torna difícil. São tantas as variáveis ambientais, sociais, econômicas, culturais, políticas ou religiosas que interferem na constituição da família que, pensar em abarcá-las, torna-se paralisante.

Osório (1996, p.15) cita uma definição que é bastante genérica “[...] família é a unidade básica da interação social” e afirma que essa definição não torna possível situar a família como agrupamento humano no contexto sócio-histórico. O autor vai tecendo algumas reflexões e percebe que, diante de tantas variáveis interferentes, a família pode ser considerada o modelo natural que assegura a sobrevivência biológica da espécie; mas também afirma que não se pode dissociar a função biológica da função psicossocial, pois o grupo se constitui em vínculos peculiares, o que o situa como a célula primordial de toda e qualquer cultura.

Assim, após tecer algumas reflexões sobre o tema, Osório (1996) formula a seguinte definição, considerando-a mais abrangente

Família é uma unidade grupal onde se desenvolvem três tipos de relações: pessoal – aliança (casal), filiação (pais e filhos) e consangüinidade (irmãos) – e que a partir dos objetivos genéricos de preservar a espécie, nutrir e proteger a descendência e fornecer-lhe condições para a aquisição de suas identidades pessoais, desenvolveu-se através dos tempos, funções diversificadas de transmissão de valores éticos, estéticos, religiosos e culturais. (Osório, 1996, p.16)

A família, assim como os indivíduos que a compõem, insere-se num contexto evolutivo e é dotada de seu ciclo vital, por isso nasce, cresce, amadurece e encerra seu ciclo vital com a morte dos membros que a originaram.

Para explicar o desenvolvimento familiar, Cerveny (1997) faz uma caracterização do Ciclo Vital da Família, dividindo-o em quatro fases:

1ª) Fase da Aquisição - é a fase em que a família se constitui por meio de união formal ou informal. Essa fase engloba também o nascimento dos filhos e constitui-se, de um modo geral, pelas tarefas de aquisição, tanto de patrimônio, quanto de novas formas de relacionamentos.

2ª) Fase Adolescente - é a fase em que pais e filhos estão vivendo a adolescência. É um período de muitas transformações pessoais e relacionais. Os filhos estão em transição para a vida adulta e os pais, na chamada “crise do meio da vida”, em que reavaliam suas experiências.

3ª) Fase Madura – compreende o momento em que os filhos atingem a idade adulta e a família vivencia a sua maturidade. Os filhos se tornam independentes como os pais. Com o casamento dos filhos, os pais têm que se adaptar à entrada de novos membros na família e renegociar regras de convivência familiar.

4ª) Fase Última – é a fase caracterizada pelo envelhecimento dos pais. Nessa, a família confronta-se com a tarefa de convivência com os pais idosos. Quando as fases anteriores foram marcadas por relações saudáveis, o sistema familiar se adapta às novas demandas dessa última fase, porém, se houve conflitos anteriores, serão necessárias novas renegociações.

Segundo Cerveny (1997), as Fases Adolescente (os netos jovens) e Madura (o casal) são as mais reacionárias, o que pode propiciar o aparecimento de conflitos e as mais flexíveis: a Fase de Aquisição (crianças, representada pelos netos) e a Fase Última (idosos), onde ocorre um encontro rico e interessante.

A pesquisa efetuada por Cerveny (1997) retratou como função valorizada pelos filhos em idade madura o cuidado com seus pais, e como reconhecida atribuição à Fase Última a manutenção dos laços familiares, tanto como apoio, ajudando na organização da casa, unindo os pais, quanto para manter o nome da família.

Porém a Fase Última, conforme descreve Cerveny, assim como as demais fases do Ciclo Vital Familiar é vivida de forma bastante singular em cada família. Às vezes na mesma unidade domiciliar convivem até três gerações. O envelhecimento da população é acompanhado pelo envelhecimento do indivíduo, e assim nas famílias atuais existe pelo menos um idoso. Esse processo altera a vida do indivíduo, as estruturas familiares e a sociedade.

Outras famílias, de acordo com suas condições individuais, profissionais e sociais, decidem pela institucionalização de seus idosos.

Apesar da possibilidade do aparecimento de conflitos na interação entre pais e filhos, a presença dos avós de uma forma geral nas famílias brasileiras é bem vinda, porque oferece o suporte necessário ao cuidado das crianças e dos jovens. O trabalho desses avós é visto como uma necessidade para a manutenção da família.

Neste cenário familiar, existe uma predominância de gênero: mulheres idosas experimentam uma probabilidade maior de ficarem viúvas e em situação socioeconômica desvantajosa. A maioria das idosas brasileiras de hoje não teve um trabalho remunerado durante a sua vida adulta. Além disso, embora vivam mais do que os homens, passam por um período maior de debilitação física antes da morte do que eles (CAMARANO, et al, 1999).

A respeito do contato intergeracional existente nas famílias, e preocupada com as diversas perdas referenciais, em um mundo baseado na valorização da mudança, e que coloca nas gerações que chegam à responsabilidade de reinventar um mundo continuamente, Mead (1960) escreveu um artigo há alguns anos, que continua bastante atual e pertinente à nossa discussão sobre transmissão geracional, o idoso e a família.

Mead (1960) propôs modelos sociológicos de relação entre as gerações, preocupava-se com a ruptura geracional identificada na época e representada pelo ativismo juvenil que sacudiu a Europa e algumas regiões das Américas. Segundo a autora, as relações entre as gerações constituem o mecanismo básico de transmissão de saberes, costumes e práticas entre as pessoas. As relações intergeracionais corresponderiam a três modelos: pós-figurativo, co-figurativo e pré-figurativo.

A cultura pós-figurativa é aquela em que as crianças aprendem primordialmente com os mais velhos, a cultura co-figurativa é aquela em que tanto os adultos quanto as crianças aprendem com seus pares, e a pré-figurativa aquela em que os adultos também aprendem com os mais jovens.

Considerando os modelos sociológicos de Margaret Mead (1960) que valoriza as trocas geracionais, que a maioria de nossos idosos vivem com suas famílias e também com base nos dados da pesquisa feita pelo SESC/FPA, onde se constatou a participação significativa das mulheres idosas no cuidado com os netos (50%), para que as mães possam trabalhar. As atividades de cuidado das avós incluem: levar os netos à escola, cuidar deles parte do dia e nos finais de semana, dentre outros, e que estes avós ocupam o lugar do afeto, podemos considerar como bastante importante a figura e a presença dos idosos em suas famílias.

A pesquisa do SESC apontou também que existe um grau razoável de relações intergeracionais: 23 % dos idosos residem com crianças de até 10 anos; 25 % com adolescentes e jovens de 10 a 20 anos, 27% com pessoas de 20 a 30 anos e 25% com pessoas de 30 a 40 anos.

Em termos de cooperação financeira, os idosos tanto ajudam quanto são ajudados, sua renda chega a representar em algumas famílias, cerca de 33% do orçamento familiar.

A pesquisa SESC/FPA indicou existir uma troca entre gerações e que ela ocorre em ambas as direções. As relações sociais se processam em vários níveis e as trocas de apoio podem ser um meio de comunicação entre as gerações.

Em relação à composição domiciliar dos idosos brasileiros a Pesquisa Idosos no Brasil - Vivências, desafios e expectativas na terceira idade, efetuada pela Fundação Perseu Abramo e pelo SESC, tem um claro recorte de gênero: entre os homens é comum a co-residência com a esposa (71%) e, pelo menos um filho ou filha (51%); já entre as mulheres, a moradia tende a ser compartilhada com filhos e/ou filhas (57%). As esposas são apontadas como aquelas que mais dão atenção aos seus maridos idosos (58%) e os filhos aqueles que mais cuidam de suas mães idosas (36%). Este dado demonstra a extrema relevância que o laço conjugal tem para os idosos e, no caso particular das mulheres, a importância dos filhos.

Além da importância do casamento e dos filhos, e da residência conjunta de maridos, esposas e filhos, ou de mães e filhos, os dados também indicam que 15% dos idosos brasileiros vivem sós. As mulheres se destacam um pouco mais que os homens nesse aspecto. Viver só, não é sinônimo de abandono. O fato de estarem sós em casa não significa que não haja cuidado. Sete por cento dos idosos afirmam não ter ninguém que os apóie; 14% dizem que outra pessoa que não reside na casa e que não é parente próximo é responsável por cuidar deles, caso precisem. Se considerarmos o aumento da idade, a distância entre homens e mulheres torna-se explícita: quanto mais velha a mulher, mais sem apoio ela tende a ficar, pois sua expectativa de vida é maior do que a do homem. Quatorze por cento das mulheres com 80 anos e mais afirmam que não têm ninguém que lhes dê atenção ou que esteja próximo delas, enquanto entre os homens dessa mesma idade somente 4% dizem não ter ninguém que lhes dê suporte.

Na faixa dos 60 a 69 anos, 33% das mulheres apontam como pessoa mais próxima o marido, 34% dizem serem os filhos ou filhas as pessoas mais próximas; na faixa etária dos 70 anos, 16% reconhecem como pessoa mais próxima o marido, e 37% os filhos ou filhas; com mais de 80 anos, 4% das mulheres dizem ter como pessoa mais próxima o companheiro e 42% afirmam serem os filhos ou filhas as pessoas mais próximas. Entre os homens são as parceiras que permanecem ao lado deles; 60% dos homens entre 60 e 69 anos contam com a esposa como pessoa mais próxima e 11%, com os filhos ou filhas; na faixa etária de 70 a 79 anos, 59% dizem ser a esposa a pessoa mais próxima e 19% afirmam serem os filhos ou filhas; aos 80 anos e mais, 42% dos homens têm a companheira como pessoa mais próxima e 25% apontam os filhos ou filhas.

Apesar da importância do papel da família na vida de uma pessoa, esteja ela em qualquer fase de seu ciclo vital, tem-se verificado uma redução do número de filhos e uma instabilidade dos laços conjugais; este cenário pode indicar que, no futuro, o suporte vindo da família nuclear tenha que ser revisto, tanto para os homens quanto para as mulheres. Talvez o percentual de idosos sem apoio ou com apoio de não parentes e não co-residentes aumente. Isso indica que a sociedade e as pessoas devem se preocupar desde já com a disponibilidade de auxílios, não baseados no vínculo conjugal e na parentalidade para as gerações de idosos do futuro.

Em contrapartida ao que vimos até aqui, outros estudos defendem a idéia de que o fato de os idosos morarem com seus filhos não seja sinônimo de respeito e nem de ausência de maus tratos, isolamento ou negligência. Podemos pensar sobre o fato de inúmeras denúncias contra idosos aparecerem nos casos em que diferentes gerações convivem na mesma casa, porque muitas vezes o convívio de várias gerações em uma única unidade doméstica pode gerar inúmeros conflitos, e, conseqüentemente, não ser garantia de uma velhice bem-sucedida.

Segundo Debert (2004), pesquisas efetuadas recentemente, em países europeus e nos Estados Unidos, mostram que a proporção de idosos morando com suas famílias têm diminuído nos últimos anos, estes novos arranjos de moradia deve-se ao fato da diminuição das unidades domésticas.

Estudos sugerem que estas novas formas de arranjos familiares, não devem ser percebidas como reflexo de um abandono por parte de seus familiares, pois tanto toda a assistência quanto a troca afetiva podem continuar ocorrendo de forma intensa.

Para Debert (2004), mais do que a convivência num espaço heterogêneo, do ponto de vista cronológico, é a segregação que permite a ampliação de sua rede de relações sociais, papéis sociais anteriormente perdidos são reencontrados, o aumento do número de atividades e de redes de solidariedade são desenvolvidas de maneira intensa, os vínculos com os filhos ficam mais amistosos e, conseqüentemente, uma satisfação maior na velhice. É essa a conclusão que chegam os estudos sobre idosos vivendo em conjuntos residenciais segregados ou em condomínios fechados com serviços e outras facilidades ou, ainda em hotéis.

Temos a certeza de que ainda muito deverá ser feito para que o idoso de hoje e de futuras gerações não sinta medo, nem vergonha de envelhecer, esteja ele morando sozinho, em instituições ou junto à sua família, o importante é o que pensa e sente, e que esteja em uma posição digna de um cidadão de direito, não simplesmente de forma discursiva ou teórica, conforme consta nas Políticas Sociais e Estatutos, e que possua mais do que seus direitos de

cidadania, tais como: direito às passagens gratuitas, a dispensa de filas, aposentadoria e pensões, tenham, sobretudo, assegurado o seu direito ao respeito no espaço público e no privado, direito ao sistema de saúde, à justiça, à proteção social, direito a ser ouvido, direito a se desenvolver sempre, autonomia para viver como desejar, para continuar a sonhar, e dignidade de poder viver todos os anos de sua vida com qualidade; pois acreditamos que proporcionar qualidade aos anos da vida de todas as pessoas seja competência não só do próprio idoso, mas da família, e de toda a sociedade.

Um dos direitos que é assegurado ao idoso é o direito à educação, que dentre seus inúmeros benefícios estão: propiciar uma melhor qualidade de vida, promover o desenvolvimento de novos papéis, ajudar na promoção de sua cidadania e aumentar sua autoestima, e assim contribuindo para seu bem estar físico e psicológico.

No Brasil proliferaram na última década, as universidades para a terceira idade e os grupos de convivência. Estes programas abrem espaços para que uma experiência inovadora possa ser vivida coletivamente e indicam que a sociedade brasileira é hoje mais sensível aos problemas do envelhecimento.

### **1.3 Novas propostas para a velhice: as universidades para a terceira idade e os grupos de convivência**

Um dos aspectos sociais e culturais pertinentes à terceira idade, bastante difundidos atualmente, é a educação, importante para: possibilitar uma educação básica em saúde, proporcionar informações sobre o processo do envelhecimento, propiciar melhor qualidade de vida, contribuir com o bem-estar subjetivo, funcionar como tentativa de desenvolvimento de novos papéis, aumentar a socialização, integrar as experiências e conhecimentos acumulados ao longo da vida, melhorar a comunicação, ajudar tanto idosas quanto pessoas maduras (se estende a elas também) a ter mais autoconfiança e independência, resolver problemas práticos em mundo complexo, fragmentado e em mudanças, bem como contribuir para a diminuição da dependência da população idosa, beneficiar bem-estar físico e psicológico, e o resultado torna-se vantajoso para as famílias, para a sociedade, para a Previdência Social e para o sistema de saúde.

Ainda conforme pesquisa efetuada pelo SESC Nacional, SESC São Paulo em Parceria com Fundação Perseu Abramo (FPA) em 2006, constatou-se que a baixa escolaridade é um dado presente entre idosos, sendo que: 18% nunca foram à escola; 71% dos

idosos tinham o ensino fundamental, 7% tinham o ensino médio e 4% mencionaram o curso superior como o seu grau de escolaridade, mas apenas 3% chegaram ao final.

Por meio dos resultados, percebeu-se a relação entre o nível de renda e o nível de escolaridade dos idosos. Entre os idosos que ganham mais de 10 salários mínimos, 46% freqüentaram curso superior, 21% fizeram o ensino médio e 15% fizeram pós graduação, contra 32% que só fizeram o ensino fundamental. Os que nunca foram à escola e os que tinham o ensino fundamental I completo ou incompleto possuíam rendimentos mais baixos.

A educação é um poderoso determinante de uma vida com maior qualidade, e em nosso estudo, podemos dizer de uma velhice bem sucedida, pois, cria condições para enfrentar os preconceitos, a falta de oportunidades, gera aumento de renda, promove qualidade de vida e favorece o exercício da cidadania.

As primeiras iniciativas educacionais brasileiras de atendimento aos adultos mais velhos e aos idosos foram feitas pelo SESC, que se baseou na teoria da atividade em Gerontologia. Nos anos 60, o SESC introduziu programas de lazer, convivência para idosos e cursos de preparação para a aposentadoria. As iniciativas pioneiras do SESC refletiram-se na criação de muitas entidades similares por todo o país até os dias de hoje. Além de proporcionarem vantagens aos mais velhos, tais iniciativas têm propiciado espaços e oportunidades para a discussão do fenômeno velhice e para a investigação de suas características.

A Gerontologia tem numerosos argumentos em favor da educação e da promoção da integração e da participação dos idosos à vida social. O principal deles é que as novas aprendizagens promovidas pela educação formal e informal são um importante recurso para manter a funcionalidade, a flexibilidade e a possibilidade de adaptação dos idosos, condições estas associadas ao conceito de velhice bem-sucedida. As oportunidades educacionais são apontadas como ganhos na velhice, pois acredita-se que elas aumentam os contatos sociais, a troca de vivências e de conhecimentos e o aperfeiçoamento pessoal.

A possibilidade de cursos especialmente voltados à educação de adultos só surgiu a partir de 1971, com a implementação legal do ensino supletivo. Apesar de o ensino supletivo, em sua origem, ter tido o objetivo de ensinar a população adulta, o programa acabou atingindo também os jovens e idosos que ansiavam por uma oportunidade de concluir o ensino formal, a educação sistematizada para adultos se restringia aos programas de alfabetização, originários de movimentos populares, como as comunidades eclesiais de base da Igreja Católica e sindicatos de trabalhadores. Nessa mesma época, o governo militar contrário a esses

movimentos, criou o Movimento Nacional de Alfabetização (Mobral), que não atingiu resultados significativos e, conseqüentemente, não se manteve (WEREBE, 1994).

No início da década de 1970, sob a influência dos programas franceses, foram criadas as Escolas Abertas para a Terceira Idade, que exigiam um público com melhor qualificação educacional, tendo a finalidade de oferecer aos idosos informações, sobre aspectos biopsicossociais do envelhecimento, programas de preparação para aposentadoria e atualização cultural.

Além desses módulos informativos, as escolas oferecem atividades físicas como ginástica, ioga ou natação, atividades manuais e artísticas como grupos corais, desenvolvem passeios e festas de confraternização.

A orientação para o lazer predomina na instituição até hoje e é seguida por vários clubes de convivência, associações de idosos, clubes de maioridade e outras instituições que se desenvolveram fora das universidades, e foram inspiradas pela experiência e a ideologia do SESC (NERI, 1999).

Semelhantes ao SESC, outros programas surgiram, inclusive por iniciativas governamentais, mas grande parte não foi levada adiante. Como por exemplo LBA (Legião Brasileira de Assistência), extinta em 1995. Essa instituição atendia a uma população de idosos de classe popular, desenvolvendo atividades como trabalhos manuais, passeios, excursões, bailes. Em 1988 existiam 31 unidades da LBA em São Paulo com cerca de 7055 pessoas. Prata (1990 apud Debert 2004)

Ainda segundo o autor, em seu estudo sobre os programas de atendimento à população idosa do estado de São Paulo, os programas de atenção à terceira idade podem ser divididos em três grupos: programas tradicionais, como as instituições asilares; programas de transição, que compreendem os grupos do Sesc e da LBA, que a autora classifica como assistencialistas por não oferecerem aos idosos os instrumentos necessários para que possam recuperar a autonomia desejada, e os programas inovadores, que incluem programas de preparação para aposentadoria e universidades da terceira idade.

A França e os Estados Unidos foram os pioneiros em criar oportunidades educacionais para os idosos nos anos 70, coincidindo com a intensificação do seu processo de envelhecimento populacional. Os modelos criados nesses países difundiram-se em poucos anos por todo o mundo, contribuindo para a institucionalização de uma nova etapa no curso da vida criando oportunidade de realização de investigações e experiências de trabalho com adultos mais velhos e idosos (NERI, 1999).

O Programa Universidade da Terceira Idade criado na França, em 1973, inspirou norte-americanos que levaram uma multidão de adultos maduros e idosos a universidades, faculdades e serviços comunitários.

Com o crescimento desses programas, a Gerontologia Educacional se desenvolveu com enfoque específico no estudante idoso.

Em 1975, as universidades da terceira idade haviam-se expandido, não só as universidades da França, como também da Bélgica, Suíça, Polônia, Espanha, Canadá e Estados Unidos. Atualmente, estima-se que haja cerca de 1200 universidades espalhadas pelo mundo (NERI, 1999).

Aqui no Brasil existem diversas universidades da terceira idade, onde predomina a oferta de programas de ensino, saúde e lazer por meio das quais se acredita que essa população vem encontrando possibilidades de combinar desenvolvimento da sociabilidade e educação.

Dentre essas universidades podemos mencionar a Universidade Federal de Santa Catarina, onde foi criado o Núcleo de Estudos da Terceira Idade, considerado o primeiro programa de atendimento ao idoso e de formação de recursos humanos, na área gerontológica, realizado em uma universidade; a Universidade Estadual do Rio de Janeiro, onde foi criado um grupo interdisciplinar de profissionais interessados nas questões da terceira idade, a Pontifícia Universidade Católica de Campinas, onde foi definido um curso de extensão universitária e de atualização cultural, que é uma atividade de natureza acadêmica e sociopolítica voltada para um segmento específico da população local e regional: pessoas de meia-idade e da terceira idade (NERI, 1999).

Os adultos maduros, alunos das universidades da terceira idade, possuem idade superior a 45 anos, com predominância quase absoluta do público feminino. Essa clientela possui desde o ensino fundamental até o ensino superior.

A universidade da terceira idade é um movimento de grande sucesso em diversos países, uma vez que vem criando oportunidades de desafio intelectual e promovendo bem estar de adultos maduros e idosos, que estão em busca de um envelhecimento bem-sucedido.

De uma forma geral acredita-se que os programas sirvam como um espaço educacional, cultural e político, onde os alunos possam ter uma vida mais saudável na sociedade. Outra justificativa comumente apontada para a criação dessas instituições é a necessidade de proporcionar oportunidades de educação permanente e integral à terceira idade, porque esse é um direito do cidadão que envelhece.

Segundo Debert (2004) existem diferenças de como homens e mulheres percebem a velhice, e isto se manifesta na adesão aos diversos movimentos direcionados à sua faixa etária. Por exemplo, o público masculino está mais envolvido na luta pelos seus direitos como cidadãos e pela redistribuição da renda, e o público feminino na luta por mudanças sociais, haja vista a sua participação em diversos programas como grupos de convivência, universidades, etc. Esta geração de mulheres assistiu nos anos 60 e 70 a revolução sexual e o movimento feminista, que tiveram impacto na valorização de uma nova faceta da identidade feminina, a da mulher de meia idade, que era profissional com idéias de liberdade e direitos femininos no trabalho, com direitos a decidir sobre sua sexualidade, entre outros temas que viriam a reformar a face das relações entre os gêneros no trabalho e na vida social em vários lugares do mundo, inclusive no Brasil. Essas mulheres que não tiveram acesso às universidades quando jovens, hoje estão livres de suas funções maternas, e com disponibilidade de tempo, e ainda estimuladas pelos meios de comunicação de massa, veiculando mensagens sobre a atividade como forma de se manter jovem, procuram no programa Universidade da Terceira Idade um veículo para retardar o envelhecimento e realizar sonhos de ascensão social por meio do conhecimento.

Os Grupos de Convivência foram criados pelo Serviço Social do Comércio (SESC), com a mesma metodologia de serviço social e desenvolvimento da sociabilidade, que era usada para crianças, jovens e adultos. Sua programação foi destinada a preencher o tempo livre, compreendendo: desenvolvimento físico-esportivo, recreação, turismo social, biblioteca, apresentações artísticas, desenvolvimento cultural, cursos supletivos, cursos livres, assistência odontológica, refeições e lanches comunitários, medicina preventiva, educação para a saúde, trabalhos em grupo e assistência social (NERI, 1999).

Estes grupos estão espalhados por diversas regiões de nosso país, com adesão de inúmeros idosos, com uma proporção bastante significativa de idosas.

A pesquisa realizada pelo SESC Nacional e SESC São Paulo juntamente com a Fundação Perseu Abramo, cuja coleta de dados foi efetuada em 2006 com participação de 2136 idosos e 1608 não idosos, distribuídos nas cinco regiões do Brasil, lançou uma dentre as 117 perguntas efetuadas na pesquisa denominada: Idosos no Brasil – Vivências, desafios e expectativas na terceira idade, bastante relevante e pertinente para essa pesquisa: que é a participação em grupos de idosos, sua disseminação junto à sociedade e aos idosos, e seu objetivo como estratégia na integração social e na socialização dos mesmos, cujo termo que temos utilizado é grupo de convivência.

Segundo dados da pesquisa SESC e FPA, o nível de participação dos idosos nesses grupos é pequeno. Sessenta e quatro por cento afirmam que não conhecem e nem participam desses grupos. A explicação que foi considerada é que esses grupos atingem um perfil muito específico de idosos: mulheres, viúvas, aposentadas e/ou pensionistas, com escolaridade baixa, sem problemas graves de saúde (principalmente os que envolvem locomoção), sem grandes responsabilidades domésticas ou com outros membros da família. A idade das mulheres que freqüentam esses espaços fica entre 60 e 70 anos. Considerando de acordo com essa pesquisa outro dado constante é que as pessoas só se consideram velhas a partir dos 70 anos, quando a debilidade física começa a se fazer mais presente, podemos dizer que, na opinião dos próprios participantes desses grupos, a velhice não está nesses lugares.

Logo, estes dados e outros que constam nesse projeto nos ajudam a compreender que existem de fato, várias velhices e que muitos dos idosos brasileiros não estão em condições, e podem não ter interesse em se associar a grupos de convivência.

Outros grupos que, segundo a pesquisa do SESC e a Fundação Perseu Abramo, efetuada em 2006, contam com uma grande adesão de idosos, são os grupos religiosos. O catolicismo é o mais expressivo entre a população idosa brasileira participante da pesquisa com uma adesão de 73%, o que propõe questões sobre o futuro do pertencimento religioso no país. As religiões evangélicas estão em crescimento e incentivam seus fiéis à participação social. Com base neste cenário, é provável que tenhamos num futuro próximo, o adensamento dos idosos comprometidos com grupos religiosos.

Magalhães (1989 apud Ladislau, 2002) critica as atividades desenvolvidas pelos idosos nos grupos de convivência, argumentando que inúmeros idosos possuem dificuldades de adesão aos mesmos, bem como argumenta que muitos desses grupos nada mais fazem do que brincar com nossos idosos como se fossem crianças, encarando-os como *Homo Ludens*, conferindo-lhes total desprezo por sua experiência e sabedoria ao longo de uma vida.

É necessário levar em conta a diferença entre um projeto de vida e um programa de ocupação de tempo, despertar esse idosos para a necessidade de construir um projeto para sua vida, que lhe confira significado hoje, um significado que não pode ser do passado, mas sim do presente, levando-os a perceberem-se como sujeitos do tempo presente, com possibilidades e perspectivas de tempo futuro.

Para França & Soares (1997), cada dia cresce o número de instituições, empresas, universidades, que se dedicam a projetos e trabalhos com a Terceira Idade. Para as autoras é evidente ainda o reforço dos meios de comunicação, na cobertura e divulgação destas iniciativas. Torna-se claro que as pessoas idosas que freqüentam esses grupos sistemáticos

modificam positivamente suas vidas, tendo em vista a reconquista de sua auto-estima, a ampliação de suas amizades e o leque de atividades, que vão desde excursões, bailes, yoga e hidroginástica à participação em cursos e seminários, inserindo em suas rotinas prazer, lazer e conhecimento.

Entretanto, apesar desses benefícios tão visíveis, as autoras questionam até que ponto associar pessoas numa relação tão exclusiva a uma faixa etária, não poderá provocar uma outra forma de segregação?

Não discordamos dos benefícios oferecidos pelas atuais políticas e programas sociais e educacionais dirigidos à terceira idade, tais como: maior participação social, troca de experiências, diminuição do seu isolamento, aquisição de conhecimentos e, conseqüentemente, atualização sobre diversos assuntos; porém estas instituições ainda são insuficientes para assistir idoso como um cidadão e como um ser humano, pois estes programas além de contemplar os direitos, devem contemplar as necessidades, as preferências e as suas capacidades, reconhecendo a importância das experiências individuais dos sujeitos idosos e seus desejos. Não podemos simplesmente chegar até estas pessoas que tanto contribuíram com a construção de nossa sociedade e lhes impor uma forma pronta e dita como “perfeita” de envelhecer, reconhecer que nem todos estão dispostos a dançar, cantar, pintar ou até mesmo estudar, porém possuem direitos a envelhecerem com dignidade.

Poderíamos pensar que, contribuir com uma maior abertura nas relações interpessoais, que em qualquer época, pode ser um fator de ajustamento, na terceira idade poderá funcionar como um antídoto da depressão. Apesar da contribuição que os idosos já prestaram, quando jovens à sociedade, que tipos de atividades, associando diversas faixas etárias, poderiam ser promovidas de forma que a sociedade civil se organize e supra deficiências nos setores da saúde, educação e desenvolvimento social?

Porém, para que esta proposta pudesse ser viável, haveria primeiramente a necessidade de quebra dos preconceitos e estereótipos ligados à velhice, principalmente por parte dos nossos jovens, que segundo a Pesquisa feita pelo SESC e Fundação Perseu Abramo, cuja opinião é que os idosos são seres incapazes, desprezíveis, ultrapassados e, principalmente, desinformados.

Para Dumazedier (1990)

[...] a autoridade do velho é menos suportada pelas novas gerações, numa época de transição, em que os estilos de vida transformam-se com rapidez. Essa autoridade, às vezes baseada no respeito dos mais jovens, é mais comumente percebida como uma gerontocracia fundamentada num poder abusivo, num saber ultrapassado e numa incompetência do presente. (DUMAZEDIER, 1990 apud FRANÇA & SOARES, 1997, p.144)

Analizamos como é importante a realização de um movimento integrado e, sobretudo, que possa contribuir para a busca de soluções para a crise atual da família brasileira, onde vem ocorrendo afrouxamento dos laços familiares, enfraquecimento da autoridade paterna, repressão da infância, distanciamento entre pais e filhos. Todas estas situações reafirmam a necessidade da sociedade se preparar, com todas as suas gerações, para a troca de informação, comunicação e solidariedade, visando a que essa população possa envelhecer melhor e retardar uma dependência, principalmente física, que atinge hoje muitas pessoas com mais de 80 anos. As trocas geracionais não devem se limitar à família e aos programas e políticas governamentais, mas serem expandidas às instituições privadas e a outras representações da sociedade.

Para França & Soares (1997), os programas e pesquisas intergeracionais dirigidos à terceira idade são fundamentais para a quebra de preconceitos, resgate da auto-estima, reciclagem em relação aos novos conhecimentos, para a atualização em termos de padrões e normas morais e sociais e para tornarem-se seres participativos da sociedade. Afirmam ainda que a reciprocidade em dar e receber é o elo da interdependência que une os membros da sociedade. Interdependência é o fio condutor pelo qual as necessidades de todos os membros da sociedade são atendidas.

As autoras defendem que os idosos necessitam serem estimulados a dar de si não só para outros idosos, mas a interagir com todas as faixas etárias, pois deve-se estimular o uso total da capacidade produtiva em todas as idades.

Esta participação maior por parte dos idosos resultará em inúmeros benefícios: aumento da auto-estima, associada a uma prevenção da saúde física e mental daqueles que estarão de alguma forma contribuindo; diminuição do conflito intergeracional que poderá ser evitado, se a população idosa não mais se constituir como um fardo para os trabalhadores; diminuição do medo de envelhecer por meio de uma tomada de consciência que continuarão sendo úteis e respeitados no presente e no futuro, pois estarão beneficiando gerações passadas e futuras que também irão envelhecer, e quebra de preconceitos por parte dos idosos e por parte dos jovens que muitas vezes, acham os idosos pessoas ultrapassadas e incompetentes para viver o presente.

O desafio é e será incluir, na agenda de desenvolvimento socioeconômico de nosso país, políticas para promover o envelhecimento ativo, possibilitando qualidade às suas vidas. Criar condições para fortalecer as políticas e programas para promoção de uma sociedade inclusiva e coesa para todas as idades, reconhecendo o direito à vida e respeitando, sobretudo, as mais diferentes formas de querer envelhecer autônoma e dignamente.

#### 1.4 Idoso: A importância do trabalho e da aposentadoria

Em sua acepção mais geral, o trabalho designa toda atividade de transformação da matéria natural em produto voltado à satisfação de necessidades humanas.

Albornoz (1992) considera que o trabalho é esforço e resultado; é processo, ação e obra concluída.

Os primeiros trabalhos eram manuais. Com o desenvolvimento humano, criaram-se instrumentos para executá-los; instrumentos que serviam de mediadores do ato de transformação da matéria em produto.

Trabalho é: Tudo o que a pessoa faz para manter-se e desenvolver-se e para manter e desenvolver a sociedade, dentro dos limites estabelecidos por esta sociedade. E, o conceito de condições de trabalho inclui tudo que influencia o próprio trabalho, como ambiente, tarefa, posto, meios de produção, organização do trabalho, as relações entre produção e salário (SELL, 2002, p.25).

Para a vida de muitas pessoas o trabalho pode ocupar um vazio existencial e social, originando-se daí a sensação de que não se pode viver sem ele.

As diferentes formas pelas quais os sujeitos idosos percebem o trabalho e aposentadoria, podem ser ressaltadas pela história de vida de cada um. Entender a história de uma pessoa é também compreender o valor atribuído por ela ao trabalho.

O trabalho pode representar por um lado uma realização em si mesmo, a fonte de criatividade; porém, ele pode ser sinônimo de limitação, fadiga, alienação da pessoa. O que quer que ele seja, o trabalho representa um fator de integração e engajamento social. Durante toda sua vida, o sujeito é levado a considerá-lo como a seqüência lógica e natural de uma vida adaptada e normal. Mesmo nos períodos de infância e adolescência, ele já se prepara, com os estudos, para representar um papel profissional.

É um fator constitutivo do significado da vida das pessoas. As pessoas vivem ao redor de sua atividade profissional. Uma pergunta comum quando se conhece uma pessoa é Onde você trabalha? ou O que você faz?. A pessoa é vista conforme o papel que ocupa na organização, seu local e poder que desempenha.

É o principal organizador da vida humana. Horários, atividades, relacionamentos são determinados conforme exigências do trabalho; muitas vezes as organizações se tornam um sobrenome, um ponto de referência e prestígio.

O trabalho, como instituição, oferece às pessoas um ambiente estruturante, um sistema de referência. Através das instituições, as pessoas se tornam partes de um grupo

social, e encontram a partir dele sua identidade social, seu *status*, seu papel e seu engajamento social.

Em nossa sociedade, o trabalho é o lugar privilegiado das referências sociais. Ele estrutura o espaço, o tempo e as relações sociais, e como valor econômico, ele constitui o meio principal de independência da maioria dos trabalhadores. Ele pode ser associado à segurança econômica e, em certas profissões, à realização pessoal, na medida em que ele pode ser fonte de poder, de independência e de reconhecimento. Cada pessoa investe mais ou menos em seu papel profissional, segundo suas necessidades, motivações e aspirações.

O significado do trabalho na sociedade contemporânea pode ser pensado sob três ângulos, não necessariamente antagônicos: como fonte de realização pessoal que pode conferir *status* e constituir elemento de afirmação econômica; em sua dimensão instrumental, como elemento de apropriação da autonomia das pessoas, na qual a realização se torna secundária e a necessidade econômica fundamental, sendo o tempo dedicado ao trabalho ampliado na proporção inversa às possibilidades de ganho para a realização pessoal e como elemento que permanece central na constituição das identidades (SCALON; ARAUJO, 2005).

Considerando o contexto geral em que está inserido o papel do trabalho especialmente, nas culturas ocidentais, pode-se fazer referência à visão marxista em que o trabalho é uma das bases de sustentação do funcionamento das economias de modelo capitalista predominante no mundo em que vivemos, o mesmo reflete uma forma desenvolvida de sociedade mercantil baseada em relações de troca, na qual a riqueza é vista como acúmulo de mercadorias, e o trabalho é valorizado enquanto produto que gera (LEMOS, 2003).

Desde os primeiros anos de vida somos condicionados a certos pontos de vista, a encarar certos fatos como normais, ao invés de produtos derivados de uma determinada ordem sócio-econômica. Por exemplo, no próprio discurso dos idosos: *“É assim que deve acontecer, a gente deve dar lugar aos jovens, o nosso tempo já passou.”*

A naturalização da discriminação de alguns segmentos sociais como no caso aqui os idosos, está na base de sustentação de qualquer quebra de direitos “que se preze”. Na realidade, trata-se de uma licença para quebrar as regras maiores de convivência que é concedida, quando o outro, o explorado, o prejudicado, não é visto como um igual. Mais ainda, a sociedade, a partir desse fenômeno de naturalização, passa a não enxergar esse ser violado como sujeito de direitos humanos universais. É como se a sociedade dissesse: *“Se você é idoso, seu tempo não é agora, já passou, você já viveu, agora é a nossa vez...”*

Segundo Ferrigno (1991), as diversas instituições do sistema social se encarregam de veicular e defender uma ideologia que é conveniente aos interesses da classe dominante, e que oculta as relações de dominação e de exploração característica de uma sociedade como a nossa.

O tempo e o espaço para viver é concedido apenas aos idosos que permanecem ativos, que se encaixam em critérios pré-estabelecidos de “velhice bem sucedida”.

Verificamos que é nesse modelo de organização social que está inserida a atividade não remunerada dos idosos, que muitas vezes não são reconhecidos pela produção social oferecida, pois a valorização em nossa sociedade está no capital e não no trabalho, fato este que revela a submissão do homem ao trabalho não como um fim, mas como um meio para atingir às suas necessidades.

Para Bauman (1989), a história do trabalho sofreu modificações, o autor concorda que o mesmo ocupava uma posição central, pois era ele que valorizava as pessoas. O *status* de uma pessoa dependia sim do trabalho que ela exercia. No início do capitalismo, o trabalho ocupava uma posição essencial, pois ligava motivação individual à integração social.

Segundo Bauman (1989 p.115) “O trabalho era a norma moral principal que guiava a conduta individual, e o único ponto de observação de onde o indivíduo observava, planejava, e modelava o seu processo de vida, como um todo.”

Assim o valor e a dignidade eram atribuídos a critérios relacionados ao trabalho, e atitude positiva para com ele; atitudes como assiduidade, dedicação, presteza. O descrédito moral estava ligado à abstenção do trabalho, que era denegrada e ultrajada como: preguiça e ociosidade.

Segundo Bauman (1989), a vida individual ao ser planejada, tinha na profissão uma moldura da vida inteira; as pessoas definiam-se em termos de sua competência profissional e do tipo de trabalho que haviam aprendido.

No plano social, o trabalho funcionava como um treino para a vivência da pessoa como ser social. Nele, as virtudes da obediência e do respeito pela autoridade, os hábitos de auto-disciplina e os padrões de comportamento aceitável eram ensinados. Com o tempo, a posição essencial que o trabalho ocupava, foi perdendo espaço. À medida que o capitalismo foi se encaminhando para a fase consumista, houve um descentramento do trabalho. A liberdade de consumo passou a ocupar o lugar central e cognitivo do indivíduo.

A passagem para a fase consumista foi determinada pela opressão que os trabalhadores sofreram na primeira fase capitalista do trabalho. Ao perder a autonomia do

trabalho, as ambições do trabalhador voltaram-se cada vez mais para a aquisição de produtos (materiais, culturais e simbólicos), suscitando fortes interesses de consumo.

Diz Bauman (1989, p.117) “Os problemas de consumo receberam um poderoso impulso proveniente do seu papel de substitutos das ambições de poder permanentemente frustradas, como única recompensa pela opressão no trabalho, a única saída para a liberdade e autonomia arrancados ao sector maior e mais consequencial do processo de vida.”

O capitalismo foi marcado pela militância dos trabalhadores, com longas lutas nos sindicatos por melhores condições de trabalho, salários e pela quebra do poder dos patrões. Ao mesmo tempo a antiga “ética do trabalho” começou a ser substituída pela “ética do consumo”.

Na fase consumista do capitalismo, o trabalho é (quando muito) instrumental; são nas compensações materiais que se procuram e se encontram a realização pessoal, a autonomia e a liberdade, pois a busca é por melhores condições de vida (liberdade) fora do trabalho (BAUMAN, 1989).

Assim na sociedade pós-industrial que passou da produção para o consumo de bens e serviços, multiplicam-se as possibilidades de consumo. A única escolha que não existe é não consumir.

Bauman cita que a tendência humana para o prazer por meio do consumo caminha para a perpetuação.

Para o consumidor, a realidade não é inimiga do prazer. O elemento trágico foi excluído da tendência insaciável para a fruição. A realidade, tal como o consumidor a sente, é uma busca do prazer. A liberdade diz respeito à escolha entre maior e menor satisfação, e a racionalidade refere-se a escolher a primeira e não a segunda. Para o sistema de consumo, um consumidor que gosta de consumir é uma necessidade; para o consumidor individual, gastar é um dever - talvez o mais importante de todos (BAUMAN, 1989, p.123).

Na nova sociedade de consumo, ser pobre é não desempenhar o papel de consumidor; é ser incapaz social e politicamente. É viver a condição de heteronomia e de perda da liberdade individual (de consumo). É ter poucos direitos, é ser excluído da sociedade. Nesse sentido os idosos, com suas pequenas aposentadorias, diminuem seus rendimentos e ingressam nas fileiras dos pobres excluídos.

Isso nos faz pensar que a mesma sociedade que produz os pobres e os excluídos, desenvolve mecanismos para que não haja uma revolta: a ilusão que dias melhores virão, as telenovelas, os jogos que despertam a esperança de “tirar a sorte grande” (Loto, Sena), a aquisição de imitações baratas de roupas, acessórios, jóias.

Lembremos hoje do significado da frase tão divulgada atualmente: Vencer na vida: acumular riquezas e ostentar poder, freqüentar lugares caros, possuir o carro do ano, usar grifes, e assim passar a imagem de felicidade.

Em uma sociedade de consumo, a liberdade de consumo é a única alternativa para a opressão política e burocrática. Para a maioria dos membros da sociedade contemporânea, a liberdade individual surge como uma forma de liberdade de consumo com seus atributos agradáveis e desagradáveis.

Bauman (1989 p.141) lembra que “a liberdade de consumo e a liberdade de expressão não são politicamente dificultadas, desde que se mantenham politicamente ineficazes.”

Com base no pensamento de Bauman, podemos verificar que face a demasiada importância dada ao trabalho, porém hoje com mudanças quanto ao seu significado, não mais como forma de respeito e realização, mas principalmente como meio de obtenção de riqueza, luxo e poder, torna-se compreensível a impossibilidade do ingresso do idoso ao mercado de trabalho, mercado este que o desvaloriza e o discrimina duplamente (como idoso e como aposentado).

A própria identificação dessa problemática está ligada à esfera produtiva, que passou a ser notada de maneira mais evidente com o processo de modernização industrial, por que passaram os EUA desde o período entre as guerras mundiais até a década de 1960. No Brasil, a problemática da discriminação por idade começou a ganhar destaque a partir da década de 1980, com os processos de reengenharia e de modernização industrial, que iriam resultar no surgimento de políticas de demissão direcionadas, sobretudo aos trabalhadores mais velhos. Nos finais da década de 90, a onda de desemprego gerada em parte pelo processo da globalização da economia, mas principalmente pela desigualdade na distribuição de bens e de oportunidades sociais atinge especialmente os adultos mais velhos. Uma vez desempregados homens e mulheres com mais de 40 anos dificilmente encontram outra colocação compatível com a que perderam, dada a grande restrição no acesso aos empregos formais e a competitividade cada vez mais acirrada pelos postos que se disponibilizam. E assim, passam a ingressar na informalidade e a aumentar o contingente de subempregados, quando não permanecem numa situação de desemprego de longa duração.

Na crise social que se vivencia nos dias de hoje, os mais jovens também estão sofrendo o desemprego. As chances dos mais velhos são menores no mercado de trabalho. Em um sistema econômico como o nosso, que valoriza a juventude, o posto de trabalho para

idosos é mais difícil, pois são vistos como incapacitados, com reduzida força produtiva, raramente levando-se em conta a experiência adquirida pelos mais velhos.

Pela grande concorrência no mercado de trabalho exige-se, cada vez mais, um determinado perfil, considerado adequado. As empresas estão cada vez mais exigentes, esperando sujeitos muito qualificados, que demonstrem capacidade de responder as suas expectativas e exigências. Os empregadores poderiam valorizar os idosos, como consultores e treinadores, que teriam oportunidade de passar suas experiências aos mais jovens. Com isso, poderia ser ampliada a possibilidade de trabalho dos idosos, que não conseguem se manter com os reduzidos valores de aposentadoria. A empresa sairia ganhando, pois evitaria gasto com treinamento externo ou com longo período de aprendizagem do iniciante. A sociedade vive ainda sob os estereótipos e mitos em relação ao idoso.

São inúmeras as dificuldades do idoso na sua vida cotidiana, enfrentando preconceito por ser idoso, e também por estar aposentado.

Segundo Goffman (1982), o estigma é uma via de mão dupla; ora o estigmatizado é visto como um ser humano como os outros, ora como um ser limitado, devendo, por isso, restringir-se a sua “condição” (uma condição socialmente imposta). Estas palavras aplicam-se de modo exemplar aos idosos.

Restringir-se à sua condição significa submeter-se aos valores típicos de uma sociedade de consumo; uma sociedade que valoriza a juventude e preza tudo que é “novo”, que enaltece o jovem por tudo que ele representa em termos de atividade, sociabilidade, consumo e produtividade, apesar de tão evidentemente estar envelhecendo.

Trata-se de um ideário inerente à sociedade capitalista; sociedade alicerçada sobre os pilares da exploração do trabalho e da produtividade.

Convive-se com uma sociedade que tem muita dificuldade em lidar com as diferenças, que estigmatiza, que provoca sentimento de impotência e exclusão, ao afastar determinadas pessoas do mundo produtivo.

No entanto, de forma paradoxal, esse envelhecimento da força de trabalho brasileira esbarra em um problema social típico de países que vivem ou já viveram um aumento da expectativa de vida da sua população: o problema da discriminação por idade.

A imposição dos limites de idade é um critério que discrimina os trabalhadores mais velhos, pois até onde se sabe, não existem no mercado de trabalho, funções que só possam ser desempenhadas por profissionais de uma determinada faixa etária (PAULA, 2007).

No Brasil a cultura é preconceituosa, a partir do momento que inibe a conduta dos idosos em trabalhar e também a liberdade de decidir, o que é melhor para eles, com uma

conotação de demência e incapacidade de agir. Considero esta postura como uma exclusão social, que inibe a iniciativa de autonomia funcional desta pessoa. A sociedade não pode entender que apenas o lazer é qualidade de vida para o idoso, e que resgata a dignidade e o entusiasmo pela vida.

O desemprego ainda persiste, vemos a força de trabalho sendo substituída pelas novas tecnologias, como computadores e robôs. Pode-se dizer que o que mais se globaliza nos dias de hoje é a tecnologia, dificultando a inserção no mercado de trabalho. Na globalização da economia não existem chances iguais para todos, vencendo o que tiver melhores condições de competitividade. Convive-se com um mundo cada vez mais digitalizado e contraditório, em que as pessoas se sentem perdidas com a velocidade dos avanços tecnológicos, sendo obrigadas a evoluir rapidamente, em conhecimentos e habilidades, para serem incluídas no mercado de trabalho. As pessoas devem preparar-se e atualizar-se continuamente, para disputar a inserção no mundo do trabalho, para não sofrer com a exclusão, a pobreza e o desprezo. No entanto, este fato não depende apenas de sua capacidade, mas das possibilidades em geral. Cada pessoa tem sua história e seu ritmo de vida, o que engloba também as dimensões contextuais, relacionadas a fatores econômicos, sociais e políticos.

#### **1.4.1 Aposentadoria: Crise ou Libertação?**

Ao se admitir a importância que tem o trabalho na sociedade e na vida de uma pessoa, é possível compreender o que pode representar a perda deste papel no momento da aposentadoria.

De acordo com uma pesquisa feita com 150 trabalhadores norte-americanos, com idades entre 65 e 101 anos, a nova realidade das carreiras duradouras, possibilitadas pela maior longevidade da população, implica uma mudança profunda no perfil etário da força de trabalho, dado pela presença cada vez mais comum de pessoas que continuam desempenhando atividades profissionais após os 65 anos de idade (PAULA, 2007).

Essa maior longevidade conquistada também pela população brasileira e mundial trouxe à baila a questão do envelhecimento como problema sócio-econômico.

Segundo Rosa & Vilella (2003), o aposentado brasileiro é um dos mais jovens do mundo. Em média, passa para a inatividade aos 53,2 anos de idade. Na grande maioria dos países latino-americanos, o benefício só é dado a quem completa 60 anos e na Europa, 65. No Brasil, não há requisito etário para concessão de aposentadoria no setor privado. Há pessoas que receberam benefícios com menos de 45 anos.

No serviço público, o servidor civil se aposenta em média aos 56 anos. Três em cada 10 passaram à inatividade antes dos 50 anos de idade.

Rosa & Vilella (2003), declaram não conhecer outro lugar no qual é permitido se aposentar mais cedo que no Brasil. Apenas quatro países não exigem idade mínima para a concessão de aposentadorias no setor privado: Irã, Iraque, Equador e Brasil.

No artigo escrito por Rosa & Vilella, os autores citam o professor do Instituto de Economia da Unicamp Claudio Dedecca, que lembra que o aposentado brasileiro é jovem porque ingressa no mercado de trabalho muito cedo. Na Europa, a idade média para as pessoas começarem a trabalhar é de 23 anos. No Brasil, é de 14 a 15 anos.

De um lado, o aumento no número de idosos onera os cofres da Previdência, cujas regras e formas de arrecadação têm sofrido alterações drásticas em todo o mundo, com a elevação da idade mínima para a aposentadoria e do tempo de contribuição, sem contar as perdas salariais decorrentes desse processo. As crescentes dificuldades de acesso aos benefícios previdenciários torna imprescindível a permanência dos trabalhadores na vida ativa por muito mais tempo (PAULA, 2007).

Muito mais reconhecidos pelas limitações do que pelas possibilidades de novos arranjos, os idosos são freqüentemente, vistos pela sociedade como improdutivos e alavancadores de custos.

Vale ressaltar que esse sustentar aposentados é decorrente da prática adotada no país para pagamento das aposentadorias. Pelo sistema de repartição simples, a Previdência Social funciona como uma poupança em que vários participantes fazem todos os meses depósitos e retiradas, utilizando-se a denominação de ativos para aqueles que estão fazendo depósitos, e de inativos para aqueles a quem se destinam as retiradas. Os benefícios são pagos a partir das contribuições da grande maioria que ocupa atividades formais; torna-se relevante lembrar que os inativos de hoje já deram suas contribuições, que por sua vez ajudaram na concessão de benefícios aos outros, sendo fundamental uma administração eficiente para a constante operação do sistema, sem desvios que comprometam o recolhimento em função daquilo poupado anteriormente (LEMOS, 2003)

Lemos (2003), afirma que se torna fundamental compreender a riqueza envolvida na atuação dessas pessoas maiores de sessenta anos, e incentivar a revisão de valores e crenças que, por hábito, através do comportamento, representam ora aquilo que durante muito tempo nos foi ensinado a valorizar e ora o nosso sucesso mundano, e que tendemos a simples reprodução.

Porém apesar da disseminação da cultura da improdutividade e da incapacidade relacionada à terceira idade, inúmeras empresas têm verificado e comprovado o potencial dos idosos que por meio de seu trabalho, muito têm oferecido à sociedade, quando são oferecidas a eles oportunidades. O grupo Pão de Açúcar é um exemplo de empresa que investiu nesta parcela populacional e obteve bons resultados, pois segundo os próprios clientes, idosos são pessoas cuidadosas, responsáveis e tranquilas.

Tem crescido o número de vagas oferecidas a idosos no mercado de trabalho: porém ainda insuficiente para atender uma demanda tão expressiva de 25 milhões de aposentados, segundo dados do IBGE em 2002, muitos destes, em plenas condições mentais e físicas de trabalhar, trabalho capaz de favorecer sua autonomia, ajudar no processo de socialização, diminuir o duplo preconceito (contra o aposentado e contra o idoso) e recuperar o respeito tanto individual quanto social.

Ainda que muitos idosos não sejam considerados ativos, pelo modelo previdenciário ou não sejam geradores de renda de acordo com o sistema econômico fortemente baseado no capital, aportam com uma grande contribuição social mediante a realização de atividades não remuneradas prestadas às respectivas famílias ou comunidades.

Apesar de como vimos ter crescido o número de vagas para os idosos no mercado formal, a pesquisa do SESC/FPA, desenvolvida em 2006 com 2136 idosos, apontou que a maior presença dos mesmos no mercado de trabalho se dá em ocupações informais: 15 % deles (23% dos homens e 9% das mulheres) trabalham sem carteira assinada. Geralmente são temporários que trabalham por conta própria (12% do total, sendo 18% homens e 7% mulheres), em média 35 horas semanais (37 horas os homens e 31 horas as mulheres).

Podemos chamar estas pessoas de contribuintes sociais ativos, pois contribuem com a sociedade por meio de seu trabalho formal ou informal, com a comunidade por meio de seu trabalho voluntário que corresponde a um montante de 9% dos aposentados entre 60 e 79 anos, e com suas famílias por meio de serviços domésticos, administrativos e de cuidados aos netos, conforme pesquisa do HSBC no Brasil, com 1000 pessoas de diferentes regiões brasileiras, divulgada em 2007.

O presente estudo do HSBC no Brasil, feito com diferentes faixas etárias, também enfatizou o aspecto da assistência financeira, cujos resultados pontuaram que um quarto (25%) de todos os grupos etários, proveram esse tipo de assistência a algum parente ou amigo nos seis meses anteriores à pesquisa. A proporção daqueles que receberam alguma assistência financeira de algum parente ou amigo no Brasil, é menor a uma taxa de uma em cada dez (9%) em todos os grupos de faixa etária.

Outro resultado significativo desta pesquisa foi que 76% dos entrevistados demonstraram preocupação com a falta de dinheiro na velhice.

Dentre outros resultados da pesquisa do HSBC, um estudo grandioso que abrangeu 21000 pessoas de diferentes faixas etárias, e 6000 empregadores, em dez países, foram que: os participantes relataram que enquanto tiverem saúde e forem capazes, desejam cada vez mais ter alguma atividade durante sua aposentadoria, em vez de apenas descansar; a maioria esmagadora das pessoas rejeita a aposentadoria compulsória por idade; à medida que envelhecem, cada vez mais pessoas exigem condições de trabalho flexíveis; empregadores acham que os empregados devem continuar trabalhando independentemente da idade, desde que sejam capazes de fazer um bom trabalho, bem como dizem que os trabalhadores mais idosos são tão produtivos quanto os mais jovens; poucos empregadores, grandes ou pequenos, estão realmente preparados para a escassez global de aptidões que se aproxima, causada pelo envelhecimento da população.

Segundo dados da pesquisa feita pelo SESC/FPA, a aposentadoria atinge 64% dos idosos, sendo bastante diferenciada por gênero: 80% dos homens e 52% das mulheres são aposentados. As mulheres se aposentam mais por idade (28%, contra 24% dos homens), enquanto os homens se aposentam mais por tempo de serviço (15%, contra 41%). Os homens também se aposentam mais por invalidez (8% contra 15%).

De modo geral, os idosos não receberam preparação específica para a aposentadoria (95% dos idosos). Dos idosos que receberam preparação, 2% o receberam a partir de empresa privada e 3% do governo.

Ademais, temos de considerar o valor ínfimo recebido pelos aposentados, pois a maioria ganha o equivalente a um salário mínimo, o que os obriga a continuar trabalhando por questão de sobrevivência.

Mesmo entre os trabalhadores de maior qualificação, a aposentadoria representa para a imensa maioria uma inevitável e considerável perda em seus níveis de rendimento, o que os leva a disputarem vagas no mercado de trabalho, competindo diretamente com os mais jovens. Nos países desenvolvidos da Europa e nos EUA tem ocorrido uma diminuição no número de homens de 60 a 64 nos que recebem benefícios de aposentadoria. Na França, 68,8% dos homens pertencentes a essa faixa etária, recebiam benefícios previdenciários em 1965. Em 1990, a proporção caiu para 23,1%. Na Alemanha a queda foi de 78,1% para 31,5% nesse mesmo período considerado. Nos EUA, de 79,2% para 53,8%. O Brasil deve seguir essa mesma tendência mundial, tendo em vista o envelhecimento da sua população e as mudanças nas regras previdenciárias, porém de uma forma mais lenta devido ao processo do

envelhecimento brasileiro ser uma situação mais recente do que nos países europeus, cujos estudos merecem atenção premente.

Os motivos que levam o aposentado a continuar a trabalhar ou não são muito complexos. Busca-se entender estes, e as repercussões dessa opção em seu cotidiano. Deve-se levar em conta aspectos econômicos, quanto menor a renda, tanto maior será sua preocupação quanto à aposentadoria. Pessoas com problemas econômicos, no momento em que se aposentam, podem ter sua renda insuficiente para a sobrevivência.

Este fato é um forte motivo para que segundo pesquisa de 2006, com 2.136 idosos moradores em todo o país, efetuada por iniciativa da Fundação Perseu Abramo (FPA) com Parcerias do SESC Nacional e SESC São Paulo, constatou que 23% dos idosos aposentados estão trabalhando remuneradamente, incluindo trabalhos formais e informais.

O estudo do Banco HSBC mostra que 86% dos pesquisados com idade acima de 70 anos se sentem bem de saúde, e que essa faixa populacional continua a contribuir para a economia, seja com o trabalho remunerado ou com serviços voluntários.

Segundo a pesquisa, entre os brasileiros aposentados, 71% das pessoas gostariam de continuar trabalhando o máximo possível, até quando se sentissem aptas para isso, e não simplesmente pelo fato de terem atingido uma idade limite.

De acordo com o levantamento do banco inglês, cada vez mais os idosos sentem-se saudáveis e, portanto, dispostos a continuar trabalhando.

Dal Rio (2004) observou que o mercado de trabalho é muito grande e há áreas quase que intocadas, entre elas o trabalho de inclusão (Social, Econômica, Profissional) onde há muito para ser feito e as pessoas com grande experiência profissional e de vida podem efetivamente ajudar o país e o mundo a serem lugares melhores para se viver e se trabalhar. Enfatizando a importância de pesquisas sobre as novas habilidades como fator de inclusão do idoso (em especial a mulher) no mercado de trabalho, a introdução de habilidades voltadas à criatividade, ao relacionamento, a experiências de vida, a parte intelectual, entre outras, possibilita adaptação às novas ferramentas e inserção ao ambiente. A não obrigatoriedade de arcar com alguns encargos trabalhistas ou benefícios como o vale-transporte, tende a representar uma vantagem para o empregador do aposentado.

O responsável pela área de aposentadoria do HSBC em Londres relatou ser necessário possuir políticas específicas para esse grupo, que contribua de forma relevante para a economia dos países.

Verificamos uma divergência nos resultados das duas pesquisas, entre a efetuada no Brasil e a outra efetuada em outros países, com pessoas aposentadas: uma das questões que

nos chamou atenção foi sobre o real motivo de se continuar trabalhando; no Brasil o fator sobrevivência foi o mais destacado, muitas vezes até doentes, com necessidades de continuar desempenhando alguma atividade, na pesquisa internacional realizada pelo Banco HSBC, o idoso continua trabalhando pelo próprio prazer, podendo assim, optar por trabalhar ou não. Esta situação deve-se à precária vida dos aposentados brasileiros, aos irrisórios valores recebidos, que muitas vezes insuficientes para suas necessidades e de suas famílias, possuem inúmeros direitos políticos, sociais e humanitários desrespeitados e o salarial torna-se apenas mais um deles.

Nos estudos sobre este tema, podem-se constatar duas imagens que se opõem. De um lado a imagem da aposentadoria-reposou, a aposentadoria-feliz, a liberação do trabalho, tempo de aproveitar a vida, família e amigos, fazer tudo o que sempre se quis fazer, mas nunca houve disponibilidade devido a responsabilidade e o dever a ser cumprido. Por outro lado existe a aposentadoria-vazio, aposentadoria-solidão, a aposentadoria-infeliz. Esses dois modos de viver a aposentadoria remetem ao modo de viver o trabalho e o lazer.

No que se diz respeito ao lazer, existe de um lado a possibilidade concreta e material de desfrutá-lo. Como forma de consumo, o lazer está ligado à posição, “*status*” em um sistema de produção. Esta posição vai determinar o tipo de lazer ao qual a pessoa tem acesso, assim como o tipo de aposentadoria que ela terá (no plano material), sem desconsiderar toda a realização pessoal. Em termos econômicos, pode-se pensar que, se a pessoa pertence a uma classe mais abastada, ela terá uma aposentadoria melhor, pelo menos deste ponto de vista, terá melhores condições de lazer. No entanto, existem pessoas que, apesar de viverem uma situação econômica privilegiada, não conseguem dedicar-se a nenhuma atividade prazerosa e investem no trabalho como se ele fosse a única fonte de engajamento social. Para elas o trabalho é vida.

Ao passo que uma pessoa pobre que durante toda sua vida foi obrigada a viver sempre em função do trabalho, no momento da aposentadoria ela terá de retomar uma atividade remunerada, se possível, na medida em que sua aposentadoria poderá ser insuficiente para sua sobrevivência. Ou seja, dois problemas se apresentam: ela nunca teve tempo e nem dinheiro para desfrutar de períodos de lazer, nem para construir outros interesses, com a aposentadoria, ela continuará sem condições de ter este lazer além de sentir-se inútil, pois sempre esteve acostumada a trabalhar.

Por razões diferentes, estes dois casos acima ilustram exemplos de pessoas que construíram suas vidas em torno do trabalho.

Sendo assim, a maneira como o homem se relaciona com o trabalho faz que tenha concepções e significados diferentes, tanto do trabalho, como, conseqüentemente, da aposentadoria.

Segundo Santos (1990) a aposentadoria pode representar perda das estratégias de comportamentos eficazes organizados no quadro de uma situação conhecida e dominada; a perda do poder, da fonte de reconhecimento e aceitação; a perda da identidade sócio-profissional, acarretando assim uma reorganização da identidade pessoal.

Tanto o processo de envelhecimento, quanto de aposentadoria ocorrem de maneira diferente na vida de cada pessoa, e a forma com que são vividos e sentidos dependerá da vida social, da relação da pessoa com o trabalho, das relações familiares desta pessoa, dos papéis sociais que ela desempenha, do modo de ser de cada uma do suporte financeiro que representa, dos seus projetos e de muitos outros fatores que fazem parte de sua vida.

Para a sociedade capitalista que idolatra o trabalho, e a produção em detrimento do homem, a aposentadoria é freqüentemente a perda do próprio sentido da vida, “uma morte social”. A aposentadoria é, por um lado, um “repouso merecido”, isto é um direito conquistado pelos trabalhadores, ela é também a institucionalização da perda da capacidade produtiva, e em, conseqüência, a desvalorização do homem. A verdade é que a sociedade concede a aposentadoria, mas valoriza apenas as pessoas que produzem.

A aposentadoria é o atestado oficial do envelhecimento. Ela representa o fim de um longo período da vida. É uma situação agravada pela idéia da velhice e da morte. E, como em toda situação de mudança, a pessoa viverá uma perda, seja a perda de uma situação já conhecida, ou mesmo de um papel.

As transições de etapas ou estágio na vida podem ocasionar grandes crises.

Vries (2003) chama este período de síndrome da aposentadoria. O aposentado é mencionado em dados estatísticos e registros formais como percentual inativo. Em outras palavras, a aposentadoria é ligado ao ócio, sem função. O aposentado se sente descartado, sem planos para o futuro. Por tal motivo, a grande maioria das pessoas não aceita a aposentadoria. Muitos não pensam sobre o assunto e quando acontece vivem momentos de inquietação e crise. Na aposentadoria ocorre a perda de identidade profissional, devido ao término da atividade de trabalho. A grande maioria das pessoas não aceita o término do ciclo de produção em suas vidas.

Segundo Beauvoir (1990), na visão do homem, a aposentadoria introduz uma radical descontinuidade: há ruptura com o passado, o homem deve adaptar-se a uma nova condição,

que lhe traz certas vantagens: descanso, lazer; mas também graves desvantagens: empobrecimento, desqualificação.

Esta célebre autora estudiosa do envelhecimento humano reforça sua idéia quando afirma que a pior morte para um indivíduo é perder o que forma o centro de sua vida, e que faz dele o que realmente é. Aposentadoria é a palavra mais repugnante da língua. Seja escolha nossa ou imposição do destino, aposentar-se é abandonar nossas ocupações que fazem de nós o que somos; equivale a descer ao túmulo (BEAUVOIR, 1990).

Muitas empresas encontraram a solução na aposentadoria parcial. Os trabalhadores diminuem seu período de trabalho, mas continuam envolvidos nas atividades auxiliando, ajudando na evolução dos novos líderes e vivenciando, lentamente, sua mudança para a aposentadoria.

É importante pensarmos e estudarmos o assunto para neutralizarmos o problema, adequando-nos à realidade e assumirmos a transformação como um período a ser vencido. A aposentadoria pode ser não o fim das atividades, e, sim, o remanejamento e reorganização de outras atividades.

Para Fraiman (1986) a aposentadoria possui vários significados, e os classifica em: desejados (liberdade, usufruto), abominados (tempo de exclusão, perdas, dependência), previstos positivos (liberação do trabalho, tempo de lazer, desenvolvimento pessoal), previstos negativos (isolamento social, doença, depressão, alcoolismo, morte) e imprevistos (desde viuvez até ganhar na loteria, desde a desestruturação até a reconstrução de uma nova vida).

Na pesquisa efetuada pelo Banco Inglês, percebemos a importância atribuída ao trabalho pelos participantes não aposentados, sua disposição em continuarem profissionalmente ativos, com certa flexibilidade.

Com base nestes resultados, reforçamos nossa opinião sobre a integração social do idoso por meio de um trabalho, fundamental para o resgate de sua dignidade, de sua auto-estima, para o desenvolvimento de novas perspectivas, que em um futuro próximo, representará a mais longa etapa da vida, que deve ser vivida com todos os direitos de um cidadão, livre para continuar a se desenvolver.

Porém defendemos acima de tudo, a complexidade no estudo de todos os fenômenos, pois cada pessoa atribui o seu significado no tempo da aposentadoria, seja como um tempo de descanso, de não fazer nada, ou como um tempo para viajar, ou para freqüentar grupos de convivência, ou como um tempo para resgatar antigos sonhos ou talentos reprimidos, ou como um tempo para o trabalho, por prazer ou por necessidade, enfim seja qual for o significado do

trabalho, ele é único e pessoal. Este novo momento da vida exige um procedimento de reestruturação tanto do aspecto individual quanto do social, e tanto o Estado quanto nós, sociedade, devemos contribuir na construção de novas possibilidades, e com respeito por todas as escolhas e formas com que se deseja envelhecer.

#### **1.4.2 Questões de gênero no trabalho**

Segundo Oliveira (2005) o modelo de família que se baseia nos papéis de homem/provedor e mulher/dona de casa em tempo integral experimentou um declínio significativo a longo da segunda metade do século XX. Nos Estados Unidos, apenas uma quarta parte dos domicílios correspondia a esse modelo familiar em 1990. O declínio desse padrão familiar reflete as profundas transformações que ocorreram na esfera do privado, das relações de gênero e da intimidade, com repercussões na condição feminina. Essas transformações possuem estreita relação com as mudanças geradas pelo processo de reorganização do capitalismo em escala mundial.

Estas mudanças têm ocorrido em vários aspectos: nos costumes, na sexualidade, no casamento, afetando de forma marcante o padrão de família.

As transformações que têm se processado no espaço privado, como o aumento do número de divórcios, uniões consensuais e nascimentos fora do casamento, a diminuição do número de filhos, o aumento da idade média para casar, alteração nos tipos de arranjos familiares e nos padrões de conjugalidade. Tudo isto vêm provocando alterações na condição da mulher tanto no espaço público da vida social, quanto no espaço privado.

A família padrão que vigorou com mais intensidade até os anos 1950, na qual a mulher era dona de casa em tempo integral e o marido era o único provedor, foi perdendo a dominância em resposta às novas condições sociais. As barreiras sociais eram fortes, fazendo que a mulher não tivesse visibilidade fora do casamento e da família. A força da matriz patriarcal era intensa, isso se refletia na identificação da condição feminina com as “prendas domésticas”.

Essas transformações refletem o processo de individuação da mulher, o que repercute na autoridade patriarcal, desmantelando a estruturação da família tradicional, na qual o chefe detinha o poder de controle e decisão sobre todos os membros do grupo familiar. Os papéis sexuais familiares estão associados a valores e normas, bem como as funções que são atribuídas separadamente ao homem e à mulher. Esses papéis são diferentes e as funções a

eles associadas são socialmente valorizadas de forma desigual. As funções mais valorizadas são aquelas desenvolvidas pelo homem.

Desse modo, os papéis familiares: masculino e feminino estão relacionados a uma posição de *status*, que na sociedade urbano-industrial é definida de acordo com a profissão, o rendimento e o estilo de vida (OLIVEIRA, 2005).

Caberia ao homem o exercício das atividades de natureza instrumental, de provisão e de intermediação com o espaço público. Essas atividades se expressam pela vinculação masculina com o emprego remunerado e com a provisão da família. Já à mulher cômputo caberia o desempenho das atividades afetivas, que estão voltadas para o espaço privado da família. Essas atividades se relacionam com o cuidado dos filhos e do marido, bem como do trabalho doméstico.

Antes a função de provedor era exclusivamente do homem, hoje a provisão da família não é mais assegurada apenas por ele. Outros membros passaram a contribuir para o orçamento doméstico, cabendo à mulher cômputo, trabalhadora idosa ou não, um papel importante, de chefe de família e provedora.

A entrada e a permanência das mulheres no mercado de trabalho também possuem como motivação a realização individual, o desejo de autonomia e de independência, bem como a necessidade econômica, para a complementação da renda familiar, em especial em sociedades tão desiguais como a nossa. Disso deriva dois sentidos, que não se excluem mutuamente: o trabalho vivido como satisfação e o trabalho como obrigação e necessidade.

Nesse contexto, podemos dizer que o acesso das mulheres ao trabalho pago permanece condicionado pela vida doméstica e suas relações, como se fosse uma dimensão fora de suas vidas. Já com relação aos homens, seu acesso continua naturalizado, considerado um imperativo e percebido a partir de suas trajetórias, possibilidades de ganhos e de realização pessoal dentro do mundo do trabalho.

Segundo Oliveira (2005), pelo novo código civil de 2003 e visando adaptar as leis brasileiras no campo da família, às novas práticas sociais vigentes e reafirmar o princípio de igualdade entre os cônjuges à categoria "chefe de família", foi substituída pela categoria "pessoa de referência". Esta categoria foi instituída com a finalidade de eliminar, pelo menos no nível da linguagem, as desigualdades intrafamiliares de gênero.

Apesar de tantas mudanças na posição social das mulheres, a igualdade de gênero ainda está longe de se concretizar. Se é verdade que as mulheres se incorporaram ao mercado de trabalho, ele ainda é organizado com base no sexo dos trabalhadores. Muitos autores mostram que as atividades realizadas por mulheres são sempre mais precárias, seja lá qual for

o indicador com que se pretenda medi-las: renda, horas trabalhadas, formalização de ocupação. Além disso, em diferentes sociedades, não importando o nível de desenvolvimento em que estejam, as mulheres continuam sendo as únicas responsáveis pelo trabalho doméstico.

A percepção do trabalho doméstico, como uma atribuição feminina, não é uma opinião apenas por parte do universo masculino, conforme demonstrou uma pesquisa nacional financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj), realizada em uma amostra coletada em 2003 nos domicílios de duas mil pessoas maiores de 18 anos, e levantou-se a seguinte questão: “O trabalho do homem é ganhar dinheiro, e “O trabalho da mulher é cuidar da casa e da família”, os resultados foram que 45,1% das entrevistadas concordaram com a afirmação, ou seja, quase metade das mulheres apoiaram à visão de esferas separadas de gênero no trabalho e na família, apesar das mudanças sociais ocorridas no estatuto da mulher brasileira nas últimas décadas.

Esse resultado levanta importantes questões sobre o poder das ideologias patriarcais no país e seu nível de enraizamento entre as mulheres. Sugere também que os ideais igualitaristas feministas são menos compartilhados do que geralmente se reconhece (SORJ, 2005).

Segundo os resultados desta pesquisa intitulada “Gênero, trabalho e família”, acima descrita, não se encontram um padrão consistente de juízos morais sobre os papéis de gênero no trabalho e na família. As respostas apontaram para um importante campo de ambivalência, sugerindo a presença tanto de valores tradicionais quanto de valores igualitários no sistema cultural dos brasileiros.

Para ilustrar tal posição, citamos a questão “Ter um emprego é a melhor maneira de uma mulher se tornar independente?”, que contou com uma concordância de 92,4% das mulheres e 84,7% dos homens, porém o quesito “Ser dona de casa é tão gratificante quanto trabalhar fora?”, contou com uma concordância de 60,8% das mulheres e 66,4% dos homens (SORJ, 2005).

A partir da manifestação destas opiniões, procurou-se entender melhor sobre os fatores individuais que influenciam positivamente as atitudes em relação à igualdade de gênero e concluiu-se que são eles: a participação no mercado de trabalho; o nível de educação: mulheres mais instruídas apresentam um maior distanciamento do modelo tradicional de gênero que atribui aos homens o papel de provedor do lar e, às mulheres, o de responsáveis pelos cuidados com a família. As gerações mais jovens, também possuem idéias mais igualitárias de gênero e menos patriarcais.

Estas ilustrações nos levam a pensar que apesar de todas as mudanças sociais e culturais ocorridas até hoje, a cultura patriarcal ainda é muito forte tanto para os homens quanto para as mulheres, e que ainda não se encontra um padrão consistente de juízos morais sobre os papéis de gênero no trabalho e na família. As respostas a estas questões apontaram para um importante campo de ambivalência, que sugere a convivência de valores tradicionais e igualitários no sistema cultural dos brasileiros.

Refletindo sobre a questão da divisão sexual do trabalho e as diferentes formas de encará-lo, constatamos que para a mulher o acesso ao trabalho sempre esteve atrelado à sua vida doméstica e às atribuições de cuidadora da casa, dos filhos e do marido, nunca foi visto como algo inerente à sua vida e sim como unidade exterior à sua existência, como se pudesse ou não fazer parte de sua vida. O ponto de referência para a mulher foi sempre a família, há alguns anos atrás, o papel profissional era até mesmo desencorajado, o modelo mais valorizado, e mesmo imposto, era o de mulher/esposa, mulher/mãe e mulher/dona de casa.

Para o homem, o trabalho é visto como fundamental, necessário, sua inexistência é algo inconcebível, isto deve-se ao fato de o trabalho ter se tornado parte integrante de sua identidade, muitas vezes confundindo-se à própria vida.

Nesse contexto, pensando na condição da terceira idade e na questão da aposentadoria, podemos concluir que a aposentadoria não possui o mesmo significado para o homem e para a mulher. Para a mulher a aposentadoria não representa uma mudança abrupta, porém um novo estágio, e uma continuação em seu papel que sempre esteve ligado à família e à casa. A aposentadoria lhe permite voltar ao “seu lugar”, ao seu papel valorizado, podendo assim ser encarado de uma forma mais natural do que para o homem, que muitas vezes poderá se sentir um “estranho no ninho”, como se aquele espaço não fosse dele, como um invasor do domínio privado do lar, sendo que o espaço conhecido por ele, sempre foi o do domínio público, enfim o remanejamento de sua vida será mais difícil mediante o quanto maior era o espaço do trabalho na vida deste homem.

Contudo, não podemos nos esquecer de que as pessoas são diferentes e possuem necessidades diferentes, logo, outras mulheres podem encarar a aposentadoria como uma ameaça por se verem sem objetivos, com a partida dos filhos, uma viuvez ou até somente por deixarem o mercado de trabalho sem terem considerado o que fariam ao obterem a aposentadoria.

Fazer a passagem de uma rotina instalada em 30 ou 40 anos de existência, na qual seu papel e funções a identificavam com o papel social definido para a mulher, pode lançá-la num universo em que lhe falte perspectivas de como viver os próximos 20 a 40 anos.

Com o acesso maior ao mundo do trabalho, foi atribuído destaque ao papel da mulher nos estudos do envelhecimento populacional, visto que o processo de feminilização e as alterações nas relações de trabalho, já observadas no final da década de 90, deverão trazer elementos novos para a análise e para o direcionamento de políticas públicas voltadas para esse segmento etário (SUGAHARA, 2005).

Sendo assim, ele terá que atribuir novos sentidos à sua existência, buscar outros interesses, novas atividades, novos prazeres, retomar antigos ou construir novos projetos, enfim construir novos significados para sua vida; atitudes estas que poderiam ser facilitadas ou encorajadas, se nossa sociedade assumisse uma postura mais igualitária e menos preconceituosa com a terceira idade.

## CAPÍTULO 2 – MÉTODO

Buscando uma melhor compreensão do fenômeno a ser estudado e tendo em vista os objetivos norteadores desta investigação, optamos pela utilização da pesquisa qualitativa, que segundo Denzin & Lincoln (2006, p.17) “É uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo”. Esse método é o mais adequado para a compreensão do fenômeno na medida em que, de acordo com o paradigma qualitativo permite ao pesquisador uma interação dialógica com os participantes, a fim de com eles construir os significados atribuídos às suas experiências.

Esta pesquisa permite que as possibilidades sejam ampliadas e que as novas questões sejam geradas à medida que ela é realizada.

Na Psicologia, ciência cujo estudo da subjetividade se faz presente, torna-se necessária a utilização de métodos capazes de atingir o mundo dos participantes, sem com isso desconsiderar o mundo do pesquisador.

Secundariamente, à medida que a investigação participativa o exigir, recorrer-se-á a uma bibliografia adequada para melhor compreensão do contexto estudado, para a obtenção dos objetivos traçados.

“O delineamento adotado será o estudo de caso coletivo que significa estender o estudo a diversos casos instrumentais para ampliar a compreensão ou teorização a partir de uma coleção mais ampla de casos conexos.” (CHIZZOTTI, 2006, p.137).

De acordo com esse delineamento, procuramos analisar e compreender conjuntamente os casos, agrupando-os em três tipos: os que pararam de trabalhar após a aposentadoria, os que pararam e retornaram e os que continuam profissionalmente ativos, para possibilitar uma comparação de suas narrativas, com relação às repercussões de suas escolhas de vida, com o objetivo de compreender o significado do trabalho em seu envelhecimento.

### 2.1 Participantes

Os participantes foram nove aposentados, sete homens e duas mulheres, integrantes da AAPS - Associação dos Aposentados e Pensionistas da Sabesp, com diferentes profissões, alguns com cargos de chefia dentro da organização, de camadas sócio-econômicas médias e altas da população, sendo dois aposentados com nível médio de escolaridade e sete com nível

superior. Destes nove, três pararam de trabalhar após a aposentadoria, três pararam e retornaram e três continuaram profissionalmente ativos.

A Associação dos Aposentados e Pensionistas foi selecionada como sede da presente Pesquisa, devido ao seu grande número de associados e que segundo informação de seu presidente, alguns são bastante participativos, engajados em temas concernentes à aposentadoria e a questões relacionadas à velhice.

Os associados foram indicados pela própria instituição, com base em disponibilidade de participação, respeitando os critérios exigidos pela pesquisa, conheceram o teor desta, seus objetivos e todos os procedimentos para realização e os mesmos manifestaram sua livre e voluntária participação.

<b>PERFIL DOS ENTREVISTADOS</b>
---------------------------------

<b>APOSENTADOS QUE CONTINUARAM TRABALHANDO</b>			
IDENTIDADE	PM	ACJ	RG
IDADE	60	63	65
PROFISSÃO	Advogado	Auxiliar de Enfermagem e Podólogo	Desenhista Projetista
ESTADO CIVIL	Casado	Casado	Casado
FILHOS	Dois (29 e 21 anos)	Duas (35 e 33 anos)	Dois (35 e 29 anos)
TEMPO DE APOSENTADORIA	11 anos	13 anos	20 anos

<b>APOSENTADOS QUE PARARAM E VOLTARAM A TRABALHAR</b>			
IDENTIDADE	MA	JRG	I
IDADE	61	71	66
PROFISSÃO	Advogada	Engenheiro	Engenheiro
ESTADO CIVIL	Viúva	Casado	Casado
FILHOS	Uma (34 anos)	Três (31,35 e 38)	Quatro (39, 37, 34 e 32)
TEMPO DE APOSENTADORIA	10 anos	10 anos	5 anos

<b>APOSENTADOS QUE PARARAM DE TRABALHAR</b>			
IDENTIDADE	ML	A	S
IDADE	74	71	66
PROFISSÃO	Engenheira	Economista	Engenheiro
ESTADO CIVIL	Separada	Casado	Casado
FILHOS	Dois (37 falecido e 35)	Três (45,43 e 36)	Um (falecido)
TEMPO DE APOSENTADORIA	10 anos	22 anos	10 anos

## **2.2 Instrumentos**

Esta é uma pesquisa de natureza exploratória e será utilizada como instrumento de coleta de dados a entrevista parcialmente estruturada, que segundo Gil (2002, p.117), “consiste em uma entrevista guiada por relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso”.

Ela permite ao entrevistado expressar-se mais amplamente sobre cada tópico de interesse abordado pelo entrevistador e assim ser possível alcançar o objetivo da pesquisa.

Foi utilizado um roteiro norteador composto por temas relacionados aos objetivos da pesquisa, servindo como um guia para levantamento de questões que proporcionaram reflexões acerca do tema da aposentadoria e implicações no processo do envelhecimento na visão dos aposentados.

## **2.3 Procedimentos**

Foram efetuadas entrevistas com nove aposentados sendo três que pararam de trabalhar após a aposentadoria, três que pararam e retornaram e três que continuam profissionalmente ativos, a fim de conhecer por meio de narrativas suas histórias de vida, perspectivas e necessidades, o(s) motivo(s) de suas escolhas, questões e sugestões sobre o processo do envelhecimento, a aposentadoria e as atuais políticas públicas e como estas poderão contribuir para a cidadania efetiva do idoso.

As entrevistas foram previamente acordadas quanto a dias e horários para realização, gravadas e depois transcritas na íntegra e figuram como anexo ao trabalho da pesquisa ( p.115).

Para a execução das entrevistas, foi realizado encontro prévio com cada um dos participantes, onde os mesmos foram informados sobre o teor da Pesquisa, e autorizaram-na por meio de “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”, que foi lido e assinado, concretizando assim sua participação na pesquisa proposta, e encontra-se como anexo.

## **2.4 Análise de Dados**

Os dados foram analisados qualitativamente por meio da Técnica de Análise de Conteúdo, modalidade Temática.

As unidades podem ser reunidas em torno de um tema, uma proposição sobre o assunto ou um conjunto significativo de palavras que corresponde a uma idéia; em geral, uma afirmação que vai ser demonstrada, ou tratada, ou uma sentença com sujeito e predicado que exprime um significado a partir do qual são compreendidas as palavras significativas" (CHIZZOTTI, 2006, p.118).

Elaboradas à posteriori, as categorias ou temas foram codificados: os dados brutos foram sistematicamente reunidos e condensados em unidades que permitiram a descrição objetiva das características mais relevantes no conteúdo.

E por meio desta técnica, foi possível conhecer as crenças, atitudes dos participantes, a fim de possibilitar a descrição da história da experiência e dos significados que possui o trabalho e suas implicações na vida dos mesmos.

## **2.5 Discussão dos resultados**

Os dados apresentados nesta pesquisa são provenientes de entrevistas realizadas com nove aposentados, sendo três que pararam de trabalhar após a aposentadoria, três que pararam e retornaram e três que continuam profissionalmente ativos.

Os dados foram apresentados e discutidos em forma de categorias e subcategorias. Ambas foram construídas levando-se em conta os conteúdos que emergiram as falas dos aposentados participantes e analisados de acordo com a fundamentação teórica proposta nesta pesquisa.

Para uma melhor visualização e compreensão, as categorias e subcategorias de análise foram dispostas em um quadro, conforme apresentamos abaixo.

<b>CATEGORIA TEMÁTICA</b>	<b>SUBCATEGORIA</b>
1 - RELACIONAMENTO COM A FAMÍLIA ATUAL	1.1- Percepção acerca de seu relacionamento familiar antes e depois da aposentadoria, bem como diferença quanto ao tempo dedicado à família
	1.2- Contexto conjugal
2- RELACIONAMENTO COM A FAMÍLIA DE ORIGEM	2.1- Transmissão multigeracional de modelos familiares em sua vida pessoal
	2.2- Transmissão multigeracional de modelos familiares na prática educativa com os filhos
3- ASPECTOS SUBJETIVOS	3.1- Definição de velhice
	3.2- Arrependimentos de experiências vividas ou não vividas
	3.3- Expectativas quanto ao futuro
4- VALOR DO TRABALHO	4.1- Motivo (s) que os fizeram continuar ou não trabalhando
	4.2- Representação do trabalho para a auto-imagem de uma pessoa
	4.3- Gratificação obtida por meio do trabalho
5- GRUPOS DE CONVIVÊNCIA, UNIVERSIDADES DA TERCEIRA IDADE E O TRABALHO NA VELHICE	5.1- Opinião sobre os grupos
	5.2- Opinião sobre universidades da terceira idade
	5.3- Opinião sobre o trabalho na velhice
6- REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA VELHICE	6.1- Representação social dos idosos
	6.2- Imagem do idoso frente aos jovens
	6.3- Interação sócio-afetiva

## **CATEGORIA 1- RELACIONAMENTO COM A FAMÍLIA ATUAL**

Nesta categoria foi descrito o contexto vivido pelos aposentados e suas famílias.

Para tanto, ressaltamos os seguintes momentos da entrevista: sua percepção acerca de seu relacionamento familiar e ao tempo passado com a mesma, antes e depois da aposentadoria, e contexto conjugal.

### **Subcategoria 1.1- Percepção acerca de seu relacionamento familiar antes e depois da aposentadoria, bem como a diferença quanto ao tempo dedicado à família.**

Esta subcategoria discorre sobre possíveis mudanças relacionadas ao tipo de relacionamento estabelecido e ao tempo passado com a família, após a aposentadoria.

#### **Aposentados que continuaram trabalhando**

O sr. PM diz que não houve mudança, porque sua identidade profissional foi mantida.

*“Não, porque eu não parei de trabalhar, então eu não senti nenhuma diferença, nem nas tarefas que eu realizava, nem no tempo passado com ela, eu sempre fui um profissional e assim continuei com a aposentadoria, me dedicando às minhas atividades profissionais e recreativas, com minha família em relação a mim também nada mudou, o relacionamento é o mesmo, cada um com seu devido espaço, a única diferença é que eu recebo o meu benefício.”(PM)*

No relato do aposentado (PM) percebemos a inalteração qualitativa e temporal do relacionamento mantido com a família, as tarefas desempenhadas pelo mesmo e por sua família permaneceram iguais, com cada membro desempenhando as suas atividades.

*“Não! Mas eu acho que a mudança na minha vida e nos meus relacionamentos ocorreu mesmo com o meu enfarte. Pois foi aí que eu parei e passei a ver outras coisas, depois da aposentadoria eu continuei trabalhando na clínica. Foi com a minha doença que eu mudei.”(ACJ)*

Para o aposentado A.C.J, a mudança mesmo em sua vida ocorreu após sua doença e não após sua aposentadoria.

### **Aposentados que pararam de trabalhar**

*“...Eu já havia me programado para não fazer nada, e foi muito bom me dedicar ainda mais a minha família, sempre tive um ótimo contato com minha família, e não via a hora de passar mais tempo com ela, você veja meus filhos casaram e foram morar perto da minha casa, todos tem a chave da minha casa, me dou muito bem com todos...” (A)*

O aposentado retrata ter sido bom o não trabalho, pois pode dedicar mais tempo à sua família, cujo relacionamento descreve como ótimo.

*“Me aposentei porque queria ter uma melhor qualidade de vida, ter mais tempo para cuidar de mim, de minha esposa, ... até porque minha esposa estava se sentindo muito sozinha depois que meu filho morreu...”(M)*

O aposentado se aposentou e não voltou a trabalhar para ter mais tempo para cuidar de si e de sua esposa.

### **Aposentados que pararam e voltaram**

*“Não, isso eu não posso dizer que depois da aposentadoria passei a ter muito mais tempo pra minha família, até porque voltei a trabalhar, desenvolvi uma nova profissão e me dedico a ela, mas não me sinto culpada por isso, pois o tempo que fico com meu neto e com minha filha é precioso e tem muita qualidade, almoçamos aos domingos, vamos passear, somos uma família que se ama, e fazemos questão de dizer isso uns aos outros.”(M.A.)*

A aposentada explica que o tempo dedicado à família depois da aposentadoria, não é quantitativamente maior, mas qualitativamente sim, e bem aproveitado por todos.

*“...tenho três filhos do meu primeiro casamento, todos homens casados, um é arquiteto, o outro designer e o outro educador, tenho quatro netos, tenho um excelente relacionamento com eles, cada um gerindo sua vida, uma coisa leve, gostosa, sem cobranças, e com minha esposa também, e acho que o fato de eu trabalhar e ter minha vida contribui para isso.”(JRG)*

O aposentado relata possuir um bom relacionamento com sua família e diz que isto se deve ao fato de ele estar trabalhando.

*“Acho que a boa vida em família depende de cada um respeitar o espaço do outro, ter sua vida, caso isto não aconteça, as pessoas acabam sufocando umas as outras, digo isto em relação aos meus filhos e em relação à minha esposa, por isso resolvi voltar a trabalhar.” (I)*

O mesmo considera fundamental para o bom relacionamento familiar cada um ter o seu espaço, a sua vida individual, por isso decidiu voltar a trabalhar.

### **Subcategoria 1.2- Contexto conjugal**

Nesta subcategoria foi levantada a questão da satisfação profissional da esposa, a fim de conhecer semelhanças ou diferenças entre as escolhas profissionais e pessoais de ambos.

O senhor PM diz que a esposa não está satisfeita no trabalho.

*“Não, porque ela gosta mesmo é de trabalhos manuais, mexer com plantas, orquídeas, ela tem em nossa casa, orquídeas belíssimas e ela até acha que este trabalho poderia ser rentável a ela, ela tem máquina de tricô, faz casaquinhos de crochê, ela gosta de trabalhos que não fiquem submetidos a horários, lugares fechados, pegar trânsito, mas ela não conseguiu também...” (PM)*

Segundo a percepção do aposentado, a esposa não conseguiu realizar-se profissionalmente, pois nunca gostou de trabalhar em lugares com rotinas rígidas, e sim fazer algo que oferecesse a ela maior flexibilidade de horários e que fosse algum trabalho manual. Atitude muito parecida com a do marido (PM), ao decidir mesmo após a aposentadoria continuar trabalhando em um escritório fechado e com regras pré-estabelecidas.

### **Aposentados que pararam de trabalhar**

*“... eu e minha esposa temos um ótimo relacionamento, apesar de depois de trabalhar eu passar o tempo todo em casa, cada um têm os seus afazeres.. e a minha esposa preferiu que eu ficasse em casa com ela, estamos sempre juntos...” (A)*

Percebemos que a esposa do aposentado mostrou-se satisfeita com sua decisão de não mais trabalhar, pois assim os dois poderiam passar mais tempo juntos e se dedicarem mais um ao outro.

### **Aposentados que pararam e voltaram a trabalhar**

*“-Nossa, e como minha esposa trabalha!!! Mais do que eu, é também por isso que eu a admiro tanto... Trabalho é tudo na vida de uma pessoa, é sua essência, a pessoa não deveria parar nunca” (JRG)*

A esposa valoriza o trabalho tanto quanto o aposentado, um ponto que os dois têm em comum e faz que o mesmo a admire.

## **CATEGORIA 2- RELACIONAMENTO COM A FAMÍLIA DE ORIGEM**

Conhecer as relações dos participantes com suas respectivas famílias de origem.

Elencando subcategorias com o propósito de perceber a transmissão multigeracional de modelos familiares em sua vida pessoal.

### **Subcategoria 2.1-Transmissão multigeracional de modelos familiares em sua vida pessoal.**

Procurou-se perceber os padrões de repetição vividos pelos aposentados em suas escolhas de vida.

### **Aposentados que continuaram a trabalhar**

*“Por que eu pretendia exercer a função de advogado, os caminhos foram me levando para outros caminhos, as oportunidades foram aparecendo neste sentido..., eu não fui buscar necessariamente o que eu gostava, as oportunidades que foram aparecendo, e eu fui aproveitando.”*

*“Você tem dois caminhos, você começa a trilhar este (mostra) e aí você encontrar mil problemas, dificuldades, e aí você opta pelo outro e começa a dar certo, é mais fácil, eu tive o livre-arbítrio, mas ele perdeu, você entende!!!,(riu). Você vê que a coisa não encaixa, isto não deixa de ter sido o destino, como que as oportunidades ocorrem, o outro caminho é mais fácil do que aquele que você queria, com meu pai também foi assim... ele queria ser marinheiro, estourou a revolução em 32, quando ele chegou em São Paulo, e aí ele teve que ficar lá como radiotelegrafista do exército, passou a ser a profissão dele para o resto da vida, não é um pouco de destino” (PM)*

*“...Parece que Deus é até meio irônico, fala de livre arbítrio, mas você sabe que não é bem assim,”(PM)*

*“... o brasileiro, acha que tem que ter o filho para o resto da vida, porque o brasileiro quer ser amigo dos filhos, e eu acho que não dá para misturar as coisas, você não pode dar muita moleza, e amanhã não fica aquela coisa de amigo, e amanhã quando o pai se for não fica aquela coisa ah! Eu não vivo sem meus pais, não eu vivo normalmente, o que deve ficar é o respeito isso sim, mais não esse grude, foi esta a relação com meus pais, com a função de educar, encaminhar, e ser duro quando tem que ser duro e pronto e o que fica: o pai... meu pai era duro...” (PM).*

*“Ela cuidava da casa, tinha roupa, comida, enfim não sobrava muito tempo para cuidar de filho, e o nosso relacionamento (riu), cada um pro seu lado também, nada muito unido não!, nunca fomos de conversar, meu pai trabalhava de dia e de noite” (PM).*

*“Ou as pessoas amam o que fazem, ou então... elas devem ter muita disciplina. No meu caso foi muita disciplina...”(PM)*

Assim como seu pai, PM desistiu de seu sonho de ser professor de Educação Física e preferiu ser advogado, atitude que segundo o mesmo foi devido ao “destino”, seu livre-arbítrio não foi mais forte, do que sua missão familiar.

Bem como seu pai PM priorizou sempre a disciplina ao prazer de realizar-se em uma profissão, o medo da mudança, o apego à obrigação, fizeram que PM assim como seu pai se conformasse com uma atividade desprazerosa e não realizadora, mesmo depois da aposentadoria quando poderia finalmente realizar-se, não conseguiu fazê-lo.

*“Nossa mãe nunca pegou a gente no colo. Eu sou frio como ela”.(RG)*

Sua dificuldade de expressar afeto o mesmo diz ser igual a sua mãe.

### **Aposentados que pararam de trabalhar**

*“Herdei muita força de meu pai, trabalhador, homem humilde, honesto não parava nunca, sempre pensou na família, assim como eu, tudo o que fiz foi para dar o melhor dentro de minhas limitações. Faleceu com 80 anos e trabalhou até os 78, mas ele necessitava de trabalhar”.(A)*

A transmissão multigeracional de modelos familiares, que pode ser percebida através da importância atribuída ao trabalho e à família. No entanto a mesma parou de trabalhar, apesar de emitir um claro desejo em continuar, dentre outros motivos cita uma grande perda familiar, que a desmotivou a voltar.

*“...A engenharia foi influência dele, eu fui para a área dele que era saneamento, quando eu entrei no DAE e era engenheiro lá...” (ML)*

A escolha profissional da aposentada teve uma grande influência paterna, pois o mesmo assim como a aposentada também era engenheiro e ambos trabalharam na mesma empresa.

*“...tanto meu pai quanto minha mãe não eram muito carinhosos, acho que por isso eu sou assim, meio frio, tenho dificuldades de expressar meus afetos. Puxei meu pai sempre preocupado com suas tarefas, extremamente disciplinado, exigente consigo e com os outros...” (S)*

O aposentado diz que a dificuldade de expressar-se herdou de seus pais e a disciplina tanto consigo quanto com os outros também herdou de seu pai.

### **Aposentados que pararam e voltaram a trabalhar**

*“Minha mãe sempre foi uma guerreira, meu pai também sempre foi muito bom, mas as mulheres da minha família são mais despachadas que os homens..., mãe é tudo de bom na nossa vida, nosso alicerce, nosso porto seguro.... ela até hoje é muito forte, mora sozinha com 92 anos, claro doente, magrinha, mas ainda vejo nela aquela mulher de fibra que sempre foi o meu espelho, uma mulher forte, mas muito carinhosa e amorosa, sempre procurei ser como ela.” (M.A.)*

*“Mas na minha família sempre cuidamos de nossos idosos, eu vi minha mãe cuidando da mãe dela até morrer bem velhinha com 100 anos, e como não cuidar e não valorizar a minha mãe se foi isso que eu sempre aprendi com ela: a valorizar as pessoas, a ajudar as pessoas...” (M.A)*

Sua mãe sempre significou força para ela, sua referência, seu espelho, um exemplo que ela sempre seguiu e admirou.

*“Em todos estes anos de trabalho sempre procurei me dedicar muito, acho que sou como meu pai, disciplinado, exigente, trabalhador ao extremo!!...” (JRG)*

Quanto à grande dedicação ao trabalho, ele afirma ser influência da educação oferecida por seu pai.

Podemos denominar os eventos ocorridos nos contextos das famílias acima, o que Bowen (1991) chamou de processo de transmissão multigeracional de modelos familiares; para ele as famílias repetem-se a si mesmas, e o que sucedeu numa geração tenderá a aparecer em gerações subsequentes, ainda que de forma diferente.

Para o autor estes padrões de repetição de geração em geração durante longos períodos de tempo, levam os diferentes ramos de uma família a alcançar níveis mais baixos ou mais altos de diferenciação.

Segundo Bowen (1991) o nível de diferenciação é aquele em que o ego se funde ou se incorpora a um outro ego, numa relação emocional íntima. A função egóica é mais intensa nas famílias que possuem menor maturidade, logo, o nível de diferenciação de seus membros será menor: quando estiverem fusionados uns aos outros, a tendência a repetição dos padrões da geração anterior será maior; ou seja quanto maior a diferenciação, maior será a possibilidade de mudança dos padrões.

### **Subcategoria 2.2- Transmissão multigeracional de modelos familiares na prática educativa com os filhos.**

Neste item pretendíamos compreender a influência destes padrões repetitivos de outras gerações na educação parental.

*“O nosso relacionamento é normal de pai pra filho, pai é pai e não amigo, o relacionamento é uma coisa meio truncada, não é uma coisa assim..., nós conversamos, mas não é próxima... hoje melhorou, ele estuda, fica fora, então as coisas são diferentes, deixa pra lá.” (PM)*

O padrão de repetição também aparece na relação com seu filho, na falta de diálogo, no distanciamento entre pai e filho, presentes nas duas gerações.

### **Aposentados que pararam e voltaram a trabalhar**

*“Em todos estes anos de trabalho sempre procurei me dedicar muito, acho que sou como meu pai, disciplinado, exigente, trabalhador ao extremo!!! E sempre procurei passar isto para meus filhos...” (JRG)*

O mesmo padrão educacional advindo de seu pai, o aposentado diz passar a seus filhos, em relação à importância atribuída ao trabalho.

No ponto central da diferenciação do “ego” situa-se a relação primária de uma pessoa com seus pais, e este nível de diferenciação do ego paterno, se estabelece pelo relacionamento destes com seus respectivos pais, que determina o quão longe pode ir o grau de autonomia da família. (BOWEN, 1991)

Isso no entanto, não impede que haja repetições, embora quanto maior a autonomia das gerações posteriores, mais adaptadoras as circunstâncias e contextos são os padrões adquiridos na família de origem.

### **CATEGORIA 3- ASPECTOS SUBJETIVOS**

Nesta categoria foram trabalhados pensamentos, sentimentos e experiências vividas em sua atual fase do ciclo vital.

Foram levantadas como subcategorias: o que é a velhice, exploramos possíveis arrependimentos de experiências vividas ou não vividas, e expectativas quanto ao futuro.

#### **Subcategoria 3.1- Definição de velhice**

Objetivou-se por meio desta subcategoria conhecer a opinião sobre o que é ser velho; para compreendermos um pouco seus sentimentos e pensamentos em sua atual fase do ciclo vital.

#### **Aposentados que continuaram trabalhando**

*“Uma etapa da vida, só isso, que você tem que aceitar as limitações impostas por ela... etapa boa por que lhe traz mais serenidade, tranqüilidade, maturidade, sabedoria, bom senso, adquire umas coisas e perde outras”.(PM)*

*“...com apenas uma palavra: Vivência”.(PM)*

*“...maturidade, tranqüilidade, renascimento. Uma etapa que se você souber viver, pode ser muito boa em sua vida, claro se você conseguir chegar nela com saúde e um mínimo de dignidade.”( A.C.J.)*

Segundo opiniões desses aposentados a velhice pode ser algo muito bom, que pode ser bem vivida, se for encarada como uma etapa de renovação.

*“Tristeza, decadência, ficar senil, enquanto isso não acontece tá bom, só tenho medo de ficar doente e acabar precisando dos outros.” (RG)*

No entanto também existem aqueles que ressaltam mais os aspectos negativos, inúmeras deficiências e dependência, fator da velhice mais temido pelo aposentado.

### **Aposentados que pararam de trabalhar**

*“... penso que velhice é estar mais perto do fim da vida e sentir medo disto, e não poder fazer nada para evitar...” (A)*

*“Bem pra mim, é um momento triste que não deveria chegar nunca, pois com o decorrer da vida você vai contabilizando muitas tristezas, claro também vitórias, mas ao chegar na velhice, as tristezas ficam ainda mais fortes, você fica mais nostálgico, e acaba vivendo muito do passado e acho que isso não é bom.” (S)*

Os dois aposentados têm uma visão triste, melancólica da velhice, eles a vêem como um momento triste, sem perspectivas, sem futuro, em que se vive de experiências passadas.

### **Aposentados que pararam e voltaram a trabalhar**

*“Experiência, e não invalidez, recomeço e não morte, ora de recomeçar uma nova vida, com mais liberdade, de fazer o que você quer e não ligar para o que os outros esperam de você. Enfim, hora de pensar em primeiro, segundo e terceiro lugar em você!!! Oh Coisa boa que é amadurecer assim, com esta liberdade, de bem com a vida!” (M.A)*

A aposentada possui uma visão positiva da velhice, encara-a como uma fase ótima para ressignificar seu modo de ser, pensar e agir.

*“Velhice pra mim é: restrição física de algumas atividades, enriquecimento espiritual programado, e acredito na importância desse lado espiritual, sou espiritualista, e acho que essa doutrina me ajuda muito, inclusive a enfrentar a velhice e algumas limitações que vem com ela, e também me ajuda a pensar que enquanto estou neste mundo tenho uma missão, logo não posso ficar parado vendo a vida passar...” (JRG)*

O aposentado diz que é espiritualista e que esta doutrina o ajudou muito, inclusive a aceitar algumas limitações desta nova etapa de sua vida, que é a velhice.

*“Perdas biológicas, “déficits” diversos, porém também reestruturação, recomeço, tranquilidade, pelo menos para os que têm uma velhice digna, uma boa família, que tem seus direitos básicos de saúde, moradia, amparo preservados, para os que não conseguem usufruir destes, acho que a velhice é triste, dura, feia mesmo” (I).*

Para o aposentado a velhice significa algumas perdas, mas também alguns ganhos, pelo menos para os idosos que possuem suas necessidades básicas preservadas.

Estas várias definições reforçam o que diz Beauvoir (1990) Que a velhice é um fenômeno biológico e cultural, e mais, é como uma totalidade biossociocultural; é uma totalidade complexa, e é impossível se ter uma compreensão da mesma a partir de uma descrição analítica de seus diversos aspectos. Cada um dos aspectos reage sobre todos os outros, e é somente a partir da análise do movimento indefinido da circularidade relacional dos vários elementos, que se pode apreender a velhice.

Portanto, como vimos pelos depoimentos apresentados, não há apenas uma única forma de envelhecer, mas diferentes que levam em conta diversos aspectos relativos a gênero, etnia, classe social...

### **Subcategoria 3.2- Arrependimentos de experiências vividas ou não vividas**

Foram elaboradas aqui situações vividas de arrependimento por terem e por não terem sido vividas.

#### **Aposentados que continuaram trabalhando**

*“Olha foram muitas coisas de que eu me arrependo, por exemplo, são tantas coisas, que fica até difícil. Me arrependo de ter trabalhado na Sabesp por 23 anos deveria ser saído antes, me arrependo de não ter feito faculdade logo que saí do colégio, me arrependo de não ter ido para o interior mais cedo, me arrependo de não ter ido buscar as coisas, de não ter tido consciência, mas a vida é assim... me arrependi, de repente se eu tivesse feito Educação Física, eu acho que eu poderia ter me dado melhor”.*(PM)

O aposentado PM retratou situações das quais ele se arrependeu: de ter trabalhado por tanto tempo em um emprego que não o realizava, de não ter feito a faculdade de Educação Física, de não ter ido viver no interior em contato com a natureza, e dessa forma segundo o mesmo ele poderia ter se dado melhor.

Foi questionado também, porque depois da aposentadoria, não retomou o seu antigo sonho de ser professor de Educação Física.

*“Porque não tinha mais nada a ver, não tinha mais sentido, começa a ficar velho...E agora eu penso em trabalhar ao ar livre, sem horários, coisas que me dão satisfação, Educação Física ficou no passado, agora é outro objetivo mas é tudo a mesma linha, eu não quero*

*trabalhar em um escritório fechado 8 horas por dia, estou planejando para não mais fazer...”(PM)*

*“...eu nunca fui um pai muito amoroso para elas, nunca fui de beijar, abraçar, eu nunca tive isto, eu até me arrependo disso, de não ter ficado mais junto com minha família, mas eu pensava muito que a minha parte era só essa, dar o sustento...” (A.C.J)*

O mesmo se arrepende de não ter estado mais tempo ao lado de sua família, porém devido ao seu contexto de vida, sempre achou que fosse um papel apenas destinado à mulher.

### **Aposentados que pararam de trabalhar**

*“...talvez eu devesse ter feito faculdade quando eu era mais jovem...” (A)*

Arrepende-se de não ter feito faculdade.

*“Apesar de tudo, não sou uma pessoa infeliz, e não me arrependo de nada que fiz e nem do que não fiz, dentro do mundo que conheci não poderia ter feito diferente...” (S)*

O senhor S. considera que fez tudo o que poderia dentro de sua experiência de vida.

### **Aposentados que pararam e voltaram a trabalhar**

*“Graças a Deus não! Até o fato de ter casado com um homem que me causou tanto transtorno, eu não posso reclamar, primeiro porque ele me deu uma filha maravilhosa e conseqüentemente um neto e foi através de todo este sofrimento que pude me dar conta da tamanha força que tenho, então me arrepender de quê? Não, não, não com certeza não, de nada!!!”(M.A)*

A aposentada declarou que até uma escolha que poderia lamentar, não o faz porque pôde perceber sua força diante das adversidades da vida.

*“De não ter me preparado tão continuamente... acho que precisaria de mais, quando você é jovem você deve aproveitar todo o seu potencial para se desenvolver, e eu acho que com o*

*potencial que tive poderia ter dado mais e ter sido mais. Mas tudo bem, o importante é que não parei...” (JRG)*

O aposentado pensa que deveria ter se esforçado mais no seu passado, pois tinha condições para isso.

*“Não, acho que não existe nada de que eu me arrependa, nem que fiz e nem que não fiz, sempre fiz tudo que me propus, e por outro lado não sou um cara impulsivo, sou engenheiro, penso, calculo bastante antes de tomar qualquer decisão, sendo assim, posso te responder que não, certamente não.”(I)*

O engenheiro diz que não há nada em sua vida de que possa se arrepender.

### **Subcategoria 3.3- Expectativas quanto ao futuro**

Nesta subcategoria procuramos conhecer os projetos, planos e sonhos para o futuro dos entrevistados.

#### **Aposentados que continuaram trabalhando**

*“Eu tenho oportunidade agora, pois vai sair uma herança e eu vou poder trabalhar com plantação, pecuária, este é meu objetivo,..e agora eu penso em trabalhar ao ar livre, sem horários, coisas que me dão satisfação, eu não quero trabalhar em um escritório fechado 8 horas por dia, estou planejando para não mais fazer... eu quero mexer com a terra, criar gado, mas eu vou trabalhar as horas que eu quero, dormir a hora que eu quero” (PM)*

O aposentado PM discorre sobre seu sonho de trabalhar ao ar livre, sonho não realizado até agora, apesar de aposentado há anos e da independência de seus filhos.

*“Olha eu não penso no futuro não, a minha vida é agora com tantas oportunidades de viver, conhecer pessoas, aprender a cada dia, tenho tido oportunidade até para me conhecer melhor, meu corpo, que nunca tinha prestado atenção, eu estou voltado pra isso também, mas pro hoje”.(A.C.J)*

O senhor (A.C.J) têm vivido e aproveitado o presente, não pensa no futuro.

*“O que pretendo é continuar trabalhando até o fim dos meus dias... gostaria de conhecer a terra de meu pai, que ele tanto falava: a Itália...” (RG)*

O aposentado gostaria de continuar trabalhando até morrer, e conhecer a terra natal de seu pai.

### **Aposentados que pararam de trabalhar**

*“Olha eu não tenho muitas, tenho muito medo, muita preocupação de ter que ficar parada, de me tornar dependente, mas infelizmente se você não morre logo, no fim você acaba ficando dependente, então ....” (ML)*

A aposentada relata não ter expectativas ao futuro, apenas não quer se tornar dependente.

*“Bom, apesar de gostar da vida que levo, não tenho muitas, vivo um dia após o outro, gostaria de ter podido ver o meu filho se tornar um homem, ter sua profissão, sua família, mas penso que ele esteve pouco tempo comigo, mas me ensinou muita coisa.” (S)*

O aposentado diz não ter muitas expectativas, um dos motivos foi a perda precoce de seu único filho.

### **Aposentados que pararam e voltaram a trabalhar**

*“Olha, eu pretendo trabalhar por pelo menos mais 20 anos. Se não for tudo isso que eu tenha bastante disposição. Hoje eu estou mais ativa do que há 10 anos quando eu me aposentei, então que daqui há 10 eu esteja melhor ainda, por que não” (M.A.)*

A aposentada diz que sua expectativa é de continuar trabalhando por mais tempo, e com muita disposição.

*“Sonhos é que não me faltam, quero montar vários cursos para engenheiros.” (JRG)*

O mesmo tem como projeto de vida ministrar cursos para engenheiros.

*“Enfim posso te dizer que desejo duas coisas para o meu futuro, trabalhar até morrer, em uma chácara e tentar em todos os dias de minha vida salvar este mundo, que está tão poluído de egoísmo e miséria.” (I)*

Expectativas: continuar trabalhando e melhorar a vida das pessoas.

## **CATEGORIA 4 - VALOR DO TRABALHO**

Esta categoria abordou o significado do trabalho e do não trabalho, suas implicações em âmbito pessoal, familiar e social.

Questões como: conhecer os motivos que os fizeram continuar ou não trabalhando, conhecimento da representação do trabalho para a auto-imagem de uma pessoa, segundo a visão dos participantes, bem como a gratificação obtida por meio dele, foram todas abordadas com subcategorias.

### **Subcategoria 4.1 - Motivo (s) que os fizeram continuar ou não trabalhando**

Nosso intuito foi conhecer as razões dos participantes em continuar ou em parar de trabalhar.

#### **Aposentados que continuaram trabalhando**

*“Ainda porque eu preciso de dinheiro, satisfação pessoal é que não...”* ((PM)

O mesmo intensifica o seu real motivo de continuar trabalhando mesmo em uma função que não lhe dá satisfação, o motivo foi financeiro.

*“...como você pode ver eu não parei, me aposentei pela SABESP logo depois que voltei da licença e das férias, e continuei trabalhando, parar por quê e pra quê?...”* (RG)

O aposentado apesar de aposentado não parou de trabalhar, estava em uma empresa e lá ficou, não havia motivo para que parasse de trabalhar.

#### **Aposentados que pararam de trabalhar**

*“...Então eu sempre falava, e aí eu falava quando sair a complementação eu paro de trabalhar, eu trabalhando ganhando X e não trabalhando vou ganhar o mesmo X eu pensei o que eu continuarei fazendo aqui, bom fiquei até sair a minha complementação, mas se eu*

*continuasse naquele depto que eu trabalhava antes, talvez eu não tivesse me aposentado, mas na diretoria o clima era muito ruim...” (A)*

O motivo do aposentado ter parado foi o descontentamento com a nova função, motivo este, intensificado pela complementação que passaria a receber, e assim financeiramente o trabalho não mais se mostrou viável.

*“ Olha, eu fui meio obrigada, eu não queria parar, mas acontece que o caso da Sabesp é um caso especial, ficou estabelecido que quem era aposentado não podia continuar a trabalhar na Sabesp, eu até tentei ... Eu morria de medo da minha vida se transformar em um tédio” (ML)*

A aposentada queria continuar trabalhando mas não lhe foi permitido, senão ela poderia perder sua aposentadoria, pois em sua empresa isso não era permitido.

*“Me aposentei porque queria ter uma melhor qualidade de vida, ter mais tempo para cuidar de mim, de minha esposa, eu percebi que deveria ter mais tempo ao lazer, não me dedicar demais aos compromissos, e pensei também trabalhar pra quê? pra quem? Se meu único filho havia morrido, não tinha mais pra quem ser referência de homem sério, trabalhador...” (S)*

O aposentado resolveu não mais trabalhar para ter uma vida mais tranqüila e saudável, e também devido ao fato de seu único filho ter morrido, e não existir mais uma pessoa para quem ele pudesse ser uma referência.

### **Aposentados que pararam e voltaram a trabalhar**

*“...eu pensei, vou ficar o resto da minha vida só nessa rotina, cuidando de neto, não, não, não, vou fazer alguma coisa, já sei, vou voltar a estudar... eu resolvi fazer direito pela minha inconformação diante de tanta injustiça... eu quis ter meu próprio escritório” (M.A)*

A mesma se aposentou e foi fazer faculdade de advocacia, pois queria fazer algo que pudesse ajudar as pessoas com menores condições sócio-econômicas.

*“Trabalho é tudo na vida de uma pessoa, é sua essência, a pessoa não deveria parar nunca, parar significa um desperdício, morrer em vida, para que soltar um aposentado? Só se for para morrer mais cedo!” (JRG)*

Trabalho para o aposentado significa razão de vida, por isso ele voltou a trabalhar.

*“...não dava pra ficar em casa, minha esposa e eu nos damos bem exatamente por isso: cada um tem a sua vida, o seu trabalho, as suas coisas, se eu ficasse em casa o dia todo eu me tornaria um cara tão rabujento e insuportável, com certeza meu casamento acabaria...” (I)*

O mesmo voltou para que suas relações fossem preservadas, pois seu casamento poderia ser desfeito caso tanto ele quanto sua esposa não tivessem suas vidas profissionais.

#### **Subcategoria 4.2 - Representação do trabalho para a auto-imagem de uma pessoa**

Esta subcategoria buscou conhecer a percepção do aposentado quanto à importância do trabalho para a auto-imagem de uma pessoa.

##### **Aposentados que continuaram trabalhando**

*“...como o trabalho te ocupa de alguma forma te realiza...”(PM)*

A realização é sentida por meio da utilidade obtida através do trabalho, percebida na fala do aposentado PM.

*“O trabalho eu acho que é importante na vida de uma pessoa, você precisa dele para atingir alguns objetivos, através dele você consegue coisas fundamentais e a sociedade te reconhece como cidadão.”(A.C.J)*

Atualmente o aposentado encara o trabalho como um instrumento para se obter coisas importantes.

*“O trabalho é tudo na vida de uma pessoa. Sei de alguns amigos meus que se aposentaram, as vezes a gente se encontra para jogar futebol, lá na Consolação, amigos de mais de 40 anos, uma vez por mês nos reunimos, alguns lá do Brás onde eu morava, a maioria não tem nada pra fazer na vida, acho triste isso...”(RG)*

O aposentado atribui sentido à vida através do trabalho, acha a vida sem o trabalho muito triste, compara a sua vida trabalhando com a de seus amigos que não trabalham, acha a vida sem trabalho uma vida vazia.

### **Aposentados que pararam de trabalhar**

*“... acho o trabalho um aspecto importante para a vida de uma pessoa, mas não o mais importante, minha auto-imagem não ficou prejudicada após a aposentadoria, me adaptei muito bem a esta vida de não trabalho, pude me dedicar mais a família...” (A)*

O fato de ter parado de trabalhar não prejudicou sua auto-imagem, pois o mesmo pode se dedicar à sua família, aspecto da vida bastante valorizado pelo aposentado.

*“..., você tem vários ramos de realização e o trabalho é um deles e muito importante, é uma contribuição grande para o mundo, quando eu parei eu senti que minha retribuição eu tinha dado para o mundo...” (ML)*

A importância do trabalho para a aposentada é imensa, pois significa uma contribuição para o mundo.

*“... pra mim o trabalho dá ao homem uma coisa fundamental a sua existência: dignidade. Confesso que fiquei perdido quando parei de trabalhar, tanto é que até hoje para as pessoas que não me conhecem, se me perguntam se eu trabalho, eu digo que presto serviço de consultoria, eu não digo que sou aposentado, fico constrangido com isso, acho vergonhoso, humilhante mesmo...” (S)*

O aposentado pensa que o trabalho oferece dignidade, o não trabalho é sinônimo de humilhação, e de ultraje para sua vida, a ponto de esconder sua não atividade.

Segundo Bauman (1989), no passado não muito distante, o trabalho ocupava um lugar central. O *status* social do indivíduo dependia do tipo de trabalho que exercia. No início do capitalismo, o trabalho ocupava uma posição essencial, pois ligava a motivação individual, a integração social e administração do sistema. Assim o valor e a dignidade da vida eram aferidos por critérios relacionados ao trabalho e à atitude positiva para com o trabalho. O descrédito moral estava ligado à abstenção do trabalho, que era denegrida e ultrajada como: ociosidade, indolência, preguiça.

## **Aposentados que pararam e voltaram a trabalhar**

*“Pra mim é tudo, é minha força de vida, meu estímulo, poder ajudar as pessoas com ele, faz eu me sentir capaz, mais forte ainda...”(M.A)*

Para a aposentada o trabalho representa gratificação, fortificação e valorização profissional, mas, sobretudo pessoal.

As diferentes formas pelas quais os sujeitos idosos percebem o trabalho, podem ser ressaltadas pela história de vida de cada um. Entender a história de uma pessoa é também compreender o valor atribuído por ela ao trabalho.

Para algumas pessoas o trabalho é o grande norteador de suas vidas, uma maneira de sentir vivo, participante, para outras diz respeito a um aspecto, a um papel que desempenha assim como tantos outros. Dependendo do sentido atribuído ao trabalho, o período da aposentadoria poderá ser vivido como um período de crise existencial, ou como um momento de libertação. Sentir-se livre das obrigações, dos compromissos com os outros, hora de voltar-se para si próprio.

Segundo Scalon; Araújo (2005) o significado do trabalho na sociedade contemporânea pode ser pensado por três ângulos, não necessariamente antagônicos: como fonte de realização pessoal que pode conferir *status* e constituir elemento de afirmação econômica, em sua dimensão instrumental, como elemento de apropriação da autonomia das pessoas, na qual a realização se torna secundária, e a necessidade econômica, fundamental, sendo o tempo dedicado ao trabalho ampliado na proporção inversa às possibilidades de ganho para a realização pessoal e como elemento que permanece central na constituição das identidades.

## **Subcategoria 4.3 - Gratificação obtida por meio do trabalho**

### **Aposentados que continuaram trabalhando**

*“Gostava, ah bom gostava! Você sabe... eu não posso dizer que era a coisa que eu mais queria, não, não é...E dependendo de como ele leva a vida dele profissional, se ele trabalha em uma função sem qualquer tipo de realização é claro que ele vai contar na folhinha os dias para se aposenta”.(PM)*

*“Olha, tem seus momentos, coisas boas e ruins como em qualquer profissão, como o trabalho te ocupa de alguma forma te realiza, alguma satisfação sempre dá, mas falando sinceramente*

*eu gostaria de trabalhar mais como professor de Educação Física, trabalhar ao ar livre, trabalhar com a terra”.(PM)*

Segundo o entrevistado PM, o trabalho quando não o gratifica, ele se torna um fardo, e a aposentadoria é sentida como um alívio, algo bastante esperado.

### **Aposentados que pararam de trabalhar**

*“...Era até uma coisa de “ego”, vaidade, como aposentada o reconhecimento vai morrendo, nunca mais como antes, mas sou ainda..., mas eu tenho amigos aposentados que quando se aposentaram entraram em depressão profunda, profunda, o aposentado sofre uma estigmatização... e você discute sobre vários temas, enfim você troca, e então eu pensava com quem eu vou trocar?” (ML)*

A gratificação do trabalho ocorre segundo a aposentada através do reconhecimento, das inúmeras trocas que este possibilita, segundo a mesma o aposentado é estigmatizado.

### **Aposentados que pararam e voltaram a trabalhar**

*“Trabalho é tudo na vida de uma pessoa, é sua essência, a pessoa não deveria parar nunca, parar significa um desperdício, morrer em vida...”(JRG)*

A gratificação oferecida pelo trabalho na visão do aposentado é incontestável.

O trabalho pode representar por um lado, uma realização em si mesmo, a fonte de criatividade; porém, ele pode ser sinônimo de limitação, fadiga, alienação da pessoa.

Segundo Waldegrave (1990), no paradigma pós moderno, os eventos que ocorrem no mundo físico possuem diferentes significados atribuídos pelas pessoas, não há um significado objetivo nem uma explicação objetiva.

Sendo assim pessoas diferentes, com suas crenças, histórias e culturas diferentes, atribuem diferentes significados aos eventos que acontecem em suas vidas, sejam eles profissionais, pessoais ou sociais.

## **CATEGORIA 5- GRUPOS DE CONVIVÊNCIA, UNIVERSIDADES DA TERCEIRA IDADE E O TRABALHO NA VELHICE.**

Por meio desta categoria objetivou-se conhecer a opinião dos participantes sobre a eficácia dos grupos de convivência, das universidades da terceira idade e do trabalho, como estratégias possibilitadoras de uma velhice mais participativa e salutar.

Investigou-se como subcategorias: os grupos de convivência e as universidades da terceira idade, a fim de obter o que pensam os aposentados a respeito destas ações políticas dirigidas à sua faixa etária.

Pretendeu-se também conhecer a opinião dos mesmos sobre a realização de um trabalho voluntário na velhice, como via de acesso tanto à realização pessoal, quanto ao reconhecimento, respeitabilidade e valorização social.

### **Subcategoria 5.1-Grupos de Convivência**

Questionou-se sobre a eficácia dos grupos de convivência, universidades da terceira idade e trabalho na velhice.

#### **Aposentados que continuaram trabalhando**

*“Eu não gosto disso, não acho que seja tão bom quanto dizem, velho com velho e não acho dá certo, fica mais velho ainda, eu acho que não deve haver separação, isto causa até certa irritação na sociedade, aí a sociedade começa a tratar de forma diferente e a isolar, esses grupos de convivência só servem para isolar mais ainda, eu acho que enquanto a pessoa for viva ela tem que conviver com todas as outras independente da idade, a troca se torna muito mais rica quando ela traz coisas novas. Eu acho que estes grupos promovem ainda mais o preconceito contra os velhos, se velho fica falando só com velho você vai trocar o quê?. Ele viveu muitas coisas que o outro viveu, muitas experiências parecidas, diferente de conviver com jovens é outro mundo, e eu penso que a pessoa deve aprender sempre, independente de sua idade, eu acho estes grupos são terríveis, eu nunca freqüentarei um grupo destes.” (PM)*

*“Claro que buscar conhecimento é enriquecer de alguma forma, é sempre bom, tem que se atualizar, conhecer melhor as coisas, acompanhar o que está acontecendo, Eu acho que não haveria necessidade de se ter universidade especificamente para a terceira idade, esta é uma forma de preconceito . Por exemplo eu estudei na São Francisco tinha 150 cadeiras, em 6 meses tinha 75 cadeiras vazias, isto é um absurdo, daqui a pouco chega-se no final do curso quem freqüenta mesmo são 40 pessoas, eu acredito que esta situação deve ser normal em outras faculdades, eu te pergunto: Por que esses lugares vazios não podem ser preenchidos*

*por outras pessoas que querem aprender, independentemente de diploma e de faixa etária?”(PM)*

*“Até acho, mas isto deveria ter uma boa e prévia programação, para encontrar as pessoas dispostas e direcioná-las para cada tipo de atividade, que levasse em conta potencialidades e o que o idoso têm de bom. Eu só penso que para fazer este trabalho, ela teria que ter um salário razoável, até dá. Agora se não ganha o suficiente, ela vai ter que buscar uma renda complementar, voluntária é que ela não poderá ser.”(PM)*

O relato do aposentado PM, demonstra seu descrédito frente à eficácia dos grupos de convivência, em face dos mesmos representarem em sua opinião, mais uma ação preconceituosa dirigida aos idosos.

*“Pra mim, funcionam como uma estratégia eficaz contra a solidão, o abandono de muitos idosos, acho melhor participar de um grupo desses, ou aprender algo diferente, independente da idade, do que ficar triste, sozinho e pensando em doença, estas ações fazem você se sentir vivo.” (A.C.J)*

O aposentado têm uma visão positiva dos grupos, pensa que eles possuem a função de dar vitalidade ao idoso.

### **Aposentados que pararam de trabalhar**

*“Eu acho bom esses grupos, tanto é que participo de um que não deixa de ser um grupo de convivência, mas penso que mais iniciativas precisariam ocorrer, mas por parte do governo, pois muitas são instituições privadas...” (A)*

O aposentado defende os grupos de convivência e diz que estas ações deveriam partir mais do governo.

*“ Olha aqui nós formamos um tipo de grupo de convivência, que é uma delícia, nós temos coral, viajamos juntos, fazemos baile, festas, promove uma boa interação, brincamos e rimos juntos” (ML).*

A aposentada mostrou-se satisfeita em fazer parte desse grupo de convivência, devido à boa interação que promove.

*“Olha, eu acho a idéia boa, funciona para vários idosos, mas eu não participaria de um grupo desse, acho que não me encaixaria nessa coisa de desenvolver atividades dirigidas por outra pessoa, sempre fui muito independente, autônomo e mandão como já te falei, e além do mais não sou muito sociável.. Eu não sei, mas acredito que quem adere a estes grupos é a minoria dos idosos, a maioria fica em casa, ou porque acha desinteressante, ou porque não conhece o que são estes grupos e suas atividades, ou porque não tem saúde. E acho que deveria ter uma maior divulgação... um trabalho para que estes grupos pudessem atingir um número maior de idosos, porque penso que faria bem a eles... tem muito idoso trancado dentro de casa, isolado... acho também que todas estas ações destinadas aos idosos, primeiramente eles deveriam ser ouvidos, e não simplesmente algo lançado por alguém que nem idoso é, porque ninguém melhor que o próprio idoso para saber o que idoso gosta e do que ele precisa, e acho que deveriam existir ações que dessem mais autonomia, e participação ao idoso, mas fora desses grupos, não sei bem o que, você pode pensar em algo e depois me dizer, mas entenda não sou contra esses grupos, acho a intenção boa”. (S.*

O aposentado apóia a ação desses grupos, e pensa que mais idosos deveriam participar, e que estes deveriam ser ouvidos a respeito da implantação de ações dirigidas a eles, e sugere que mais ações deverão ser criadas a fim de possibilitar mais autonomia aos idosos.

### **Aposentados que pararam e voltaram a trabalhar**

*“Olha depende, não se pode querer que todo aposentado faça parte de um grupo desse. Por exemplo, no meu bairro o Butantã, tem uma Ong que desenvolve várias atividades com as senhorinhas, e uma delas ficou viúva há pouco tempo, as vizinhas praticamente arrastaram ela que caiu em depressão depois da morte do marido..., se você a visse hoje, ela parece outra pessoa, fez super bem pra ela. Já para uma pessoa como eu penso que não daria certo, sou muito ativa, agitada, gosto de dirigir e não ser dirigida, e estas atividades não preencheriam todo o meu tempo...”(M.A)*

*“Então eu acho que deve-se pensar, você ou outros pesquisadores, estudiosos da terceira idade, em outros lugares que possibilitem ao idoso, desenvolver atividades ou mesmo trabalhos, de acordo com seu estilo de vida.”(M.A)*

*“Às vezes quando você era jovem não teve oportunidade, condições e não pode estudar, e quando chega numa certa idade, todas as oportunidades são cortadas por causa de sua faixa etária. Eu acho que deveriam existir mais centros profissionalizantes tanto para os mais jovens quanto para os mais velhos..” (M.A)*

Para a aposentada todas as ações inclusive a dos grupos de convivência devem respeitar as diferenças entre as pessoas, pois para algumas, estes centros funcionam muito bem, para

outras não. Além de tudo sugere a criação de centros profissionalizantes como uma nova proposta desenvolvida para esta faixa etária tão heterogênea.

*“Olha, eu sempre achei uma boa iniciativa, oferecer a alguns idosos uma nova oportunidade de viver, sair um pouco de casa, aprender coisas novas, foi bom principalmente para as camadas mais pobres, com pouca instrução, com poucas alternativas. Não para pessoas como eu, com uma certa intelectualidade, ativo mentalmente, que sempre gostou de trabalhar, não conseguiria aderir a um grupo desse, nem pensar!”(JRG)*

O aposentado defende a ação dos grupos de convivência, mas diz que não frequentaria, pois este não é o seu perfil, pensa também que estes grupos são destinados a pessoas com pouca instrução, e com menores possibilidades.

*“Não tenho nada contra, acho que deu razão para muita gente viver, conheço pessoas que participam e gostam muito. Mas pra mim pessoalmente não serve, não me adaptaria, o que me dá dignidade, força é o meu trabalho.” (I)*

O aposentado diz que acha positivo a ação dos grupos porém, não conseguiria aderir a um grupo destes, pois para ele o que lhe dá dignidade e força é o trabalho.

As associações de idosos, como clubes ou universidades, surgiram como antídoto, uma verdadeira panacéia contra a velhice. Os grupos de convivência tentariam compensar as perdas de papéis, funções e contatos.

Magalhães (1989) apud LADISLAU (2002) também faz uma crítica às atividades propostas para os idosos nos grupos de convivência, o autor retrata que estes parecem tratar seus idosos como crianças, destinando-lhes apenas brincadeiras, o que lhe parece uma ação alienadora, onde descarta o valor real da pessoa idosa, como patrimônio sócio-cultural, sendo que teriam muito a oferecer.

Porém Silva (2002) defende a ação destes grupos, o autor fala de um projeto nos centros de convivência que pretende favorecer o contato interpessoal e grupal, desenvolvendo a sociabilidade e a criatividade, a auto-estima e a quebra do isolamento do idoso. Acrescenta que esse espaço social foi criado “para ocupar o tempo livre, trazendo a mudança de hábitos e atitudes na vida cotidiana do idoso, substituindo a inatividade pela atividade, o isolamento pela convivência, o ócio pelo lazer”.

## Subcategoria 5.2- Universidades da terceira idade

### Aposentados que continuaram trabalhando

*“Claro que buscar conhecimento é enriquecer de alguma forma, é sempre bom, tem que se atualizar, conhecer melhor as coisas, acompanhar o que está acontecendo, nós temos mais tecnologia, em uma sociedade informatizada o ser humano tem que possuir um conhecimento mínimo de informática conseguir viver e se virar de alguma forma, então eu acho que em termos de busca de conhecimento é válido...”*

*“Eu acho que não haveria necessidade de se ter Universidade especificamente para a terceira idade. ... eu estudei na São Francisco tinha 150 cadeiras, em 6 meses tinha 75 cadeiras vazias, isto é um absurdo, daqui a pouco chega-se no final do curso quem frequenta mesmo são 40 pessoas, eu acredito que esta situação deve ser normal em outras faculdades, eu te pergunto: Por que esses lugares vazios não podem ser preenchidos por outras pessoas que querem aprender, independentemente de diploma?”(PM)*

Quanto às universidades, o aposentado (PM) pensa serem importantes, visto priorizarem atualização e a transmissão de conhecimentos, porém acredita ser uma outra ação discriminatória, o fato de existir uma universidade dirigida exclusivamente a essa faixa populacional, visto a existência de tantas universidades com lugares disponíveis, que poderiam ser utilizadas para esta finalidade.

### Aposentados que pararam de trabalhar

*“Eu acho bom... deu pra fazer um grupo legal, fiz dois anos, eles juntam com a universidade dos jovens, então você vai assistir aula com a moçada, o que eu achei bárbaro esta interação jovem-idoso em uma sala de aula. Aprendíamos muito com eles e eles com a gente, conversávamos, fazíamos trabalho em grupo, nos ouvíamos muito, um grande aprendizado... a sensação de estar com eles é maravilhosa, você se sente viva,”(ML)*

A mesma participou e gostou muito, principalmente, devido à interação com os jovens, ofereciam-lhe mais vitalidade.

*“Olha nunca pensei sobre isso, mas eu acho que tudo que vem para agregar é válido, se tem aumentado o número destas universidades é sinal que deve ser uma boa iniciativa...” (S).*

O aposentado acha que as universidades são uma boa iniciativa para a velhice.

### **Subcategoria 5.3- Trabalho na velhice**

#### **Aposentados que continuaram trabalhando**

*“ Até acho, mas isto deveria ter uma boa e prévia programação, para encontrar as pessoas dispostas e direcioná-las para cada tipo de atividade, que levasse em conta potencialidades e o que o idoso têm de bom. Eu só penso que para fazer este trabalho, ela teria que ter um salário razoável, até dá. Agora se não ganha o suficiente, ela vai ter que buscar uma renda complementar, voluntária é que ela não poderá ser.” (PM)*

Com relação à execução de trabalho voluntário, acha a idéia interessante, porém relata que esta atitude seria viável apenas para os aposentados que possuíssem uma boa aposentadoria, suficiente para suas despesas. Mas acredita, sobretudo, que os idosos têm muito a oferecer e poderiam contribuir substancialmente com a sociedade por meio de seu trabalho, desempenhando atividades que valorizassem suas potencialidades e habilidades.

Refletindo em relação ao trabalho na terceira idade, tanto em relação ao voluntário quanto ao remunerado, torna-se necessário saber mais sobre as reais necessidades dos idosos, bem como construir estratégias de intervenção, que possam incluí-los, pois nossa sociedade vive ainda sob estereótipos em relação aos idosos.

*“Olha eu sou suspeito quando se fala de trabalho, principalmente de trabalho voluntário, eu acho que toda a pessoa que tem saúde deveria ocupar um pouco do seu tempo fazendo algum tipo de atividade, claro que tudo depende também de sua situação econômica, e física; e deveria se poder ajudar alguém, há tanto para se fazer...” (A.C.J.)*

Como o mesmo passou a desenvolver trabalho voluntário, e tem obtido muita gratificação através dele, pensa ser importante para os idosos desenvolverem algum tipo de atividade, principalmente o trabalho voluntário.

#### **Aposentados que param de trabalhar**

*“...Eu não preciso trabalhar, não quero parecer mais jovem e não quero trabalhar, me sinto bem em não trabalhar... E vou te dizer prefiro fazer trabalho voluntário e ajudar alguém do que ganhar pouquinho e ter que dar pro imposto de renda...” (A)*

O aposentado optou pelo não trabalho porque não precisa trabalhar e considera-se satisfeito com isso, e afirma preferir fazer um trabalho voluntário e ajudar alguém a trabalhar para ganhar tão pouco.

*“Eu acho que depende da motivação de cada pessoa, quando eu falo em motivação digo pessoal, social, intelectual, econômica, se todas elas estão satisfeitas, acho que chegou a hora de parar, senão a pessoa deve continuar...”(S)*

Sobre o trabalho, o mesmo acredita que é uma decisão a ser tomada com base nas motivações de cada pessoa, sejam elas pessoais, econômicas, sociais.

### **Aposentados que pararam e voltaram a trabalhar**

*“Muitas pessoas estão ainda muito aptas a continuarem trabalhando, se desenvolvendo, outros querem estudar para se profissionalizar, e só não podem fazer isso porque tem idade avançada? Você acha justo?...”(M.A)*

A aposentada pensa ser importante o trabalho sempre inclusive na terceira idade, pois relata que o avanço da idade não pode ser um fator limitador do desenvolvimento humano.

*“...posso te dizer que desejo... trabalhar até morrer, independente de minha idade...” (I)*

O trabalho é tão importante na vida do aposentado que ele não pretende parar de trabalhar nunca.

*“Trabalho é tudo na vida de uma pessoa, é sua essência, a pessoa não deveria parar nunca, parar significa um desperdício, morrer em vida...” (JRG)*

O aposentado atribui um valor muito grande ao trabalho, e diz que não pretende nunca parar de trabalhar, pois parar significa para ele a morte em vida.

### **CATEGORIA 6- REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA VELHICE**

Pretendeu-se por meio desta categoria compreender a representação social da velhice na visão dos aposentados.

Formaram-se subcategorias com o intuito de conhecer segundo a opinião dos participantes, a representação social dos idosos; foi investigada a percepção do idoso quanto à sua imagem

frente aos jovens e se seria possível e viável a realização de atividades unindo jovens e idosos, e se estas contribuiriam para trocas afetivas, enriquecedoras para ambos os grupos.

### **Subcategoria 6.1- Representação social dos idosos**

Por meio desta subcategoria objetivou-se conhecer a percepção acerca de sua representação social.

#### **Aposentados que continuaram trabalhando**

*“... a sociedade vê o velho como ultrapassado, tudo isto patrocinado pelo sistema, nós vivemos em um sistema capitalista, quem tem mais pode mais, até por isso o idoso não é valorizado, porque em um mundo que valoriza o consumo e o idoso perde o poder de consumir, a partir do momento que ele não mais produz, ele fica à margem da sociedade, e se você for ver na minha área mesmo, o rico não vai preso, a filosofia do mundo é o ter, existem idosos que têm muito a oferecer.”(PM)*

*“Eu acho que sim, de uma forma geral, primeiro por causa da idade, por isso que ninguém quer envelhecer e depois porque muitos idosos não ocupam o seu tempo como deveriam, ou não sabem como ocupá-lo, acham que estão velhos demais para fazer alguma coisa.” (A.C.J)*

Segundo o mesmo o idoso sofre, sim, preconceito, pois em nossa sociedade as pessoas têm medo de envelhecer e se tornarem inúteis.

*“Sim, com certeza, até mesmo contra os que ainda trabalham, imagine sobre os que não trabalham!” (RG)*

O aposentado diz que o preconceito contra o idoso existe, mesmo com o idoso que trabalha, pensa que em relação ao que não trabalha o preconceito é ainda maior.

#### **Aposentados que pararam de trabalhar**

*“-Existe uma certa diferença, é só você dizer que é aposentado que a maioria das pessoas imagina uma pessoa velha, incapaz e inútil...” (A)*

*“...pois a imagem do velho em nossa sociedade é muito negativa, por isso que se tem hoje tanto medo de envelhecer...” (ML)*

Segundo estes dois aposentados, a imagem que a sociedade possui de seus velhos é negativa, como alguém que nada mais tem a oferecer.

*“Com certeza, não só os idosos, mas várias outras classes, como os negros, por exemplo, os pobres e os aposentados como eu. Porque você acha que eu não falo pra várias pessoas que eu sou aposentado? Já sou um idoso, e ainda ser um aposentado?” (S)*

Segundo o aposentado S, existe sim preconceito com o idoso, aposentado e pobre.

### **Aposentados que pararam e voltaram a trabalhar**

*“Pois eu acho que tanto a sociedade como muitos jovens acham que velho não serve para nada, não tem nada a oferecer, isto tudo por causa desta mudança em nossa sociedade, esta perda de valores, de referenciais, de família, este desamparo que estamos vivendo, esta excessiva praticidade da vida. E assim muita coisa importante foi se perdendo, e uma delas foi o valor do ser humano...” (M.A)*

A aposentada afirmou que existe em nossa sociedade tanto por parte do jovem como da sociedade de forma geral, uma desvalorização em relação aos idosos.

*“-Sem dúvida, contra o idoso e contra o aposentado que o acham inútil e ele também se sente um inútil...” (JRG)*

O aposentado declara existir sim o preconceito não apenas contra o idoso, mas para com o aposentado, que também se sente um inútil depois que se aposenta.

*“Eu acho que existe sim preconceito em relação a todos que de alguma forma não produzem, idoso, mulher, desempregado, aposentado. E isso é muito injusto, as pessoas devem ser tratadas com mais respeito inclusive por suas famílias, que descartam o idoso, asilando-os, jogando-os fora como uma roupa velha, algo que não presta mais pra nada” (I)*

O aposentado declara existir o preconceito contra todos que não mais produzem, inclusive das próprias famílias.

A imagem dos idosos, atualmente, em uma sociedade capitalista como a nossa, é de alguém que possui pouco a oferecer, é muitas vezes visto como um problema social, uma pessoa que

não mais produz, logo digno de viver à margem de uma sociedade que o desconsidera digno de ser um cidadão, pois até mesmo seus direitos são vistos como privilégios.

Sobre a imagem da pessoa idosa na sociedade brasileira, Minayo (2006) escreve que existem três mitos sociais que discriminam e delimitam o seu lugar e o seu papel: a redução do envelhecimento ao processo orgânico, que é o mito mais comum e que iguala envelhecimento e doença; a consideração do processo do envelhecer como decadência, mantida e reproduzida a idéia de que a pessoa vale o quanto produz e o quanto ganha e, por isso, os mais velhos, fora do mercado de trabalho e, quase sempre, recebendo uma pequena aposentadoria ou em total dependência financeira, podem ser descartados: são considerados inúteis ou um peso morto e o último mito é o da velhice como problema, pois além dos aspectos problemáticos das precárias condições materiais da existência, não são raras as queixas familiares de que existem problemas de convivência intergeracional entre seus membros, pois 90% dos idosos brasileiros moram com suas famílias.

O outro problema existente é citado pelo Estado, pois há preocupação de governabilidade e sustentabilidade do sistema, porque, como dizem, o custo social da população idosa é três vezes mais elevado que o da população geral, por causa do aumento das doenças crônicas, infecciosas, respiratórias, osteomusculares e mentais; apesar de, em muitos casos, o idoso contribuir significativamente com a vida econômica familiar.

### **Subcategoria 6.2- Imagem do idoso frente aos jovens**

Foi investigada a percepção do idoso quanto à sua imagem frente aos jovens.

#### **Aposentados que continuaram trabalhando**

*“...os jovens não valorizam o velho, a sociedade vê o velho como ultrapassado, tudo isto patrocinado pelo sistema, nós vivemos em um sistema capitalista, quem tem mais pode mais, até por isso o idoso não é valorizado, porque em mundo que valoriza o consumo e o idoso perde isto...”*

O entrevistado PM relata que os jovens têm uma imagem negativa a respeito da velhice, alguém que vive do passado.

### **Aposentados que pararam de trabalhar**

*“...e os jovens têm mais diferenças com os idosos ainda, é uma pena, eles pensam: Ah! É velho não serve mais pra nada! E o idoso também tem reserva em relação aos jovens, as coisas hoje estão muito diferentes, nunca se teve tanta separação, separação no sentido geracional, jovens de um lado e velhos de outros...” (A)*

O entrevistado A também discorre que os jovens possuem uma imagem negativa sobre os idosos, alguém sem utilidade, e sobre o distanciamento entre as gerações.

*“Penso que os jovens não consideram o idoso alguém que mereça ser ouvido, é difícil viu!...Claro que não são todos, depende também muito da formação de cada família, mas eu acho que é a maioria, não sinto respeito do jovem pelo idoso.”(S)*

O aposentado acredita que exista um preconceito dos jovens em relação aos idosos, e este distanciamento depende da formação de cada família.

### **Aposentados que pararam e voltaram a trabalhar**

*“Sem dúvida! Os jovens apreendem esse preconceito da sociedade, e com suas próprias famílias, muitos amigos meus tiveram que voltar a morar com suas famílias, por condições adversas, e se sentem muito mal com essa situação, são humilhados pela família, não podem nem abrir a boca, e olha que ajudam a família financeiramente, não são inúteis, ajudam a tomar conta dos netos, mas não adianta, sofrem a exclusão dentro de suas casas...” (I)*

O aposentado afirma existir o preconceito contra o idoso por parte do jovem, e este ser um reflexo do preconceito social, e que se reflete também na relação desse idoso com sua família, que também não atribui a ele a devida relevância, mesmo que este idoso contribua junto ao orçamento familiar.

### **Subcategoria 6.3- Interação Sócio-Afetiva**

Foi questionada se a realização de atividades, unindo jovens e idosos, contribuiriam para trocas afetivas, enriquecedoras para ambos os grupos.

### **Aposentados que continuaram trabalhando**

*“...neste mundo informatizado..., as informações acabaram separando gerações, eu acho que muita coisa deveria ser feita antes, para que o jovem pudesse ouvir esse idoso, preparar esse*

*jovem para isto, para que por meio da relação com o idoso, possa resgatar a noção de família, os valores tão perdidos, que ficaram para trás, eu acho que poderia dar muito certo, pensando bem, os jovens não valorizam o velho... a troca se torna muito mais rica quando ela traz coisas novas, muitos idosos até gostariam de conviver com jovens, eu acho que essa troca seria maravilhosa para ambas as partes.”(PM)*

Para que ambas as gerações (idosos-jovens) pudessem interagir, o aposentado diz que a imagem negativa da velhice ser desfeita, porém afirma ser uma troca afetiva bastante enriquecedora para os dois grupos, pois o jovem poderia resgatar a noção de valores e de família perdidos em meio a este mundo informatizado, e que acabou por separar as gerações.

*“...Importantíssimo, pois para os jovens eles estariam aprendendo a dar valor às pessoas, às experiências, e aprenderiam que elas não podem ser descartadas como objetos, eu acho que daria mais segurança ao jovem, pois teria algum exemplo a seguir, hoje eu acho que os jovens perderam isso, eles não tem tempo e nem sabem como se guiar...”(A.C.J.)*

E então questionou-se se o preconceito não seria um impedimento para que ocorresse a troca afetiva.

*“...Existe, por isso mesmo que seria importante, uma ação não sei bem de quem, mas que unisse estas duas faixas etárias, serviria além de tudo para diminuir o preconceito não só do jovem mas de toda a sociedade em relação ao idoso..”.(A.C.J.)*

*“...eu gosto muito quando chega alguém jovem com novas idéias, com energia, sangue novo é bom trabalhar com eles, a gente se sente bem, e bem ou mal eles acabam aceitando a nossa companhia, e acabamos aprendendo um com o outro.”(RG)*

O aposentado acima diz ser bom para as duas gerações esta troca, gosta de trabalhar e conviver com uma geração mais nova.

### **Aposentados que pararam de trabalhar**

*“...então você vai assistir aula com a moçada, o que eu achei bárbaro esta interação jovem-idoso em uma sala de aula. Aprendíamos muito com eles e eles com a gente, conversávamos, fazíamos trabalho em grupo, nos ouvíamos muito, um grande aprendizado em todos os sentidos para ambos... pois haveria quebra de preconceitos de ambas as partes, esta aproximação diminuiria o estigma da velhice, que muitas vezes é incentivado pelo contexto social, que não incentiva esta aproximação, pelo contrário, coloca estas faixa etárias em dois pólos opostos.” (ML)*

Para a aposentada a interação jovem-idoso é bastante enriquecedora para ambos.

*“Primeiro eu acho que teria que ser feito um trabalho com as famílias, para que depois o jovem passasse a ver o idoso de uma forma mais tolerante. Acho que muitos não têm muita paciência em ouvir o que o idoso tem a dizer. Imagina, se muitos filhos não ouvem seus pais, imaginem os netos que vivem em outro mundo, isso eu te digo porque têm alguns amigos que moram com seus filhos e ficam chateados porque muitos são ignorados, sua opinião nunca é pedida, mas o dinheiro de sua aposentadoria é bem aceito. Esta interação seria interessante, mas tem uma etapa anterior que deve ser trabalhada antes dela, que é o que já lhe expliquei: a família.” (S)*

O idoso acredita que a interação seria algo positivo, porém primeiro deveria se investir na família, para que essa passasse a valorizar mais o seu idoso, para então depois promover esta interação.

#### **Aposentados que pararam e voltaram a trabalhar**

*“Eu acho ótimo, muito bom mesmo, o jovem deve ter oportunidade de saber o que o velho pensa, como ele organizou sua vida, como foi sua vida. E para o velho saber como os jovens pensam, o que querem para sua vida, como vivem, o que gostam.” (M.A)*

A interação jovem-idoso na opinião da aposentada é positiva para ambas as partes.

*“Gostei muito de conviver com esta mocidade, aprendi tanta coisa e pude passar também muita da minha experiência de engenheiro pra eles, e eles se interessavam muito por tudo que eu ensinava a eles. Foi bom viu!!! Sinto saudades! A troca entre idoso e jovem é muito energizante para nós...” (JRG)*

O idoso lembra desta fase de sua vida, quando convivia com os jovens, lembra com saudades, e diz ser bom para o idoso esta convivência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar o significado do trabalho na visão dos aposentados foi desde o início algo instigante e desafiador para mim. E para que tal objetivo fosse atingido, os participantes desta pesquisa foram separados em três grupos distintos: os que pararam de trabalhar após a aposentadoria, os que pararam e retornaram a trabalhar e os que continuaram profissionalmente ativos, para que assim pudesse compreender a relevância de sua identidade profissional em suas trajetórias de vida. Os desafios da execução de uma pesquisa científica foram enfrentados e os objetivos almejados cremos, foram alcançados.

Um dos aspectos analisados foi quanto ao relacionamento familiar. Pudemos verificar a existência da transmissão multigeracional de modelos familiares nos três grupos, principalmente, no que tange as escolhas profissionais, e determinadas características como: disciplina e determinação, repetidas de geração em geração ao longo do tempo.

Quanto ao significado da velhice, os dois grupos que continuaram profissionalmente ativos, atribuíram-lhe aspectos positivos, tais como: fase de tranquilidade, maturidade, recomeço, momento na vida de pensar mais em si, e de apresentar expectativas quanto ao futuro. Porém o grupo dos aposentados que parou de trabalhar, apresentou uma visão negativa desta fase do ciclo vital: um período de tristeza, melancolia, em que se vive de experiências passadas, sem qualquer elo com o futuro. Acredito que tanto o trabalho conferiu aos primeiros uma visão da vida mais otimista, como tal visão reforça o desejo de continuar ou voltar a trabalhar, e penso que isso se deve ao fato de que durante toda nossa vida, somos levados a considerá-lo como uma tarefa “lógica” e “natural” de uma vida “adaptada” e “normal”, tendo em vista sua função de manutenção e realização pessoal.

Em relação aos grupos de convivência e as universidades da terceira idade, os três grupos elogiaram suas propostas de trabalho, devido à interação que promovem; disseram oferecer oportunidade para experienciar uma maior vitalidade, e que seria necessária uma maior e melhor divulgação, pois acreditam que a adesão dos idosos a eles, poderia ser ainda maior. Apenas um aposentado integrante do grupo dos que continuaram trabalhando, não acredita na eficácia dos grupos de convivência e das universidades da terceira idade, pois afirma tratar-se de mais uma ação preconceituosa contra os idosos, na medida em que os separa das demais faixas etárias e da sociedade em geral. Apenas uma idosa relatou ter participado de um grupo em uma universidade, e os três aposentados do grupo dos que pararam e voltaram a trabalhar, relataram que não participariam de um grupo de convivência,

devido à sua inadequação ao perfil deste grupo, pois acreditam ser mais dirigido às pessoas com menos oportunidades e possibilidades. A literatura confirma tal opinião, com pesquisas que demonstram que o nível de participação dos idosos nesses grupos é pequeno. Sessenta e quatro por cento afirmam que não conhecem e nem participam desses grupos. De nosso ponto de vista, a explicação mais plausível para esse fenômeno é que esses grupos atingem uma demanda muito específica de idosos: mulheres, viúvas, aposentadas e/ou pensionistas, sem nível superior ou de nível social mais baixo, com poucas oportunidades de lazer, e este último perfil não corresponde ao de nossos entrevistados.

Outro aspecto analisado nesta pesquisa, e que percebemos estar em concordância com a literatura, é a existência do preconceito contra os idosos, tanto por parte dos jovens, quanto da sociedade. Os entrevistados declararam existir o preconceito não apenas contra o idoso, mas também contra o aposentado pobre; disseram que o idoso representa alguém que mais nada tem a oferecer, incapaz, inútil e descartável. Acreditamos ser esta a representação social do idoso, consequência da exigência vivida pela excessiva importância da imagem, da produção e do consumo indiscriminado. Estes valores do ter em detrimento do ser humano, passam a nortear ações discriminatórias e de exclusão contra nossos idosos.

Por outro lado, obtivemos por meio de um outro aspecto estudado, uma estratégia de ação que poderá possibilitar a diminuição deste preconceito, a que nossos idosos estão sendo expostos: a interação sócio-afetiva entre jovens e idosos que segundo os entrevistados poderá ser uma troca enriquecedora para as duas faixas etárias, pois os jovens aprenderiam a valorizar as experiências dos idosos e a crescer com elas, e para os idosos seria uma troca energizante, além de se sentirem mais valorizados. Pensamos que a partir dessa troca, um novo cenário para a velhice poderá ser construído levando-se em conta duas atitudes fundamentais: desenvolver uma cultura de tolerância, onde o respeito às diferenças seja o valor fundamental, e considerar o ser humano como prioridade absoluta, independente de sua faixa etária, na efetivação de políticas públicas que busquem garantir a inclusão social para todos.

Em relação ao trabalho, tema desta pesquisa, e sua representação para a imagem de uma pessoa, na opinião dos participantes, apareceu nos três grupos como: uma concessão de cidadania, dignidade, força, valorização pessoal. Além disso, pudemos perceber que o trabalho possui também uma função de preenchimento da vida, como uma ocupação contra um vazio existencial.

Apesar da visão mais positiva da velhice ter sido atribuída pelos grupos que continuaram profissionalmente ativos, o principal motivo para a continuação do trabalho ou

pela retomada deste, não foi o financeiro e nem tão pouco a gratificação do trabalho em si, mas a dificuldade em permanecer em casa, provavelmente pela falta de contato social, rotina empobrecida, etc. Apenas um dos entrevistados integrantes do grupo dos que continuaram trabalhando, relatou que o motivo pelo qual o fez continuar trabalhando foi o fato de gostar do que faz e pela ajuda financeira proveniente deste. Um outro aposentado pertencente também a este grupo citou o fator financeiro; neste caso percebemos em sua narrativa, um certo descontentamento em relação ao trabalho que efetua, sendo este um meio de ocupá-lo e lhe dar rendimentos e não de enriquecê-lo profissional ou pessoalmente. Um dos resultados que mais chamou nossa atenção, foi que quatro aposentados atribuíram ao trabalho a única razão em suas vidas, disseram que o trabalho preserva as relações familiares e que não havia motivação alguma para não trabalhar; notamos em suas narrativas dificuldades em estar com suas famílias, como se não houvesse motivo para isto. Parece que não se sentem pertencendo ao núcleo familiar ou não desenvolveram relações de proximidade e troca afetiva, para tornar agradável ou com sentido a permanência em casa. Mesmo no grupo dos aposentados que parou de trabalhar, apenas um relatou possuir verdadeiramente um bom relacionamento com sua família.

Esta questão parece ser comum e estar ligada aos padrões relacionais mais patriarcais em que o homem é mais periférico ou do espaço público, enquanto a casa é domínio da mulher. Dessa forma, eles se sentem deslocados no ambiente doméstico.

Trabalhar serve também como um meio de contornar um casamento insatisfatório, devido a uma série de problemas relacionais, principalmente nos últimos estágios do ciclo vital, quando os filhos não estão mais em casa.

Este dado nos fez refletir, a respeito da relevância das relações humanas fora e dentro da família. O período da aposentadoria sinaliza uma nova fase na vida do indivíduo, que pode ser vislumbrada como uma oportunidade de realizar projetos, desenvolver aptidões, rever o relacionamento a dois no casamento, ou como um período de crise, um tempo de vazio e de perda de referência; pode ser caracterizado como uma grande fase de possibilidade do lazer, da realização pessoal e do investimento em si próprio. No entanto, a maneira como cada um irá lidar com os novos acontecimentos vai depender, entre outros aspectos, do seu auto-conceito e de sua auto-estima que estão ligados, principalmente, às suas interações familiares passadas e presentes.

A solidão é uma grande ameaça para o aposentado. É preciso que ele seja acolhido, reconhecido e valorizado. Para tanto, é importante valorizar sua presença, sua companhia,

testemunhar a vida realizadora que apresentou, por tudo que viveu, pela família que criou e pelas atividades que poderá vir a desempenhar.

Pensamos que é na família que as pessoas podem buscar recursos para viver esta nova jornada, esta etapa de confronto de sonhos, realizações, ganhos, perdas e nova realidade, de forma mais afetiva e criativa, portanto, é necessário o cultivo das relações familiares em todos os momentos da vida, para que haja o apoio da mesma nas fases finais, quando assume parte mais significativa de sua rede pessoal.

Levando em conta tais considerações, cremos que esta pesquisa contribui para a ampliação de um conhecimento e de um novo cenário sobre a velhice, o trabalho, as relações sociais e a família.

Pudemos constatar esta contribuição, ao apresentarmos os resultados desta Pesquisa aos diretores da AAPS (Associação dos Aposentados da Sabesp), que compreenderam, concordaram e manifestaram a necessidade da implantação de um Programa de Pré Aposentadoria que possibilitasse a integração entre o funcionário e sua família, com o objetivo de restabelecer os vínculos, e preparar tanto o trabalhador quanto sua família para a nova fase que se inicia em sua vida com a aposentadoria, a fim de quem possam juntos vivê-la com mais harmonia e qualidade de vida.

Apesar de todos os avanços científicos e tecnológicos, acreditamos ser nossas relações e nossas redes que apóiam nossa vida, com elas nos tornamos mais felizes, e por meio delas nos tornamos mais humanos. Portanto, se para uns a rede social construída no trabalho é indispensável, para outros ele tem menos importância, porém o apoio familiar sempre representa um grande benefício, pelo testemunho do valor contido nas realizações dos seus membros, pois, o respeito e a admiração que esposa, filhos, genros, noras e netos podem oferecer aos idosos aposentados é sempre bastante nutritivo do ponto de vista afetivo.

Esta pesquisa procurou abrir caminhos, para que outros estudos com novos recortes e aprofundamentos possam surgir sobre este tema tão atual e tão fundamental em nossa sociedade.

## REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, S. **O que é o trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

ALVES JÚNIOR, E D. **Procurando superar a modelização de um modo de envelhecer**. Movimento, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 57-71, maio/ago. 2004.

ALMEIDA, V L V. **Velhice e projeto de vida: possibilidades e desafios**. In: Velhice, Envelhecimento, Complexidade. São Paulo: Vetor Editora, 2005, p.93-110.

BALTES, P B. **Theoretical propositions of life-span developmental psychology: On the dynamics between growth and decline**. Developmental Psychology, v.5, p. 611-626, 1987.

BALTES, P B; BALTES, M M. **Successful aging. Perspectives from the behavioral sciences**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

BAUMAN, Z. **A Liberdade**. Lisboa: Editorial Estampa Ltda, 1989, p.115, 117, 123, 141.

BEAUVOIR, S. **A Velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990, p.15.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Cia das letras, 1973.

BOWEN, M. **De la familia al individuo. La diferenciación de si mismo em el sistema familiar**. Barcelona, Espanha: Paidós, 1991.

BULLA, L C; K C O. **Trabalho e aposentadoria: as repercussões sociais na vida do idoso aposentado**. Virtual Textos & Contextos. n.2. ano II, dez.2003, acesso em 2.4.08.

CAMARANO, A A; KANSO, S; MELLO, J L. **Como vive o idoso brasileiro? Muito além além dos 60: os novos idosos brasileiros**. In: CAMARANO, A.A. (org). Rio de Janeiro: IPEA, dez, 1999.

CAPRA, F A **Concepção sistêmica da vida. Ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1982. p.260.

CERVENY, C M O. **A família como modelo – desconstruindo a patologia**. Campinas: Livro Pleno, 2000.

\_\_\_\_\_ ; BERTHOUD, C M E. e cols. **Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais.** Rio de Janeiro: Vozes, 2006. p. 118-137.

DAL RIO, M C. **O trabalho voluntário. Uma questão contemporânea e um espaço para o aposentado.** São Paulo: Editora Senac, 2004.

DEBERT, G G. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização da velhice.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo - Fapesp, 2004.

DENZIN, N K; LINCOLN, Y S. **O planejamento da pesquisa qualitativa. Teorias e abordagens.** Porto Alegre: Artmed, 2006. p.17.

DIGIOVANNI, R. **Família e envelhecimento.** São Paulo: FGV, 2004.

ERIKSON, E. **Identidade, juventude e crise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FEATHERSTONE, M. **A velhice e o envelhecimento na pós-modernidade. A terceira idade.** São Paulo, v? n.14, p.6-17, Ago.1998.

FERRIGNO, J C. **Trabalho, aposentadoria e alienação social. A terceira idade.** São Paulo, v.2, n.2, p.9-15, out, 1991.

FÓRUM GLOBAL DO ENVELHECIMENTO; APOSENTADORIA DO HSBC; OXFORD INSTITUT OF ANGEING. **O futuro da aposentadoria - A nova terceira idade.** Disponível em: <<http://www.hsbc.com.br/ofuturodaaposentadoria>>. Acesso em: 02 de mar de 2008.

FRANÇA, L H; SOARES, N E. **A importância das relações intergeracionais na quebra de preconceitos sobre a velhice. Terceira idade - Desafios para o terceiro milênio.** Rio de Janeiro: Relume- Dumará: UnATI/UERJ, 1997.

FRAIMAN, A P. **Coisas da cidade.** São Paulo: Cortez, 1986.

FREIRE, P. **Política e Educação.** São Paulo: Cortez, 1993.

GIDDENS, A. **As transformações da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas.** São Paulo: Unesp, 1992.

GOFFMAN, E. **Estigma, notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GIL, A C. **Método e Técnicas de Pesquisa Social.** São Paulo: Atlas, 2007. p.117.

GRANDESSO, M A. **Sobre a reconstrução do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

HELLER, A. **O cotidiano e a história.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

IBGE. **Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil 2000.** Rio de Janeiro: IBGE, 2002. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 20 set. 08.

JONES, R. **Novo conceito de aposentadoria.** Diário do Comércio. São Paulo, p.3, 23 mai. 2007.

LADISLAU, L. **Lazer e participação social. A terceira idade.** São Paulo. v. 13, n. 25, p. 7-25, Ago. 2002.

LEMOS, V.C.H. **O valor da atividade não remunerada realizada por pessoas maiores de sessenta anos.** Serviço Social & Sociedade. São Paulo, n. 75, p. 114-126, Set. 2003.

LOPES, R G C. **Imagem e auto-imagem: da homogeneidade da velhice para a heterogeneidade das vivências.** In: NERY, A.L. **Idosos no Brasil -Vivências, desafios e expectativas na terceira idade.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC, 2007. p. 141-152.

MARQUES, P Z ; CARLOS, S A. **A cultura da atividade e o trabalho com idosos.** Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano, Passo Fundo, p.61-69, Jul/Dez. 2006, acesso em 25.3.2008.

MARTINS, J. **Não somos cronos, somos Kairós.** In: Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento. Medeiros, S.R. **Revista Kairós- Gerontologia.** São Paulo: EDUC, 1998. p.11-24.

McGOLDRICK, M. **Novas abordagens da terapia familiar - raça, cultura e gênero na prática clínica.** São Paulo: Roca, 2003.

MEAD, M. **Cultura y compromiso – estudio de la ruptura generacional.** Barcelona: Gedisa Editorial, 1969.

MERCADANTE, E F. **A construção da identidade e da subjetividade do idoso.** São Paulo, 1997. Tese (Doutorado) – Faculdade de Gerontologia. Pontifícia Universidade Católica, 1997.

MINAYO, M C S. **Visão antropológica do envelhecimento humano.** In: Serviço Social do Comércio – SESC; PUC-SP. Velhices- Reflexões contemporâneas. São Paulo: SESC: PUC, 2006. p.48-59.

MORGAN, D. **Focus Group as qualitative research.** USA: Sage Inc, 1997.

NERI, A.L; DEBERT, G.G. **Velhice e sociedade.** Campinas, SP: Papirus, 1999.

NERI, A.L.; **Velhice bem sucedida - aspectos afetivos e cognitivos-** Mônica S. Yassuda (orgs.) Meire Cachioni (colab.) Campinas: Papirus, 2004.

OLIVEIRA, Z L C. **A provisão da família: redefinição ou manutenção dos papéis?** In: Gênero, família e trabalho no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Envelhecimento ativo: Uma política de saúde.** Disponível em: <[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento\\_ativo.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf)>. Acesso em: 02 mar.2008.

OSÓRIO, L.C. **Família hoje.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PAULA, B.X ; **Relações de trabalho e processos de exclusão.** Franca: Ribeirão, 2007.

PEREIRA, I.L; VIEIRA, C.M. **A terceira idade: guia para viver com saúde e sabedoria.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Carpe Diem, 1996.

PERES, M A.C. **Trabalho, idade e exclusão - A cultura organizacional e as imagens sobre o envelhecimento.** In: X Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia - Sociedade e cidadania: novas utopias, 2001, Fortaleza-CE. Anais do X Congresso Brasileiro de Sociologia - Sociedade e cidadania: novas utopias, 2001.

PETRAGLIA, I C. Edgard Morin, **A educação e a complexidade do ser e do saber**. Petrópolis: Vozes, 2002.

QUARESMA, M L. **Gerontologia e Gerontologia Social**. In: Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento. MEDEIROS, S.R. Revista Kairós - Gerontologia. São Paulo: EDUC, 2006. p.19-42.

REY, F. **Epistemología cualitativa y subjetividad**. Revista Interamericana de Psicología, 32 (2), 1998.

ROSA, R. VILELLA, J. **Um Brasil de jovens aposentados**. Direito do Idoso, 01 Jun. 2003. Disponível em:  
<<http://www.jb.com.br/jb/papel/economia/2003/02/09/joreco20030209002.html>> Acesso em: 01. mar. 2009.

SANTOS, M.F.S. **Identidade e aposentadoria**. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1990.

SAWAIA, B. **As artimanhas da exclusão- análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes, 1999.

SCALON, C; ARAUJO, C. **Percepções e atitudes de mulheres e homens sobre a conciliação entre família e trabalho pago no Brasil**. In: Gênero, família e trabalho no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. p. 15-77.

SELL, A. **Ninguém vive sem política**. Porto Alegre: Palmarinca, 2002.

SILVA, T. M. N. **A construção de uma pedagogia para o idoso**. A terceira idade, São Paulo, v. 13, n. 25, p. 62-75, ago. 2002.

SIMMEL, J M. **Pátria Amada**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1965.

STUART-HAMILTON, I. **A Psicologia do desenvolvimento: uma introdução**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SORJ, B. **Percepções sobre esferas separadas de Gênero**. In: Gênero, Família e Trabalho no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005, p.10.

SUGAHARA, G T L. **O perfil do idoso brasileiro.** In: Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento. Medeiros, S.R. Revista Kairós- Gerontologia. São Paulo: EDUC, 2005. p. 51-75.

TRIVINOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1995.

VENTURI, G; BOKANY, V. **A velhice no Brasil: contrastes entre o vivido e o imaginado. Idosos no Brasil.** In: NERY, A.L. Idosos no Brasil - Vivências, desafios e expectativas na terceira idade. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC, 2007. p.21-31.

VRIES, M. **Síndrome da aposentaria.** Revista HSM Management. ANO 8, n. 41, p.182-190, 2003.

WALDEGRAVE. C. **Social Justice and Family Therapy.** Dulwich Centre Newsletter. Richmond-Australia: 1990 (1). ISSN 1030-2883.

WALSH, F. **A família no estágio tardio da vida.** In: CARTER,B & MACGOLDRICK, M. As mudanças no ciclo de Vida Familiar -Uma estrutura para a terapia familiar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p.270-289.

WEREBE, M J G. **30 anos depois: grandezas e misérias do ensino superior.** São Paulo: Ática, 1994.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE 1

### Pontifícia Universidade Católica Programa de Estudos Pós Graduated em Psicologia Clínica Núcleo de Família e Comunidade

#### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

#### O TRABALHO NA VISÃO DE UM GRUPO DE APOSENTADOS

Declaro que possuo conhecimento do objetivo desta pesquisa de protocolo N° 027/2008, que é conhecer e compreender o significado de concepção de vida, expectativas e necessidades dos aposentados, com a continuidade ou interrupção do trabalho após a aposentadoria do ponto de vista dos aposentados, através de uma entrevista semi-estruturada. Entendo que conheço os benefícios desta pesquisa, que dentre eles é o de promover um debate sobre um envelhecimento com uma melhor qualidade de vida; conheço seus riscos, e sei que não sou obrigado a participar do estudo e que posso retirar meu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem ser em nada prejudicado; bem como possuo o direito da garantia de quaisquer esclarecimentos, antes e durante o curso da pesquisa sobre sua metodologia. Meu nome não será utilizado nos documentos pertencentes a este estudo e a confidencialidade dos meus registros será garantida. Desse modo, concordo em participar do estudo e cooperar com a pesquisadora.

Nome do pesquisado:

Nome:

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/20\_\_.

Assinatura: \_\_\_\_\_

RG:

Testemunha:

Nome:

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/20\_\_.

Assinatura: \_\_\_\_\_

RG:

Testemunha:

Nome:

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/20\_\_.

Assinatura:

RG:

Pesquisadora:

Nome: Alessandra Cássia Ribeiro Chrisostomo

Data:

Assinatura: \_\_\_\_\_

RG: 20.238.957-1

## APÊNDICE 2

### ROTEIRO DIRIGIDO AOS APOSENTADOS ENTREVISTADOS:

- O trabalho antes e depois da aposentadoria, o seu significado, desafios enfrentados em continuar trabalhando, pontos positivos e negativos;
- Relacionamento social, familiar e as mudanças significativas após a aposentadoria;
- Percepção da família antes e depois da aposentadoria;
- Tarefas assumidas após a aposentadoria;
- Opinião sobre os grupos de convivência e universidades da terceira idade;
- Trabalho remunerado e não remunerado na terceira idade
- Existência de preconceitos contra a velhice;
- Arrependimentos vividos,
- Expectativas e sonhos em relação ao futuro e
- Significado da velhice.

## APÊNDICE 3

### TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

#### Legenda:

**P- Pesquisadora**

**A- Aposentado (a)**

#### ENTREVISTA 1

##### Dados de Identificação: PM

##### Aposentado continuou trabalhando

A- Idade: 60 anos, casado, católico, advogado, renda atual total 4.500,00 (aposentadoria, aluguel e salário atual), aposentado há 8 anos, quando se aposentou era Gerente de Recursos Humanos da Sabesp, continuou trabalhando, montou um café mas não deu certo, e aí voltou para a profissão de advogado.

A-Nasci em 1948, primário, ginásio, e quando eu entrei no colegial eu comecei a trabalhar, eu inverti, primeiro eu comecei a trabalhar como técnico de segurança do trabalho na Petrobrás em 1970, fiz concurso e passei, para depois estudar. Depois fui para a Sesp, como supervisor de segurança e depois em vim para a Sabesp como supervisor de segurança, depois encarregado de planejamento, analista de planejamento e depois gerente de Recursos Humanos, e comecei a fazer faculdade em 1977 e depois eu me casei... em 77 e um ano antes eu achei que deveria fazer faculdade.

P-O senhor conheceu a sua esposa em ...

A-75.

P-Então o senhor começou a fazer faculdade no mesmo ano em que casou?

A-É verdade!!! Inclusive eu fiz na São Francisco e era 150 anos da Universidade, inaugurou em 1827 .

P-O senhor gostava de estudar?

A-Não, tanto é que eu parei quando eu terminei o colegial,

A- E por que o senhor decidiu fazer direito?

A- Por que você sendo técnico de segurança obviamente você não tendo curso superior, você limita a sua carreira, sem sombra de dúvida, eu passei a analista de planejamento assim que eu

entrei na faculdade, naquela época não era condição “*Sinequanon*” para crescer, subir, pois havia o profissional de carreira, depois as coisas passaram a se configurar de outra forma.

P-Mas por que faculdade de direito?

A-Por que eu pretendia exercer a função de advogado, os caminhos foram me levando para outros caminhos, as oportunidades foram aparecendo neste sentido, mas poderiam ter aparecido em outros, eu não fui buscar necessariamente o que eu gostava, as oportunidades que foram aparecendo, e eu fui aproveitando.

P-Como foi começar a trabalhar, foi difícil entrar?

A-Foi muito bom, mas na verdade o mais difícil foi entrar na Petrobrás, pois era concurso, e muito concorrido.

P-Foi seu primeiro emprego?

A-Sim com carteira assinada.

P-O senhor tinha quantos anos?

A-Eu tinha 22 anos, eu entrei no exército com 19 e saí com 21, 2 anos no exército e em seguida fiz concurso e entrei, e de lá pra cá, você já sabe...

P-Quantas horas o senhor trabalha atualmente?

A-Agora 8 horas, como advogado da associação

P- Me explique melhor como foi, o senhor se aposentou aqui na sabesp e ...

A-Então eu montei um café, e este café... eu saí na verdade em 1996 da companhia através de um plano de demissão voluntária, ele me dava um valor que me permitia me aventurar como empresário, montei um café na João Cachoeira eu até tentei por 2 anos, e...neste espaço, pra dizer a verdade o que aconteceu foi o seguinte: vamos por parte, eu quando saí da empresa eu não tinha a OAB, eu me formei e não tirei a OAB, quando eu estava ainda trabalhando eu percebi que eu deveria tirar a OAB para lidar com as coisas da aposentadoria, daí eu paguei como autônomo nesse ínterim eu fiz 2 coisas: comecei a estudar para o exame da OAB e entrei com o processo de aposentadoria. Minha idéia era me dar bem como empresário, mas a alternativa eu tinha uma aposentadoria que ia me dar pelo menos uma base, para não ficar sem recurso e comecei a estudar OAB para poder ver se como advogado que era liberal eu poderia sustentar também, pois eu estava cansado desse trabalho e dessa jornada de 8 horas.

P- E quando o senhor trabalhava na empresa o senhor nunca fez o exame da ordem?

A-Não porque eu não exercia a advocacia na empresa, praticamente o diploma de bacharel nunca me serviu, até tive oportunidade mas eu não achei na época que não era o caso, eu estava seguindo uma outra .

P-O senhor gostava do que o senhor fazia?

A-Gostava, ah bom gostava! Você sabe... eu não posso dizer que era a coisa que eu mais queria, não, não é.

P-Se arrependeu de trabalhar nessa função?

A-Sim me arrependi, de repente se eu tivesse feito educação física, eu acho que eu poderia ter me dado melhor, mas eu não podia, porque educação física era no período diurno e eu não podia, então as opções começaram a ficar mais restritas, logo eu tinha que optar por um curso noturno então tira engenharia, que não era o caso, medicina, e tinha o que? Educação física, administração de empresa, direito E não necessariamente alguma coisa que eu gostasse, eu nem sei como é isso como é que é. Então eu entrei pra ver como que é. Mas trabalhei e fiz o que deu, e depois saí da Sabesp. Faltava um ano para me aposentar e eu resolvi parar, pois eu não estava agüentando mais, a empresa já não tinha a mesma cara, eu não tinha motivação necessária, eu não tinha mais “saco”, aquela coisa de levantar de manhã e dizer “poxa” de novo a mesma coisa.

P-Vejamos se eu entendi contando a Sabesp e as outras empresas 29 anos é isso, então foi Petrobrás, Sesp e Sabesp? E aí o sr. optou pelo plano de missão voluntária faltando um ano para se aposentar.

A-Exatamente, a empresa incentivava este plano de demissão voluntária, e eu aproveitei, e continuei pagando INSS como autônomo e trabalhando no café por 2 anos de 96 a 99, eu não peguei o café logo que eu saí da empresa, demorou um pouco. Mas como não deu certo eu fechei e comecei a trabalhar como advogado, pegando causas como autônomo, e... em 2001, aí surgiu esta oportunidade de trabalhar como advogado aqui mas por meio período, era uma coisa que facilitava, pois eu tinha umas ações e eu tinha que dar encaminhamento e meio período me facilitava isso, agora recentemente eu passei a dois períodos. Pra ser sincero é o seguinte: eu trabalhava aqui meio período duas vezes por semana, depois a semana toda meio período e depois período integral, então só faz um ano que eu trabalho período integral.

P-E o senhor gosta de trabalhar como advogado? Quais os pontos positivos deste trabalho?

A-Olha, tem seus momentos, coisas boas e ruins como em qualquer profissão, como o trabalho te ocupa de alguma forma te realiza, alguma satisfação sempre dá, mas falando sinceramente eu gostaria de trabalhar mais como professor de educação física, trabalhar ao ar livre, trabalhar com a terra. Eu tenho oportunidade agora, pois vai sair uma herança e eu vou poder trabalhar com plantação, pecuária, este é meu objetivo.

P-E por que nunca o senhor fez educação física?

A-Porque eu nunca tive oportunidade.

P-E depois que o senhor se aposentou?

A- Porque não tinha mais nada a ver, não tinha mais sentido, começa a ficar velho... E agora eu penso em trabalhar ao ar livre, sem horários, coisas que me dão satisfação, educação física ficou no passado, agora é outro objetivo mas é tudo a mesma linha, eu não quero trabalhar em um escritório fechado 8 horas por dia, estou planejando para não mais fazer.

P- E para quando são estes planos?

A- Olha, eu espero, que não muito distante, pois eu estou com um inventário aí se der certo, daqui há uns dois anos, eu vou viver essa vida.

P- E o que senhor faz no seu tempo livre?

A- Eu jogo futebol, saio com meus amigos, eu tenho um bom relacionamento social, tenho amigos da época que eu trabalhava como gerente, jogo xadrez, saio com os cachorros, corro no Ibirapuera, vou pescar, saio com minha esposa.

P- Houve alguma mudança significativa após a aposentadoria?

A- Não, porque eu não parei de trabalhar, então eu não senti nenhuma diferença, nem nas tarefas que eu realizava, nem no tempo passado com ela, eu sempre fui um profissional e assim continuei com a aposentadoria, me dedicando às minhas atividades profissionais e recreativas, com minha família em relação à mim também nada mudou, o relacionamento é o mesmo, cada um com seu devido espaço, a única diferença é que eu recebo o meu benefício.

P- Com tudo isso que o senhor me disse até agora, eu percebi que o senhor não sente prazer no que faz, mas mesmo depois da sua aposentadoria, da formação dos seus filhos, o senhor continua fazendo...

A- Ainda porque eu preciso de dinheiro, satisfação pessoal que não, nós estamos aí com planos e temos esperança que não demore muito, eu quero mexer com a terra, criar gado, mas eu vou trabalhar as horas que eu quero, dormir a hora que eu quero, isto prende a pessoa em uma rotina muito desgastante, eu pego trânsito para vir trabalhar, enfim é isto que eu não quero.

P- A sua vida hoje é melhor do que antes?

A- Eu acho que sim, porque meus filhos estão criados, eu não tenho que me desdobrar como antes.

P- Como o senhor se vê daqui a 5, 10, 15 anos?

A- Ah! Não eu não consigo fazer isto, no máximo projeto minha vida daqui a 2 anos e olhe lá, fazer planos não, nunca fui a longo prazo, só o que eu consigo visualizar, eu não deixo a vida me levar, mas eu não a levo tão a sério.

P- E a sua esposa fale um pouco sobre ela, ...

A- Ela é analista de recursos humanos e trabalha por tempo integral.

P-E me conta um pouco como vocês se conheceram...

A-Quando a gente se conheceu ela era professora de creche, ela interrompeu o trabalho dela porque vieram os filhos e o salário era muito pouco, e assim ela interrompeu a carreira dela e foi dar início 15 anos depois, nós casamos e um ano depois tivemos o primeiro filho e aí ela parou, tivemos 2 filhos, um casal.

P- Com quantos anos eles estão?

A-Ela está com 29 e ele com 21.

P-Moram com vocês?

A- Não, não, nenhum dos dois, minha filha é médica e mora com uma amiga e meu filho está fazendo administração de empresa e mora em uma república também, faz na Anhembi-Morumbi. O meu filho também não mora conosco, pois ele arrumou um estágio, ele ganha um dinheirinho e então paga aluguel.

P-Quando ele entrou na faculdade ele foi morar sozinho?

A-Sim, eu encarei isto numa boa, porque eles querem mais liberdade pra... eu acho que pai e mãe tolhem demais a liberdade deles, eles querem viver sua vida independentes, se não aparecer em casa, ótima pra eles, ficar patrulhando o que eles estão fazendo, e eles querem ter uma relação na casa deles, e isto de alguma forma eu vejo numa boa, não tenho problema em relação a isto. O nosso relacionamento é normal de pai pra filho, pai é pai e não amigo, o relacionamento é uma coisa meio truncada, não é uma coisa assim..., nós conversamos, mas não é próxima... hoje melhorou, ele estuda, fica fora, então as coisas são diferentes, deixa pra lá. Você veja já com a minha esposa é diferente, é tão maternal, que eu acho que faz com eles sejam crianças, eles ficam até imaturos, e eu acho que eles não gostam disso, eles querem se sentir adultos, por mais que as vezes você vê que eles não atingiram a maturidade, mas eles não admitem qualquer conversa neste sentido.

P-Quando a sua esposa voltou ao mercado de trabalho?

A-Olha, quando o E (filho) estava com 10 anos, ele é temporão, minha filha estava com 18 anos, minha esposa passou o tempo todo com ela. Espera deixa eu ver se essa conta está certa, ela trabalha na Sabesp faz 12 anos, ela trabalhou antes em uma empresa 2 anos, então faz 14 anos que ela está trabalhando.

P-O primeiro emprego foi como professora?

A-Sim, ela se formou em pedagogia, daí ela foi dar aula, depois ela parou para cuidar dos filhos e depois quando os filhos eram adolescentes ela voltou ...mas como ela já tinha idade para o mercado de trabalho, ela fez concurso, ela passou, trabalhou em duas empresas do

governo a primeira CDHU e depois na Sabesp, as duas como técnica administrativa, e aí ela foi crescendo, e hoje ela é analista da Sabesp.

P-Ela pretende se aposentar?

A-Pretende, mas a possibilidade que ela tem hoje é 60 anos com 15 anos de contribuição, esta é a única possibilidade... o tempo de contribuição é 25, ela tem 14, e para atingir os 25 e ainda assim tem pedágio, ainda assim, ela atingi a aposentadoria por idade antes com 60 anos.

P-E o que ela pretende fazer quando se aposentar?

A-Ela tem planos, tem INSS e Sabesp-Preve, isto vai lhe render metade do salário que ela ganha, então ela tem planos, ela gosta de cuidar de plantas, e como os filhos estão ficando independentes, não vai precisar ter uma renda tão alta...

P-A sua esposa voltou a trabalhar por que?

A-Foi pela independência, para não ter que pedir dinheiro, comprar o que quisesse, até porque eu como gerente ganhava muito bem, daria para sustentar a casa sozinho, e foi uma decisão dela, e como ela havia sido tolhida por mim mesmo eu a apoiei, porque como professora ela não ganhava bem, tinha que trabalhar o dia inteiro, eu achei que ela deveria ficar em casa cuidando da menina, a decisão foi dos dois, se ela tivesse uma carreira, ainda vá lá, mas era uma professora de creche, um bico, não era uma coisa muito importante. Ela na verdade se formou como orientadora educacional, sua formação não era para dar aula.

P-E agora ela está trabalhando, e gosta do que faz?

A-Não, porque ela gosta mesmo é de trabalhos manuais, mexer com plantas, orquídeas, ela tem em nossa casa orquídeas belíssimas, ela até acha que este trabalho poderia ser rentável a ela, ela tem máquina de tricô, faz casaquinhos de crochê, ela gosta de trabalhos que não fiquem submetidos a horários, lugares fechados, pegar trânsito, mas ela não conseguiu também.

P-E como é o relacionamento entre vocês e seus filhos?

A-Filho depois de uma certa idade quer ter sua vida, os dois sempre foram assim, e nós também, nós criamos no sentido de torná-los independentes, os dois foram criados assim, minha filha quando começou a fazer a faculdade de medicina em Pinheiros ela alugou um apartamento e nós tivemos que pagar,arcamos com todo o custo, ela tinha que ter um carro para se deslocar para a faculdade, e depois disso a nossa relação mudou não era mais prioridade ver os pais, uma vez por semana a cada 2 semanas e como eu e minha esposa trabalhamos, temos as nossas vidas, tanto que sábado e domingo eu jogo futebol, saio com amigos, mas quando a gente se encontra com os filhos é até molhar. Eu sou tão a favor de cada um ter a sua vida que R (filha) para a Europa, de alguma forma o cordão foi cortado ali,

e lá ela fez 2 cursos um no Egito e outro na Itália, hoje ela é cardiologista trabalha em posto de saúde como contratada há 1 ano e meio, primeiro ela trabalhou como plantonista em hospitais e agora ela está bem neste posto da prefeitura perto de Interlagos, ela não fez residência, ela achou que naquela época não precisava, mas agora ela pretende terminar. Bem eu vou te explicar melhor... seis meses antes de terminar a faculdade ela foi para a Europa, pois um pré-requisito para fazer esse curso na Itália é que a pessoa não estivesse formada, um intercâmbio, aí quando ela voltou faltava seis meses de faculdade, então ela terminou a faculdade e pegou plantões e o ano passado pintou esta possibilidade na prefeitura ganhando bem e ela resolveu aceitar.

P-Agora falando um pouco de terceira idade, apesar de segundo a OMS, o senhor ter entrado a pouquíssimo tempo neste grupo, ser e estar muito jovem, o que o senhor acha da situação dos idosos em nossa sociedade?

A-É eu já sou um idoso está no Estatuto, não é isso? Eu não tenho nenhum problema com isso, não me considero velho, eu acho o seguinte... eu lido muito com idoso, eu acho que eles vão ficando muito dependentes, eles querem muito carinho, eles querem ser compreendidos, vai ficando carentes, a vida deles passa a ter prioridade em relação aos demais, não é a aposentadoria que causa isto, e sim a partir de uma certa idade, parece que a pessoa fica de idade e se acomoda, fica com a pessoa ruim, se sente uma pessoa inútil e eu acho isto muito ruim, e o próprio Estado sofre com isso, e de alguma forma eles acham que o governo tem que cuidar deles.

A-Me parece, que eles perdem o objetivo da vida, e eu acho que aqui a pessoa se aposenta devido a regra do jogo, estipularam que ele tem que trabalhar, e dependendo de como ele leva a vida dele profissional, se ele trabalha em uma função sem qualquer tipo de realização é claro que ele vai contar na folhinha os dias para se aposentar, uma que ele vai ganhar o que ele ganhava na ativa, principalmente se for classe baixa, uma que o INSS paga, então ele pensa porque eu vou trabalhar para ganhar o que o INSS vai me pagar, o problema maior é daquelas pessoas que ganham 10.000,00 ou 15.000,00 aí ela vai ter que continuar trabalhando para ganhar isto, ela não vai conseguir viver com 2.000,00. E os que ganham pouco se acomodam, vão jogar dominó nas praças, vão beber, e também acho que não conseguiriam voltar a trabalhar, porque o mercado não absorve mais, não tem qualificação...

P-E o senhor acha que eles estariam dispostos a efetuar alguma atividade voluntária?

A-Até acho, mas isto deveria ter uma boa e prévia programação, para encontrar as pessoas dispostas e direcioná-las para cada tipo de atividade, que levasse em conta potencialidades e o que o idoso têm de bom. Eu só penso que para fazer este trabalho, ela teria que ter um salário

razoável, até dá. Agora se não ganha o suficiente, ela vai ter que busca uma renda complementar, voluntária é que ela não poderá ser.

P-O que o senhor pensa da interação jovem-idoso, o senhor acha que poderia dá certo? Como o senhor acha que o jovem vê o idoso?

A-Olha o mundo que eu vivi, é muito diferente deste que está aí, a velocidade das coisas, o nosso mundo é tão dinâmico, neste mundo informatizado é da sua geração e não da minha, as informações acabaram separando gerações, eu acho que muita coisa deveria ser feita antes, para que o jovem pudesse ouvir esse idoso, preparar esse jovem para isto, para que por meio da relação com o idoso possa resgatar a noção de família, os valores tão perdidos, que ficaram para trás, eu acho que poderia dar muito certo, pensando bem, os jovens não valorizam o velho, a sociedade vê o velho como ultrapassado, tudo isto patrocinado pelo sistema, nós vivemos em um sistema capitalista, quem tem mais pode mais, até por isso o idoso não é valorizado, porque em mundo que valoriza o consumo e o idoso perde isto, a partir do momento que ele não mais produz, ele fica à margem da sociedade, se você for vê na minha área mesmo, o rico não vai preso, a filosofia do mundo é o ter, existem idosos que têm muito a oferecer. Uma outra coisa importante, é que o brasileiro, acha que tem que ter o filho para o resto da vida, então ele pensa bem assim, o americano educa de uma forma diferente, porque o brasileiro quer ser amigo dos filhos, e eu acho que não dá para misturar as coisas, você não pode dar muita moleza, e amanhã não fica aquela coisa de amigo, e amanhã quando o pai se for não fica aquela coisa ah! Eu não vivo sem meus pais, não eu vivo normalmente, o que deve ficar é o respeito isso sim, mais não esse grude, foi esta a relação com meus pais, com a função de educar, encaminha e é duro quando tem que ser duro e pronto e o que fica o pai, cai essa relação, meu pai era duro, você vai trabalhar e estudar.

P-Fale um pouco da sua família de origem

A-Meu pai era radio-telegrafista, minha mãe era do lar, minha irmã fez medicina, meu irmão pedagogia e eu direito, vim de uma família simples de Bauru, mas todos foram bem encaminhados, se não vai estudar muito, então vai trabalhar, eu comecei a trabalhar com 14 anos, menos a L porque ela foi fazer medicina e não dava para ela trabalhar, ela gostava muito de estudar, com minha irmã sempre foi diferente, você vê que eu parei depois que fiz o colégio nunca fui como minha irmã.

P-E sua mãe fale um pouco sobre ela...

A-Ela cuidava da casa, tinha roupa, comida, enfim não sobrava muito tempo para cuidar de filho, e o nosso relacionamento (riu), cada um pro seu lado também, nada muito unido não!, nunca fomos de conversar, meu pai trabalhava de dia e de noite.

P-E hoje como é?

A-Hoje não existem mais, são todos falecidos, inclusive meus irmãos, minha irmã sofreu um acidente de carro, meu irmão teve Parkinson com 50 anos, como nós vivíamos longe, não senti tanto.

P- E sua esposa como é o relacionamento dela com a família?

A-Os pais dela já morreram e ela só tem um irmão que ela não se dá, tem umas tias que são unidas, se vêem muito em festas no Natal, mais do que a minha e é só.

P- Bom, agora falamos um pouco de sua família atual de sua família de origem, voltando um pouco a terceira idade, o que o senhor acha das atuais políticas públicas e dos atuais grupos de convivência?

A-Eu não gosto disso, não acho que seja tão bom quanto dizem, velho com velho e não acho dá certo, fica mais velho ainda, eu acho que não deve haver separação, isto causa até certa irritação na sociedade, aí a sociedade começa a tratar de forma diferente e a isolar, esses grupos de convivência só servem para isolar mais ainda, eu acho que enquanto a pessoa for viva ela tem que conviver com todas as outras independente da idade, a troca se torna muito mais rica quando ela traz coisas novas, muitos idosos até gostariam de conviver com jovens, eu acho essa troca seria maravilhosa para ambas as partes, você eu não separo meus amigos por idade, eu tenho amigos de 17, 24, 32, 45, 60 anos, eu acho que estes grupos promovem ainda mais o preconceito contra os velhos, se velho fica falando só com velho você vai trocar o que?

Ele viveu muitas coisas que o outro viveu, muitas experiências parecidas, diferente de conviver com jovens é outro mundo, e eu penso que a pessoa deve aprender sempre, independente de sua idade, eu acho estes grupos são terríveis, eu nunca freqüentarei um grupo destes.

P-Com isto o senhor acha que estes grupos não estão dando conta de oferecer um bom envelhecimento para as pessoas é isto?

A-Exatamente, com certeza, se você só fica falando com velho você vai trocar o quê, já viveu o que você viveu tem idéias mais ou menos parecidas com a sua, não vai dizer muita coisa diferente do que você já sabe, eu acho que o idoso deve conviver com outras pessoas que possuem outras vivências, idéias, outras faixa etárias

P-E o que o senhor acha que este idoso que se aposenta deveria fazer?

A-Por exemplo, eu acho tão mais saudável um velho fazendo exercício com um jovem de 20 ou 30, correndo se for o caso, andando de bicicleta com não sei quem, estar no parque em meio às outras pessoas, com outras idades, crianças, jovens, eu penso que as pessoas não

devem e não podem simplesmente se recolher porque atingiu uma determinada idade cronológica. Eu acho que o idoso não tem limites, ele poderia fazer tudo que ele quisesse, ele tem sim algumas limitações, os velhos em alguns países eles são as pessoas mais importantes, os melhores postos são dos velhos, na Rússia é assim, eu não entendo porque o velho deve ser inútil, você veja o presidente da república é idoso tem 65 anos, o único presidente da república novo foi o Color, os deputados, senadores a maioria são velhos, empresas de alguma forma tradicionalistas quem manda é um conselho dirigido por idosos, eu penso que o idoso funciona muito bem sem nenhum problema, o problema é que tudo tem que ser pra ontem, rápido, vamos lá, e nesse aspecto o idoso perde, mas com sabedoria, eu acho que muitas coisas deve-se ser pensado, nada pra ontem calma, para com isso, vamos devagar, meu pai usava uma expressão que era a seguinte, ele falava pra mim: “Vou dormir, aí gente dizia porque o senhor vai dormir, pra acordar mais cedo amanhã, e porque acordar mais cedo, pra almoçar mais cedo, e porque almoçar mais cedo, pra jantar mais cedo e porque jantar mais cedo, pra dormir mais cedo. Eu acho que depois de uma determinada idade você tem o direito conquistado de fazer apenas o que lhe dá muito prazer, não importa o quê, não deve haver limitação por causa da idade, agora eu te pergunto: o governo pode sustentar isso, não? Senão pode então para com isso, o governo pode sustentar pessoas com menos de 60 anos aposentadas? Eu com 52 anos aposentado, com toda a possibilidade de trabalhar, com toda plenitude da vida. Olha só que absurdo a pessoa se aposentar com 30 anos de serviço, ela começou com 16, com 46 ela se aposenta, em pleno vigor, em plena condição mental e intelectual de continuar trabalhando, a pessoa deveria trabalhar por mais tempo possível e dependendo de quanto o governo tiver para gastar e aí estabelecer, tem que ser feito esse cálculo e não o inverso, eu tenho o dinheiro pra quanto? Minha conta dá pra 70 anos, então se aposenta com 70, ou minha conta dá pra se aposentar com 60, então é sessenta, agora sem poder com um rombo de 5 milhões de dólares não dá, esta é forma óbvia de se pensar, exemplo: quantas pessoas hoje tem 60 anos 5 milhões dá pra se aposentar, dá então tudo bem, então vamos estabelecer, e isso não pode ser uma regra rígida, porque chega no ano que vem você vê que não dá, então vai ter que ser 61, essa contribuição também não dá, feito o cálculo vocês vão ter que contribuir mais, não tem outro jeito.

P-E se isto acontecesse o senhor acha que mudaria a imagem social do idoso?

A-Olha todo mundo que sustenta alguém fica irritado, nós ficamos irritados porque sustentamos e muito bem nossos dirigentes, e porque eles não fazem jus ao salário que recebem, acho que isto diminuiria o preconceito contra o idoso, claro, sempre que você tira privilégios você aproxima as pessoas, elas ficam mais próximas, direitos sim, privilégios só

afastam. Agora falando desses grupos da importância de conviverem juntos sem distinção de idade, eu lembrei que eu jogava com um grupo futebol onde a filosofia era a seguinte; todos traziam filhos, primos, e aquilo era muito bom, pois o menino de 3 anos vinha, acompanhava o jogo, depois ele cresceu jogando futebol, eu acompanhei o crescimento dele, ou seja, várias gerações interagindo, foi muito bom, agora eu entrei em um grupo de idosos e aposentados, que disseram: eu não quero jogar com jovens, eles correm muito, fica um grupo isolado, que de alguma forma não cresce, estressado, ranzinza, velho com velho só dá isso: reclamação. Aqui na associação quando temos eventos, eu sou a favor de permitir que o aposentado leve a família, que vá os filhos, primos, sobrinhos e tenha outras gerações, pois se for só velho o assunto será aposentadoria, passado, não enriquece nenhum evento, então uma associação que busca entretenimento e direitos para eles, mas no meu modo de ver, mas deve-se ter um raciocínio mais aberto para integrá-lo na comunidade, trazer a comunidade até ele.

P-E com relação às universidades da terceira idade?

A-Claro que buscar conhecimento é enriquecer de alguma forma, é sempre bom, tem que se atualizar, conhecer melhor as coisas, acompanhar o que está acontecendo, nós temos mais tecnologia, em uma sociedade informatizada o ser humano tem que possuir um conhecimento mínimo de informática conseguir viver e se virar de alguma forma, então eu acho que em termos de busca de conhecimento é válido, aprender inglês. Eu acho que não haveria necessidade de se ter Universidade especificamente para a terceira idade. Por exemplo eu estudei na São Francisco tinha 150 cadeiras, em 6 meses tinha 75 cadeiras vazias, isto é um absurdo, daqui a pouco chega-se no final do curso quem frequenta mesmo são 40 pessoas, eu acredito que esta situação deve ser normal em outras faculdades, eu te pergunto: Por que esses lugares vazios não podem ser preenchidos por outras pessoas que querem aprender, independentemente de diploma,? Que querem aprender, que querem absorver alguma coisa, não tem lugares vazios, então você olha aquela sala vazia, o dinheiro do tesouro está sendo desperdiçado, e para o professor também, espaço público, carteira pública, professor público e ninguém aproveita isso, eu não estou falando apenas das que desistem e sim aquelas que vão embora e pedem para colegas assinarem, que querem apenas o canudo, todo mês vão fazer apenas a prova, isso acontece porque a pessoa muitas vezes já está trabalhando, as aulas são enfadonhas, professores não dão aula com muita satisfação, você em um cursinho pré vestibular o show que eles dão na aula para atrair os jovens para ficarem em aula, o aluno precisa ir à aula e gostar da aula que ele vai receber, então eu fiz cursinho e tive 2 professores que eram fantásticos, um deles era o Heródoto Barbeiro que dava aula de História e um outro era um japonês que foi até deputado dava aula de Geografia, mas as aulas deles eram

verdadeiros shows, tinha um outro professor de matemática que você aprendia a gostar de matemática, e é isto que a gente está precisando, não de métodos, e sim gostar do que fazem, elas precisam tornar aquilo atrativo, o professor tem que passar vibração para a platéia. Assim como uma banda quando dá um show, eles tem que gostar desse show que vão dar, acreditar nele.

P- Com isso o senhor quis dizer que as pessoas devem ser apaixonadas pelo que fazem..

A-Isso! Ou as pessoas amam o que fazem, ou então... elas devem ter muita disciplina.

P-No seu caso o que aconteceu?

A- No meu caso foi muita disciplina

Neste momento o mesmo parou alguns instantes, e olhou em direção à rua...

A-Olha eu acho que eu nunca fui muita coisa, eu diria que eu sempre fui menos do que eu poderia ser, eu sempre tive essa sensação, eu poderia ter dado mais do que eu dei

P-E por que não deu mais?

A-Falta de motivação, só isso, motivação está ligada reconhecimento.

A-Você quer saber de uma coisa que eu nunca tive, eu acho e sem pretensão eu vou dizer uma coisa pra você, pois eu estou sendo bastante sincero, pois você me deixou muito a vontade, tanto é que até agora eu não fumei nenhum cigarro e vou lhe confessar que sou um fumante compulsivo, mas esta entrevista me entreteu tanto, foi tão boa, eu pensei e repensei tantas coisas, você dirigiu de uma forma tão tranqüila, amigável e natural que eu fui lhe confessando coisas, que até pra mim nunca foram trabalhadas. Depois de ter me aberto tanto e lhe ter dito tanta coisa, eu vou lhe confessar o que faltou na minha vida, o que eu senti falta : um professor, um chefe, alguém de mais idade que pudesse lhe passar experiências, é muito bom poder aprender com alguém mais vivido e eu acho que a minha vida sempre foi buscar sempre as coisas muito sozinho, nunca tive um mestre, é bom ter um mestre, você aprende e você evolui muito se as pessoas adiantarem alguns passos para você, te ensinar um caminho, um mestre, um amigo, alguém que você possa olhar pra ele e dizer: esse cara vai me levar pra frente.

P-E o senhor acha que se o senhor tivesse tido um mestre o seu caminho teria sido diferente?

A-Eu acho, acho sim.

P-E agora o seu caminho está mais claro que antes?

A-Agora eu quero viajar, morar em Goiás, trabalhar no campo, mas sem grandes ambições, sei lá depois...

P-Novos caminhos podem aparecer...

A-Exatamente....

P- O que significa para o senhor a velhice?

A-Uma etapa da vida, só isso, que você tem que aceitar as limitações impostas por ela, você não morre de repente, seus dentes caem, suas vistas começam a piorar, você não anda com tanto dinamismo, e você tem que se adaptar, e aceitar, agora aceitar ser velho, e não encarar como encerramento da vida, e sim que todo mundo vai passar não é, tão boa quanto... tão ruim quanto...boa por que lhe traz mais serenidade, tranquilidade, maturidade, sabedoria, bom senso, adquire umas coisas e perde outras.

P-Defina pra mim velhice, com apenas uma palavra

A-Vivência

P-Viver, viver, viver, ter o privilégio de ter vivido, e se chegar a velhice achando que não viveu tão bem, viva bem a partir dela, se dê o direito de viver bem aqui e agora, não importa a idade que você tenha, viva, viva muito, seja feliz sempre.

A-Maravilha, muito bom...

P-O senhor quer dizer mais alguma coisa? Fazer alguma observação, sugestão?

A-Não, eu acho que tudo que deveria ser dito, foi dito, eu acho um projeto interessante o seu, alguma coisa deve ser feito em relação a isto, o que fazer não sei, mas eu espero que de alguma forma o que eu disse, ajude a novos projetos e programas dirigidos à terceira idade, para melhor qualidade de vida e um envelhecer com maior participação de verdade. Eu acho que o idoso não deve ficar choramingando como se fosse um coitado, quando o idoso vem nas reuniões comigo, ele me diz: eu dei a minha vida toda pra Sabesp, 30 anos, a Sabesp me deve uma vida!

A-E eu pergunto: Mas a Sabesp, não pagou todos os seus direitos, sempre te pagou corretamente? Então o que ela poderia e deveria fazer ela fez, se você estava insatisfeito com algo, deveria procurar outro trabalho e não ficar se lamentando, você trabalhou aqui porque você quis, não foi obrigado a ficar, ela não te deve nada, muito menos uma vida, pelo contrário, ela te deu possibilidades. Esta política assistencialista é terrível, as pessoas tem que ir a luta e parar de querer receber tudo de graça, o governo deve preparar as pessoas, prepará-las para o mercado e não ficar dando salários, e isto esta empresa possibilitou.

P-O senhor ficou aqui porque quis, e voltou aqui porque quis

A-Exatamente, eu até ia partir para ser advogado autônomo mas a vida profissional é muito incerta, eu entro com uma ação hoje, um inventário pode demorar três anos para sair, e eu vou viver do que?, apesar de já estar aposentado, eu preciso ganhar dinheiro, e é trabalhoso, tem custos, tem que ter uma estrutura mínima, quando eu voltei para cá como advogado a idéia era meio período como advogado da associação e meio como autônomo, mas depois!!! Eu

conhecendo a profissão como eu conheço, você passa a ser um empresário e não mais um advogado, um escritório é uma loja ela vende ações, muito mercantil pra mim, perde o propósito inicial, aqui eu faço aconselhamento, mostro como é que funciona, a atividade aqui é mais rica. Você veja eu até tentei ser empresário, quando eu abri o café, mas não deu, tentei realizar um sonho, mas eu não ganhei dinheiro, mas a experiência foi muito rica, estressante mas valeu a pena.

P- Uma última pergunta: Fale pra mim coisas que você se arrependeu de fazer e coisas que você se arrependeu de não fazer:

A-Olha foram muitas coisas de que eu me arrependo, por exemplo, são tantas coisas, que fica até difícil.

P-Mas você se arrependeu mais por ter feito ou por não ter feito

A-As duas coisas, me arrependo de ter trabalhado na Sabesp por 23 anos deveria ser saído antes, me arrependo de não ter feito faculdade logo que saí do colégio, me arrependo de não ter ido para o interior mais cedo, me arrependo de não ter ido buscar as coisas, de não ter tido consciência, mas a vida é assim... Você tem dois caminhos, você começa a trilhar este (mostra) e aí você encontrar mil problemas, dificuldades, e aí você opta pelo outro e começa a dar certo, é mais fácil, eu tive o livre arbítrio, mas ele perdeu, você entende!!!,(riu). Você vê que a coisa não encaixa, isto não deixa de ter sido o destino, como que as oportunidades ocorrem, o outro caminha é mais fácil do que aquele que você queria, com meu pai também foi assim...(parou)

P-Aé!!! Assim como?

A-Ele saiu de Campinas e ia lá para o Rio de Janeiro, queria seguir a carreira de marinheiro, quando ele chegou em São Paulo estourou a revolução de 32, e aí ele teve que ficar lá ele entrou como radiotelegrafista do exército, passou a ser a profissão dele para o resto da vida, não é um pouco de destino.

A-Ele queria ser marinheiro

A-Ele estava indo para o Rio de Janeiro, estourou a revolução aqui e ele foi obrigado a ficar. Só pra você ter uma idéia do que aconteceu eu passei em Direito na PUC e em Economia na FMU e em Direito na USP, você sabe que eu até estava pensando em fazer Economia, Direito não era uma coisa! FMU não era boa, PUC tinha que pagar, logo... Parece que Deus é até meio irônico, fala de livre arbítrio mas você sabe que não é bem assim.

P-Bem agora eu penso que terminamos

A-É já falei muito, mas foi bom, valeu, valeu muito obrigado.

P-Obrigada o senhor pela oportunidade e pela sinceridade das respostas.

## ENTREVISTA 2

### Identificação: ACJ

#### Aposentado continuou trabalhando

P-“Fale-me sobre você, seu trabalho hoje e antes da sua aposentadoria

A-“Tenho 63 anos, sou casado, tenho o segundo grau completo, estou aposentado há 13 anos, fiz um colegial técnico, de auxiliar de enfermagem”

P- Me fale um pouco da sua vida profissional

A-“Bom eu sou de Bragança Paulista, ainda menino eu comecei trabalhando como entregador de leite e ajudando minha mãe em casa, aí fiz outros serviçinhos por aí, e com 22 anos em 68 resolvi vir para São Paulo, e aqui eu comecei a atuar como auxiliar de almoxarifado na Sadia, depois fui para outra empresa atuar como auxiliar de compras, e aí para outra agora de segurança também como auxiliar de almoxarifado, e depois para o servidor estadual como atendente de enfermagem em 70, e então vim para cá por uma indicação, pois eu fiz o curso de auxiliar de enfermagem do trabalho no SENAC e foi o próprio que indicou a Sabesp, fiz a seleção e comecei e fiquei por 16 anos aqui na Sabesp, e em 96 eu me aposentei. Quando eu me aposentei eu já tinha o curso de podologia, e já atuava na profissão, mas foi depois da aposentadoria em 98 que eu decidi me dedicar de corpo e alma a esta função, montei uma clínica de podologia e passei também a fazer trabalhos voluntários na prefeitura, na UBS, ajudando na área administrativa. Também faço parte do conselho deliberativo, como voluntário também e sou presidente da Associação Amigos do Bairro. Como você pode notar a minha jornada é grande, mas muito prazerosa e me faz muito bem, pois eu trabalho muito mas não esquento a minha cabeça, pois eu aprendi a viver melhor. A minha jornada é a seguinte: na clínica de podologia eu trabalho à tarde, na UBS toda segunda na parte da manhã, aqui uma vez por mês e no Bairro uma vez por mês e quando tem eventos com as crianças eu tenho que ajudar a organizar.

P-“O senhor disse que é casado, a sua esposa também participa?”

A-“Sim aqui nas atividades aqui da Associação e na UBS também ela participa com os grupos, porque temos vários grupos: de terapia comunitária, começando bem o seu dia, ginástica, alongamento, então têm vários eventos e na medida do possível eu e minha esposa participamos de todos e nas festas também eu sou mestre de cerimônia, porque eu também sou radialista por formação, mas não exerço, apenas nas festas eu ajudo como radialista”.

A“-Como você pode ver de aposentado eu só tenho o nome, eu adoro tudo isto, veja só: quando eu montei a clínica eu só trabalhava com ela, não fazia os trabalhos voluntários que faço hoje, na verdade comecei em 2003, depois de um enfarte que tive em 2002, devido à má qualidade de vida, e principalmente devido ao sedentarismo e ao tabagismo. Tive de mudar meu jeito de ver a vida e passei a me dedicar a atividades mais prazerosas e então quis me dedicar mais ao próximo, e passei a fazer trabalhos voluntários.”

P“-E sua família o que acha?”

A“-Eles me apóiam muito, principalmente minha esposa, pois ela têm sido sempre uma grande companheira, desde 68 quando nos conhecemos no colégio, logo que cheguei em São Paulo.

Sempre conversamos muito sobre tudo, até a decisão dela por não trabalhar e eu fazer dupla jornada aqui na Sabesp e como podólogo, foi de comum acordo, para que minhas filhas não ficassem tão sozinhas, pois a minha companhia era possível apenas de domingo, pois até de sábado eu trabalhava.

P“-O senhor tem quantas filhas?”

A- Duas, uma com 35 e outra com 33, a mais nova já é casada e a mais velha mora comigo.

P“-Sua esposa nunca trabalhou?”

A-Sim, mas quando minhas filhas já eram adolescentes, e foi por pouco tempo, uns 3 anos, em uma escolinha. Ela não fez questão de continuar trabalhando.”

A“-Eu nunca parei de trabalhar, mesmo porque só com a aposentadoria não daria pra ter uma vida como a que eu tenho hoje, e também porque homem dentro de casa você já viu!.”

P“- Mas o que pesou mesmo?”

A“-Acho que tudo, eu não conseguiria viver apenas com a minha aposentadoria. E eu me sinto muito bem trabalhando, pois quando eu me aposentei em 96 eu continuei trabalhando como podólogo, mas não tinha montado a clínica de podologia, fazia serviços esporádicos. Em 99 eu montei a clínica. E em 2003 eu comecei também com o trabalho voluntário. Eu sempre trabalhei muito na minha vida, quando eu vim pra cá como auxiliar de enfermagem, eu também fazia plantão no Hospital, na Gastroclínica, e lá era muito bom, um trabalho sempre agitado, corrido, já aqui era muito sossegado, o trabalho no ambulatório da Sabesp era muito tranquilo, tanto que é que eu fiquei em dúvida se era isso mesmo que eu queria, mas depois eu fui me acostumando, formando boas amizades, e depois de alguns anos eu saí do Hospital e fiquei só aqui, e foi aí que eu fui fazer o curso de podologia, pensando que quando eu me aposentasse pudesse ter uma profissão, que não fugisse da área de saúde. Então você imagina, se uma pessoa tão agitada assim poderia ficar parada depois de aposentada, não nem

pensar. Mas tive que mudar o meu jeito de encarar a vida, o trabalho depois de meu enfarte em 2002, mas até hoje eu tenho meu dia bem tomado, mas de atividades que não me pressionam, e se ficar pesado eu posso parar. O trabalho eu acho que é importante na vida de uma pessoa, você precisa dele para atingir alguns objetivos, através dele você consegue coisas fundamentais e a sociedade te reconhece como cidadão. Então você veja, depois do enfarte, o pessoal daqui da Associação foi me visitar e me pediu que começasse a ajudá-los nas festas e eventos, que assim eu iria me divertir, pois na Sabesp eu sempre estive presente nos agitos, fui presidente do grêmio, sempre gostei de festas, agora tenho feito no amigos do bairro e agora estou até fazendo festas particulares e ganhando um dinheirinho.

P-Me fale um pouco de como é o seu dia

A-“ Bom eu levanto, vou caminhar, depois do susto tive que adquirir este hábito, faço trabalho voluntário de manhã, de segunda feira tenho reuniões aqui, do conselho deliberativo. E de terça a sábado à tarde eu atendo na clínica.

E de final de semana clínica, festas e família. Que agora eu tenho dado mais atenção.

P-Quando o senhor fala de família....

A-“É sou eu, minha esposa, minha filha mais velha e uma tia da minha esposa, e na casa do fundo, meu irmão, minha cunhada e meu sobrinho. Hoje eu dedico mais tempo à minha família, quer dizer a minha filha solteira e a minha esposa, vivemos muito bem juntos, fazemos tudo juntos. Minha esposa sempre me ajudou cuidando da casa das meninas até como vendedora, quando de final de semana, ela ia para o Paraguai comprar produtos para vender aqui, no meu bairro.

P-Houve mudança qualitativa no seu relacionamento com sua esposa, após a aposentadoria?

A-Não! Mas eu acho que a mudança na minha vida e nos meus relacionamentos ocorreu mesmo com o meu enfarte. Pois foi aí que eu parei e passei a ver outras coisas, depois da aposentadoria eu continuei trabalhando na clínica. Foi com a minha doença que eu mudei.

Hoje temos uma vida mais tranqüila e nos curtimos mais, não temos tantas obrigações, responsabilidades, temos o direito conquistado de fazer o que gostamos, e isso é muito bom, é uma das vantagens da idade. E apesar de ter trabalhado muito e ter passado muito tempo longe de casa, acho que como sempre estivemos participando de reuniões com amigos, eventos com a Igreja, nunca estivemos muito distantes um do outro.

Eu tenho mais tempo até para participar dos problemas do meu bairro, conversar com meus vizinhos, coisas que antes não dava para fazer, apesar que eu estou mais no posto de saúde onde eu verifico os cartões das pessoas dos SUS, carteiras de vacinação das crianças e do idosos eu verifico se está em ordem, eu ajudo também as pessoas a se mobilizarem para

conseguir uma vida melhor no meu bairro, por isso tudo é que eu me sinto muito bem, útil, ativo, participante. Antes eu era importante apenas para a minha família, hoje não, eu penso também no bem estar de outras pessoas.

P-Com uma vida assim agitada o senhor para pra pensar no futuro? Suas expectativas...

A-Olha eu não penso no futuro não, a minha vida é agora com tantas oportunidades de viver, conhecer pessoas, aprender a cada dia, tenho tido oportunidade até para me conhecer melhor, meu corpo, que nunca tinha prestado atenção, eu estou voltado pra isso também, mas pro hoje. Eu costumo dizer que eu posso dividir a minha vida em dois momentos antes e depois da minha doença, antigamente eu não vivia o presente, apenas pensando no que eu teria que fazer depois, e depois, e depois, estressado, olhando no relógio o tempo todo, mas também eu tinha uma família que dependia de mim, do meu trabalho. Já hoje eu vivo muito o meu presente, tranquilo, com mais paz, sossego, mas eu vivo um dia de cada vez. Então tudo que vier é lucro e sem muitas expectativas...

P-O senhor falou da importância do trabalho na vida de uma pessoa, e para o idoso, o que o senhor acha, de sua situação social em nosso país? O que deveria ser feito?

A-Olha eu sou suspeito quando se fala de trabalho, principalmente de trabalho voluntário, eu acho que toda a pessoa que tem saúde deveria ocupar um pouco do seu tempo fazendo algum tipo de atividade, claro que tudo depende também de sua situação econômica, e física; e deveria se puder ajudar alguém, há tanto para se fazer. Mas parar de vez nem pensar, e homem sofre muito o preconceito de ser aposentado, de se sentir inútil, a mulher participa mais, tem ocupações para se distrair, atividades artísticas, enfim consegue redirecionar sua vida. Então eu acho que um trabalho deveria ser feito para encaminhar estas pessoas, para que elas percebessem que a vida não acaba após a aposentadoria, ela pode ser muito bem vivida, basta que você se entre em alguma coisa, faça algo que lhe dê prazer, enfim comece a ver a vida de uma outra forma, que não sinta pena de si mesmo e descubra outros caminhos, não mais tristes que o tempo do trabalho e sim diferentes, novos. E olha que existe tanta coisa para se fazer, tantas pessoas que precisam de ajuda, carinho, amparo, e seria uma boa tanto para quem ajuda como para quem é ajudado. Tem um grupo de senhoras que fez todo o enxoval de várias adolescentes grávidas na nossa comunidade que têm cadastro no nosso posto de saúde, estas senhoras fizeram tanta coisa, mais tanta coisa e foram entregar a cada uma das moças grávidas, você tinha que ver que coisa linda, que encontro lindo de ser ver. E quem você acha que ajudou quem? É isso que tem que ser feito com tantas pessoas boas, saudáveis que ficam em casa em depressão, pensando besteira, vivendo de passado, alguns sendo mal tratados por

suas famílias se achando inútil. Olha, esses grupos são muito bons, mas precisaria se investir ainda mais.

P-O senhor acha que o idoso sofre preconceito?

A-Eu acho que sim, de uma forma geral, primeiro por causa da idade, por isso que ninguém quer envelhecer e depois porque muitos idosos não ocupam o seu tempo como deveriam, ou não sabem como ocupá-lo, acham que estão velhos demais para fazer alguma coisa.

A velhice pode e tem que ser uma fase da vida feliz, desde que você tenha uma outra forma de encará-la, o velho adquire uma liberdade de fazer o que você quiser, de passear a hora que lhe der na telha, você tem uma responsabilidade apenas com você, e esta maturidade que adquirimos com a idade nos permite fazer loucuras e não devemos nos importar se com elas somos chamados de esclerosados, pois sabemos que por muitos somos. E daí?

P-E o que o senhor pensa da interação entre jovens e idosos, o senhor acha que seria eficaz?

Importantíssimo, pois para os jovens eles estariam aprendendo a dar valor às pessoas, às experiências, e aprenderiam que elas não podem ser descartadas como objetos, eu acho que daria mais segurança ao jovem, pois teria algum exemplo a seguir, hoje eu acho que os jovens perderam isso, eles não tempo e nem sabem como se guiar, se guiam apenas por outros jovens que viveram e sabem a mesma coisa que eles, e isso é insuficiente para esse nosso mundo que muda tanto a cada dia, mas que algumas coisas não podem mudar: o valor das pessoas, e esse é um ensinamento fundamental de se passar para o jovem, que pode com isso se tornar uma pessoa mais íntegra. E para o idoso, meu Deus, que maravilha poder ser ouvido pelos mais jovens, poder passar algo seu.

P-Mas o senhor não acha que existe preconceito do jovem em relação ao idoso?

A-Existe, por isso mesmo que seria importante, uma ação não sei bem de quem, mas que unisse estas duas faixas etárias, serviria além de tudo para diminuir o preconceito não só do jovem mas de toda a sociedade em relação ao idoso.

Eu vejo pelas senhoras que fizeram o enxoval e foram pessoalmente entregar, elas conversaram com essas mães, passaram alguns ensinamentos para as mães tão novas e despreparadas, imagine isso poder acontecer mais e mais! Ah que beleza seria isso!!!

P-E sobre os grupos de convivência, e as universidades da terceira idade o que o senhor tem a me dizer?

A-Pra mim, funcionam como uma estratégia eficaz contra a solidão, o abandono de muitos idosos, acho melhor participar de um grupo desses, ou aprender algo diferente, independente da idade, do que ficar triste, sozinho e pensando em doença, estas ações de faz você se sentir vivo.

P-Bom, nós falamos de seu trabalho, de sua família, do senhor e agora gostaria de saber um pouco sobre sua família de origem. De onde vê essa força? Essa solidariedade?

A-Ah sim, bom eu sou filho da terceira esposa de meu pai, sou o caçula, com a primeira esposa meu pai teve sete filhos, com a segunda nenhum e com a terceira ele teve nós quatro, o mais velho faleceu, uma irmã mora no interior, e o outro irmão há muito tempo eu não vejo, ou seja, não tenho contato com nenhum irmão. Meus pais faleceram quando era menino, minha mãe quando eu tinha quatro anos e meu pai eu tinha seis, como você pode notar minha infância não foi lá essas coisas. Mas eu fui morar com o meu tio, e ele sempre foi muito generoso comigo, ele era irmão de minha mãe. Sobre meus pais mesmo o que eu sei é que meu pai era sacristão de igreja, porque ele era instrumentista, tocava órgão nas missas, e minha mãe ficava em casa, era muito boa, isso quem me disse foi meu tio, eu não lembro quase nada de minha mãe e de meu pai também. Meus irmãos eu acabei perdendo contato, pois cada um foi pra casa de um parente, quando meu pai morreu. Meus tios me educaram muito bem, sempre me trataram como um filho, mas senti falta de meu pai e de minha mãe, não tenho muita coisa para dizer deles, nem de meus irmãos.(Choro)

Meu tio era sapateiro, minha tia dona de casa, tinham dois filhos, primos muito queridos para mim, que sempre me trataram como irmão, mas é estranho pois eu sempre me senti um intruso dentro da casa deles, nunca me senti da família, me achava um órfão que meus tios bons de coração estavam cuidando. Assim que eu fiz 22 anos vim para São Paulo, era hora de viver a minha vida e ter uma família. E foi assim, toda a minha vida, minhas filhas sempre muito queridas por mim, mas eu nunca fui um pai muito amoroso para elas, nunca fui de beijar, abraçar, eu nunca tive isto, eu até me arrependo disso, de não ter ficado mais junto com minha família, mas eu pensava muito que a minha parte era só essa, dar o sustento e o restante ficava com minha mulher. Mas te digo uma coisa eu sempre amei muito minhas filhas e minha esposa, sempre quis ter uma família de verdade, mas acho que tive que dedicar muito ao trabalho, acho que é por isso que hoje eu faço tanto trabalho voluntário e me dedico às outras pessoas de minha comunidade, e acho que tenho muito ainda a fazer por ela. Mas hoje o meu relacionamento com minhas filhas é muito bom, acho que elas entenderam tudo o que eu fiz, bom assim eu espero. E não pretendo parar tão cedo de ajudar, espero que Deus me dê muita saúde ara continuar, porque não dá pra parar.

P-Para o senhor, o que é a velhice?

A-Olha, eu acho que é maturidade, tranqüilidade, renascimento. Uma etapa que se você souber viver, pode ser muito boa em sua vida, claro se você conseguir chegar nela com saúde e um mínimo de dignidade.

## Entrevista 3

### Dados de Identificação: RG

#### Aposentado continuou trabalhando

Depois de todas as explicações acerca da pesquisa, iniciamos a entrevista.

“-Sr R. o senhor pode começar falando sua idade, estado civil, escolaridade e explicando um pouco de sua trajetória profissional.”

“Bom vamo lá, tenho 65 anos, sou casado, tenho dois filhos, um casal, me aposentei em 88, mas não consegui parar de trabalhar, pois sou da seguinte opinião: se o homem para de produzir, enquanto estiver lúcido, a cabeça acostuma e para e aí a doença aparece. Pra você ter uma idéia até de final de semana eu trabalho, sou desenhista projetista, não tenho formação acadêmica, apenas técnica, já trabalhei como projetista mecânico, hidráulico e o que mais eu faço na vida é projeto civil.”

“O seu primeiro emprego foi ...”

“Foi de faxineiro de farmácia, permaneci três meses, eu tinha 13 anos, dos 14 aos 21 trabalhei na *Remilgton do Brasil*, naquele tempo existia a tal da estabilidade para os que atingiam 10 anos de casa, mas com quase oito fui mandado embora, depois fui mecânico de máquina de escrever, estoquista, com 16 anos fiz um curso de desenho mecânico foram tres anos de curso, e aí voltei para a *Remilgton* até 71, e então entrei numa importadora de alimentos e fiquei até 73 e aí prestei concurso e entrei na antiga SABESP, que era chamada de SAEC como desenhista e saí como desenhista projetista em 88 quando me aposentei. Antes de me aposentar tirei três licença-premio e mais duas férias vencidas, e acabei ficando um ano fora, e neste tempo fora passei a fazer projeto civil para empresas em uma firma de construção, passei a fazer tudo na empresa menos a parte de contabilidade, e lá fiquei por mais cinco anos, como você pode ver eu não parei, me aposentei pela SABESP logo depois que voltei da licença e das férias, e continuei trabalhando, parar por quê e pra quê? E só saí desta firma em 92, porque eu estava ficando muito nervoso, me indispondo muito com o dono da firma. E aí encontrei com o engenheiro de Guarapiranga, que era diretor aqui e acabei vindo para cá, onde estou até hoje, e aqui sou coordenador administrativo. E gosto do que faço e me sinto muito bem, trabalhar me ajudou a superar muitas perdas dentre elas, a da minha mãe que aconteceu quando eu tinha 12 anos, fiquei muito sozinho em casa pois meu pai e minha irmã

nove anos mais velha trabalhavam, então para não ficar sozinho e ajudar nas despesas de casa comecei a trabalhar com 13 anos, minha irmã era bordadeira, meu pai sapateiro, então eu posso te dizer que comecei cedo a trabalhar, e me acostumei. Sempre entreguei todo o meu salário para o meu pai, passei a ficar com meu salário só aos 20 anos.”

“Quando conheceu sua esposa?”

“Quando eu tinha 20 anos, ela era minha vizinha, morávamos na Mooca, quando fiz 24 anos eu me casei, ela trabalhava em um escritório, e continuou por mais 6 anos, quando resolvemos adotar um menino, que demos o nome de A., que veio para nós com 15 dias, quando ele estava com três anos a assistente social ligou e pediu para que nós adotássemos um casal de gêmeos, mas não quisemos por falta de condições financeiras, e três anos mais tarde fomos nós que a procuramos, para adotar outra criança, e ela nos disse que era a irmã de A., e nos perguntou: Vocês querem a irmã de A., é uma menina? E nós aceitamos, hoje ela está com 29 anos é bióloga e A. com 35 anos, ele corretor de imóveis, minha esposa está com 61 anos.

Mas lhe confesso que não vivemos bem, (chora). Já faz algum tempo, ela não concorda com nada que eu faço, e por isso tenho me afastado e passado cada vez menos tempo em casa para não brigarmos, sou muito fechado, puxei a minha mãe, portuguesa, minha irmã dizia: Nossa mãe nunca pegou a gente no colo. Eu sou frio como ela. Meu pai era um italiano, bolachão, alegre, do jeito dele, bem diferente da minha mãe.

Não posso me queixar não, a casa, minha esposa administra bem, arruma tudo, lava, passa, cozinha, sempre cuidou de nossos filhos para que pudesse trabalhar, (chora) não posso me queixar não, pois eu penso que o homem deve trabalhar para dar o melhor para sua família, e a obrigação da mulher é se dedicar à casa e aos filhos, pois quando acontece coisas ruins com os filhos, é porque a mãe não esteve presente, tomando conta como deveria, ela é o alicerce da casa, a mulher gosta de cuidar da casa, a casa complementa a mulher, o homem não pode ficar preso a estas coisas. E te confesso que fiz muitos sacrifícios pela família, um deles que eu abdiquei de minha faculdade de engenharia, para poder trabalhar. Por isso que eu acho que o homem deve ter seus momentos de lazer, o meu lazer acabou se tornando o meu trabalho, e olha que mesmo trabalhando e dando duro, me sacrificando, e agora que poderíamos ter uma vida um pouco mais tranqüila fui pego pelo Leão, pela malha fina, e agora tive que negociar uma dívida alta em cinco anos, ou seja, mais cinco anos de luta, nossa vida não foi e não é fácil, mas ela é testemunha que eu fiz o que pude, outros tipos de lazer como viajar, passear, nunca pude, pois o meu orçamento não dava. Mas apesar de tudo estamos juntos até hoje, juntos assim..., eu aqui e ela lá em casa, agora cuidando do neto quando ele vai em casa, ela adora o neto.”

“Ah É! Me conte um pouco de seus filhos e de seus netos, Quantos tem?”

“Eu tenho apenas um e jaconteceu por descuido do meu filho, pois eles não queriam e não querem se casar, a moça continua morando com a família dela, e meu neto vem pra minha casa, de quinze em quinze dias às terças e quintas e aos finais de semana, foi o acordo que eles fizeram, mas meu filho não dá muita atenção ao filho, sou mais eu e minha mulher que mimamos ele. Posso te dizer que tenho dois amores na vida: o Corinthians e o meu neto. Apesar que sempre pratiquei esporte: futebol, vôlei, tamborei no Corinthians, de tanto praticar estourei meu joelho esquerdo, e hoje sou chamado de deficiente, tanto que já estou providenciando minha documentação, e vou até poder comprar um carro adaptado.”

“E sua filha?”

“Bom ela é que nem a mãe esquisita, namora, mas nada firme, quase não a vejo, não conversamos sobre nada, ela nunca me procura só a mãe, e é isso que sei dela, e não faço questão de saber mais.”

“Bom diante do que o senhor me disse posso compreender que o senhor atribui muita importância ao trabalho?”

“Nossa e como! As pessoas não devem parar, mesmo de bengala, todo homem tem que continuar produzindo, não fomos feitos para ficarmos parados. O trabalho é tudo na vida de uma pessoa. Sei de alguns amigos meus que se aposentaram, as vezes a gente se encontra para jogar futebol, lá na Consolação, amigos de mais de 40 anos, uma vez por mês nos reunimos, alguns lá do Brás onde eu morava, a maioria não tem nada pra fazer na vida, acho triste isso, o prazer da vida deles acaba sendo conversar aquelas horinhas com a gente, não falamos nem de dinheiro e nem de mulher, muitos até vivem com suas mulheres, outros são viúvos, e outros assim como eu estão remediados, vão vivendo como podem, não falamos de nossa vida pessoal, só jogamos conversa fora, contamos piadas e falamos de nossa juventude e tudo que passamos de bom e de ruim.

“E sobre os grupos de convivência, estes grupos onde idosos se reúnem para cantar, conversar, passear, e outras atividades, o que o senhor pensa deles?”

“Nunca pensei sobre isso, não sei, acho que eu não iria...” (Ficou calado)

“E Por que?”

“Porque não, não tenha nada a ver comigo, e é isso.”

“E o preconceito contra o idoso, o senhor acha que existe?”

“Sim, com certeza, até mesmo contra os que ainda trabalham, imagine os que não trabalham! Aqui mesmo entra um funcionário novo, ele acha que sabe de tudo e não sabe nada, apesar que eu acho que eu fiz isso na minha juventude, logo este não é um fato novo, sempre existiu.

Apesar desses probleminhas, que acontecem eu gosto muito quando chega alguém jovem com novas idéias, com energia, sangue novo é bom trabalhar com eles, a gente se sente bem, e bem ou mal eles acabam aceitando a nossa companhia, e acabamos aprendendo um com o outro”

“Eu devo te confessar, que nunca fui um cara bonzinho, bem humorado, sempre fui amargo, eu admito, tanto é que, só pra você ter uma idéia, sempre reclamei demais de tudo e contestei tudo, aproveitando essa minha rabujisse, e foi por isso que me convidaram aqui, para fazer parte de uma chapa da oposição contra a atual administração da Associação dos Aposentados, mas não aceitei, não quero me envolver com politicagem, vejo muita coisa errada, mas não quero comprar esta briga, pra que? Não, não!”

“ E Sobre a velhice, o que significa?”

“ Tristeza, decadência, ficar senil, enquanto isso não acontece tá bom, só tenho medo de ficar doente e acabar precisando dos outros. Se você soubesse como eu feri meu pai quando ele ficou doente da próstata e eu tive que dar banho nele e limpá-lo e humilhação que eu vi em seu rosto, isso eu te digo que não quero passar, quero morrer logo trabalhando ou dormindo, mas isso é uma dádiva para poucos, não é mesmo?”

“É verdade!”

“E expectativas, o senhor têm?”

“Não tenho, vivo um dia após o outro, tive momentos bons no passado, apesar de ter perdido minha mãe muito jovem, não ter tido carinho, amor, adotei duas crianças que me deram alegrias, tive momentos felizes com eles, mas não uma vida que me animasse a planejar um futuro, se quando fui jovem faltou tanta coisa, não falo apenas de dinheiro, Não! Agora velho, cansado, não vou conseguir muita coisa.

O que pretendo é continuar trabalhando até o fim dos meus dias, mesmo com muita idade, isso eu garanto, a não ser o dia que não me quiserem mais aqui. As vezes pra você ter uma idéia venho para cá de domingo, pois não consigo permanecer muito tempo em minha casa, venho e fico trabalhando saio daqui à noite, vou pra casa, durmo e no dia seguinte estou aqui de novo. Quando meu neto está em casa até consigo permanecer mais tempo lá, e é isso... Ah! Agora pensando em tudo, lembrei de uma coisa, como bom filho de italiano, gostaria de conhecer a terra de meu pai que ele tanto falava: a Itália, quem sabe depois que pagar a minha dívida com o Leão, pois como lhe disse, eles me pegaram, soneguei e agora vou ter que saldar uma dívida de mais de 80.000,00, que negocieei em cinco anos, ou seja, por mais cinco anos vou ter que adiar a minha viagem para a Itália, mas acho que um dia conseguirei conhecer, o Coliseu, a Torre, Calábria a terra de meu pai, enfim ver tudo aquilo de perto. Olha não é que

eu tenho um sonho, que bom! Pensei que nem mais sonhar, eu sonhava! Nossa como hoje eu to falando de mim, não costumo fazer isso, viu!

“Senhor R. devido à questão que o senhor comentou da dívida com o Imposto de Renda, eu preciso lhe perguntar uma coisa: caso o senhor não tivesse esta dívida, mesmo assim o senhor continuaria trabalhando?”

“Sem dúvida, pois antes de saber que eu teria que pagar, eu já pensava em nunca parar de trabalhar, o trabalho pra mim é muito mais que dinheiro, é questão de sentido, sentido à minha vida, não vejo motivo para parar de trabalhar. Você me entende?”

“Sim, posso entender.

“Bom agora quero lhe perguntar, sobre arrependimentos, o senhor tem algum tipo de arrependimento por algo que fez ou que deixou de fazer em sua vida?”

“Arrependimento não, acho que não, fiz o que deveria ter feito, trabalhei muito, uma coisa que nunca vão poder me acusar é de não ter dado duro, criei meus filhos da forma que eu pude, eu não sabia fazer diferente, sempre tomei as decisões que eu achava certo, me sacrifiquei por meus filhos e pela minha família, não estudei como eu queria, pois todo o dinheiro que entrava era para prover minha família, e não sobrava mais nada, como fazer mais coisas, não, não dava! Já estamos aqui, há bastante tempo, você quer saber mais alguma coisa? Por que eu devo voltar para o escritório.

“Não senhor R. penso que falamos sobre todos os itens relevantes à esta pesquisa, quero agradecer-lhe por todas as informações...”

## ENTREVISTA 4

### Dados de Identificação: A

#### Aposentado parou de trabalhar

A-“ Eu quero te dizer que gostei muito de ser convidado a participar de uma pesquisa que trata sobre o trabalho e a aposentadoria, porque penso que a situação do aposentado brasileiro é muito difícil, porque ele sofre um achatamento salarial brutal, eu vou te dar só um número para você ter uma noção desse achatamento, eu quando me aposentei, me aposentei com nove e meio salários mínimos, hoje o salário mínimo é 450,00, ou seja, nove salários mínimos e meio seriam hoje por volta de quatro mil reais, eu recebo do INSS dois mil e trinta reais. Pela lógica eu estou recebendo 50% do que teria por direito, e eu posso me considerar um privilegiado, sabe por que? Porque eu fui muitas vezes naquela fila do INSS e vi uma fila enorme, e a grande maioria dos aposentados era de salário mínimo, e hoje muitos ganham pelo menos um salário mínimo porque a legislação não permite que ninguém ganhe menos que um salário mínimo. Eu tenho um exemplo: minha mãe é falecida e ela era pensionista do INSS, e eu de uns tempos pra cá me tornei procurador dela, quando ela começou a receber a pensão ela ganhava mais que um salário mínimo, e em torno de quatro ou cinco anos, ela passou a ganhar apenas um salário mínimo, porque o salário teve aumento, a aposentadoria não foi atingindo até que ela passou a ganhar apenas um salário. Eu posso dizer que os aposentados brasileiros estão tendo uma vida difícil, muito difícil, ganhando até menos que o salário mínimo de um trabalhador que está na ativa que é 500,00, então veja a situação de quem depende do INSS, eu felizmente não dependo, porque eu tenho uma complementação da Sabesp, funciona assim: os trabalhadores que foram admitidos antes de 1974 por uma legislação que existia, tinha direito a uma complementação do Estado, então a pessoa se aposenta, vamos dizer que lê ganha 5000,00, o INSS paga 1500,00 e o Estado vai complementar com 3500,00, então ele vai ganhar 5000,00 da mesma forma, logo eu sou um privilegiado porque eu tenho esta complementação, senão eu estaria hoje trabalhando. Se uma pessoa ganha 10.000,00 por mês é porque ela estudou, fez mestrado, trabalhou muito, teve grandes responsabilidades, então ele ta ganhando isso não é por ganhar, agora esse sujeito vai se aposentar e o INSS vai pagar pra ele 2000,00 por mês. Isso porque ainda o INSS pode pagar, mas do jeito que estamos indo com o número tão grande de aposentados, ou seja, mais gente recebendo do que contribuindo...E olha que se arrecada muito, mas eu não sei pra onde

vai esse dinheiro, é uma coisa de política, e soa como se o aposentado tivesse recebendo um favor, e aposentadoria é um direito de todo trabalhador que contribuiu com esse país.

P“- E por que o senhor decidiu se aposentar e parar de trabalhar?

A-“Bom primeiramente eu acho que a aposentadoria tem que ser um prêmio para o cidadão e não uma pena, e hoje o aposentado conforme eu expus pra você, o aposentado recebe uma penalidade, ele vai sofrer, então eu sempre pensei assim: quando eu pudesse eu me aposentaria independente da idade, agora o que aconteceu? Quando eu estava nessa fase... eu venho... eu venho... quando a Sabesp foi constituída eu já era funcionário de uma autarquia do Estado, então eu fui absorvido, o meu vínculo foi absorvido, por isso eu tenho direito a esta complementação, em 74 uma Lei acabou com isso, quem entrou depois de 74, bem esta data é uma data qualquer que eu não me lembro, enfim quem entrou depois desta data não teve mais direito à complementação do Estado. Então eu sempre falava, e aí eu falava quando sair a complementação eu paro de trabalhar, eu trabalhando ganhando X e não trabalhando vou ganhar o mesmo X eu pensei o que eu continuarei fazendo aqui, a não ser que eu tivesse uma visão de carreira, e aí aconteceu que eu era chefe de depto administrativo e trabalhava na área de interior, hoje isso é completamente diferente, eu estava como chefe de depto dentro de uma área que administrava o interior, tava bem tava tranqüilo, e num determinado momento, um cidadão que era assistente do diretor ele queria alguém para auxiliar na diretoria, e a diretoria naquela época tinha muita ingerência, muito favor à empresas, essas coisas, você sabe! E aí ele me chamou para ir pra lá e eu até sabia como era a coisa, e então eu disse olha quando sair a complementação eu vou embora e nesse lugar tem que ser uma pessoa com estabilidade, porque vai ter muita pressão em cima, né? e para esse cargo tinha que ser alguém que já estava há algum tempo, fizeram uma peneira e sobrei eu e um cara de Santos, mas o salário dele era maior, eu não queria ir pra lá, mas até o dia em que eu fui convocado, e eu tive que ir pra diretoria, um ambiente que eu não gostava, tinha que mexer com o orçamento e com a administração do pessoal, demissão, admissão e você esbarra com política, o fulano quer aquele cargo, e aí eu vi muita injustiça, e muitas coisas eu tive que engolir, pois eu tava com quase cinqüenta anos de idade eu tive que agüentar, bom fiquei até sair a minha complementação, mas se eu continuasse naquele depto que eu trabalhava, talvez eu não tivesse me aposentado, na diretoria o clima era muito ruim, e lá eu devo ter falado alguma coisa que o diretor não gostou e ele ficou uma semana sem me receber no gabinete dele, e o “R”, um grande amigo e muito influente na Sabesp me perguntou: O que você falou para o diretor que sempre gostou tanto de você? Nós não nos dávamos bem, então eu sei que eu não

o agradei porque eu não tinha disposição para agradar pois este trabalho não me agradava, então é isso o que vivi nos últimos anos na Sabesp.

P“-Certo!!! Eu quero colocar esses anos de trabalho em uma linha do tempo se o senhor me permitir, mas primeiro eu gostaria de obter alguns dados do senhor, ok?”

A“-Ah, claro eu comecei a falar sobre meu trabalho e não parei mais...”

P-Não, eu achei ótimo, o senhor dizer tudo isso, então vamos lá”

P“- O seu nome é A....

A-A.C,

P“-O senhor nasceu em que ano?”

A“-1937. Comecei a trabalhar em 1950, aconteceu o seguinte... Eu terminei o grupo escolar e tive que trabalhar, você sabe família pobre, não pude ficar em casa, e aí eu fiz vários bicos, e quando eu fiz 14 anos, fiz o curso de contabilidade na época de sete anos, quatro anos o curso básico e três anos o técnico, em 58 eu terminei o curso técnico de contabilidade e aí eu tava trabalhando, um emprego melhor...Fui para uma empresa de engenharia fiquei sete anos, comecei como boy e passei a auxiliar de escritório e então eu trabalhei na área de cobrança, e em 58 quando eu tava me formando, eu achei que a coisa tava muito pequena pra mim, o pessoal era legal, eu falei eu vou trocar de emprego, mas não tinha outro emprego, e naquela época era diferente de hoje, a gente saía, um amigo indicava, e aí eu fui trabalhar na “Gessy”, era uma empresa nacional, comecei a trabalhar só que a empresa era muito grande e eu não me acostumei, e meu cunhado ele conhecia um dono de uma outra empresa que tava precisando de funcionário e eu fui lá falar com ele, acabei ficando 10 anos de 58 a 68, aí que eu aprendi o que era contabilidade, e em 68 eu entrei aqui que naquela época era FESB e em 73 criaram a Sabesp, que incorporava o sistema de água desde a captação até a distribuição . E aí quem estava nestas empresas foi incorporado pela Sabesp e aí o meu vínculo foi absorvido desde 68. Na FESB eu era encarregado e na Sabesp permaneceu o mesmo por um tempo por alguns meses, eu fiz faculdade quando eu vim para FESB em 70, como eu tinha expectativa de continuar, de 70 até 74 fiz meu curso, e então fui ser administrador de sistemas, inicialmente peguei, depois foi reestruturado e então em 76 passei a ser Chefe de Divisão até 81 fiquei assim, depois o chefe de depto saiu e eu fiquei respondendo pelo depto até 85, e de 85 até 86 eu fui ser assistente técnico de diretoria, quando então eu me aposentei.

Eu me aposentei por dois motivos: primeiro porque eu não gostava do que eu fazia na diretoria e o segundo é que eu trabalhando ou não trabalhando eu ganharia a mesma coisa, então pra que? Eu tinha dor de cabeça, acidez de estômago, então eu posso dizer que me aposentei com 34 anos de serviço, não é os 100% dos 35 anos, mas para mim compensou.”

A-“E então...”

P-“ É eu parei por uns tempos, para depois pensar no que eu faria, então decidi fazer uma reforma em minha casa, que deu os problemas sérios na estrutura da casa, peguei o FGTS não me sobrou um tostão. Fiquei seis meses com esta reforma grande, depois em 87 o “R” mesmo me perguntou se eu não queria trabalhar, na CESP contratado por uma empresa terceirizada, mas naquela altura era um salário pequeno e pensando bem não valeria a pena, e assim depois fiquei parado, em 88 me ligaram dizendo que estavam formando a Associação dos Aposentados, fizemos uma Ata de Reunião e foi instituída a Associação e eu ocupei o cargo de vice-presidente de 89 até 99, e hoje o W. que é o presidente ficou como tesoureiro.”

Em 99 parei por estar cansado e por questões familiares”

P-“ Então já aproveitando me conta o que aconteceu, meu neto ficava numa escolinha o dia inteiro, e meu filho mais velho me disse: Pai a gente está querendo tirar, dá pra você ficar com ele, e então meu filho levava o menino na escola de manhã e eu ia buscar à tarde, e também nesse meio tempo, o meu filho do meio que tem uma menininha, ela também estava na escolinha e ela começou a ter problema de pneumonia, e o pediatra pediu para que tirá-la da escolinha, e eu comecei a assumir também a minha neta, então não deu para eu ficar mais na Associação, pois minha neta vinha de manhã cedinho para minha casa, tomava café, almoçava e eu levava para a escolinha, nesse meio tempo vinha o meu outro netinho que eu ia buscar na escola e ficava à tarde em casa, e à noite vinham buscar os dois. E aí as crianças começaram a crescer, meu filho pos na escolinha de futebol, e eu e minha mulher acabamos ficando muito presos, não podia mais ir para a praia, nem para Poços de Caldas, e aí ficamos cinco anos cuidando das crianças, foi aí que minha mulher começou a ficar esgotada, mas eram nossos netos, mas a gente ficou com dó (começa a chorar), mas se não dá tem que parar, aí chamei os filhos e falei que não dava mais. Então meus filhos tiveram que dar um jeito, minha neta estava com sete anos e meu neto com dez anos, os dois iam e vinham da escola de transporte. E nisso os pais da minha neta se separaram, ela arrumou uma moça para ficar com minha neta, meu filho arrumou outra companheira e tal. E a minha outra nora não estava mais trabalhando e pode ficar com meu neto e as coisas acabaram se ajeitando. Nesse tempo também tivemos que cuidar dos pais da minha esposa, que vieram morar conosco, minha sogra viveu quatro meses em casa e faleceu, e meu sogro viveu dois anos, foi pesado... Minha mãe estava numa casa de saúde e meu pai já havia falecido. E em 2004, minha mulher começou a trabalhar num centro espírita grande, tem uma área social, tem creche, cursos profissionalizante, até então minha mulher nunca havia trabalhado, quer dizer já quando cuidava dos netos ela começou a trabalhar nesse centro. Eu levava minha neta para a

escolinha, minha mulher para o centro e pegava meu neto na escola, depois teve um tempo que eu ficava com os dois netos sozinhos, pus até TV a cabo, dois pontos, cada um ficava em um quarto, as sete horas minha nora começou a buscar minha mulher, então foi cansativo os netos, os pais, que eram meus sogros. Até que um dia neste centro uma senhora nos disse que queria formar um coral, aí apareceu um rapaz que era violinista, e ele também quis participar e mais uma moça que era pianista, participou do coral da USP, eu disse que não iria porque eu não sabia cantar, aí me disseram mais você aprende, e aí eu fui em um churrasco que foram todos que queriam montar o coral, inclusive a pianista que acabou se tornando a maestrina do coral, e assim começamos, ela vinha com a letra das músicas em outubro de 2004 nós começamos a aprender a cantar, e aí foi, foi, foi. Quando chegou o mês de dezembro a gente começou a cantar, Eu sei que vou te amar, João e Maria, do Chico Buarque, e até que em um dia ela chegou e disse: Olha... porque a casa tem diversos trabalhos doutrinários, aberto ou não ao público, e então o coral recebeu um convite para cantar, isso foi em Dezembro, encerramento de ano, o coral começou a se apresentar dentro da casa mesmo, fizemos uma meia dúzia de apresentações, e aí coral continuou e eu estou até hoje, e agora a minha preocupação é o coral, nossos ensaios são às terças e às sextas feiras, e aí começou a aparecer convite, o centro é muito grande e novos convites foram aparecendo, começou a fazer duas vozes, a separar voz masculina e feminina, em 2005 existiam apenas dois homens eu e mais um, mas ele canta solo, tem entonação de voz, e eu comecei a cantar com ele, quem diria!!! E 2006, 2007 apareceram outros convites, até na UNIFESP, eles têm coral da terceira idade e quiseram fazer um encontro de corais, e neste ano, no ano passado fomos na UNI SANTANA, e cantamos lá, somos em 26 pessoas, o centro espírita só nos concedeu o espaço e as cadeiras, mas somos nós que mantemos o coral, pagamos dez reais cada um por mês para o nosso cafezinho, compramos nossas camisetas para nossas apresentações, o nosso teclado, o nosso filtro. Dessas 26 pessoas o único que não faz nada sou eu, têm um que é advogado, todos têm alguma atividade, eu sou o mais velho, agora tem oito homens e o restante são mulheres. Olha o coral pra mim, têm sido muito bom, muito positivo, eu jamais pensei em poder cantar e me sentir tão bem, você sabe não é algo só para passar o tempo, eu tive que começar a estudar música, partituras, ou seja, faz bem pra alma, pro corpo, pra ter amizades, até pra memória também, me sinto ativo, vivo.”

P-“ Me fala um pouco do seu dia a dia”

A-“Olha minha mulher, trabalha no centro de terça e quinta, eu levo ela pro centro e depois nós vamos pro ensaio, e de sexta-feira eu tenho ensaio também, só que agora a minha netinha começou a fazer aula de guitarra, numa escolinha perto da minha casa, então eu levo e vou

buscar , e de sexta-feira ela faz ginástica olímpica, eu que levo e eu que vou buscar, então veja o meu dia é todo tomado, é um filho que pede uma coisa o outro pede outra, e eu não consigo dizer não.

P-“Fale um pouco do seu relacionamento familiar”

A-Bom eu casei em 64, eu a conheci na praia grande, ela estava com a família e eu com um amigo, nos falamos e combinamos de nos ver no próximo final de semana e assim foi, ela era também de São Paulo, eu morava na Água Rasa e ela na Mooca, os dois trabalhavam fora, e assim nos casamos tivemos três filhos: um homem de 45, o do meio 43, e o mais novo com 36, o do meio e o mais velho se separaram, o pai do menino e o pai da menina, só o mais novo está casado e com um filho de dois anos e meio, e logo que o menino nasceu minha mulher já falou que não poderia ficar com ele, que estava com problemas de coluna e tinha suas atividades, eventualmente que poderíamos ficar, mas queríamos mais muito compromisso. Então é assim que eu tenho vivido, eu até gosto de ajudar meus filhos, quando eu fui me aposentar me disseram: O que você vai fazer? Você é muito novo pra ficar em casa. E então eu respondia, eu vou me aposentar e não vou fazer nada, nada mesmo, ou no máximo fazer as coisas que gosto, por puro prazer. Alguns dos meus amigos não se conformam, alguns são aposentados compulsoriamente, no caso do funcionário público com 70 anos, ou então quando a forma ta ruim, ou mesmo por necessidade, o sujeito se aposenta para ter aquela aposentadoria e tem que continuar trabalhando para poder viver, ou seja, vai ter que trabalhar a vida inteira, vai ser um coitado, não pode se dar ao luxo de não trabalhar, eu sempre disse: Eu vou ficar tranqüilo, e agora com o coral duas vezes por semana, eu não conheço música tenho dificuldade de guardar, tenho apresentações, me reúno com meus amigos do coral, adoramos fazer festa, viajamos juntos muitas vezes para cantar. Agora do dia 01 ao dia 05 de Dezembro iremos para Poços de Caldas fazer uma apresentação lá, tudo pago por nós.

P-E assim o senhor não sentiu muito esta parada de trabalhar”

A-Na verdade não, porque eu já havia me programado para não fazer nada, e foi muito bom me dedicar ainda mais a minha família, sempre tive um ótimo contato com minha família, e não via a hora de passar mais tempo com ela, você veja meus filhos casaram e foram morar perto da minha casa, todos tem a chave da minha casa, me dou muito bem com todos, eu e minha esposa temos um ótimo relacionamento, apesar de depois de trabalhar eu passar o tempo todo em casa, cada um têm os seus afazeres em casa, algumas coisas que minha esposa faz são só dela eu não me intrometo, não dou palpite de nada, e a minha esposa preferiu que eu ficasse em casa com ela, estamos sempre juntos, até aqui ela conhece o pessoal ela ia vir para bater um papo com meus colegas daqui, só não veio porque a faxineira ligou e falou que

não iria trabalhar, e acabou sobrando pra ela fazer as coisas, nas festas quando eu vinha aqui, ela sempre veio comigo. Vou te dizer uma coisa, eu sempre tive e continuo tendo muitos amigos, logo o ambiente de trabalho não me fez falta. E vou te dizer prefiro fazer trabalho voluntário e ajudar alguém do que ganhar pouquinho e ter que dar pro imposto de renda, com relação à aposentadoria tem que ser um premio e não uma pena. Infelizmente a situação do aposentado é triste, o salário é uma esmola.

P-O senhor tem uma vida boa e está satisfeito com ela, e sobre os idosos brasileiros, o que o senhor acha?

A-Existe uma certa diferença, é só você dizer que é aposentado que a maioria das pessoas imagina uma pessoa velha, incapaz e inútil, e os jovens têm mais diferenças com os idosos ainda, é uma pena, eles pensam: Ah! É velho não serve mais pra nada! E o idoso também tem reserva em relação aos jovens, as coisas hoje estão muito diferentes, nunca se teve tanta separação, separação no sentido geracional, jovens de um lado e velhos de outros e também no sentido de separação entre casais. Eu venho de família grande que nunca teve separação, eu sou o caçula de sete irmãos, e mais novo dos primos, eu não estou dizendo que na minha época era melhor, apenas que a sociedade mudou, e quem não aceita essa mudança sofre, existem diferenças de estilos de vida, eu fui educado de um jeito, meus filhos de outro e meus netos de outro, mas família é a melhor coisa da vida, está acima de tudo.

A-Sempre vivi pra eles, agora estou tranqüilo, em paz, vivendo um dia após o outro meus filhos criados, me preocupo com minha saúde, faço regularmente exames, me cuido muito bem .”

P-O que é a velhice para o senhor?”

A- Se a gente começar a pensar muito, puxa, eu não faço isso, mais penso que velhice é estar mais perto do fim da vida e sentir medo disto, e não poder fazer nada, hoje eu estou com 71 me acho velho, tenho mais probabilidade de ter um AVC do que uma pessoa de 30 anos, de ficar doente, mas tudo bem, vou vivendo, mas não quero depender de ninguém. Sempre trabalhei nunca tive medo de nada, sempre tive uma vida simples e difícil, meu pai era marceneiro, minha mãe dona de casa sempre moramos em periferia, na Guaiaúna, que chovia e tinha enchente, sempre estudei em escola pública, comecei a trabalhar muito cedo, nunca fomos de conversar muito em casa, com 16 anos eu já tinha meu salário e ajudava em casa, meu pai demorou para comprar nossa casa própria, tive muita sorte de subir nas empresas, tive oportunidade de fazer faculdade, fiz com 31 anos, eu precisava de um título tinha uma família para sustentar, foi difícil... (chorou) pois ela abriu a minha cabeça, quando eu fui fazer eu já tinha dois filhos.

P-De quem veio essa força toda?.”

A- Herdei muita força de meu pai, trabalhador, homem humilde, honesto não parava nunca, sempre pensou na família, assim como eu tudo o que fiz foi para dar o melhor dentro de minhas limitações, tanto é que hoje ajudo meus filhos cuidando de meus netos. Faleceu com 80 anos e trabalhou até os 78, mas ele necessitava de trabalhar”.

P-O que o senhor dos grupos de convivência, e das atividades para os idosos?”

A-Eu acho bom esses grupos, tanto é que participo de um grupo que não deixa de ser um grupo de convivência, mas penso que mais iniciativas precisariam ocorrer, mas por parte do governo, pois muitas são instituições privadas, o que o governo tem feito é dar passagem de ônibus de graça, preferência em filas, mas isso não resolve o problema do aposentado, esse idoso não tem condições de ir a um cinema, ao teatro.

Eu acho que se melhorou em vista do que tinha, mas pelo número de idosos que está crescendo, não é suficiente, a rede de saúde pública está um CAOS, eu tenho convênio, coitado de quem não tem. Penso que não adianta dar de graça as coisas para a população, o idoso tem que ter melhores aposentadorias, ter seus direitos de educação, habitação, saúde, respeitados, isso sim.

P-E com relação ao trabalho depois da aposentadoria?

A-Eu acho que existem quatro situações: tem o idoso que quer trabalhar para mostrar que é jovem, que tem medo de envelhecer, tem o idoso que vai trabalhar porque precisa financeiramente, o outro idoso porque se sente bem, aí eu concordo que continue trabalhando e o que não precisa e não quer parecer jovem. Então precisamos conhecer e saber onde cada idoso se encaixa. Eu não preciso trabalhar, não quero parecer mais jovem e não quero trabalhar, me sinto bem em não trabalhar, acho o trabalho um aspecto importante para a vida de uma pessoa, mas não o mais importante, minha auto-imagem não ficou prejudicada após a aposentadoria, me adaptei muito bem a esta vida de não trabalho, pude me dedicar mais a família, à minha esposa que ficou feliz quando eu parei de trabalhar, pois poderíamos passar mais tempo juntos, sempre tive uma família maravilhosa e uma boa relação com ela, e com a aposentadoria pude valorizar mais esse aspecto familiar.”

P-Tem alguma coisa não vida que o senhor se arrependa?

A-Olha sempre tive um ambiente bom de trabalho, talvez eu devesse ter feito faculdade quando eu era mais jovem, porém eu precisava ajudar em casa, então eu fiz o que pude, nunca tive grandes ambições, tenho minha casa, meu carro, minha saúde e minha família, enfim posso me considerar um cara feliz.

## ENTREVISTA 5

### Identificação: ML

#### Aposentada parou de trabalhar

A-“ ML, Idade: 74 anos, separada há 30 anos, engenheira, oficialmente católica, aposentada há 10 anos.”

P- Após a aposentadoria você parou de trabalhar?

A-Logo após eu fui convidada pela própria Sabesp a retornar, através de firma empreiteira mas fazendo serviços para a Sabesp, eu voltei e trabalhei seis meses, aí teve um problema a Sabesp paralizou todo o trabalho dela e eu paralisei também, passou sete meses eles voltaram a ligar para que eu voltasse, aí eu não quis mais... riu.

P-Issso foi logo depois...

A-Imediatamente depois, eu tirei um mês, e retornei.

P-O seu nascimento?

A-34, me formei em 1957 em Arquitetura, 1958 prestei o concurso e fiz uma pós graduação em Engenharia Sanitária e casei em 68 e me separei em 78.

P-Vamos começar falando um pouco sobre o seu primeiro emprego...

A-O meu primeiro emprego foi em 1959, no departamento de Água e Esgoto, que depois foi transformado em SAEC e que depois foi transformado em Sabesp. Logo de 59 à 98 seria 39 anos, como 2 anos eu fiquei de licença para tratar de interesses, eu posso dizer que trabalhei 37 anos.

P-E depois de ser chamada e sair definitivamente da Sabesp, você efetuou algum tipo de serviço?

A-Não, de trabalho não, fiquei na boa vida. (riu)...

A-Trabalhei sempre como engenheira logo depois de formada já comecei,

P-Por que você decidiu parar de trabalhar?

A-Olha, eu fui meio obrigada, eu não queria parar, mas acontece que o caso da Sabesp é um caso especial, em 92 eu era funcionária pública, o DAE era serviço público e pelo DAE quando eu fiz 30 anos eu me aposentei no Estado e continuei com meu contrato na Sabesp, negócio de política e ficou estabelecido que quem era aposentado não podia continuar a trabalhar na Sabesp, eu até tentei pois quem era aposentado do INSS podia renunciar ao pagamento para que pudesse continuar na Sabesp, eu fui procurar mas o Estado não tem isso,

e se eu renunciasse seria pelo resto da vida, então me obrigaram a me aposentar, hoje tem um monte de gente aposentado trabalhando na Sabesp, eu até voltei através de uma empresa de consultoria que presta serviço a Sabesp, que foram os seis meses.

A- Mas olha pra te dizer a verdade acho que tudo isto foi apenas um pretexto, porque eu parei mas depois eu poderia fazer uns serviços para outras empresas, teve um tempo atrás que eu ia voltar, tive convites para trabalhar, mas eu me desiludi de vez com a morte de meu filho, estava gostando da minha vida de aposentada, mas tinha ainda muita energia e grande bagagem acumulada, todos me diziam que era um desperdício ficar parada, mas....

P- E como está sendo pra você esta vida de aposentada?

A-Muito bom, quando alguém falava em aposentadoria eu ficava meio apavorada, porque com cinco anos de idade eu entrei para a escola, e daí por diante eu tive obrigações o tempo todo, e de repente, dona da minha vida, com este tempo todo pra mim, eu até pensei que enlouqueceria, por isso que eu aceitei o convite da Sabesp para voltar, mas quando eu parei eu comecei a fazer um monte de coisas, e quando a Sabesp me chamou de novo eu tava tão entrosada na minha vida, e aí eu pensei que era minha hora, eu entrei na faculdade da terceira idade da PUC, depois no da USP que foi maravilhoso, fazia ginástica... estava com meu tempo inteirinho tomado, quis fazer um monte de coisa, passei a ter mais tempos para minhas amizades, apesar disso sempre pensava em voltar...

P- Você me disse que é separada?

A-Sim, fiquei casada apenas 10 anos, me casei em 68, 10 anos depois de formada, tenho dois filhos, quer dizer agora apenas um, um deles faleceu há seis anos, ele estaria hoje com 37 faleceu com 31, e tenho um filho com 35 casado, tenho duas netinhas lindas, por exemplo se eu trabalhasse eu não teria tempo de curtir minhas netas, e meus filhos sempre me deram força para parar de trabalhar, era assim: Ah mãe você tem que parar mesmo, descansar.

A-Mas no fundo quando ocorreu a aposentadoria, eu não queria parar de trabalhar.

P-E por que você não queria?

A-Eu morria de medo da minha vida se transformar em um tédio, e eu estava em um período muito bom do meu trabalho, tanto que eles me chamaram para continuar a fazer o que eu fazia, eu era coordenadora de projetos inclusive o do Tietê, eu estava com projetos até a raiz do cabelo, mas foi ótimo...

P-E tanto tempo separada você nunca pensou em se casar de novo?

A-Tinha conseguido escapar de uma fria, ia me enfiar em outra, nem pensar, tive alguns relacionamentos, mas nada oficial.

P-Quando você casou você tinha que idade?

A- Eu tinha 34 anos, era uma mulher madura já.. e aí eu me separei e comecei a viver para os meus filhos, eu criei os dois um tinha quatro e o outro tinha seis. .

P-E seu ex marido?...

A-Para os meninos, ele ajudava com escola, médico, dentista, dava uma pensão muito pequena, que naquela época quando a inflação era 80% ao mês, ele reajustava de seis em seis meses, então era um horror chegava no final de seis meses eu recebia quase nada, um terço de um salário, como eu trabalhava ganhava bem, e nunca foi nada a eles.

P-Quando você trabalhava com quem seus filhos ficavam?

A-Eles ficavam semi-internos, eu levava de manhã e ia buscar à tarde, eu tenho uma moça que trabalha pra mim há trinta e três anos, ela é meio mãe dos meus filhos, eu levava de manhã e ficavam lá faziam inglês, esportes, esgrima no Paulistano, um monte de coisa tinha um ônibus que ia buscá-los, fui levando assim...

P-Você acha que esta sua grande jornada de trabalho, foi um dos ou o motivo de sua separação?

A- Mais ou menos, mas nessa época o meu trabalho não era na Sabesp, eu estava comissionada em uma prefeitura no interior, o trabalho era leve, era assim...eu fazia em São Paulo todo serviço que a prefeitura tinha que fazer em São Paulo, eu ia em uma secretaria, outra... aí depois que eu me separei eu disse...não chega, aí eu fui trabalhar no depto de água e energia elétrica e em saneamento também e em 80 eu assinei o meu contrato com a Sabesp, e na Sabesp eu trabalhei 18 anos e a Sabesp e o serviço público contou uma coisa só, chamada de contagem recíproca.

P- E me fala um pouco do seu dia a dia.

A-Ah, eu saio muito, tenho muitos amigos, leio, viajo, e aí eu me associei aqui na associação, e o diretor social, era um cara que foi meu colega no DAE há “trocentos” anos atrás, ele me perguntou: você não quer trabalhar aqui? E então eu falei, eu posso ajudar, eu não quero compromisso de espécie alguma, dou esta ajuda há seis anos, mas na área social, de eventos.

P-Com relação a todo o trabalho que você desenvolveu, quais os pontos positivos e negativos dele?

A-Olha, pra mim o meu trabalho só tinha pontos positivos, sempre fui bastante valorizada, eu gostava muito da Sabesp, aqui é a minha casa, gostava demais de trabalhar, nunca tive problema, um pouco antes de eu me aposentar sim, foi um pouco mais difícil, aqueles murmúrios, vamos demitir, vamos demitir, ficou um ou dois anos eu sentia com uma espada em cima da cabeça, e aí foi um pouco chato, e por isso que eu fui embora de uma vez.

P-O que significa o trabalho pra você?

A-Olha eu acho que o trabalho é uma coisa muito, muito importante, você tem vários ramos vamos dizer assim de realização e o trabalho é um deles e muito importante, é uma contribuição grande para o mundo, quando eu parei eu senti que minha retribuição eu tinha dado para o mundo, eu tinha medo da parte social que eu não teria mais, meus meninos, que eram meus subordinados, você vai tomar café, e você discute sobre vários temas, enfim você troca, e então eu pensava com quem eu vou trocar? Tinha medo disso e outra coisa era a questão do status, na minha área eu era muito conhecida, graças a Deus e agora? Era até uma coisa de ego, vaidade, como aposentada o reconhecimento vai morrendo, nunca mais como antes, mas sou ainda..., mas eu tenho amigos aposentados que quando se aposentaram entraram em depressão profunda, profunda, o aposentado sofre uma estigmatização.

A mulher quando para de trabalhar procura algo pra fazer, tem um respaldo familiar maior que o homem, vai estudar, eu por exemplo fui estudar inglês, retomei as aulas de piano que há décadas estava de lado, inclusive quando eu fazia faculdade eu vendi o meu piano, curso que eu fazia desde os cinco anos para viajar, e agora depois que eu me aposentei meu filho me deu um teclado de presente e hoje eu toco mas só pra mim, então eu acho que a mulher procura coisas pra fazer depois que se aposenta, a perda do status para o homem é muito, muito forte e mesmo que ele volte ao trabalho, e o que acontece é que nesta volta você não é valorizado, porque o pessoal diz, ah já é aposentada mesmo qualquer “dez mil réis” é lucro, tanto que este contrato que eu fiz, eu estava ganhando o que eu achava que era justo, então um coordenador de projeto que faz serviço pra Sabesp ganha tanto, então é isso que eu quero ganhar, mas depois tudo que me apareceu era para ganhar muito menos que na ativa, então eu pensei porque eu vou me contentar em ganhar menos se eu faço a mesma coisa, e sou tão competente quanto antes e trabalhar até mais, inclusive me ofereceram um projeto que eu ia trabalhar como uma louca e não ia ter um ajudante, não ia ter ninguém, então o aposentado é desvalorizado. Eu tenho impressão que a menos que a pessoa precise ganhar um extra para complementar renda, para criar família, esse negócio todo, a pessoa não volta pelo menos na minha área, inclusive um projetista me chamou para trabalhar, eu tava até acertada com ele, e então eu pensei ... espera aí, eu vou me matar, pois quando você tem um projeto para entregar no dia seguinte você vira a noite trabalhando e eu não estou mais pra isso, não preciso disso, e não tenho mais estrutura, os últimos meses que eu trabalhei na Sabesp eu chequei a trabalhar 10 ou 12 horas por dia, mas era diferente, era a Sabesp, estava valendo... Com relação a importância do trabalho para o homem, eu encontrei um colega que trabalhou comigo aqui e ele estava querendo muito trabalhar porque estava precisando, e ele pegou um trabalho fora de São Paulo e então ele disse que havia desistido, trabalhar fora de São Paulo, muito para

ganhar tão pouco, não vale a pena, quem volta a trabalhar é mais pela questão financeira, tem alguns pela valorização pessoal. Aqui na associação nós tivemos uma espécie de cooperativa com pessoas em todas as áreas, para fazer algum tipo de atividade dentro da sua área de atuação, mas ninguém demonstrou interesse, e as próprias empresas aqui por exemplo tem o DDI, que é um plano de desligamento incentivado, chegou em uma determinada idade, os velhinhos têm que ir embora, porque normalmente os mais velhos estão com salários mais altos, os jovens que entra ganham salário na base, porque eles são profissionais de base, a experiência em nosso país não é valorizada, eu penso que não, de jeito nenhum, na sociedade de uma forma geral, você vê pelo preconceito sofrido pela pessoa de idade em todo o lugar, a impressão que eu tenho é ninguém acha que vai chegar a envelhecer, o jovem não pensa que a idade vai chegar para todo mundo, ele não percebe que é questão de se chegar em um ponto antes, apenas isso... Claro que este isolamento muitas vezes ocorre em duplo sentido, pois tem aquele idoso que veste um pijama e fica em casa à toa, e aí ele mesmo está se depreciando. Como também tem aquele que não quer encarar a idade que tem de jeito nenhum, se veste como jovem, usa rabinho... sabe por que? eu vou te dizer uma coisa, eu pelo menos não me sinto velha, as vezes eu paro e penso meu Deus eu estou com 74 anos, mas eu não me sinto velha, só que eu me conformo que eu tenho 74, acho um absurdo estas mulheres que não se conformam de envelhecer e... puxa, puxa, puxa, e então se torna o que? uma velha plastificada, ela não remoçou, porque não se conforma e você tem que se conformar.

P-É que vivemos em uma sociedade que valoriza demais o jovem, o belo, você tem que estar sempre bem, feliz o tempo todo e que o ser humano deve permanecer jovem a vida inteira.

A-É verdade, com certeza...eu tenho amigas com quem eu saio, e que nós somos meio parecidas, porque ninguém se senti velha, você vai se sentir quando as suas limitações começarem a aparece, eu fui uma que a vida inteira desafiei o meu físico, a fulana faz de 25 anos, então eu vou fazer também, claro que fiz isso até uma determinada idade, hoje a de 25 anos então eu vou deixar ela fazer porque eu não chego lá, apesar de possuir hoje muitas atividades: eu faço ginástica, pilates, caminho muito, agora vou começar a fazer yoga.

O meu dia apesar de minha idade é cheio, claro que estou mais devagar, antigamente eu entrava as 8:00 na Sabesp eu levantava as 6:45, tomava meu banho, meu café, me arrumava, agora levanto devagar, tomo meu café tranqüila, quando eu não tenho atividade de manhã eu leio o meu jornal, mas em geral de manhã eu tenho teclado, faço fisioterapia porque eu tenho muiiiiito problema articular, faço pilates, caminho uma hora e meia, as manhãs sempre têm alguma coisa para fazer.

P-Você mora sozinha?

A-Não, minha empregada, uma pessoa que cuidou de meus filhos todos estes anos e o Juca, que é o meu cachorro, logo eu leva também ele para passear, de tarde eu venho pra cá, que normalmente tem alguma reunião para resolvermos algum evento da associação, ou eu vou ao cinema, ou leio um livro, ou assisto um bom DVD.

P-Me fala um pouco da sua família

A-Olha a minha família hoje é muito pequena, sou eu, meu filho, minha nora e as meninas, porque eu sou filha única, mamãe faleceu com 99 anos, quase um mês depois de meu filho, e aí é o tal negócio, a casa ficou vazia e o outro já era casado.

P-Quando você teve seu primeiro filho?

A-Em 71 e o segundo fim de 72, mas sempre foi tranquilo trabalhar fora e criar meus filhos tanto é que quando eu me separei meu marido queria me ajudar, pagando uma pensão para mim, e eu não quis eu disse: você não tem filha do meu tamanho, quero sim que você me ajude na educação e saúde dos meninos e só. Olha na verdade nunca participou de nada, eu que levava eles para todo o lugar, quando me separei nós tínhamos um acordo e ele poderia pegar os meninos, um final de semana sim e outro não e raramente ele cumpria, passava apenas 15 dias das férias de julho e 15 dias das férias do final de ano com os meninos. Tanto é que este meu filho mais velho que faleceu, ele tinha muita mágoa do pai, muita, muita, porque o pai é uma criatura especial, diferente de todo muito, mas o mais novo sempre aceitou o pai como ele é, já o mais velho dizia: mãe papai nunca me levou em um jogo de futebol, e aí eu disse P o seu pai detesta futebol, claro que um outro pai faria o sacrifício, já o R sempre o aceitou, tanto é que hoje eles são muito amigos, sempre teve adoração pelo pai, hoje eles se falam todo santo dia por email, viajam juntos, e R é administrador de empresa, e ele sempre gostou de esporte como o pai, fez todos os cursos de mergulho como o pai, que é instrutor de mergulho em caverna, fez caça submarina, e como hoje ele tem 73 anos ele não pode mergulhar sozinho e então ela vai com o R, eles foram para o mar Vermelho, foram para a Austrália e agora vão para o Taiti para mergulhar, e eu acho ótimo para o L (ex) que ficou muito chocado com a morte de P, ele deu uma caída, eu diria que caiu em si do pouco que ele fez para o filho, o P sempre foi muito fechado, ele estava pra casar, morava comigo, e... ele era ligado a mim mas não queria deixar transparecer isso.

P-Ele faleceu de quê?

A-Ele teve pancreatite aguda, em um mês ele faleceu, mas eu não quero falar disso nesta entrevista, me dá muita tristeza, até porque meu filho era uma pessoa muito fechada e depressiva, não sei porque, mas sempre foi assim, apesar de nossa proximidade nunca pude ajudá-lo, bom chega!!!...

P- E R. o seu outro filho, fale sobre ele

A- Faz sete anos que casou, pois faz seis que o P. faleceu, mas ele já não morava comigo, pois o pai dele deu um apartamento para cada um dos filhos, e ele logo mudou, e aí eu disse: “O desespero pra se livrar da mãe!” . Já o P. não enrolou, enrolou até pra comprar, e no final morreu antes de qualquer coisa.

P- O que R. faz?

A-Ele como administrador de empresa trabalhou no City Bank, um outro Banco, mas o pai é rico...O que seu pai faz? Ele é rico, ele mora no Rio, ele vivi de rendas, e o R.administra os bens dele, comigo foi o segundo casamento dele, ele tem dois filhos no primeiro casamento, que não se dá com eles, e agora está no terceiro casamento. Hoje eu falo um pouco com ele, ele não evita tanto, mas antes não, porque ele brigou comigo, e é isso...

P- E sua relação com sua nora.

A- Boa muito boa, senti me dei bem com minhas noras, as do P. eu adorava, teve uma que ele ficou quatro anos e quando ele morreu ele estava com uma menina que ele pretendia não casar, mas ir morar, hoje em dia é fora de moda casar. O R. também namorou uma menina um tempo que eu adorava, depois... conheceu essa e resolveu casar, eu gosto dela e da família. Mas a minha paixão são minhas netas uma tem quatro e a outra tem dois, eu as vejo, mas não todo dia, pois meu filho mora longe, ele mora na Granja Viana, você tem que pegar estrada, mas toda semana eu vou pra lá. Minha nora é psicóloga, marca todos os clientes em um só dia, atende e volta, mas está desesperada para trabalhar. E ela me disse: a minha fase de mãe período integral já acabou, pois as duas vão para a escola.

P-E a respeito dos grupos de convivência, o que você acha?

A-Olha aqui nós somos um tipos de grupos de convivência, porque aqui na associação nós temos coral, viajamos juntos, fazemos baila, festas. Quando eu comecei a trabalhar aqui com eventos eu propus a criação de aulas de dança de salão, eu adoro dançar, então criamos, aí o pessoal foi desistindo e paramos, mas é uma minoria que adere a estes grupos, a festa da primavera uma associação com três mil associados, apenas cem participaram desta festa, que é excelente, jantar maravilhoso, a gente anuncia no jornal, um valor de 10,00 para poder participar, mas a população que participa é de postos mais altos da Sabesp, diretores, superintendentes, enfim os aposentados que trabalham aqui, que estão conosco são pessoas melhores de mais classe, o pessoal mais pobre que deveria aderir e agradecer tudo o que fazemos nem aparecem, tenho impressão que eles são tímidos, e eles se queixam que nós só fazemos coisas pra nata, não é! É que aqui só vem os melhores, e olha que as festas que a

gente costuma fazer sempre é perto do metrô, para facilitar o acesso, são pessoas que moram até na zona leste. Então eu não sei o que estas pessoas querem, o que pensam da vida.

P-E falando em vida, quais são suas expectativas de vida.

A-Olha eu não tenho muitas, tenho muito medo, muita preocupação de ter que ficar parada, de me tornar dependente, mas infelizmente se você não morre logo, no fim você acaba ficando dependente, então ...Este final de semana eu fui para Atibaia, onde eu tenho uma casa, eu e duas amigas, uma delas minha amiga há 66 anos e a outra há mais de 50 anos, elas são um pouco mais velha que eu. E a gente tava dizendo que o nosso fim será ir pra essas casas, não uma casa de repouso, aqui tem o Santa Catarina que é muito legal, é um tipo de um flat, então nós dissemos vamos para o Santa Catarina, que o nosso dinheiro da para pagar a mensalidade para não depender de filhos, fazemos os passeios, almoçamos, jantamos e cada um fica no seu espaço, no seu flat para não acabar a amizade, e convivendo com outras pessoas da mesma faixa etária.

P-Como você se vê daqui há cinco anos?

A- Olha eu não me vejo, nesta altura da vida que eu estou projetar alguma coisa.

P-A sua mãe morou com você a até pouco tempo, quantos anos ela tinha?

A- Noventa e pouco, mas a minha mãe tinha 12 por 8 de pressão, nunca teve dor de junta, ela era uma mulher absolutamente sadia, agora eu tenho colesterol, pressão alta, tudo me dói. Eu puxei meu pai, ele morreu de um enfarte fulminante, naquele tempo não tinha essa coisa de colesterol, mas ele morreu pois estava tudo entupido este tipo de enfarte que ele teve, acho que só passava uma gota de sangue, enfim não sou de pensar nisso, não quero viver muito mais, a vida foi me levando sempre, foram casos que foram acontecendo inclusive minha profissão, você veja minha formação foi Arquitetuta, mas meu pai era um dos maiores sanitaristas deste país, ele nunca falou pra mim fazer alguma coisa, e eu sempre achei lindo ser arquiteta, então eu fui fazer, durante o curso eu percebi que não era minha praia, mas eu não tive coragem de chegar em casa e dizer: Gente eu me enganei vou parar de estudar e fazer outra coisa, não dava, então eu decidi acabar este curso, e quando acabei, apareceu este curso de saneamento que dava um diploma de engenheira sanitaria, um curso breve de um ano, o dia inteiro, fiz o curso virei engenheira sanitaria, tanto é que eu tinha dois registros no CREA de arquiteta e de engenheira sanitaria, e a vida inteira eu trabalhei como engenheira sanitaria, eu digo que foi acontecendo porque quando eu terminei o ginásio, e iniciar o colégio perguntei para meu pai, pai e aí o que eu vou fazer? E ele me disse: Você vai fazer o que quiser, naquela época tinha o clássico e o científico, e então meu pai me deu um conselho: Então você faz o científico que têm matemática, física, é bem mais difícil, e se um dia você

quiser passar para Humanas você passa, e fui primeiro ano, segundo ano e no terceiro ano decidi que eu ia fazer Arquitetura, não planejei fazer o que eu fiz, foi meio deixa a vida me levar... Agora na minha vida pessoal não, casei com 34 anos, já era independente, a minha educação sempre enfatizou isso, meu pai dizia: A única coisa que eu posso deixar pra você é um diploma, ninguém no mundo vai te tirar e naquele tempo era uma segurança de vida, hoje não é mais, hoje é o básico, do básico. Meu pai era um homem brilhante, estudioso, um exemplo pra mim...

P-E sua mãe como ela era?

A-Minha mãe não tinha formação nenhuma, naquele tempo mulher era criada para cuidar da casa, era uma mulher muito bonita, não era muito exigente, meu pai também nunca foi muito exigente comigo em relação ao estudo, talvez porque eu já estudava por conta própria, ele nunca fez comentários nem quando vinha nota alta nem quando vinha nota baixa, nunca me obrigaram a estudar, ele era muito fechado, a gente trocava opinião profissional, pois ele era muito culto, minha mãe tinha muito ciúme dele. A engenharia foi influência dele, eu fui para área dele que era saneamento, quando eu entrei no DAE ela era engenheira lá, nossa ele ficou super orgulhoso, com setenta e poucos candidatos eu fiquei em segundo lugar, ele ficava babando, nossa senhora!!!

P-Você com base em tudo que você viu e vê hoje com relação ao envelhecimento, você acha que deveriam ocorrer mudanças nas atuais políticas públicas?

A- Primeira coisa, está faltando consideração com o idoso, respeito, teria que melhorar saúde, a aposentadoria, eu não vejo como, pois nossa Previdência está falida, e outra coisa que eu acho, a idade média está aumentando, o número de aposentados está crescendo e alguma coisa tem que ser feita, mas eu não sei o que. Hoje se vive mais na improdutividade do que na produtividade e a sociedade força isso, ao obrigar que estas pessoas se aposentem tão precocemente. Aqui mesmo as moças, eu chamo de moças porque tem 57, 58 anos e estão aposentadas há 10 anos, o nosso diretor aqui têm 58 anos ele está há mais de 10 anos aposentado, isso eu acho um absurdo, e a Sabesp faz isso, é um absurdo, agora tem que ter uma idade mínima pra se aposentar. Uma das minhas amigas com quem eu costumava sair ela era advogada da Reitoria da USP e quando ela fez 70 anos ela recebeu a aposentadoria compulsória, ela ficou desesperada: Me jogaram na rua, ela estaria trabalhando lá se não tivessem a obrigado, ela tem um escritório e toca muito bem este escritório, eu também se não tivesse sido obrigada eu também estaria trabalhando até hoje, tudo de esgoto de São Paulo, eu sabia, como era, é muito injusto... É o tal negócio, paga muito pouco para o coitado do aposentado, e este vai acabar onerando o SUS, vai sobrecarregar tudo.

P-E as Universidades da Terceira Idade...

A-Eu acho bom, a da PUC é muito fraquinha, porque eles nivelam por baixo, as pessoas não têm instrução, o conteúdo é muito fraco, são quatro módulos de seis meses.

A-Já a da USP deu pra fazer um grupo legal, fiz dois anos, o conteúdo é muito melhor, pois eles juntam com a universidade dos jovens, então você vai assistir aula com a moçada, o que eu achei bárbaro esta interação jovem-idoso em uma sala de aula. Aprendíamos muito com eles e eles com a gente, conversávamos, fazíamos trabalho em grupo, nos ouvíamos muito, um grande aprendizado, lá na USP, você escolhe as disciplinas que você quer cursar e eu escolhi fazer História da Arte, tinham quatro vagas para esta disciplina, então fiz amizade com idosas e com os jovens, foi uma das coisas mais espetaculares que eu já fiz, a sensação de estar com eles é maravilhosa, você se sente viva, então lá na USP você aprende mais. Os pré-requisitos para se entrar lá é ter mais de 55 anos e os pré-requisitos para cada disciplina, querendo fazer prova você faz não querendo não precisa, eu achei bárbaro o da USP. Acabei parando porque a USP é muito longe pra mim, a aula começava as 8:00 hs da manhã, eu tinha que sair de casa antes da 7:00, hoje então eu teria que sair às 5:00 hs de casa.

P-Então com base em tudo que você me disse, você acha que a esta interação jovem-idoso é positiva?

A- Sem dúvida, seria maravilhoso, pois haveria quebra de preconceitos de ambas as partes, esta aproximação diminuiria o estigma da velhice, que muitas vezes é incentivado pelo contexto sócia, que não incentiva esta aproximação pelo contrário coloca estas faixa etárias em dois pólos opostos. Tem uma amiga minha que depois de aposentada resolveu dar aula na FAAP, nunca havia trabalhado com esta moçada, e ela me diz: Você não faz idéia de como é bom lidar com jovem, que energia boa, que troca maravilhosa, eu nunca tive coragem para dar aula e entrar nessa área.

Percepções da entrevistadora:

A nítida evitação de assuntos relativos a tristeza do filho que faleceu, e a sua separação e a falta de outros relacionamentos.

Apesar do relato da aposentada sobre sua vida ser ótima, em determinados momentos notava-se mágoa, tristeza e solidão.

## ENTREVISTA 6

### Dados de Identificação: S

#### Aposentado parou de trabalhar

P-“ Boa tarde, senhor S, gostaria que o senhor falasse um pouco sobre o senhor, seu trabalho, sua família e sua aposentadoria e vida hoje.

A-“Bom, meu nome é S., tenho 66 anos, nasci em Ibiúna, em 68 me formei engenheiro químico, e em 69 comecei a trabalhar com 25 anos na Cetesb como engenheiro de projetos, uma empresa Estatal trabalhei 14 anos, dois anos em uma empresa privada de consultoria e de 82 à 98 aqui na Sabesp, onde me aposentei, e em todas estas empresas eu trabalhei na área de projetos, ou seja trabalhei muito tempo como você pode notar, 32 anos. Eu fiz mestrado em engenharia sanitária. Casei em 72 e tive um único filho que nasceu em 76, e faleceu em 92 de acidente de carro, minha esposa formada em administração também se aposentou antes de mim.

Eu me considero uma pessoa bastante determinada, até por ser um descendente de orientais e que sempre buscou bons resultados, sempre fui atrás de meus objetivos, sou uma pessoa, satisfeita que realizou suas metas, muito fechada, por isso já confesso que não gosto muito de falar, principalmente sobre mim, sou muito objetivo inclusive em minhas palavras, você vai perceber. Sou uma pessoa metódica, você veja, eu esperei me formar para começar a trabalhar, exatamente igual ao meu pai, um japonês bastante disciplinado, com uma memória fantástica que faleceu há quatro anos. Me aposentei porque queria ter uma melhor qualidade de vida, ter mais tempo para cuidar de mim, de minha esposa, podermos viajar, passearmos mais, até porque minha esposa estava se sentindo muito sozinha depois que meu filho morreu, eu percebi que deveria ter mais tempo ao lazer, não me dedicar demais aos compromissos, e pensei também trabalhar pra quê? pra quem? Se meu único filho havia morrido, não tinha mais pra quem ser referência de homem sério, trabalhador. Apesar que meu filho não era como eu e minha esposa, ele sempre foi muito divertido, gostava de passear, tinha muitos amigos, e sempre convidava eu e minha esposa para sairmos com ele. Uns seis meses antes de morrer quis nos levar à sua igreja, ele passou a fazer parte de um grupo de jovens, ele cantava nas missas com estes jovens e queria que eu e minha esposa participássemos do encontro de casais da igreja, de tanto ele insistir acabamos indo à igreja em um domingo mas apenas uma única vez. Percebemos que fazer parte daquele grupo estava fazendo bem ao meu filho, ele estava mais solto, alegre, e vivia dizendo pra gente que a vida só valeria a pena se fosse vivida

intensamente, e ele a viveu, passeou, viajou com seus amigos, e tentou fazer com que eu e minha esposa vivêssemos melhor. Hoje posso dizer que depois de sofrer tanto a sua perda, nós aprendemos a lição que ele tanto quis nos ensinar. Nos primeiros dois anos após a sua morte não, mas depois eu fui diminuindo gradativamente o meu ritmo de trabalho, até resolver me aposentar. Para minha esposa foi mais difícil, porque quando ele morreu ela já estava aposentada, ela era escrevente do Fórum, ela parou de trabalhar para cuidar dele, para ficar mais tempo com ele. Foram anos de muito, muito sofrimento mesmo!

Você falou que eu deveria dizer sobre a aposentadoria, pois bem, ela teve dois lados, um esse positivo que eu descrevi, mas também o lado da perda do status, a perda do grupo social, a perda da função, da atividade que por tanto tempo estive acostumado, não ser mais o engenheiro da Sabesp e sim o aposentado da Sabesp convenhamos que é muito diferente, o peso é outro, e essa foi uma das razões de eu não ter me aposentado antes, E até porque minha esposa achava que eu deveria continuar trabalhando, porque um homem dentro de casa não seria bom.

A aposentadoria não foi fácil não, foi um “baque”, e agora: o que vou fazer da minha vida? Confesso que fiquei perdido quando parei de trabalhar, tanto é que até hoje para as pessoas que não me conhecem, se me perguntam se eu trabalho, eu digo que presto serviço de consultoria, eu não digo que sou aposentado, fico constrangido com isso, acho vergonhoso, humilhante mesmo. Então eu procuro arrumar coisas para passar o tempo, e a forma que encontrei é investir em ações e me dedico muito a isso, também faço caminhadas, visito amigos, de sábado as vezes vou em karaokê, coisa que nunca pensei em fazer, ah se meu filho me visse cantando!!! Participo das atividades da associação, convivo com minha esposa e cuido da minha mãe.

P-“E como é a convivência com sua esposa?”

A-Olha ela já se acostumou comigo em casa, mas no começo era muito difícil, tão difícil que ela chegou a ficar fora por sete meses foi viajar, somos ambos muito calados, ela vive indo para o Japão com uma amiga, mas eu fico mais em casa. Viajamos juntos sim, pelo menos duas vezes por ano, geralmente pra Europa e pro Japão.

Não posso viajar muito também porque tenho uma mãe de 92 anos, que apesar do avanço da idade, mora sozinha, caminha com uma secretária que toma conta dela, vai a *Seicho No Ie* três vezes por semana, minha mãe sempre teve muita saúde, sempre se cuidou, mesmo quando meu pai estava vivo, ela sempre foi dona de casa, tanto meu pai quanto minha mãe não eram muito carinhosos, acho que por isso eu sou assim, meio frio, tenho dificuldades de expressar meus afetos. Puxei meu pai sempre preocupado com suas tarefas, extremamente disciplinado,

exigente consigo e com os outros. Meu pai sempre foi um homem muito trabalhador, ele tinha uma loja, e trabalhou até morrer. Meus irmãos continuam trabalhando, tenho três: um já é falecido sofreu um enfarte, os outros dois moram aqui em São Paulo, mas não temos qualquer contato, cada um vivendo a sua vida distante, todos olham a minha mãe, mas é a única coisa que nos une, todos trabalham muito e têm sua família própria.

Mesmo com a morte de meu filho não nos unimos, penso até que isso não os afetou, continuamos distante e se você me permite eu prefiro não falar mais sobre eles, não gosto.

P-Claro, sem problema nenhum. O senhor me disse que têm vergonha de dizer que é aposentado e mesmo assim o senhor nunca pensou em voltar a trabalhar, menos horas, ou em outra função, mas de alguma forma ter atividade laboral? Já que é tão importante para o senhor.

A-É realmente, pra mim o trabalho dá ao homem uma coisa fundamental a sua existência: dignidade. Trabalho é compromisso, seriedade. Mas eu não tentei voltar não, acho que tinha passado o meu momento, era hora de dar espaço aos jovens, o mercado está tão difícil para quem está começando, não é mesmo? E o fato de não querer mais compromisso, porque isso sempre me estressou, hoje eu percebo melhor isso e além do mais não preciso mais disso. Meu filho sempre me disse que eu deveria aproveitar mais a vida, e é o que eu estou fazendo agora, por ele e por mim. Como tudo na vida, o trabalho tem os dois lados o positivo: participação, atividade, status, poder. E o negativo: seriedade, compromisso, rigidez.

Olha e agora eu quero é cuidar mais da minha cabeça e do meu corpo, pra minha cabeça, eu procuro fazer apenas o que gosto, rir quando consigo, passear, e quanto ao meu corpo, ando bastante, faço regularmente exames, não bebo, não fumo, me alimento bem e durmo muito bem. Enfim posso dizer que gosto da minha vida. Até os meus relacionamentos são melhores, porque na época do trabalho eu era super mandão, agora sou mais flexível, aprendi a ouvir mais, eu me mantinha muito mais distante das pessoas.

Posso dizer que quem mais me ensinou a valorizar os amigos, as pequenas coisas, a não ser tão exigente comigo mesmo, foi meu filho, esse foi o grande responsável pela minha mudança diante da vida, meu professor. Acho que a vida da minha mulher também mudou muito com a morte dele, ela passou a prestar serviço voluntário, ela trabalha na AACD, todos os dias. Claro que nunca deixamos de lembrar de nosso filho, até porque temos um ritual de irmos todo sábado ao cemitério, levamos flores ao seu túmulo, só não o fazemos quando estamos viajando. Rezamos muito, coisa que antes não fazíamos.

A-E quais suas expectativas de vida?

Bom, apesar de gostar da vida que levo, não tenho muitas, vivo um dia após o outro, gostaria de ter podido ver o meu filho se tornar um homem, ter sua profissão, sua família, mas penso que ele esteve pouco tempo comigo, mas me ensinou muita coisa.

P-O que o senhor acha da situação de nossos idosos hoje, acha que sofrem algum tipo de preconceito?

A-Com certeza, não só os idosos, mas várias outras classes, como os negros por exemplo, os pobres e os aposentados como eu. Porque você acha que eu não falo pra várias pessoas que eu sou aposentado? Já sou um idoso, e ainda ser um aposentado? Se bem que não me encaixo em nenhuma das duas classes: nem de pobre, porque para o padrão brasileiro até que tenho uma vida bem confortável, e nem de velho, pois me cuido bastante, tenho uma boa alimentação, pratico esporte, não fumo, não bebo, faço o que gosto, aproveito bem o meu tempo.

Mas me encaixo na situação de aposentado que para a maioria da sociedade é alguém que já perdeu o seu valor. Um país como esse que tem tanta desigualdade social, tantas injustiças, desemprego, miséria, a vida é muito difícil para a maioria das pessoas infelizmente.

A maioria não tem condição de vida digna, não tem seus direitos respeitados, nenhuma participação social, que dirá velho e aposentado.

P-E os jovens o que o senhor acha que eles pensam dos idosos? O senhor acha que a promoção de uma interação entre jovens e idosos seria algo eficaz para a sociedade?

A-Penso que os jovens não consideram o idoso alguém que mereça ser ouvido, é difícil viu!...Claro que não são todos, depende também muito da formação de cada família, mas eu acho que é a maioria, não sinto respeito do jovem pelo idoso. Primeiro eu acho que teria que ser feito um trabalho com as famílias, para que depois o jovem passasse a ver o idoso de uma forma mais tolerante. Acho que muitos não têm muita paciência em ouvir o que o idoso tem a dizer. Imagina, se muitos filhos não ouvem seus pais, imaginem os netos que vivem em outro mundo, isso eu te digo porque têm alguns amigos que moram com seus filhos e ficam chateados porque muitos são ignorados, sua opinião nunca é pedida, mas o dinheiro de sua aposentadoria é bem aceito. Esta interação seria interessante, mas tem uma etapa anterior que deve ser trabalhada antes dela, que é o que já lhe expliquei: a família. Você me entendeu?

P-Entendi muito bem, o senhor acha que a família deveria ser trabalhada, resgatando valores, para que depois houvesse uma relação mais amistosa.

A-Exatamente...

P-E agora eu quero falar um pouco de participação social, o que o senhor pensa dos grupos de convivência?

A-Olha, eu acho a idéia boa, funciona para vários idosos, mas eu não participaria de um grupo desse, acho que não me encaixaria nessa coisa de desenvolver atividades dirigidas por outra pessoa, sempre fui muito independente, autônomo e mandão como já te falei, e além do mais não sou muito sociável. Ainda mais agora que eu tenho mais liberdade do que antes, entrar em alguma coisa assim, nem pensar. Quando quero faço amizades em outros lugares, não preciso de grupos como este para fazer amigos ou para me relacionar, olha tenho aqui a associação que eu venho uma ou duas vezes por semana, participo das reuniões, dos eventos, quando tem viagens eu costumo ir, vou pescar com o pessoal, então pra que isso? Não, não, não, estou muito bem assim...

Pode ser bom pra outros, não pra mim, e veja bem, não tenho nada contra quem frequenta esses lugares, mas não preciso deles. Eu não sei, mas acredito que quem adere a estes grupos é a minoria dos idosos, a maioria fica em casa, ou porque acha desinteressante, ou porque não conhece o que são estes grupos e suas atividades, ou porque não tem saúde. E acho que deveria ter uma maior divulgação, um trabalho para que estes grupos pudessem atingir um número maior de idosos, porque penso que faria bem a eles. Aqui por exemplo, são poucos idosos que participam das atividades promovidas para eles, e problema de condução não é, porque os eventos são promovidos em lugares de mais fácil acesso, justamente pensando nisso, a última festa foi perto da estação de metro da Paulista, e tivemos apenas 150 pessoas que aderiram, um convite para um baile de gala, com jantar, orquestra, por apenas 10,00, e mesmo assim, as pessoas não foram. Então tem muito idoso trancado dentro de casa, isolado, e os daqui tem oportunidade de sair, tem várias atividades indicadas, mas não querem. Eles só aparecem aqui quando tem alguma rifa, por exemplo, agora está rodando uma rifa de uma televisão de LCD, o que têm vindo de gente aqui, não é brincadeira, e aí a gente tem aproveitado para dar algumas palestras, passar algumas informações, então tivemos que fazer algo chamativo para atrair os aposentados pra cá, eles só vem quando sai alguma notícia sobre um possível aumento, aí sim a associação fica cheia.

Ah, mais uma coisa sobre esses grupos que eu lembrei, acho também que todas estas ações destinadas aos idosos, acho que primeiramente eles deveriam ser ouvidos, e não simplesmente algo lançado por alguém que nem idoso é, porque ninguém melhor que o próprio idoso para saber o que idoso gosta e do que ele precisa, e acho que deveriam existir ações que dessem mais autonomia, e participação ao idoso, mas fora desses grupos, não sei bem o que, você pode pensar em algo e depois me dizer, mas entenda não sou contra esses grupos, acho a intenção boa.

P-O senhor sabe que além dos grupos existem as universidades da terceira idade, o que o senhor pensa delas?

A-Nunca pensei sobre isso, mas eu acho que tudo que vem para agregar é válido, se tem aumentado o número destas universidades é sinal que deve ser uma boa iniciativa, mas como já fiz minha universidade nunca parei para pensar muito nisso.

P-E sobre o trabalho na terceira idade, o que o senhor tem a me dizer?

A-Eu acho que depende da motivação de cada pessoa, quando eu falo em motivação digo pessoal, social, intelectual, econômica, se todas elas estão satisfeitas, acho que chegou a hora de parar, senão a pessoa deve continuar. No meu caso eu não precisava mais economicamente, já tinha feito até meu mestrado, tinha galgado muitos degraus, e estava satisfeito com minhas vitórias, e também não tinha mais pra quem trabalhar, com a nossa aposentadoria minha esposa e eu vivemos muito bem, então pensei pra quê? Vou descansar agora, e foi isso...

P-E a velhice o que é para o senhor?

A-Bem pra mim, é um momento triste que não deveria chegar nunca, pois com o decorrer da vida você vai contabilizando muitas tristezas, claro também vitórias, mas ao chegar na velhice, as tristezas ficam ainda mais fortes, você fica mais nostálgico, e acaba vivendo muito do passado e acho que isso não é bom.

Estou tentando aproveitar da melhor forma esta minha fase, passear, viajar, mas como eu não terminei todos os meus exames, não viajei com minha esposa para o Japão, e ela acabou indo com minha cunhada. Está tudo bem comigo, mas eu não queria viajar sem ter todos os resultados. Costumo fazer um “*chek up*” pelo menos uma vez por ano. Ela foi para o Japão pra ficar 25 dias, e eu estou me virando bem, comida ou eu faço, ou como na rua, roupa eu mando pra lavanderia, tenho feito meus exames, faço minha caminhada, leio bastante, venho pra cá, as vezes janto com um amigo, fui ao cinema, olha modéstia a parte eu tenho me saído bem sozinho, foi isso que eu disse a minha esposa quando ela ligou, claro que prefiro quando ela está aqui, mas não estou passando nenhum aperto. As vezes é bom ficar um pouco distante para sentirmos a falta, o quanto é bom ter uma companheira, alguém para dividir a vida, alguém que esteja em casa quando você chega, o que quando você está em casa, chega te cumprimenta e conversa um pouco com você. A minha esposa é uma boa amiga, passamos momentos tão difíceis juntos, mas estamos aí firmes, lutando. E aí você pensa na velhice e fala que bom poder envelhecer ao lado de alguém, já imaginou envelhecer sozinho, não sentir o apoio de ninguém, ah deve ser uma das coisas piores da vida, só é melhor que perder um filho. Bom não quero falar mais desse sofrimento. Como eu sempre planejei a minha vida eu

tenho planejado como envelhecer, e acho que tenho tudo para continuar vivendo bem, claro que doenças chegam, mas eu acho que a preparação psicológica para a velhice é muito importante e isso eu tenho feito. Tem algumas coisas que não podemos mudar, outras que cabe a nós decidirmos, então o que me cabe eu estou fazendo, então só nos cabe viver cada dia e esperar pelo amanhã. Eu não vivo pensando no futuro, que nem colegas daqui me falam, que pensam com que idade eles vão morrer, não! Se eu ficar pensando nisso, eu simplesmente paro de viver. Eu acredito muito no poder da mente, leio muitos livros de auto-ajuda, e acredito que você é aquilo que você pensa, então eu evito pensar em coisas ruins. Até assisti uma palestra do Shiyashiki, e foi muito boa. Eu não ponho na minha cabeça doença, pra que esta não se materialize. Acho que no fundo eu sempre agi assim, pois tudo que dependeu de mim eu consegui, eu alcancei. O negócio é ter bons pensamentos, todos os dias, procuro brincar, dar algumas gargalhadas, e isso faz bem, você não acha?

P- Claro como certeza, faz sim.

A-E outra coisa importante: ao mesmo tempo que você é o que você pensa, você deve pensar e quere, ter sonhos é claro, mas sonhos realizáveis, porque uma coisa que tenho visto é: ou pessoas sem sonhos, ou então, outra com sonhos impossíveis. Sonhos que estejam dentro de seus potenciais, que sejam possíveis, senão o que acontece é a frustração

Olha se eu chegar aos 90 como minha mãe, já está bom demais, feliz, bem humorada, ativa dentro de algumas restrições impostas pela idade, claro!! Olha ficarei satisfeito!. Você sabe que ela me deu muita força quando eu perdi meu filho, meu irmão já tinha morrido, logo ela já tinha vivido a perda de um filho, e ela me falava e lia muita coisa pra mim da *Seicho no Ie*, ficou uns dias com a gente em casa, sempre foi uma mulher de muita fibra e coragem. E ela sempre me disse: Olha eu lhe garanto que apesar dessa dor, você vai sobreviver, eu sobrevivi e estou aqui, talvez eu tenha passado para poder hoje lhe dizer isso. Por isso que eu dou tanto valor a família, claro que ter amigos também, alguns são a nossa família, e é isso que dá sentido a vida, é estar ao lado dessas pessoas, são poucas mas são importantes, e isso eu tenho, uma boa esposa, companheira, uma mãe generosa, e alguns amigos. Olha Graças a Deus!!! Apesar de tudo, não sou uma pessoa infeliz, e não me arrependo de nada que fiz e nem do que não fiz, dentro do mundo que conheci não poderia ter feito diferente, apenas gostaria de ter convivido mais com meu filho!

## ENTREVISTA 7

### Dados de Identificação: MA

#### Aposentada parou e voltou a trabalhar

P-“Fale-me sobre você, seu trabalho, quando se aposentou e porque resolveu voltar a trabalhar...

A-Bom meu nome é M.A.G, tenho 61 anos, e olha antes que você comece a me chamar de senhora eu vou logo dizendo, não quero, me sinto jovem e quero ser chamada ou pelo meu nome, ou então por você, ok? Apesar de pouca idade já estou aposentada há 10 anos, eu comecei a trabalhar muito cedo, estou aposentada desde 98, estudei ensino regular, e em 99 comecei a fazer direito, 2004 prestei a ordem e já passei, fiz 3 anos de estágio para ir pegando prática, até Julho de 2003, e parei para preparar a monografia, e no último ano eu já estava trabalhando, mas em 2004 montei o meu escritório, com um sócio que é até hoje e agora também o meu genro trabalha conosco.

P-Qual foi o seu primeiro emprego?

A-Nossa faz muito, muuuuito... tempo, em 64 Criações Carol, depois muitos outros, na Sabesp que é o meu referencial entrei em 76 e fiquei aqui até me aposentar em 98, e aí eu tirei umas férias fiquei 5 meses em casa, viajei, e aí eu pensei, vou ficar o resto da minha vida só nessa rotina, cuidando de neto, não, não, não, vou fazer alguma coisa, já sei, vou voltar a estudar. Aí pensei o quê! Então fui fazer cursinho, fiz dois meses, então eu fui convidada para dar palestras aqui na Sabesp, dei 23 palestras, terminei, e então fui prestar vestibular e acabei entrando,.

P-E por que direito?

A-Olha, eu resolvi fazer direito pela minha inconformação diante de tanta injustiça, tantos problemas mal resolvidos e quando você vem de uma classe humilde, você se sente tão inconformada diante de tantos absurdos, desigualdades, e a pessoa que mais me incentivou foi uma chefe que eu tive aqui na Sabesp, era a jurídica do presidente da Sabesp, e eu tinha o perfil da secretária que ela procurava e me dei muito bem com ela, me espelhei muito nela, muito inteligente, muito arrojada, e por isso eu fui fazer direito, uma boa referência pra mim, e como advocacia é um campo muito amplo, ela até me convidou para trabalhar com ela, mas eu quis ter meu próprio escritório.

Na Sabesp eu trabalhei 22 anos, e ela me deu uma boa estrutura, mas eu contribui pra isso viu! Ah sim! Na minha época eu não fiz concurso, tive que galgar degrau por degrau, e aí eu atingi o grau máximo de secretária que era a 4. E me aposentei com a nomenclatura de

secretária. Posso te dizer com segurança que minha vida mudou pra melhor com a aposentadoria, continuei com minhas amizades, minha família continuou me valorizando, voltei a estudar, e adquiri uma outra profissão, conheci mais pessoas, me sinto muuito útil...

P-Você passou a ter mais tempo para sua família?

A-Não, isso eu não posso dizer que depois da aposentadoria passei a ter muito mais tempo para minha família, até porque voltei a trabalhar, desenvolvi uma nova profissão e me dedico a ela, mas não me sinto culpada por isso, pois o tempo que fico com meu neto e com minha filha é precioso e tem muita qualidade, almoçamos aos domingos, vamos passear, somos uma família que se ama, e fazemos questão de dizer isso uns aos outros.

Hoje sou uma mãe, uma avó feliz, uma advogada bem sucedida, tenho cliente que bate na minha porta, pois um vai indicando para outro e aí você já sabe... . Eu trabalho muito, agora são 14:00 horas e eu já trabalhei 6 horas com um cliente. Como você já pode perceber eu adoro conversar, então eu vou falando coisas sobre mim que eu penso ser importantes, e você vai me guiando ok?

Enfim, a minha profissão me completa, sou uma viúva feliz, viúva há 29 anos, tenho um excelente relacionamento com minha família, tenho um neto lindo de 14 anos, que adora ir lá em casa, pois seus amigos estão concentrados lá, onde ele morou até pouco tempo com a mãe, minha filha, lugar onde ela foi criada. Então ele chega na minha casa as 13:30, que é quando a perua deixa ele, e fica lá até de noite, mas eu não paro a minha rotina por causa disso não, faço o almoço pra ele e vou trabalhar, atender meus clientes, mas ele continua em casa. Tenho apenas uma filha de 34 e ela apenas um filho de 10. Meu marido faleceu de etilismo crônico, eu tentei uma união depois, mas eu vi que não daria certo, até me apareceram várias propostas de casamento, mas eu não quero, tenho medo, eu sou muito independente, tenho personalidade muito forte, e para evitar aborrecimento eu prefiro ficar sozinha, não quero perder essa minha liberdade, ah não!!!!

Eu passeio muito, sou evangélica há 16 anos, e na minha igreja vivem querendo me casar, mas eu falo não, não, não! Eu não consigo me ver dormindo com alguém, me podendo, e olha que eu sempre fui uma ótima dona de casa, eu adoro cuidar de casa, gosto de trabalhar dentro e fora de casa. Eu trabalho fora desde os 12 anos, e sempre ajudei meu marido com meu salário, quando eu vim para Sabesp eu já tinha sete anos de casada. Meu marido sempre foi um banana, ah! Quer dizer no sentido bom da palavra, nunca me proibiu de nada. Até quando ele estava comprometido com a bebida, eu dizia pra ele: Para! Para! Você não vai ver sua filha crescer! E ele respondia: Pra quê? Ela não precisa de mim para nada, e nem você, ela

têm você que faz tudo, que resolve tudo, ela não sentirá minha falta e nem você... Era uma pessoa muito triste, de mau com a vida, olha pensando bem não tínhamos nada em comum

Foram anos que eu passei com ele de muito sofrimento, e eu nem podia reclamar, pois ele já era assim quando eu o conheci, só que na época de namoro ele escondeu que bebia, e a família querendo se livrar de algo não muito agradável, também procurou esconder, e quando eu casei eu tinha 26 anos, ele trabalhava e depois de um certo tempo ele parou. Foi tão terrível que três anos depois do casamento ele começou a piorar, piorar, piorar...

Foi bem rápido, e isto tudo acabou me traumatizando.

Olha só para você ter uma idéia, todos os meus pretendentes, muito bem financeiramente, um deles foi assessor parlamentar do Mário Covas, ele estava apaixonadíssimo por mim, nos conhecemos no estágio da faculdade, toda terça depois do estágio, íamos para a Cultura Inglesa fazer um *happy hour*, e aí sempre um colega nos convidava para estarmos juntos. E em um dos churrascos de final de semana, ele se declarou na frente de todo mundo, foi lisonjeador, mas eu não quis, ele com 59 e eu com 61, ele tão louco por mim, que pediu para que um colega de classe dele viesse falar comigo, e você sabe como é faculdade tem todos os níveis sociais, alguns parlamentares como ele, um amigo veio transmitiu-me um recado dele, e eu até gostei dele. Então aceitei seu convite para jantar, saímos e você não sabe o que eu percebi: ele bebia como um gambá, e eu disse: O quê!!! Gato escaldado tem medo de água fria, não, não, não, nem pensar! Ele já vinha de três relacionamentos, largou a faculdade depois do fora que eu dei nele, ficou muito transtornado, acho que ele viu em mim alguém que pudesse cuidar dele, mulher, profissional, mãe, avó, dona de casa, ele pensou é aqui mesmo que eu vou me encostar... Que mulher sensacional!!!

Eu sempre muito elétrica, muito atirada, esperta, Sabe como é. Onde ele arrumaria alguém como eu.

E depois deste tiveram vários outros, e há um ano aqui na associação teve um passeio, duas vezes por ano tem uma pescaria em Cardoso, e eu tenho ido, e você sabe eu converso com todo mundo, sou muito extrovertida, falante, faço parte do Conselho Deliberativo daqui, e aí conheci um senhor que me apresentei: Eu sou Cida, advogada, sou do Conselho, e conversamos, voltamos um do lado do outro no ônibus, e ele ficou muito interessado em mim, viemos conversando muito, nos conhecendo melhor, e então começou a me ligar todo dia, depois duas vezes, depois três, por fim acabou me pedindo em casamento, e no decorrer do nosso relacionamento eu percebi um jeito muito mandão, muito senhor da verdade, não bebe não fuma, mas muito autoritário, e até hoje somos amigos, passeamos juntos, mas nada sério não!

Falou que estaria disposto até a ir para minha igreja, se converter, olha só; e aí eu disse, não, não, não. Eu estou vendo que não vai dar certo...

Eu amo trabalhar, eu amo ser advogada, mesmo que um dia eu diminua, vou continuar ajudando o meu genro, que também é advogado, dando meus palpites.

P-O que é o trabalho para você?

A-Pra mim é tudo, é minha força de vida, meu estímulo, poder ajudar as pessoas com ele, faz eu me sentir capaz, mais forte ainda, ver que existem pessoas que podem ficar ainda melhores através de meu trabalho. Ah, Coisa boa que é poder trabalhar! E olha que não sou tão saudável como eu gostaria, sou diabética, minha glicemia é controlada por remédios tomo oito por dia, só a alimentação não controla, mas tudo bem, eu tenho condições de comprar, e é isso que importa, não vou deixar me abater por isso, eu costumo dizer que eu tenho diabetes não sou doente por isso.

Triste são esses aposentados que não tem dinheiro pra comprar, enfrentam filas em postos para pegar uma mísera caixinha de remédio, que parece mais uma esmola, e é por eles que eu luto, já entrei muitas vezes com liminares para doentes graves obterem remédios caros de graça, isto é um direito adquirido, mas muitos não sabem, e quando sabem não podem pagar, então eu acabo ajudando com meu trabalho... Acho que é o mínimo que devo fazer, senão puder ajudar alguém com tanto estudo, não é mesmo? Não teria valido a pena meu sacrifício, toda minha dedicação.

Olha, apesar de tudo que passei penso: não posso perder esse meu brilho, essa minha luz por ninguém, pois muitas pessoas se espelham em mim, no meu bairro, eu incentivei muitos vizinhos a voltar a estudar, a ter uma profissão, sou uma referência para muitas pessoas, de força, de coragem, de determinação, por tudo que passei, filha pequena, marido alcoólatra desde muito cedo. E olha, eu tenho tanta vitalidade, tanta energia, sou tão feliz, que algumas pessoas já chegaram a me perguntar, se eu não tenho problema, e então eu disse:Tenho como todo mundo, mas os problemas são apenas uma parte da minha, e eu não deixo a minha vida ser um problema, e olha que eu tive de trabalhar, cuidar de um marido, cuidar da minha casa, da minha filha, mas nunca, nunca me lamentei pra ninguém, sempre procurei ver o lado bom de tudo, e é por isso que sou o que sou hoje, uma vitoriosa. E nos tempos de internação do meu marido, como foi difícil, ele voltava pra casa, conseguia ficar 20 dias sóbrio, depois voltava tuudo de novo. Olha, pra me abater é muito difícil, tem gente que diz, que vida de aposentado é terrível, eu não senti dificuldade alguma, diferente de um amigo meu daqui, que se aposentou e acabou ficando doente, outros colegas morreram, as mulheres se viram, vão fazer costura, artesanato, cantar, passear, estudar, vão fazer qualquer coisa...

P-Aproveitando...O que você pensa dos grupos de convivência?

A-Olha depende, não se pode querer que todo aposentado faça parte de um grupo desse. Por exemplo, no meu bairro o Butantã, tem uma Ong que desenvolve várias atividades com as senhorinhas, e uma delas ficou viúva há pouco tempo, as vizinhas praticamente arrastaram ela que caiu em depressão depois da morte do marido, com muita pressão ela começou a ir, se você a visse hoje, ela parece outra pessoa, fez super bem pra ela. Já para uma pessoa como eu penso que não daria certo, sou muito ativa, agitada, gosto de dirigir e não ser dirigida, e estas atividades não preencheriam todo o meu tempo, você entende?

Então eu acho que deve-se pensar, você ou outros pesquisadores, estudiosos da terceira idade, em outros lugares que possibilitem ao idoso, desenvolver atividades ou mesmo trabalhos, de acordo com seu estilo de vida.

Eu acho que as pessoas devem ser vistas de forma diferente, como seres únicos, nem todos os idosos são iguais ou querem fazer a mesma coisa, percebe?

Veja bem, eu acho interessante, elas viajam, passeiam, fazem amizades, eu até saio de vez em quando com elas, mas ... pra mim falta algo mais... E entenda bem, eu acho importante e bom o que já existe, mas precisa de outras medidas.

Muitas pessoas estão ainda muito aptas a continuarem trabalhando, se desenvolvendo, outros querem estudar para se profissionalizar, e só não podem fazer isso porque tem idade avançada? Você acha justo? Tem que se criar novos campos para o idoso, isso sim. As vezes quando você era jovem não teve oportunidade, condições e não pode estudar, e quando chega numa certa idade, todas as oportunidades são cortadas por causa de sua faixa etária. Eu acho que deveriam existir mais centros profissionalizantes tanto para os mais jovens quanto para os mais velhos. Se têm saúde deve trabalhar sim! Por que não? Eu digo isso, lá no meu bairro, para os meus amigos, lá na minha igreja. E o pessoal diz: Você acha que é todo mundo que têm a sua disposição? E aí eu respondo, se ficar em casa esperando a morte chegar, aí é que não vai ter disposição mesmo, não eu falo sim! Vai a luta, levanta essa cabeça, não sinta pena de você porque tem uns aninhos a mais, use-o a seu favor e não contra você! Não é mesmo? É assim que eu falo para os idosos que eu encontro meio retraídos, não os deixo abaixar a cabeça! A não ser que se esteja doente mesmo, aí é diferente! Mas mesmo assim eu falo: Vá se tratar não fique só se queixando!

E tem outra coisa: muita gente não quer se aposentar, parar e muitas vezes é obrigado, então que ele possa desenvolver alguma profissão, mas para isso ele deve ter oportunidade. E muitas vezes ele precisa continuar trabalhando porque precisa continuar ganhando dinheiro para si e para sua família.

Eu trabalho porque quero e gosto e não por questões financeiras, nunca defenderia um estuprador, ou um latrocida, por dinheiro nenhum nesse mundo, isso não tem nada a ver com religião, pois eu nunca deixei ela monopolizar a minha vida pessoal ou profissional, acho que religião nenhuma pode alienar ninguém, ninguém deve permitir isso. Eu dirijo a minha vida segundo os meus conceitos e não segundo conceitos ditados pela minha igreja. Nem ela e nem ninguém.

P-Quais são suas expectativas quanto ao futuro?

A-Olha eu pretendo trabalhar por pelo menos mais 20 anos. Se não for tudo isso que eu tenha bastante disposição. Hoje eu estou mais ativa do que há 10 anos quando eu me aposentei, então que daqui há 10 eu esteja melhor ainda, por que não? Faço o que quero, do jeito que eu quero, mais tarde à noite, chego em casa tomo meu banho, ponho meu pijaminha, assisto meu jornal, relaxo, se alguém chegar em casa e pedir um café, eu digo: Que bom! Então faça pra você e pra mim também. Não faço nada por obrigação. Por exemplo: os cultos na minha igreja são de terça, sábado e domingo, se de terça feira eu não estou muito cansada eu vou, agora se eu estiver, não vou e pronto.

P-Me conte um pouco de sua família de origem, pai, mãe, irmãos...

A-Minha mãe sempre foi uma guerreira, meu pai também sempre foi muito bom, mas as mulheres da minha família são mais despachadas que os homens. Minha mãe sempre me ajudou, como meu marido bebia muito ele praticamente não podia trabalhar, então eu tive que me virar trabalhando aqui na Sabesp, bordando e costurando pra fora, e foi assim que eu consegui comprar a minha casa. E eu devo boa parte desse meu sucesso à minha mãe que sempre me apoiou, cuidou da minha filha pra eu poder trabalhar, ela me quebrava altos galhos, não só pra mim como para minhas duas irmãs, que também sempre ajudaram seus maridos a ter o que eles têm hoje. Sempre lutaram, trabalharam muito, são um orgulho para seus filhos. Olha pra mim, família é tudo, mãe é tudo de bom na nossa vida, nosso alicerce, nosso porto seguro. Quantas vezes eu preocupada com a minha situação difícil, quem eu procurava para me apoiar: minha mãe, e ela até hoje é muito forte, mora sozinha com 92 anos, claro doente, magrinha, mas ainda vejo nela aquela mulher de fibra que sempre foi o meu espelho, uma mulher forte, mas muito carinhosa e amorosa, sempre procurei ser como ela.

Só quando eu ficar velha vou fazer diferente dela, apesar de minha mãe estar sendo tratada na casa dela, eu quando ficar velhinha, já avisei minha filha, eu quero ir para uma boa casa de repouso, dinheiro eu tenho pra isso, não quero depender de filha, neto, de ninguém, quero ficar no meu canto, com pessoas da minha faixa etária, lá eu vou ter médico, enfermeira, todo

tratamento que eu preciso. O que eu peço é que vocês me visitem, para ver se eu estou sendo bem tratada, isso sim. Eu não quero morrer abandonada.

P-Você acha que existe preconceito contra os idosos em nossa sociedade?

A-Ah! Eu acho viu! Os velhos na maioria das vezes estão sozinhos, até quando estão na casa com suas famílias, muitas vezes eles fazem como se não existisse ninguém, olha eu cuido muito bem da minha mãe, e acho que em vez do velho ficar sendo mal tratado em casa, ele deveria ir para uma casa de repouso, conviver com outros idosos como ele, conversar, a família visitaria e pronto, o relacionamento seria muito melhor, mais leve, espontâneo. Apesar da minha mãe querer ficar sozinha em casa, eu acho que ela estaria melhor em uma casa de repouso.

P-O que significa para você a velhice?

A-Experiência, e não invalidez, recomeço e não morte, ora de recomeçar uma nova vida, com mais liberdade, de fazer o que você quer e não ligar para os que os outros esperam de você. Enfim, hora de pensar em primeiro, segundo e terceiro lugar em você!!! Oh Coisa boa que é amadurecer assim, com esta liberdade, de bem com a vida!

P-O que você pensa da interação idosos-jovens?

A-Eu acho ótimo, muito bom mesmo, o jovem deve ter oportunidade de saber o que o velho pensa, como ele organizou sua vida, como foi sua vida.

E para o velho saber como os jovens pensam, o que querem para sua vida, como vivem, o que gostam.

Olha com a minha experiência, o meu testemunho de vida, seria maravilhoso poder passar mais ainda minha experiência para outras pessoas, por um lado eu faço isso, eu tenho esta oportunidade, mas muitos idosos não tem, e eu acho que deveriam ter. Se o velho fosse alguém mais olhado, respeitado e valorizado por toda sua bagagem de vida, este mundo não estaria do avesso como está, isso eu tenho certeza!

Pois eu acho que tanto a sociedade como muitos jovens acham que velho não serve para nada, não tem nada a oferecer, isto tudo por causa desta mudança em nossa sociedade, esta perda de valores, de referenciais, de família, este desamparo que estamos vivendo, esta excessiva praticidade da vida. E assim muita coisa importante foi se perdendo, e uma delas foi o valor do ser humano.

Mas na minha família sempre cuidamos de nossos idosos, eu vi minha mãe cuidando da mãe dela até morrer bem velhinha com 100 anos, e como não cuidar e não valorizar a minha mãe se foi isso que eu sempre aprendi com ela: a valorizar as pessoas, a ajudar as pessoas. Tem uma frase da minha mãe que sempre que eu preciso, ela me vem à cabeça: Quando você não

tiver algo bom e positivo para dizer para alguém, a melhor coisa é não dizer nada! E esta é uma frase que sempre foi muito importante para mim, esta e muitas outras, e pra mim isto é ter uma família, ter uma boa estrutura, amor, carinho, zelo. Por isso eu procuro dar bons exemplos para o meu neto, conversar muito com ele, como eu sempre fiz com minha filha, sempre fomos muito unidas. Claro porque meu marido nunca foi pai de verdade, eu sim fui mãe e pai pra ela, mas não me importo, isso me deu uma força!!!

Sou uma pessoa realizada, resolvida e feliz! Olha e é isso acho que eu já falei demais, estamos aqui já faz tempo, mas foi bom dizer tudo isso pra você, me lembrei de fatos importantes, que me fizeram ter mais certeza que sou e sempre fui uma lutadora e vou continuar nessa batalha, pra minha felicidade e de todas as pessoas que eu puder ajudar.

P-Agora para finalizar eu lhe pergunto teve alguma coisa em sua vida que você tenha se arrependido?

A-Graças a Deus não, até o fato de ter casado com um homem que me causou tanto transtorno, eu não posso reclamar, primeiro porque ele me deu uma filha maravilhosa e conseqüentemente um neto e foi através de todo este sofrimento que pude me dar conta da tamanha força que tenho, então me arrepender de quê? Não, não, não com certeza não, de nada!!!”

## ENTREVISTA 8

### Dados de Identificação: JRG

#### Aposentado parou e voltou a trabalhar

A-“ Bom como você já me explicou do que se trata e eu já entendi, vou começar falando meus dados pessoais e profissionais, e aí você vai me guiando, tá bom?”

P-É isso mesmo senhor J. fique a vontade para começar nossa entrevista, e caso eu não entenda algum detalhe, eu lhe pergunto...”

A-Meu nome completo é JRG, tenho 71 anos, estou aposentado há 10 anos, sou casado pela segunda vez há 28 anos, minha esposa tem 52 anos e nos damos muito bem, temos os mesmos objetivos, amamos trabalhar, tenho três filhos do meu primeiro casamento, todos homens casados, um é arquiteto, o outro *designer* e o outro educador, tenho quatro netos, tenho um excelente relacionamento com eles, cada um gerindo sua vida, uma coisa leve, gostosa, sem cobranças, e com minha esposa também, e acho que o fato de eu trabalhar e ter minha vida contribui para isso. Fiquei parado uns três meses e vi que não dava, que senão começasse a trabalhar logo eu enlouqueceria.

P- Sua esposa atualmente trabalha?

A-Nossa, e como minha esposa trabalha!!! Mais do que eu, é também por isso que eu a admiro tanto, me ajudou muito quando eu me aposentei, a olhar meu valor, ela é uma mulher inteligente, independente, ela é jornalista, promove projetos na área de jornalismo, coordena a promoção de livros técnicos e também programas de marketing. Atualmente estou trabalhando com ela, ajudando como posso, mas esporadicamente faço também serviço de peritagem para a Sabesp.

P-E me conte no que o senhor trabalhava antes de se aposentar, por que parou e voltou a trabalhar?

A-Eu trabalhei 40 anos, fiz três faculdades, engenharia industrial, engenharia sanitária, e engenharia de segurança, trabalhei 10 anos na Votorantim como engenheiro industrial, 10 anos na construção civil e 20 anos na Sabesp, no gerenciamento de indústria química, indústria civil e em obras de saneamento. Em todos estes anos de trabalho sempre procurei me dedicar muito, acho que sou como meu pai, disciplinado, exigente, trabalhador ao extremo!! E sempre procurei passar isto para meus filhos. Olha, vou te dizer uma coisa, que eu acredito: Trabalho é tudo na vida de uma pessoa, é sua essência, a pessoa não deveria parar nunca, parar significa um desperdício, morrer em vida, para que soltar um aposentado? Só se for para

morrer mais cedo! O Governo deveria incentivar as associações, as atividades profissionais, a continuação do trabalho, ainda mais agora que se vive mais, parar de trabalhar pra quê? Pra ficar em casa pensando besteira, ou atormentando a vida dos filhos?

P-Ah!, Aproveitando...O que o senhor pensa dos centros de convivência para idosos?

A-Olha, eu sempre achei uma boa iniciativa, oferecer a alguns idosos uma nova oportunidade de viver, sair um pouco de casa, aprender coisas novas, foi bom principalmente para as camadas mais pobres, com pouca instrução, com poucas alternativas. Não para pessoas como eu, com uma certa intelectualidade, ativo mentalmente, que sempre gostou de trabalhar, não conseguiria aderir a um grupo desse, nem pensar! Mas para pessoas mais limitadas, tranqüilas, sem muito o que fazer, pode ser! Você veja, eu me aposentei e continuei fazendo projetos para empresas, e fui trabalhar com minha esposa, preciso de atividade laboral, pois acho muita inteligência e potencial desperdiçado. E agora estou montando um curso para engenheiros, estou muito entusiasmado, até porque eu já dei aula em faculdade por vários anos, foi muito bom.

P-Ah! É que interessante! E como e quando foi?

A-Eu dei aula uns oito anos, antes de me aposentar e olha gostei! Gostei muito de conviver com esta mocidade, aprendi tanta coisa e pude passar também muita da minha experiência de engenheiro pra eles, e eles se interessavam muito por tudo que eu ensinava a eles. Foi bom viu!!! Sinto saudades! A troca entre idoso e jovem é muito energizante para nós.

P-Se foi tão bom, por que o senhor parou de dar aula?

A- Meu filho estava passando por um momento difícil e eu já trabalhava durante o dia aqui, não dava para dar aula a noite, foi um tempo que eu achei melhor dar uma força pra ele, bem mas ele já superou, as drogas ficaram para trás, e eu não quero mais falar sobre isso, coisas que podem acontecer com qualquer um.

Você sabe que ser chamado de aposentado foi muito difícil, a sorte que tenho uma excelente companheira, amiga, compreensiva, que esteve sempre ao meu lado. Posso te dizer que uma das melhores coisas que já me aconteceram na vida, ela me faz muito feliz, realizado mesmo, como homem. E olha que ela trabalha demais, mas sempre estamos juntos, saímos para almoçar, jantar, dançar e conversar, sempre, sempre, sempre. Já com a minha outra mulher meu casamento foi terrível, mas não gosto de falar sobre isso, ainda mais porque ela bem ou mal é a mãe de meus filhos, não é mesmo? Mas olha, que minha atual esposa é muito mais compreensiva, companheira, ela trabalha muito como eu, nos entendemos bem, mas não vamos mais falar de coisas tristes e desagradáveis, o que passou, passou. O que mais você precisa saber sobre mim?

P-Bom sobre o seu trabalho o senhor já me disse da importância, o que fez e o que faz atualmente, disse também sobre seu projeto de montar cursos, fale um pouco mais sobre este e outros sonhos, expectativas...

A-Sonhos é que não me faltam, quero montar vários cursos para engenheiros.

P-Que tipo de cursos?

A-Na área de segurança, que gosto muito e sempre meus alunos me pediram isso, e falta na grade curricular das universidades, complemento para seu aprendizado, eles tem que aprender a pisar no chão da fábrica, estar junto com os operários, e não atrás de uma mesa, todo engomadinho, não é isso que é ser engenheiro! E sem lhe dizer que vou me sentir útil em poder ajudá-los. E se der certo vou montando outros e ampliando, talvez se for possível até volte a dar aulas, por que não? Se me aceitarem, eu bem que gostaria, por que a idade deve ser um limitador de projetos, não é verdade?

P-Que bom que o senhor pensa desta forma...

A-Não, não, não, não concordo, tenho competência, garra e criatividade! Você acha que apenas por estar no que chamam de terceira idade eu vou parar? De jeito nenhum, queria também poder dizer isto a muitos aposentados, inclusive vim hoje aqui também para conversar, com o D. que é um dos diretores daqui, sobre isto de fazermos algumas palestras, por que eu acho o pessoal daqui muito parado, organizam passeios, mas isto é pouco, temos uma boa estrutura aqui, gente competente, espaço físico para encontros e não promovemos nada nesse sentido. Sabe o que eu penso: Parar encurta a vida, e ela é muito boa para ser encurtada pela gente, tenho saúde, disposição e acredito que muita gente também tenha, e quero poder dizer isto a outros aposentados. A pessoa não precisa deixar de viver porque se aposentou, se ela quiser ela pode continuar a trabalhar, é só usar a criatividade, mesmo quem não tenha tanta cultura como eu, alguma coisa esta pessoa sabe fazer na vida... então faça!

A-Vou te confessar uma coisa: Sempre vivi muito para o meu trabalho, e não me arrependo, porque se não tivesse feito isto hoje eu não teria nada pra me apegar, meus filhos estão vivendo a vida deles, os três casados com suas famílias, formados graças ao meu trabalho e ao exemplo que sempre dei a eles, sempre exigi que estudassem, isto em casa sempre foi uma imposição minha, e olha aí, os três bem sucedidos, preparados, lutando pelos seus sonhos. Então admito que sou um homem duro, nada afetuoso, mas amo meus filhos do meu jeito e não saberia fazer diferente, sempre tive como meu grande ideal, ser um bom engenheiro, e foi assim que eu aprendi com meu pai, minha mãe não, era mais carinhosa, sabia expressar seus afeto.

P-O senhor expressa de outra forma...

A-É isso mesmo, gostei eu expresso do jeito que eu posso, e como eu aprendi.

P-O seu pai trabalhava em que? Ele era daqui de São Paulo?

A-Não ele era de Socorro, interior, e minha mãe de Jaboticabal, eu sou paulistano mesmo. Meu pai era professor do que hoje é o ensino... fundamental, era rígido, criterioso, um ótimo professor, minha mãe costurava, era o que hoje se chamaria de estilista, desenhava, recortava e costurava todo tipo de roupa, para mulheres, as moças vinham em casa para minha mãe fazer vestidos para elas, ela era muito criativa. Acho que herdei a disciplina e o rigor de meu pai e a criatividade de minha mãe, você sabe que nunca tinha parado pra pensar isto, mas acho que é, olha foi bom, muito bom!

P-E irmãos?

A-Tive uma irmã de criação que morreu jovem, e acabei sendo quase filho único, mas não me mimaram por isso, não... Falta muito ainda? Me desculpe, mas eu estou com pressa e pra te falar a verdade sou muito objetivo e não tenho muita paciência...

P-Não senhor,J., faltam algumas perguntas, que eu ainda não fiz, tais como...

P- Preconceito, o senhor acha que existe preconceito contra o idoso?

A-Sem dúvida, contra o idoso e contra o aposentado que o acham inútil e ele também se sente um inútil, por isso que eu afirmo que parar encurta a vida, não pode, ficar só em casa cuidando da vida dos outros, filhos, netos, e a sua? Onde fica? Não existe mais? Claro que tem muitas pessoas que gostam por exemplo, destas casas para idosos, como chama mesmo? Aquilo que você falou?

P- Sobre os Centros de convivência?

A-Isso mesmo, acho que funcionam, mas ainda acho que precisa de mais alguma outra coisa, porque o que dignifica o homem é o trabalho, e hoje os idosos, podem envelhecer com mais qualidade de vida, devem fazer projetos, não precisam se isolar, ficar em casa parados, tem muita coisa que se o idoso quiser ele poderá fazer, acho que muitos se acomodam também, claro que se o Governo criasse novas possibilidades seria melhor, mas se isso não acontecer faça você alguma coisa, eu ou estou planejando o que fazer ou executando algo. Uma coisa que eu não lhe disse e acho que é importante e fundamental nessa minha forma de ver a vida, é que fui oficial da reserva dos 19 aos 21 anos, foi lá que eu também aprendi sobre disciplina, foi um tempo importante da minha vida, me tornei independente, autônomo, foi muito bom pra mim.

P-Gostaria de lhe perguntar se o senhor acha possível promover algum tipo de interação sócio-afetiva, entre jovens e idosos?

A-Eu acho possível, mas não será uma tarefa fácil, eu acho que todas estas mudanças na vida moderna acabaram separando gerações que seriam muito felizes juntas, que poderiam crescer juntas, mas infelizmente velho é descartado por todos. Eu ouvi uma vez que quando se despreza um velho, é como se colocasse fogo em uma biblioteca, e eu acho que é exatamente isto que têm acontecido, se houvesse algum projeto interessante, talvez ajudaria a melhorar um pouco o mundo...

P-O que é velhice para o senhor?

A-Velhice pra mim é: restrição física de algumas atividades, enriquecimento espiritual programado, e acredito na importância desse lado espiritual, sou espiritualista, e acho que essa doutrina me ajuda muito, inclusive a enfrentar a velhice e algumas limitações que vem com ela, e também me ajudar a pensar que enquanto estou neste mundo tenho uma missão, logo não posso ficar parado vendo a vida passar, tenho que me enriquecer, como profissional, como pessoa e ajudar outros a fazer isto também. Uma das coisas que lamento em minha vida é não ter doutrinado meus filhos no espiritismo, eles são muito céticos em relação a isso, e penso que se eles tivessem uma fé grande como a minha, poderiam passar melhor pelos problemas, enxergá-los de outra forma, sem revolta, principalmente para aquele meu filho que eu lhe disse teve problemas, bom eu não ia falar mas estou me sentindo tão a vontade com você que vou dizer: Ele se envolveu há alguns anos com drogas é o meu caçula, que hoje tem 31, o do meio 35 e o mais velho 38, todos sempre foram bons filhos, mas o menor se envolveu alguns anos com drogas, tive que vender parte de meu patrimônio para custear seu tratamento, mas não me arrependo, olha... valeu! Hoje ele está curado, bem, trabalhando, casou e vive muito bem graças a Deus, pois sempre utilizei toda a minha fé neste tratamento dele, mas apesar de tudo que eu disse a ele e aos outros eles não querem me acompanhar às sessões que eu frequento toda semana, assisto palestras, tomo meu passe, venho pra casa embora leve, em paz comigo e com muito mais força. Pra mim é isso que é religião, e não fanatismo, procuro ir toda semana, mas quando não dá não fico me cobrando, minha esposa assim como meus filhos não querem ir comigo, é uma pena, pois faria bem a ela, ficaria mais calma, ainda mais com sua rotina de trabalho tão assoberbada, mas... cada um sabe o que é melhor pra si, não é mesmo? E eu respeito!

P-Com certeza, o senhor está muito certo. Bom agora quero saber, do senhor sobre arrendimentos, o senhor tem algum?

A-Ah! Tenho sabe de que? De não ter me preparado tão continuamente.

P-Mas como, o senhor sempre foi tão dedicado, trabalhou e estudou tanto, fez três faculdades e suponho que muitos outros cursos...

A-Com certeza fiz, mas acho que precisaria demais, quando você é jovem você deve aproveitar todo o seu potencial para se desenvolver, e eu acho que com o potencial que tive poderia ter dado mais e ter sido mais. Mas tudo bem, o importante é que não parei, e quero ainda fazer muito. E não quero sentir arrependimento por não ter aberto os olhos de outros idosos, pois é isso que quero fazer aqui, promover encontros, palestras, discussões, e quem sabe algum tipo de capacitação para tantas pessoas que estão em casa paradas e que podem ainda se desenvolver, quero levantar estas idéias aqui para os diretores para ver o que eles acham, usar esta associação para algo mais do que vem sendo usada, mais que bailes, viagens, festas, pescarias, passeios. Não que eu não dê importância a isso, dou, pois eu também sou um esportista.

P-Ah É! O senhor não me falou sobre isso...

A-É, eu corro, faço judô, pois vou com minha esposa a academia três vezes por semana, além de adorar pintar, pinto quadros modéstia a parte muito bem, minha esposa até me falou que eu deveria tentar expô-los, mas não quis, pinto por lazer, para enfeitar a minha casa e de meus amigos, e está muito bom!

P-Olha que maravilha! Parabéns por toda essa sua disposição, admiro muito pessoas como o senhor, que além de continuarem ativas ainda pensam em ajudar a outras pessoas.

A-E para que serve esta vida, senão para ajudar aos outros, acredito que primeiro você deva estar bem para depois poder ajudar, mas esta é uma missão nossa, por isso estamos aqui neste mundo, senão não haveria sentido na vida, para aprendermos e resgatarmos vidas passadas e evoluir sempre, e é isso que eu procuro fazer: Evoluir! E evoluir significa pensar também no outro. O que me vale a experiência que vivi, tudo que sofri e aprendi senão posso passar para outras pessoas, se estas experiências não puderem ajudar a outros viverem melhor? Pra que envelhecer então, apenas para perder vigor físico, aquele rosto e corpo jovem, não! Envelhecer é ganhar também, aprender a superar a dor, a saber que existe um amanhã e que pode lhe trazer muita sabedoria, basta você querer. Acho que meu horário disponível está acabando, você quer me perguntar mais alguma coisa? Tenho um compromisso com minha mulher.

P-Não, eu acho que o senhor já me respondeu tudo, aprendi muito hoje aqui, e espero que o senhor continue com sua garra, e que o senhor nunca perca esta sua linda capacidade de sonhar.

A-Eu não tenho dúvida que nunca vou perder, pois é esta capacidade que fez de mim o que sou. Obrigada por me ouvir, foi bom falar e pensar sobre isso tudo, as vezes corremos tanto que momentos como este, de reflexão sobre o que temos feito com a nossa vida, passam despercebidos, foi bom estar aqui...

## ENTREVISTA 9

### Dados de Identificação: I

#### Aposentado parou e voltou a trabalhar

Depois das explicações sobre a pesquisa, da assinatura no Termo de Consentimento, iniciamos nossa entrevista.

P- “Senhor “T”, o senhor poderia iniciar nossa entrevista, me dizendo a sua idade, seu local de nascimento e me contando um pouco de sua trajetória de trabalho quando, como e onde começou a trabalhar, os lugares por onde passou, o trabalho aqui na Sabesp, o processo da aposentadoria, e por que resolveu voltar a trabalhar após ter parado.”

A- “Nossa quanta coisa! OK, caso eu me esqueça de algum destes itens você me lembra.”

P- “Está certo pode ficar tranquilo, eu irei lhe perguntando, a medida que eu tenha dúvida...”

A- “Bom eu tenho 66 anos, sou de Catanduva, interior de São Paulo, estudei até o científico em Catanduva, depois fui para São Carlos fazer a faculdade de Engenharia Mecânica na USP, depois fui trabalhar na FESB- você sabe com saneamento básico, depois trabalhei com projeto e obras em São Carlos, e depois na Sabesp 26 anos, uma vida!!! Sempre com saneamento básico, acabei não trabalhando na minha área de engenharia mecânica, e na Sabesp fiquei até me aposentar. Posso te dizer que tive uma carreira de sucesso, assumi bons cargos, ganhei dinheiro, me realizei como profissional, e também fiz boas amizades, amigos que eu tenho até hoje, não posso reclamar da Sabesp, devo muito a esta empresa. Claro que trabalhei e estudei muito, sempre fui um profissional atualizado, fiz graduação, pós graduação, especializações, e vários cursos importantes que me ajudaram a ascender em minha carreira.

Quando me aposentei, há 5 anos, quis ficar um pouco parado, tirei umas férias com minha esposa, de 8 meses, viajamos, descansamos, sim porque ela também tinha se aposentado recentemente, e sempre trabalhou muito, tinha dois empregos, ela é formada em Filosofia e em Letras, dava aula no colégio Sion e no Estado e agora ela trabalha em casa como revisora de trabalhos científicos, e eu aqui na Secretaria Municipal de Serviços, que fui convidado a exercer o cargo de Chefe da Assessoria Técnica. Antes que você me pergunte o que faço aqui, já vou te dizer... aqui nós trabalhamos com corpo de bombeiros, serviços funerários, iluminação pública, lixo (incluindo coleta, varrição, lavagens em geral, coleta de animais, etc), como você vê é um trabalho bastante estressante, ainda mais para um aposentado, mas

aceitei porque não dava pra ficar em casa, minha esposa e eu nos damos bem exatamente por isso: cada um tem a sua vida, o seu trabalho, as suas coisas, seu eu ficasse em casa o dia todo eu me tornaria um cara tão rabujento e insuportável, com certeza meu casamento acabaria rapidamente, quando parei de trabalhar foi como lhe disse, tiramos umas férias, e depois voltamos para a nossa vida, nosso trabalho, como sempre estive engajado com política, até por trabalhar em uma estatal, ter um alto cargo, me relacionar com pessoas influentes, acabei deixando o caminho aberto, para quando eu saísse da Sabesp, e foi o que aconteceu.

Quase ia me esquecendo, eu pulei uma parte: pois antes de trabalhar aqui na Prefeitura, depois das férias que tirei quando me aposentei, eu fui para a Bolívia fazer um trabalho de diagnóstico de água e esgoto, por 7 meses, acabei vindo embora por problemas de saúde, a temperatura era muito baixa, tive um problema pulmonar e tive que voltar. Foi muito bom, senão tivesse tido esse probleminha teria ficado muito mais tempo por lá. Minha esposa também foi à trabalho, ela foi fazer um planejamento para uma escola, foi muito interessante pra ela também. Então foi aí que voltei, e reativei meus contatos políticos, sempre apoiei o PSDB, e conheço muita gente do partido, e aí recebi o convite para trabalhar aqui, o meu cargo é de confiança, tenho uma equipe que trabalha pra mim, gente boa, competente, jovem, tenho ensinado muita coisa a eles.

Porém há algum tempo estou meio chateado, modéstia à parte, tenho capacidade, experiência, mas acho que mereço um maior reconhecimento. Recebi da associação dos engenheiros, várias vezes, a medalha de engenheiro do ano, pela minha competência e seriedade em tudo que faço, mas depois que me aposentei acho que perdi um pouco desse reconhecimento, e olha que dou duro aqui. E é isso...”

P-“Aproveitando este tema...O senhor acha que existe preconceito contra o idoso ou mesmo contra o aposentado?”

A-“Eu acho que existe sim preconceito em relação à todos que de alguma forma não produzem, idoso, mulher, desempregado, aposentado. E isso é muito injusto, as pessoas devem ser tratadas com mais respeito inclusive por suas famílias, que descartam o idoso, asilando-os, jogando-os fora como uma roupa velha, algo que não presta mais pra nada.

P-“E em relação aos jovens, o que o senhor acha?”

A-“Se os jovens têm preconceito?”

P-“Sim!”

A-“Ah! Sem dúvida! Os jovens apreendem esse preconceito da sociedade, e com suas próprias famílias, muitos amigos meus tiveram que voltar a morar com suas famílias, por condições adversas, e se sentem muito mal com essa situação, são humilhados pela família,

não podem nem abrir a boca, e olha que ajudam a família financeiramente, não são inúteis, ajudam a tomar conta dos netos, mas não adianta, sofrem a exclusão dentro de suas casas. Então....não vejo um bom cenário junto às famílias com seus idosos, pelo menos os que eu tenho contato. Uma reeducação talvez precisaria ser feita.

P-Como assim reeducação?

A-Não sei alguma forma de aproximar os idosos da sociedade, principalmente dos jovens.

-Quem sabe uma interação entre jovens e idosos?

A-Isto mesmo.

P-E como o senhor imagina que deveria ser?

A-Ah! Isso eu não sei, mas acredito que se fosse bem planejado contribuiria para mudar o papel do idoso, e serviria como uma forma de humanização, pois as pessoas estão se desumanizando, e isto é muito triste. Bem não sei se estou falando bobagens, mas é o que penso. Se bem que particularmente não posso reclamar, tenho um ótimo relacionamento com meus filhos, eles são os quatro muito dedicados, atenciosos, carinhosos. Sempre que podemos estamos juntos, já chegamos até a viajar pra fora todos juntos, foi uma beleza!

“São adultos, cada um tem sua vida, sua família”

P-“Me fale um pouco de seus filhos...”

A-“Tenho um de 39, outro de 37, o do meio tem 34 e a caçula é uma moça linda de 32. O mais velho é engenheiro mecânico de uma empresa Japonesa, o segundo é engenheiro químico da Pirelli, o mais novo farmacêutico da Norvartis, e a moça é médica pediatra e neonatologista. Posso te dizer que estou muito realizado como pai, todos bem encaminhados, independentes, e é o que me consola, quando eu me sinto desprestigiado em meu trabalho, penso que não preciso muito mais disso, tenho o reconhecimento de minha família e de minha esposa também, estou com a minha vida tranqüila, não é mesmo? Penso que não tenho que me estressar tanto. Minha mulher fica brava comigo, porque fico nervoso e inconformado com tanta coisa errada, mas fazer o quê? É o meu jeito de ser, vejo tanta coisa errada, tanto dinheiro público desperdiçado, bom mas isso não vem ao caso agora. Você sabe que semana que vem, eu vou fazer uma cirurgia, para a retirada de cinco nódulos na tireóide?”

P-“Ah, é mesmo?”

A-“Mas não é nada sério, mas vou ter que ficar uns vinte dias em casa de molho.”

“Estou precisando mesmo tirar uma folga dessa loucura aqui...?”

“ Quase quatro anos que trabalho aqui, comecei logo depois que voltei da Bolívia, mas quando cheguei minha posição era mais privilegiada. Ah, era outra coisa! Nossa! Eu estava em uma posição estratégica, agora estou na execução, tenho que fazer as coisas funcionarem.

Tenho vontade de parar, mas aí eu penso: O que vou fazer? Ficar em casa? Ficar brigando com minha mulher ou atrapalhando a vida de meus filhos e netos? Não, não quero isso nem pra eles nem pra mim. Acho que a boa vida em família, depende de cada um respeitar o espaço do outro, ter sua vida, caso isto não aconteça, as pessoas acabam sufocando umas as outras, digo isto em relação aos meus filhos e em relação à minha esposa, por isso resolvi voltar a trabalhar. ”

P-”Então o que o senhor pensa fazer no futuro?”

A-”Você vai achar muito louco, mas eu queria ser zelador de casa de praia, ou seja, continuar trabalhando até morrer, mas em um lugar calmo, gostoso, eu arrumaria a casa, a deixaria em ordem para no final de semana receber os proprietários, principalmente a parte da churrasqueira, ficaria por minha conta, adoro preparar churrasco, cortar a carne, temperar, organizar, cerveja, refrigerante, programar a festa.”

“Aí os donos da casa chegariam e eu voltaria para São Paulo e só iniciaria na segunda.

Quero que seja um trabalho, por isso que eu disse zelador, pois você pode pensar então tenha a sua casa e organize festas e churrascos! Não pode, precisa ser um trabalho, não pelo dinheiro mas pela função, pelo simples motivo de dizer: Eu estou trabalhando, pois qualquer trabalho é digno, desde que seja um trabalho! E se eu tivesse a minha casa não seria um trabalho, e tem que ser um trabalho, para eu continuar me sentindo vivo, pode parecer meio absurdo, mas eu acho a idéia interessante. E outra coisa, eu ainda não salvei o mundo, sempre fui um idealista, sempre engajado politicamente, sou um inconformado com a injustiça, com a corrupção, enfim acho que o trabalho deve representar transformação, mas não apenas para quem o executa, mas deve melhorar a vida de outros. Enfim posso te dizer que desejo duas coisas para o meu futuro, trabalhar até morrer, independente de minha idade, em uma chácara e tentar em todos os dias de minha vida salvar este mundo, que está tão poluído de egoísmo e miséria.”

P-”Pelo que percebi, o senhor é uma pessoa que não fica sem o seu trabalho, mas existem outras pessoas que já não pensam assim, e direcionam suas vidas para outros setores, como por exemplo: os grupos de convivência. O que o senhor acha deles?”

A-”Olha... Não tenho nada contra, acho que deu razão para muita gente viver, conheço pessoas que participam e gostam muito. Mas pra mim pessoalmente não serve, não me adaptaria, o que me dá dignidade, força é o meu trabalho. E você pode até estar pensando que eu só trabalho nessa vida, não é? Não, não, eu nado em um clube, faço dança de salão com minha esposa, passeamos, vamos ao teatro, saímos muito para jantar, viajo tanto com ela

quanto com meus filhos, me reúno com eles para um churrasco no final de semana em casa, posso te dizer que sou apaixonado pela minha vida, não posso reclamar de nada não!...”

P-“E arrependimentos, o senhor tem algum, de alguma coisa que fez ou que deixou de fazer?”

O entrevistado pensou bastante e...

A-“Não, acho que não existe nada de que eu me arrependa, nem que fiz e nem que não fiz, sempre fiz tudo que me propus, e por outro lado não sou um cara impulsivo, sou engenheiro, penso, calculo bastante antes de tomar qualquer decisão, sendo assim, posso te responder que não, certamente não.”

P-“Agora gostaria que o senhor me falasse um pouco de sua família de origem”

A-“Meus pais eram libaneses, somos em sete irmãos, cinco mulheres, o meu único irmão faleceu, então agora eu sou o único homem, e o caçula, me relaciono bem com minhas irmãs, porém sinto que duas delas são pessoas amargas, tristes, sinto por isso, e são muito fechadas, não sei o que aconteceu com suas vidas, e sempre tive uma vida tão agitada e compromissada, que cada um de nós acabou seguindo o seu caminho. Meu pai sempre foi um homem culto, estudioso, trabalhador, porém muito bruto, nunca foi carinhoso com os filhos, nem mesmo com as mulheres, sempre foi muito exigente com relação à educação dos filhos, todos fizemos faculdade e tivemos nossa profissão, acho que gosto tanto de trabalhar por causa de meu pai, ele dizia que o bem melhor que um pai deixa à seus filhos é a educação, pois através dela será traçado o seu futuro.”

“Veja você, isto é tão forte dentro de mim, que encontrei uma esposa, que também teve esta mesma educação, estudou muito e se profissionalizou, e foi isso que passamos para os nossos filhos, e acho que eles acataram, todos trabalham muito, e mesmo o meu filho do meio que tem dois filhos até a esposa dele trabalha fora e não parou de trabalhar. Fico feliz de termos transmitido isso aos nossos filhos, esses valores sobre o trabalho, as responsabilidades com a família. Acho que tudo começou com meu pai, já minha mãe era dona de casa, mas exigente conosco, carinhosa sim, mas do jeito dela, não posso reclamar de minha família... como é mesmo que você se referiu a ela?”

P-“Família de origem, este é o nome”

A-“Isto, minha família de origem foi uma boa família, me ofereceram o que podiam, dentro de tudo que viveram.”

P-“Que bom..., Agora eu gostaria de saber o que significa para o senhor a velhice?”

A-“Perdas biológicas, déficits diversos, porém também reestruturação, recomeço, tranquilidade, pelo menos para os que têm uma velhice digna, uma boa família, que tem seus direitos básicos de saúde, moradia, amparo preservados, para os que não conseguem usufruir

destes, acho que a velhice é triste, dura, feia mesmo. Agora pra mim, é muito boa, posso passear, viajar, estar com minha família, tenho condições físicas, e caso eu precise tenho um bom plano de saúde, tenho uma excelente aposentadoria, duas na verdade recebo do INSS e da Sabesp integral, trabalho aqui ainda por cima, não sei por quanto tempo, mas... não posso reclamar, tenho sim que agradecer muito, por tudo que tenho.”

“Seria maravilhoso, se todos os idosos, tivessem uma velhice minimamente respeitada, não sentissem tanta vergonha de serem velhos, humilhados, vivendo em situações degradantes, jogados em asilos, eu fico me perguntando como filhos podem mal tratar seus pais dessa forma, livrando-se deles, como se fossem roupas velhas, isto sem falar dos maus tratos que tantos velhos são vítimas, isto é tão covarde. Por isso que eu peço a Deus todos os dias para que me dê força, saúde, independência até morrer, não quero depender de ninguém, não quero dar trabalho, quero sim trabalhar até meu último minuto de vida, sempre me preparei para isso, sempre tive uma vida saudável demais.”

P-“E seus filhos o que pensam dessa sua decisão de trabalhar tanto?”

A-“Eles acham muito bom, eles reconhecem o quanto isto me faz bem, minha esposa também me apóia, ela também trabalha até hoje, faz a revisão de teses para alunos de universidades, trabalha em casa, porque quer e porque gosta, e ultimamente tem me acompanhado em médico, por causa de minha condição de saúde, mas disse a ela não se preocupe, não vou morrer, sinto que tenho muito ainda a fazer.”

P\_“E seus netos?”

A-“Olha vou ser bem sincero com você, adoro meus netos, são lindos, me dão muita alegria quando vão em casa, mas não me vejo, um vovô coruja, cuidador não! Quando minha nora ficou grávida desde o início fiquei na minha, pois não aceitaria cuidar dos meus netos, tenho a minha vida e gosto dela assim, então eles logo procuraram uma babá que está com eles até hoje, apesar de já estarem na escola, mas a moça acabou ficando com eles se apegando às crianças, é bom porque quando eles viajam ela vai junto, quando eles vem aqui ela vem para cuidar deles, meu filhos podem sair, a babá gosta muito das crianças e elas dela, posso dizer que foi uma sábia decisão de meu filho contratar alguém para ajudá-lo com os filhos, pois nem eu e nem minha mulher faríamos isso, e não me sinto mal em dizer isso a você.”

P-“Que bom que o senhor pense e sinta assim!”

Neste momento a secretaria do senhor I, entra na sala e diz que em quinze minutos começará sua reunião, e ele me pergunta, se faltou mais alguma coisa.”

Eu respondo que não, agradeço sua atenção, disponibilidade e me despeço.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)